UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA ALEMÃS

EMILIANO DE BRITO ROSSI

Tradução como sobre-vida: no exemplo de
***Sobre a concepção das afasias – um estudo crítico*, de Sigmund Freud**

v.1

São Paulo
2012

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA ALEMÃS

EMILIANO DE BRITO ROSSI

**Tradução como sobre-vida: no exemplo de
Sobre a concepção das afasias – um estudo crítico, de Sigmund Freud**

Tese apresentada como requisito
parcial para obtenção de título de
Doutor em Língua e Literatura
Alemãs.

Orientador: Prof. Dr. João
Azenha Junior

v.1

São Paulo
2012

À Delmari e ao Martiniano (*in memorian*)

Agradecimentos:

Ao Cnpq e à CAPES pelas bolsas de pesquisa concedidas;

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemãs, por me permitirem essa formação;

Ao meu orientador, Prof. Dr. João Azenha, em especial, por todos os ensinamentos;

Aos funcionários da FFLCH, por seu valoroso trabalho;

À minha família, por todo o suporte durante todos esses anos;

Aos amigos e colegas, pelo companheirismo, em especial ao Hugo Leonardo, ao tio Armando, ao Lorenzo e ao Tupac, que me ajudaram na redação da tese e nas leituras da tradução;

À Sabrina e à sua família, pela ajuda mais aguda nas horas mais graves.

À Liza e ao Eric, pelos livros e pelo incentivo.

Resumo

Esta tese de doutorado demonstra a importância e atualidade do livro *Sobre a concepção das afasias – um estudo crítico*, escrito por Sigmund Freud no ano de 1891. A tese mostra que o livro é uma obra fundadora da psicanálise, que fomentou debates realizados em âmbito acadêmico no Brasil, na interface tradução e psicanálise. Para fazê-lo, foram eleitos cinco conceitos-chave da psicanálise que tiveram seus usos inaugurados no livro e, a partir deles, foi ilustrada sua influência em cinco teses de doutorado defendidas no Brasil sobre esse tema. Assim sendo, a tese visa a restituir a esta obra freudiana, ainda pouco conhecida, seu lugar de direito no universo da psicanálise e nos Estudos da Tradução e, por isso, apresenta uma proposta de tradução feita diretamente do alemão para o português.

Palavras-chave: Freud, Sigmund, 1856-1939; Psicanálise-Linguagem; Psicanálise-Tradução; Tradução-Alemão-Português; Afasias.

Abstract

This PhD thesis shows the contemporary importance of the Freudian book *On Aphasia – a critical study*, written by Sigmund Freud in 1891. It reveals that this book represents a fundamental psychoanalytical work that has instigate several debates within the Brazilian academic field in the interface between translation and psychoanalysis. Therefore five psychoanalytical concepts that have been first presented on it were chosen to argue their influence upon five Brazilian PhD theses dealing with the same issue. This work aimed to retribute to the Freudian book its deserved place in both the psychoanalytical realm and the Translation Studies. On that ground, it proposed a translation composed straight from the German language into Portuguese.

Key-words: Freud, Sigmund, 1856-1939; Psychoanalysis-Language; Psychoanalysis-Translation; Translation German-Portuguese; Aphasia.

Sumário:

1. Introdução	3
1.1. A tradução como sobre-vida: o exemplo do <i>Estudo</i>	4
1.2. A entrada da obra freudiana em domínio público e o lugar nela ocupado pelo <i>Estudo</i> ..	6
1.3. A importância seminal do <i>Estudo</i>	12
1.4. Apresentação das partes componentes da tese	18
2. Capítulo I	19
2.1. Uma alegoria de valor heurístico	20
2.2. Breve histórico anterior ao <i>Estudo</i>	27
2.3. O início do <i>Estudo</i> – As bases da doutrina localizacionista	29
2.4. A concepção à época hegemônica sobre os distúrbios de linguagem – as afasias	30
2.5. Os esquemas de Wernicke e Lichtheim para a compreensão das afasias	32
2.6. Insuficiências dos esquemas – o problema da parafasia	35
2.7. Um estudo crítico – os primórdios da psicanálise	37
2.8. A histeria e sua relação com a nova concepção das afasias	43
2.9. A filosofia de Stuart Mill e o aparelho de linguagem	45
2.10. Início da discussão sobre conceitos psicanalíticos inaugurados no <i>Estudo</i> e as indicações de pontes com os Estudos da Tradução e o século XXI	46
2.11. Conceitos-chave ou pontes para o debate	50
3. Capítulo II	60
3.1. Procedimentos metodológicos:	60
3.2. Descrição do <i>corpus</i> (I): O <i>Estudo</i>	61
3.2.1. Características básicas da primeira edição do <i>Estudo</i> publicada em 1891	61

3.2.2. Características distintivas da segunda edição do <i>Estudo</i> publicada em 1992 (reimpressa em 2001)	62
3.3. Descrição do <i>corpus</i> (II): as teses.....	63
3.3.1 Levantamento bibliográfico:.....	63
3.3.2. Critérios para seleção do <i>corpus</i> de teses:	66
4. Minha proposta de tradução para Zur Auffassung der Aphasien – Eine kritische Studie	72
4.1. Notas sobre a tradução.....	72
5. Capítulo III	174
5.1. Introdução:.....	174
A) A Aquisição da linguagem	174
B) A tradução do inconsciente: memória e o conceito de <i>Besetzung</i> a partir do <i>Estudo</i> ...	186
C) O conceito de <i>Vorstellung</i> , seu surgimento e seus desdobramentos	197
D) Afasia e histeria – as origens da psicanálise e o estilo argumentativo de Freud.....	208
E) A escrita tradutória e a singularidade	220
6. Considerações finais.....	224
7. Referências Bibliográficas.....	226

1. Introdução

A presente tese de doutoramento localiza-se na linha de pesquisa denominada “A tradução como transferência cultural: metodologias de pesquisa, construção de aportes teóricos e análise da recepção no Brasil”. Ela originou-se a partir de uma pesquisa em nível de mestrado, que fazia parte do projeto de pesquisa: “A ‘tradução comentada e anotada’ como forma de difusão de conhecimento”. O projeto, então em nível de mestrado, visava a dar continuidade a uma tradição na Universidade de São Paulo, que remonta aos anos de 1960: a apresentação, em todo ou em parte, de obra inédita de expressão alemã em tradução comentada e anotada, acompanhada de contextualização da vida e obra do(a) autor(a), bem como de discussão sobre a metodologia empregada no processo de tradução e da justificativa do aporte teórico adotado para a interface entre os Estudos da Tradução e áreas afins.¹

O autor central a ser debatido na presente tese é Sigmund Freud (1856-1939) e sua obra inaugural aqui traduzida intitula-se *Zur Auffassung der Aphasien – Eine kritische Studie*² e fora escrita no ano de 1891. A tese ancora sua temática ou linha mestra na noção de linguagem desenvolvida pelo autor nascido na Morávia em sua primeira obra. À diferença da ideia inicial, entretanto, essa tese desloca o centro de suas atenções da proposta de tradução, apresentada em anexo, e de seu embasamento teórico-metodológico em uma corrente dos Estudos da Tradução e assume a tarefa de, a partir de alguns elementos presentes no *Estudo* que são hoje tidos por fundamentos da psicanálise, propor uma perspectiva de diálogo com os Estudos da Tradução, mostrando a aproximação entre os dois campos de saber em jogo através da recorrência destes elementos em teses de doutoramento defendidas no Brasil sobre esse assunto.

Levando em consideração que “O conhecimento adquirido em um campo de estudos pode ser aplicado alhures com benefícios para todas as áreas envolvidas” (Ulmes, 1998: 13), procederei por analogias entre saberes psicanalíticos e saberes tradutológicos, pretendendo

¹ As definições da linha e do projeto de pesquisa citados foram retirados do sítio do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo: <http://dlim.fflch.usp/alemão/48>.

² Doravante nos referiremos a essa obra por *Estudo*. Para as citações em alemão deste texto utilizaremos a segunda reimpressão, de 2001, da segunda edição alemã da obra, publicada em 1992. Os números de página, pois, referem-se a esta edição.

argumentar que a concepção de ser humano e, assim, a concepção de mundo proposta pela psicanálise pode com proveito servir de fundamento para perscrutar terrenos próprios à disciplina da tradução. O ponto de partida para essa investigação não é, contudo, o edifício teórico da psicanálise freudiana em sua total extensão, mas delimitar-se-á por uma seleção de temas cuja abordagem foi inaugurada no *Estudo* e que, seja de forma inalterada ou tendo sido diferentemente elaborados posteriormente, mantiveram sua importância para a psicanálise, assim como tiveram presença marcante em teses pertinentes aos Estudos da Tradução no Brasil.

A fim de justificar a inclusão, nesta tese, de uma proposta de tradução para o *Estudo*, cabe aqui uma apresentação do novo contexto vivido pelo mercado editorial brasileiro, que surge com a evolução da tradução da psicanálise para o português, em função da entrada da obra de Freud em domínio público, setenta anos após seu falecimento. É importante salientar que a grande mudança que vem sendo paulatinamente experimentada pelos estudiosos da psicanálise na tradição brasileira é a possibilidade da leitura de traduções diretamente feitas do alemão para o português, além da queda do monopólio exercido até então sobre suas obras. Esse tema será abordado a seguir.

1.1. A tradução como sobre-vida: o exemplo do *Estudo*

O desenvolvimento da psicanálise freudiana deu-se aos poucos e sofreu algumas mudanças durante seu percurso. Um estudo aprofundado desta teoria deve esclarecer os momentos atravessados por Freud que possibilitaram tanto o surgimento da psicanálise quanto levaram-no às mudanças exigidas pelo esforço de teorização acompanhando e sustentando a invenção de uma nova atividade clínica.

Há ainda hoje, e desde a época da definição dos trabalhos de Freud que comporiam o conjunto oficial de textos psicanalíticos, o debate sobre a pertinência ou a supressão de textos sabidamente estabelecidos numa etapa do percurso de Freud anterior ao batismo da psicanálise com esse nome.

Dentre estes textos escritos no período de transição entre seus estudos neurológicos e o início da psicanálise de Freud encontra-se o *Estudo*; portanto, estamos percorrendo um terreno que delimita as origens dos pensamentos pelos quais o autor foi consagrado. É

curioso notar que a pequena, mas importante, repercussão que este trabalho inaugural de Freud tem promovido, baseia-se em larga medida em suas traduções. Nesse sentido, podemos pensar a tradução como sobre-vida desta obra. Quando ela foi escrita, em 1891, a recepção da comunidade científica à qual se destinava foi muito diferente da expectativa de seu autor. Muito pouco se falou sobre ela e após os primeiros nove anos a partir de sua publicação, pouco mais de um quarto dos exemplares fora vendido, sendo que o restante foi destruído.

Minha proposta de tradução do *Estudo* visa a preencher uma lacuna que até então existia no caminho de quem empreende um estudo cronológico da obra freudiana traduzida para o português. Esta lacuna deveu-se em grande parte ao desejo de Freud, que limitou à publicação, na edição alemã de suas obras reunidas³, os textos pertinentes ao período psicanalítico propriamente dito, deixando ausente delas suas obras tidas como neurológicas. Esta postura será, no início do primeiro capítulo, comparada a uma espécie de “recalque” do *Estudo* por Freud. Na citação a seguir, veremos que, mesmo tendo escolhido suprimir o *Estudo* das obras reunidas em alemão, Freud nutria por ele uma grande estima. Ernst Kris, um dos editores, tanto da edição alemã, quanto da tradução inglesa, na introdução ao volume *The Origins of Psycho-analysis – Letters to Wilhelm Fliess, Drafts and Notes: 1887-1902*⁴, publicado em 1954, conta-nos que:

Em 1939 Freud declinou ter “*Zur Auffassung der Aphasien*” incluso no primeiro volume da edição alemã completa de seus trabalhos com o argumento de que o livro pertenceria aos seus trabalhos neurológicos e não aos psicanalíticos. Por outro lado em suas cartas ele o menciona com mais apreço do que seus outros trabalhos neurológicos.⁵ (19)⁶

Na edição inglesa, brevemente denominada *Standard Edition*⁷, o tradutor James Strachey, percebendo um parentesco incontestável entre vários aspectos do *Estudo* em

³ Freud, Sigmund. *Gesammelte Werke – Chronologisch geordnet*. 19 volumes. Londres: Imago Publishing Co., Ltd., 1946.

⁴ Obra complementar à *Standard Edition*, que é a primeira reunião organizada dos trabalhos de Freud, traduzidos ao inglês.

⁵ In 1939 Freud declined to have “*Zur Auffassung der Aphasien*” included in the first volume of the complete German edition of his works on the ground that it belonged to his neurological and not to his psycho-analytic works. On the other hand in his letters he mentions it with greater warmth than his other neurological papers.

⁶ Todas as traduções das citações de textos escritos em língua estrangeira são de minha autoria, salvo indicação em contrário.

⁷ *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, ed. and. trans. James Strachey, with Ana Freud, Alix Strachey, and Alan Tyson, 24 vols. London: Hogarth, 1955-1974.

relação ao conteúdo desenvolvido no texto metapsicológico “O Inconsciente” (*“Das Unbewußte”*), de 1915, decidiu tomar a liberdade de trazer, em anexo a este texto traduzido para o inglês, apêndices dos quais constam algumas elaborações feitas já em 1891, ano de publicação do mesmo. Parece, portanto, que Strachey reconheceu derivações inequívocas do *Estudo* para a concepção freudiana do inconsciente. Vemos, pois, que é pela via da tradução que o *Estudo* encontra sua sobre-vida; no mesmo sentido, é pela via dos Estudos da Tradução no âmbito acadêmico brasileiro que veremos outras formas de derivação que fomentam a tese de sua importância e atualidade.

A primeira tradução do *Estudo* de que se tem notícia foi feita somente mais de sessenta anos após sua publicação, no ano de 1953 para a língua inglesa por E. Stengel. Lentamente foram surgindo outras traduções para outras línguas e especialmente pela aludida admissão de alguns de seus trechos como anexo ao artigo metapsicológico “O Inconsciente” (*Das Unbewußte*) de 1915, em sua tradução para o inglês por James Strachey, foi conquistada alguma visibilidade para sua importância e seu teor. Tomamos, portanto, a tradução como fator importante de sobre-vida do *Estudo* e defendemos a ideia de que nele encontram-se presentes elaborações que podem ser tidas como condição de possibilidade para a construção do edifício da psicanálise.

1.2. A entrada da obra freudiana em domínio público e o lugar nela ocupado pelo *Estudo*

Para o leitor de língua portuguesa, pelo menos até o ano de 2010, a tradução disponível das obras “completas” havia sido feita a partir da *Standard Edition*. Deste fato advêm o conhecimento por parte dos pesquisadores brasileiros, dentre os quais eu me incluo, dos dois referidos fragmentos do *Estudo*. Em língua portuguesa a editora de Portugal, Edições 70, publicou uma tradução incompleta deste, feita, segundo consta dos dados catalográficos, a partir de uma tradução italiana de 1977⁸. Até os dias de hoje o que

⁸ Freud, S. *A Interpretação das Afasias*. Trad. António Pinto Ribeiro. Lisboa: Ed. 70, 1979. Título italiano: *L'Interpretazione delle Afasie. Uno Studio Critico*. Marsilio Editori, 1977. Em pesquisa realizada junto à *Biblioteca Nazionale Centrale di Roma*, não consta esta edição no Catálogo Coletivo italiano. A primeira edição italiana de que a referida biblioteca dá conta é a publicada em 1980 pela SugarCo em Milão, traduzida por Lieselotte Longato, com a consultoria de Mariella Borraccino, Franco Crenna e Lenio Rizzo e a outra foi

se tinha, pois, graças a esta tradução incompleta, eram apenas alguns parágrafos pinçados da tradução indireta do *Estudo*, ou seja, um mosaico do texto de 1891, a partir da qual não é possível refazer os passos percorridos por Freud, nem tampouco entender sua argumentação e conhecer a origem da lógica então utilizada para criticar o funcionamento do cérebro no que tange às atividades linguísticas e, posteriormente, construir sua própria noção de linguagem, reiterada em suas obras posteriores.

Este fato, somado à importância desta obra para a compreensão da teoria psicanalítica, de suas origens e da linha de raciocínio, traçada por Freud ao longo de sua vida de pesquisador e teórico, justifica, da perspectiva da comunidade científica, este trabalho de tradução do *Estudo*, completo e feito diretamente da língua alemã para o português.

Até o final da primeira década do século XXI o acesso do público leitor brasileiro às obras psicanalíticas freudianas traduzidas não se dava por intermédio de traduções realizadas diretamente do idioma alemão, com exceção de alguns textos traduzidos por Luiz Hanns e publicados pela editora *Imago* e de alguns outros textos esparsos traduzidos por Marilena Carone e Paulo César de Souza, mas sim se dava por traduções feitas a partir das traduções inglesas (*Imago*) e em parte a partir de traduções francesas e espanholas (*Delta Editora*).

Este fato da história dos estudos freudianos no Brasil merece ser posto em relevo, pois nos ajuda a entender os vieses com os quais tiveram de lidar os pesquisadores desse campo. Não se trata de estabelecer *a priori* um juízo de valor entre as traduções diretas e indiretas, haja vista não dispormos de um parâmetro de comparação que estabeleça uma hierarquia entre as diversas traduções, que é, como supomos, impossível de ser concebido, mas sim de termos consciência da agregação de valores às obras freudianas, presentes nas obras traduzidas para o português nessas triangulações, valores esses advindos, portanto, de outras culturas de recepção das mesmas (Cf. p. ex. Jones 1924, Laplanche e Pontalis 1970, Hanns 1996 e Souza, 2010).

Em 2009, como dissemos, o conjunto das obras freudianas passou a ser de domínio público, em função do septuagésimo aniversário de falecimento do autor. Esse

acontecimento permitiu a algumas editoras, e em especial à *Companhia das Letras*, a publicação de textos freudianos traduzidos diretamente do alemão para o português.

Pelo que se sabe, além da editora *Imago*, que detinha exclusivamente os direitos autorais sobre as obras freudianas até este ano, e que já lançou os primeiros volumes das obras psicológicas de Sigmund Freud, diretamente traduzidas do alemão por Luiz Hanns e sua equipe e que deve continuar a lançar os outros volumes nos próximos anos, a editora *Companhia das Letras* lançou no mês de março de 2010 os primeiros de vinte volumes das obras “completas” traduzidas diretamente do alemão, tendo como responsável o tradutor Paulo César de Souza. Além delas, a editora *L&PM*, já lançou dois volumes, traduzidos por Renato Zwick⁹.

Em relação à edição que está sendo realizada a cargo da editora *Imago*, podemos trazer algumas informações obtidas a partir de Tavares (2011):

A tradução coordenada por Hanns intitula-se *Obras Psicológicas de Sigmund Freud* e foi organizada tal qual a *Studienausgabe* alemã, em nove eixos temáticos: *A Vida Sexual; Compulsão, Paranoia e Perversão; Conferências de Introdução à Psicanálise; Escritos sobre Fenômenos Diversos da Psicologia; Escritos sobre Técnicas Clínicas em Psicanálise; Histeria e Medo; Neuroses Infantis; Questões da Cultura e da Sociedade e as Origens da Religião* e, finalmente, os *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*, com os quais a publicação teve seu início. (89)

Embora a organização desta edição siga os moldes da edição de estudos alemã (*Studienausgabe*), conforme lemos nas orelhas dos três volumes já publicados (respectivamente em 2004, 2006 e 2007), a intenção exposta pela *Imago* é de que, ao término das publicações, a coleção abranja o conjunto “[d]as obras completas da edição alemã *Gesammelte Werke*.”. Trazemos estas informações, pois, o que nos interessa ressaltar neste momento é a insistência na omissão do *Estudo* pelas coleções mencionadas, ou como dissemos, a manutenção do “recalque” promovido por Freud, que será mais bem detalhada no capítulo I. Sabe-se que o texto do *Estudo* não se encontra presente no conjunto das obras reunidas (*Gesammelte*), mas como pretendemos advogar nesta tese, ele marca o início da psicanálise e lida com temas que serão reiteradas vezes debatidos ao longo de todo o

⁹ Até o momento, editados pela *L&PM*, já contamos com a tradução de *O Futuro de uma Ilusão* (*Die Zukunft einer Illusion*) e *O Mal-Estar na Cultura* (*Das Unbehagen in der Kultur*) lançados em 2010. Conforme Tavares (2011: 123), a editora gaúcha “... não tem pretensões de organização de uma coleção completa e ordenada em tomos numerados.”.

percurso teórico de Freud. A essas retomadas dos elementos derivados do *Estudo* podemos, acompanhando a nossa analogia, chamar de “retornos do recalçado”.

Curiosamente, ambas as editoras, *Imago* e *Companhia das Letras* insistiram no posicionamento adotado pelos editores ingleses, orientados pela “supressão” (*Unterdrückung*¹⁰) imposta por Freud ao *Estudo* e coordenados por Ernest Jones, segundo o qual caberia à publicação da coleção das obras freudianas apenas aquelas escritas após Freud ter cunhado o termo psicanálise ou aquelas em que há um debate inquestionavelmente psicopatológico. Estes personagens mencionados seriam, segundo a analogia a ser tecida no capítulo I, com o “recalque”, os “vigias diante das portas das casas editoriais”, atuando como “censores” do conteúdo permitido ou proibido aos leitores das traduções. Segundo material de divulgação da *Companhia das Letras* as “*Obras completas* não incluem os textos de neurologia, ou seja, não psicanalíticos, anteriores à criação da psicanálise. Afinal, o próprio autor decidiu deixá-los de fora, quando foi feita a primeira edição alemã completa de suas obras.”

Curiosamente, ressalto, pois esta postura corrobora o que se pode chamar a princípio de resistência freudiana a facilitar aos leitores em geral o conhecimento sobre a origem e as fontes de suas ideias. Como comenta Souza (2010):

a caracterização que Freud fez de Goethe, no discurso de agradecimento pelo prêmio com o nome deste, adequa-se muito bem a ele próprio: disse que, embora o autor de Fausto fosse notoriamente dado a confissões (*ein grosser Bekenner*, “um grande confessor”), não descuidou do que era preciso esconder (foi *ein sorgsamer Verhüller*, “um cauteloso ocultador”). (44)

Os leitores de língua alemã têm, independentemente da escolha de Freud, acesso à totalidade de seus escritos. Assim sendo, essa postura editorial diante das traduções para as demais línguas restringe somente aos leitores estrangeiros este acesso. Se as editoras brasileiras, ao proporem uma tradução direta do alemão, prescindem da assunção de valores advindos de outras culturas de recepção da obra freudiana, como acontecia nas traduções trianguladas, elas ainda assim condicionam a recepção do público brasileiro.

¹⁰ Aproveitando a maleabilidade da analogia que será desenvolvida no início do Capítulo I, aponto para a possibilidade de construção de uma “trama enfática” (cf. Hanns) admitindo uma proximidade, ilustrada pelo uso indiscriminado por Freud em determinados contextos, dos termos recalque (*Verdrängung*) e supressão ou repressão (*Unterdrückung*), conforme escolha tradutória. Aproprio-me, pois, indiscriminadamente de ambos os termos.

Vejamos agora mais uma passagem do texto de Tavares (2011), desta vez se referindo à edição organizada pela editora *Companhia das Letras*. Nela são descortinados alguns elementos componentes da história do tradutor Paulo César de Souza, responsável pela coordenação da edição e pelas traduções das obras de Freud, com a editora em questão. Senão vejamos:

Dado o enorme sucesso do trabalho com a tradução da obra de Nietzsche, foi um passo esperado que, com a entrada da obra em domínio público em 2009, a *Cia. Das Letras* aceitasse em 2008 a proposta de publicar as *Obras Completas* de Sigmund Freud, a cargo de Souza. A coleção foi concebida em 20 volumes¹¹, que dispõem em ordem cronológica uma compilação muito semelhante a da *Standard* inglesa ou das *Gesammelte Werke* alemãs, quanto ao que foi selecionado ou excluído.¹² (107)

Há alguns elementos nesta passagem que são de grande interesse para a totalidade da argumentação a ser tecida por essa tese. Um ponto de destaque da argumentação da presente tese, é que, a despeito do que vem sendo reiteradas vezes repetido nas diversas tradições de estudos psicanalíticos em todo o mundo, o *Estudo* é um texto cujos elementos fulcrais servem de arrimo teórico a todo o edifício da psicanálise. Em primeiro lugar cabe corroborar a observação de Tavares (2011: 35) no que diz respeito ao mau uso da alcunha “obras completas” para designar a reunião de textos que compõem as três coleções mencionadas no excerto acima, quer se insira aí o adjetivo “psicológicas”, como é o caso no exemplo inglês, quer não. Aliás, é bom que se destaque mais uma vez a denominação alemã, que, das três coleções em questão, é a única que deixa entrever o caráter incompleto da coletânea de escritos em debate. *Gesammelte*, pois, é uma nominalização do verbo *sammeln* (nas acepções trazidas pelo verbete no dicionário bilíngue da *Porto Editora* encontramos: juntar, reunir, recolher, colectar, coleccionar, fazer coleção de etc.), portanto, em alemão ler-se-ia: obras reunidas, por exemplo. Ademais, feita a crítica à pseudocompletude indicada pelas alcunhas inglesa e brasileira, cabe, a seguir, o questionamento da argumentação eleita pela *Cia. Das Letras*, como vimos na citação de seu material de divulgação e também em nota de rodapé incluída por Tavares na citação acima, para o “recalque” ou a exclusão de trabalhos de Freud de sua coleção, ou seja, a ausência de relação direta com a psicologia ou com a psicanálise. Ora, se não houvesse relação direta

¹¹ Sendo dezenove de textos, propriamente, e um de índices e bibliografia.

¹² Nota de Tavares: Não fazem parte da coleção os textos estritamente médicos ou neurológicos ou outros sem relação direta com a Psicologia e a Psicanálise.

do *Estudo* com a Psicologia e a Psicanálise, conforme as palavras da nota de rodapé no texto de Tavares, não haveria motivo suficiente para a inclusão de dois de seus vários trechos importantes, “derivados” (*Abkömmlinge*) ou “retornos do recalcado”, num texto indiscutivelmente central para a psicanálise. Trata-se, como vimos acima, de dois dos três anexos que o tradutor da obra freudiana para o inglês, James Strachey, em acordo com o psicanalista e biógrafo autorizado de Freud, Ernest Jones, coeditor ao lado de Anna Freud da coleção em questão, fez constar do texto “O Inconsciente” (*Das Unbewußte*), de 1915. Assim sendo, no novo cenário editorial que se apresenta para os leitores de Freud no Brasil, parece-me haver a manutenção de uma ausência ou “censura” que, como veremos ao longo de toda a tese, merece ser repensada, tanto da perspectiva de psicanalistas, como da perspectiva de tradutores e dos Estudos da Tradução no Brasil.

Esta ponderação sobre os critérios utilizados para a definição dos textos componentes das várias coleções das obras freudianas traduzidas para outras línguas é, de certo modo, influente no que tange à recepção do conjunto destas obras nas respectivas tradições de estudos psicanalíticos. Nesse sentido vejamos ainda uma outra passagem de Tavares que destaca a peculiaridade nesse campo:

Em raros casos nos referimos ao acesso às obras de um autor ou intelectual como um conjunto integrado, um todo organizado como no caso de Sigmund Freud. Sabemos que alguém que procura um texto freudiano dificilmente se remete a uma edição avulsa, mas praticamente sempre a um tomo da coleção de suas obras (ditas) completas, organizadas a partir de determinada apreensão de suas propostas. (35)

Essa característica peculiar da aproximação às obras de Freud por seus estudiosos é mais um argumento de importância capital para a revalorização do *Estudo* e, quem sabe, para a concepção de uma nova coleção de suas obras, dessa vez realmente completas. É exatamente no que tange à apreensão das propostas freudianas e à curiosidade epistemológica no que se refere, pois, às origens de seu pensamento, que a “censura”, expressa pela omissão de um tratado da importância seminal de que (ainda não) goza o *Estudo*, deve ter sua influência apreciada. Cabe refletir, e um dos objetivos centrais da tese é exatamente fomentar essa reflexão, sobre o argumento reiteradas vezes utilizado pelos organizadores das coleções da obra de Freud que estão sendo publicadas no Brasil, segundo o qual ele mesmo teria destituído o *Estudo* do rol de seus trabalhos psicológicos,

caracterizando-o de neurológico, e pensar se esse argumento freudiano é justificado e quais outras razões teria tido o autor para advogar esse “recalque” ou omissão de uma de suas “coisas realmente boas”¹³.

Assim como advogado por esta tese, há autores que, como Solms e Saling (1986), defendem que o *Estudo* não pode ser considerado de natureza meramente neurológica. Ao estabelecer o psíquico como processo paralelo e concomitante ao somático e ao criticar duramente seus mestres, Freud inicia um novo rumo em suas pesquisas com o *Estudo*, já que “ele assinala a ruptura radical de Freud com a neurologia ortodoxa alemã”¹⁴ (402). O *Estudo* deve, no nosso entendimento, ser tido como obra fundamental na história do desenvolvimento teórico de Freud, colaborando, dentre outras coisas, para o diálogo futuro entre a psicanálise e as neurociências, bem como com os Estudos da Tradução, conforme pretendemos demonstrar.

1.3. A importância seminal do *Estudo*

É inegável o reconhecimento da importância do *Estudo* por parte daqueles que conhecem a fundo a obra freudiana, como é o caso de Ilse Grubrich-Simitis, que participou ativamente da equipe editorial de James Strachey, editou juntamente com Anna Freud uma reunião de textos freudianos por elas comentados em dois volumes¹⁵ e fez, entre outras pesquisas, uma cuidadosa história do trato com os manuscritos¹⁶ freudianos. Importância não somente como estudo crítico em que se inaugura a transição das pesquisas neuropatológicas para as pesquisas psicanalíticas, em que se dá o reconhecimento de que as questões próprias à psicanálise não seriam resolvidas no campo material da neurofisiologia, mas também por se tratar do estabelecimento das bases psicológicas ou, nesse contexto, linguísticas que se constituem como condição de possibilidade para a teorização do

¹³ Cf. Carta de Freud enviada a Fließ, em 21 de maio de 1894. In. Masson (1986, 74), tradução de Vera Ribeiro.

¹⁴ (...) it signals Freud's radical departure from orthodox German neurology.

¹⁵ *Sigmund Freud: Werk in zwei Bänden*. Herausgegeben und mit Kommentaren versehen von Anna Freud und Ilse Grubrich-Simitis. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag GmbH, 1978.

¹⁶ Grubrich-Simitis, Ilse. *Zurück zu Freuds Texten: Stumme Dokumente sprechen machen*. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag GmbH, 1993.

aparelho psíquico, da interpretação dos sonhos e da relação entre a consciência e o inconsciente. Vejamos como isso fica claramente exposto em um de seus comentários:

Não é o ‘Projeto de uma Psicologia’, de 1895, que teria sido o divisor de águas entre seus esforços neurológicos e psicanalíticos, como comumente assumido, mas sim a clássica monografia sobre os distúrbios de linguagem, do ano de 1891. Nela ele se desvencilhou definitivamente da neurologia estabelecida, em especial da concepção de cérebro de seu professor Theodor Meynert, e, com a guinada rumo às doutrinas dinâmico-evolucionistas do até então negligenciado neurologista inglês John Hughlings Jackson, impulsionou de modo decisivo a construção da obra de sua vida, a psicanálise.¹⁷ (1993: 350)

Segundo o psicanalista e biógrafo de Freud, Ernest Jones, citado por Wolfgang Leuschner no prefácio à segunda edição alemã do livro em questão, dos 850 exemplares impressos em 1891, 257 foram vendidos nos nove anos subsequentes à primeira publicação e o restante foi destruído (Freud, 2001: 38)¹⁸. Antes da nova publicação alemã do livro, cuja primeira edição foi publicada somente em 1992, Roland Kuhn, no prefácio à tradução francesa¹⁹, escreve que “O livro tornou-se, nos dias de hoje, quase impossível de ser encontrado e está ausente de grandes bibliotecas”.²⁰ (11)

Esta ausência do *Estudo* é responsável por várias dificuldades encontradas nas investigações acerca da psicanálise. No *Estudo*, que é a primeira obra freudiana, encontram-se utilizados pela primeira vez vários conceitos que serão reiterados ao longo de toda a história da psicanálise. Não obstante esta questão terminológica, ali está igualmente expressa a importante influência do neurologista inglês, John Hughlings Jackson, que forneceu as bases lógicas de entendimento genético do funcionamento do cérebro e, por conseguinte, da aquisição e produção da linguagem e da questão da plasticidade da

¹⁷ Nicht der ‘Entwurf einer Psychologie’ von 1895 sei die Klammer zwischen seinen neurologischen und psychoanalytischen Bemühungen, wie allgemein angenommen, sondern die klassische Monographie über die Sprachstörungen aus dem Jahre 1891. Hier habe er sich definitiv von der etablierten Neurologie, zumal der Hirnauffassung seines Lehrers Theodor Meynert losgesagt und mit der Hinwendung zu den dynamisch-evolutionistischen Doktrinen des damals noch eher verkannten englischen Neurologen John Hughlings Jackson den Aufbau des eigenen Lebenswerks, der Psychoanalyse, entscheidend vorangetrieben.

¹⁸ Nos termos de Leuschner: Die zeitgenössische Aphasieforschung hat von der Studie kaum Kenntnis genommen, und Jones weiß zu berichten, daß von den 850 gedruckten Exemplaren nach neun Jahren nur 257 verkauft waren und der Rest eingestampft worden sei. [A pesquisa sobre a afasia, contemporânea a Freud, quase não tomou conhecimento do Estudo e Jones reporta que dos 850 exemplares impressos apenas 257 foram vendidos em nove anos, enquanto o restante teria sido destruído.].

¹⁹ Freud, S. *Contribution à la conception des aphasies. Une Étude Critique*. Préface de Roland Kuhn. Traduit de l’allemand par Claude Van Reeth. Paris: Presses Universitaires de France, 1^{re} édition 1983, décembre; 2^e édition: 1987, décembre.

²⁰ Le livre est devenu aujourd’hui quasi introuvable et fait défaut dans de grandes bibliothèques.

memória que, posteriormente, serviram para teorizar o funcionamento psíquico, da maneira como a psicanálise o entende.

Ludwig Binswanger diz em *Freud et la constitution de la psychiatrie clinique*²¹, de 1936, que “sem o conhecimento e o reconhecimento exatos deste trabalho, nem uma compreensão histórica, nem uma compreensão hermenêutica das doutrinas freudianas são possíveis” (190).

Pierre Fédida, em seu prefácio à tradução francesa do livro *Language and the Origins of Psychoanalysis*, de John Forrester, reafirma a importância do livro inaugural de Freud, dessa vez, contudo, de uma perspectiva psicanalítica. Vejamos:

É legítimo lembrar que se trata do primeiro livro de Freud e que a reflexão crítica da qual ele é testemunho vale de prolegômeno às teses defendidas na Interpretação dos Sonhos e, por conseguinte, constantemente argumentadas. Não é, portanto, somente em função da teoria das representações (representação de objeto e representação de palavra) e de uma concepção da associatividade de ideias que o ensaio sobre as afasias merece ser visto como dispondo as condições da teoria do sonho. Assim sendo, Forrester comenta: “é sobre essa questão da relação entre a localização das palavras e a estrutura do sistema nervoso que o estudo de Freud sobre a afasia devia se mostrar de uma importância capital”. Se devemos tomar ao pé da letra a ideia de que a linguagem está nas origens da psicanálise, o ensaio sobre as afasias merece ser considerado uma passagem teórica obrigatória da descoberta da psicanálise.²² (22)

De acordo com Greenberg (1997): “O interesse pelo ‘primeiro Freud’ vem crescendo, particularmente entre analistas; mas restam lacunas significativas, em partes

²¹ Binswanger, Ludwig. *Connaissance de L’Inconscient. Discours, parcours, et Freud. Traduction et avant-propos de Roger Lewinter*. Paris: Éditions Gallimard, 1970, pour la traduction française. O texto em francês reza: Sans la connaissance et la reconnaissance exactes de ce travail, ni une compréhension historique ni une compréhension herméneutique des doctrines freudiennes ne sont possibles.

²² Forrester, John. *Le langage aux Origines de la Psychanalyse*. Connaissance de l’Inconscient. Collection dirigée par J.-B. Pontalis. Série: La Psychanalyse dans son Histoire. Traduit de l’anglais par Michelle Tran Van Khai. Préface de Pierre Fédida. Paris: Éditions Gallimard, 1984. Texto francês: Il est légitime de rappeler qu’il s’agit du premier livre de Freud et que la réflexion critique dont il témoigne vaut pour prolegomène des thèses défendues dans L’Interprétation des rêves et, par la suite, constamment argumentées. Ce n’est donc pas seulement en fonction de la théorie des représentations (représentations d’objet et représentations de mot) et d’une conception de l’associativité des idées que l’essai sur les aphasies mérite d’être vu disposant les conditions de la théorie du rêve. Ainsi que le note Forrester, “c’est sur cette question de la relation entre la localisation des mots et la structure du système nerveux que l’étude de Freud sur l’aphasie devait s’avérer d’une importance capitale”. S’il faut prendre à la lettre l’idée que le langage est aux origines de la psychanalyse, l’essai sur les aphasies mérite d’être considéré comme un passage théorique obligé de la découverte de la psychanalyse.

porque a tradução de seus primeiros trabalhos está apenas começando” (1)²³. Ainda sobre a importância histórica do estudo, E. Stengel (1954) escreve:

Nesse tratado, Freud desafiou, pela primeira vez, teorias em voga e colocou novas teorias em seus lugares. Mais importante ainda: foi o primeiro de seus escritos a lidar com atividades mentais. Ele foi publicado apenas alguns anos antes de Freud ter, finalmente, se voltado à psicopatologia. Assim sendo, se de qualquer dos escritos pré-psicanalíticos de Freud se poderia esperar que lançasse alguma luz sobre a relação entre os dois períodos de sua vida profissional e, destarte, sobre a origem de conceitos psicanalíticos, este escrito foi o livro sobre as afasias.²⁴ (85)

Percebemos deste comentário de Stengel, que ele exprime de maneira muito clara a tensão ou o conflito existente entre aqueles que asseveram que o *Estudo* pertença única e exclusivamente ao arcabouço de textos que precederam a psicanálise, ou seja, ao período neurológico, e aqueles que nele veem as raízes da mesma, ou o momento de transição entre um campo e outro de investigação. Ora, se Stengel afirma que o *Estudo* é o primeiro dentre os trabalhos de Freud a lidar com atividades mentais, porque não enxergar nele o passo seminal que inicia o percurso de construção, atravessado por várias mudanças de trajeto, do que se entende hoje, *a posteriori*, por psicanálise?

Pensando na questão da sobre-vida dos textos como papel característico da tradução, vejamos um comentário de Joel Birman (1993) a respeito da recepção do livro:

Apesar do esquecimento geral existem diferenças significativas, entre as diversas tradições psicanalíticas, nas relações que estabeleceram com esse ensaio primordial. As tradições alemã, inglesa e norte-americana já lidam com o texto há algumas décadas, desde a década de 50²⁵ e, no final dos anos setenta, surgiu uma edição em espanhol, publicada em Buenos Aires.²⁶ Na França, apenas nos anos 80 o ensaio teve a sua primeira edição, numa bem elaborada tradução. Finalmente, na década de 70 surgiu uma edição em língua portuguesa, mas incompleta, pois faltam alguns capítulos²⁷ (42)

²³ Interest in “early Freud” has been growing, particularly among analysts; but significant gaps remain, partly because translation of his early writings is only beginning.

²⁴ In this treatise, Freud for the first time challenged current theories and put new ones in their place. Even more important, it was the first of his writings to deal with mental activities. It appeared only a few years before he finally turned to psychopathology. Therefore, if any of Freud’s pre-psycho-analytical writings could be expected to throw some light on the relationship of the two periods of his working life, and thus on the origin of psycho-analytical concepts, it was the book on aphasia.

²⁵ Freud, S., *On Aphasia*. Nova York, International Universities Press, 1953.

²⁶ Freud, S., *La Afasia*. Buenos Aires, *Nueva Visión*, 1975.

²⁷ Freud, S., *A interpretação das afasias*. São Paulo, Martins Fontes, 1977. [Tradução feita a partir do italiano.]

Depreendemos do trecho acima que mesmo na tradição inglesa de estudos psicanalíticos, que sempre esteve à frente no tempo em relação às demais e que serve de parâmetro para elas, em função do esquecimento que se devotou ao *Estudo*, em grande medida pelo que chamamos de “recalque” freudiano, somente mais de sessenta anos após sua publicação o *Estudo* teve sua primeira tradução. Quanto à tradição francesa, quase um século foi necessário para que este texto inaugural pudesse alcançar um meio de sobre-vida. Percebemos assim a grande influência negativa exercida pela censura à qual o *Estudo* tem de sobrepujar para continuar, com cada vez mais força, a fomentar pesquisas sobre a psicanálise e suas origens.

Para se poder ter uma noção exata do contexto em que o estudo sobre as afasias inaugura o uso de conceitos e, ao mesmo tempo, concebe a lógica que será transposta ao funcionamento do aparelho psíquico, é necessário que se tenha conhecimento do embate que estava sendo travado durante a totalidade do livro de 1891. Na tradição psicanalítica brasileira, ou lusófona, restava, até os dias de hoje, esta lacuna a ser preenchida, ou seja, uma tradução completa feita diretamente da língua alemã.

Os comentários referentes ao *Estudo* feitos em língua portuguesa tiveram de se apoiar no texto original, em uma tradução parcial e indireta, ou em traduções para outras línguas e em comentários produzidos em outras tradições de recepção da psicanálise. Entretanto sua importância já começa a ser conhecida, mesmo que de forma restrita, e há algumas considerações produzidas em português sobre este *Estudo*²⁸. Sobre seu caráter de ruptura, escreve Birman (1993):

Com a realização desse estudo Freud se encontra no limiar de um recomeço, no campo da teoria e no de sua existência pessoal, onde esses diferentes registros se articulam intimamente na transformação de seus referenciais de mestria. Daí o estudo sobre as afasias ter como subtítulo “um estudo crítico”, materializando a ruptura freudiana com o pensamento neurológico estabelecido na instituição universitária, a ruptura com a psicologia mecanicista de base neuroanatômica e anunciando simultaneamente a ruptura com a psicologia intelectualista centrada na consciência. (48)

Como temos admitido até aqui, é às traduções que o *Estudo* deve sua sobre-vida, mais que ao texto alemão. Diga-se de passagem, mesmo na tradição alemã, a segunda edição só surgiu em 1992, mais de um século após sua publicação. Assim sendo, para

²⁸ Cf.: p. ex. Birman (1993), Garcia-Roza (1991), Oliveira (1999), Gabbi Jr. (1991), entre outros.

iniciarmos uma consideração mais específica sobre a origem e o destino de conceitos psicanalíticos sob o foco do *Estudo*, sobre os deslocamentos sofridos por alguns conceitos que vieram do arcabouço da neuropatologia do século XIX para se inserirem e, tendo ou não seu significado alterado, adquirirem um papel proeminente na teoria psicanalítica, bem como nos Estudos da Tradução no Brasil, vejamos, agora, a partir do prefácio da tradução francesa, um comentário de Kuhn:

Freud já adotava, em seu estudo sobre a afasia, a atitude pregada por Conrad, apropriando-se da visada “dinâmica e funcional” de Jackson, em oposição a uma visada “estática e morfológica” defendida por seu mestre Meynert e, com ele, por Wernicke e Lichtheim. Mas nós já fizemos notar mais de uma vez que Freud se apropria da terminologia de pesquisadores desaprovados por ele.

A análise e a tomada de partido de Freud tornam evidente que ele abrigava em si o mesmo conflito que se desenrolou em grande escala na história da afasia, entre concepções científicas opostas e isto durante mais de cem anos. Para Freud tratava-se manifestamente de problemas essenciais e profundos concernindo às relações psicológicas entre o somático-biológico e o psicoespiritual. Da mesma forma que no movimento de pesquisa científica, estes problemas atingem seu ponto crítico para Freud lá aonde eles se mostram o mais misteriosos, mas igualmente, o mais suscetíveis de poderem aceder a uma solução, ou seja, no domínio da linguagem humana. De igual maneira, desde sempre, constatou-se que vias devem ser encontradas, a partir dos problemas da linguagem, para adquirir um certo conhecimento sobre o fenômeno da linguagem no ser humano normal.²⁹ (28-29)

Poderiam ser elencados ao lado deste trecho diversos outros expostos por estudiosos que se deram conta da posição fundadora ocupada pelo *Estudo* na história da psicanálise. Entretanto, os comentários antecedentes são suficientes, até este momento, para ilustrar a postura teórica que anima esta tese, ou seja, ressaltar o caráter fundamental do *Estudo* na história da criação da psicanálise e também, por extensão, para os Estudos da Tradução no

²⁹ Kuhn, R. (1983). Freud adoptait déjà, dans son étude sur l’aphasie, l’attitude prônée par Conrad, en s’appropriant la vue “dynamique et fonctionnelle” de Jackson, en opposition à une vue “statique et morphologique” défendue par son maître Meynert, et avec lui Wernicke et Lichtheim. Mais nous avons déjà fait remarquer plusieurs fois que Freud s’approprie la terminologie des chercheurs désapprouvés par lui. L’analyse et la prise de parti de Freud montrent à l’évidence qu’il hébergeait en lui-même le même conflit qui s’est déroulé, comme à grande échelle, dans l’histoire de l’aphasie, entre des conceptions scientifiques opposées, et cela pendant plus de cent ans. Pour Freud, il s’agissait manifestement de problèmes essentiels et profonds concernant les relations psychologiques entre le somaticobiologique et le psychospirituel. De même que dans le mouvement de la recherche scientifique, ces problèmes atteignent leur point critique pour Freud là où ils se montrent les plus mystérieux mais également les plus susceptibles de pouvoir accéder à une solution, à savoir dans le domaine du langage humain. De même, depuis toujours, on a constaté que des voies doivent être trouvées, à partir des troubles du langage, pour acquérir une certaine connaissance du phénomène du langage chez l’homme normal.

Brasil, e assim, destacar a importância de sua tradução diretamente do alemão para o português.

1.4. Apresentação das partes componentes da tese

No Capítulo I, como adiantado nesta Introdução, começaremos por desenvolver a analogia entre o “recalque” e a ausência do *Estudo* na coletânea de obras de Freud reunidas em língua alemã (*Gesammelte Werke*), amparada por trechos do texto metapsicológico “O recalque” (*Die Verdrängung*), de 1915, bem como por comentários feitos por estudiosos da psicanálise.

A seguir faremos um apanhado de temas que possam deslindar ao leitor trechos importantes da história na qual surgiu o *Estudo*, passando por capítulos centrais do pensamento ocidental que o antecederam e levando em consideração as discussões travadas em seu bojo.

A partir daí serão tidos em conta os principais temas tratados no *Estudo*, como as concepções do funcionamento cerebral, no que tange ao funcionamento da linguagem e seus distúrbios, aceitas hegemonicamente pelos mestres de Freud e as críticas dirigidas por ele a tais concepções.

Durante esse trajeto serão paulatinamente apontados os conceitos e ideias desenvolvidos no *Estudo* que o tornam, no entender desta tese, o primeiro texto eminentemente freudiano. Destarte será caracterizada sua importância para toda a história da psicanálise, bem como serão destacados os elementos que servirão de ponte para vincular o *Estudo* ao desenvolvimento de teses acadêmicas sobre teorias de tradução que envolvem temáticas psicanalíticas.

Para finalizar o Capítulo I serão destacados cinco conceitos-chave que, tendo aparecido pela primeira vez sob a pena de Freud no texto do *Estudo*, persistiram na obra psicanalítica, tendo conservado seu teor inaugural ou tendo sido deformados (*entstellt*)³⁰ – nesse caso perdendo as características pertencentes ao solo da neurologia – para adquirirem novos sentidos, já tendo sido implantados em solo psicanalítico. Esses conceitos-chave, bem como as articulações teóricas que os envolvem, servirão de eixos norteadores para

³⁰ Conforme será elucidado juntamente com a alegoria do “recalque” do *Estudo* no início do Capítulo I.

construirmos uma ponte entre a teoria psicanalítica originada no *Estudo* e um *corpus* formado por cinco teses de doutoramento defendidas no Brasil a partir da última década do século XX, que se debruçam de alguma maneira sobre a interface psicanálise e tradução.

No Capítulo II, dedicado ao método, serão expostos os procedimentos e critérios utilizados para a seleção das teses a serem debatidas no Capítulo III. Assim sendo, este capítulo conterà uma breve descrição do *corpus* principal desta tese.

Após esta parte, apresento a minha proposta de tradução do *Estudo*. Esta ainda se constitui como um trabalho em curso, visto ainda estar em processo de revisão. À tradução será anteposta uma nota prévia, na qual informo brevemente os leitores sobre as diretrizes que adotei para o trabalho de tradução.

O Capítulo III será dividido em cinco partes. Cada uma delas se dedicará ao debate de um tema que abrigue de forma mais ou menos direta cada um dos cinco conceitos-chave destacados do *Estudo* e expostos ao final do Capítulo I. Esses debates servirão não somente para mostrar os desdobramentos desse arcabouço conceitual psicanalítico derivado do *Estudo*, mas também e fundamentalmente para demonstrar a atualidade do *Estudo* através da recorrência das temáticas nele inauguradas em cada uma das cinco teses, que compõem o *corpus*.

As partes ou eixos temáticos componentes do terceiro capítulo são: A) A aquisição da linguagem; B) A tradução do inconsciente: memória e o conceito de *Besetzung* a partir do *Estudo*; C) O conceito de *Vorstellung*, seu surgimento e seus desdobramentos; D) Afasia e histeria – a origem da psicanálise e o estilo argumentativo de Freud e, finalmente, E) A escrita tradutória e a singularidade.

Após o Capítulo III, haverá uma singela parte dedicada às considerações finais. Enfim traremos as referências bibliográficas e em anexo, contido em CD-Rom, serão apresentados as versões alemãs do *Estudo*, bem como diversas etapas da realização da tradução. O registro dessas etapas constitui, assim disponibilizado, um *corpus* adicional a servir de fonte para pesquisas futuras. Dos anexos constam também os resumos, palavras-chave e referências bibliográficas atinentes às obras de Freud das cinco teses estudadas.

2. Capítulo I

2.1. Uma alegoria de valor heurístico

Pretendo ensaiar agora uma alegoria que já foi anunciada na Introdução, e que me parece, pode ser muito fértil para a exposição de um panorama do nosso trajeto nessa tese. Parece haver consenso sobre a importância capital do conceito de inconsciente (*Unbewußte*) e sobre sua indissolúvel articulação ao conceito de recalque (*Verdrängung*), muito embora não haja consenso no que tange à tradução deste último conceito para o português. Gostaria de tomar este último termo para propor uma forma de interpretação sobre os destinos do *Estudo*, nosso personagem “recalcado” principal. Porque atribuir ao *Estudo* esse adjetivo? Parece-me justo, apenas como metáfora e sem compromisso com a definição exata do conceito psicanalítico, pensar a relação existente entre o *Estudo* e alguns dos demais textos freudianos, por um lado, e entre o *Estudo* e algumas teses produzidas no Brasil no âmbito dos Estudos da Tradução sobre essa interface, psicanálise e tradução, por outro lado, como a relação existente entre um conteúdo recalcado e seus derivados.

Parece haver uma autorização de Freud para que se proponha tal espécie de comparação. Gostaria de tentar ilustrar essa impressão, citando um trecho de seu texto de 1919, “Caminhos da terapia psicanalítica” (*Wege der psychoanalytischen Therapie*), tomado de empréstimo à Mareline Carone, a partir do artigo³¹ que contém sua tradução para o português do texto “A negação” (*Die Verneinung*): “uma comparação só precisa tangenciar a coisa comparada em um ponto, podendo em todos os demais se afastar bastante dela.” (128). Se assim for, continuemos a desenvolver nossa analogia.

Sabe-se que Freud atribui a maior importância à sua doutrina do recalque. É a partir dela que ele pôde entender os vários fenômenos psíquicos com os quais teve contato em sua clínica. Vejamos uma passagem de Anna Freud a respeito desse termo-chave:

Para Freud, o recalque foi o problema fundamental do qual “o estudo dos processos neuróticos de fato partiu”, a “doutrina do recalque, pois, foi o principal pilar da compreensão das neuroses”. Seu esforço para a explicação do fenômeno de que há processos anímicos que são capazes de manter outros processos anímicos afastados da superfície da consciência o acompanhou durante toda a sua vida laboral. O que é descrito, no posteriormente rejeitado ‘Projeto de uma Psicologia’ de 1895 (1950a [1887-1902]), como falha da tradução de uma forma de expressão psíquica anterior em uma forma de expressão psíquica sobreposta, ulterior, aparece na teoria topográfica como

³¹ ““A negação”: um claro enigma de Freud”. In: Revista *Discurso* do Departamento de Filosofia da USP, número 15 de 1983, (125-132).

impedimento do acesso do sistema Inconsciente aos sistemas Pré-Consciente e Consciente, mais especificamente, como retirada da quantidade de carga energética que sozinha possibilitaria a ascensão à percepção consciente e, finalmente, no modelo estrutural do aparelho animico, como resultado do jogo de forças entre as instâncias psíquicas. O elemento que permanece constante nessas sucessivas tentativas de explicação é o *motivo* do recalque, ou seja, evitar a liberação de angústia ou desprazer no sistema Consciente, ou, respectivamente, na instância consciente do Eu. (Freud, 1978: 432)³²

Essa alegoria que tento propor me parece interessante sob várias perspectivas. Para começar comentando o final da citação de Anna Freud, digamos que o *Estudo* foi “recalcado” (*verdrängt*) ou “suprimido” (*unterdrückt*) das obras reunidas (*Gesammelte Werke*), além do argumento utilizado para tal, segundo o qual o *Estudo* pertenceria ao conjunto de seus textos neurológicos e não psicanalíticos, por um *motivo* não revelado. Segundo a interpretação que gostaria de propor para justificar minha liberdade de utilização de um conceito central de forma metafórica, Freud teria promovido a exclusão do *Estudo* pelo mesmo *motivo* que o psiquismo opera recalques, ou seja, para evitar a liberação de angústia ou desprazer. Creio ser essa interpretação válida, já que Freud teria sentido o *Estudo*, na época de sua publicação, como nada mais além de “um respeitável fracasso”³³.

Indiquemos, neste momento, algumas passagens em que Freud tem em consideração o *Estudo* e contextualiza o momento de sua aparição. Essas passagens se distanciam cronologicamente e dão uma ideia de como o texto foi concebido, teve sua recepção digerida e, finalmente, vários anos depois, foi lembrado. No dia 2 de maio de 1891, Freud escreveu a seu amigo Fließ, ainda nutrindo um certo tom otimista quanto à publicação do *Estudo*:

³² Für Freud war die Verdrängung das Grundproblem, von dem “das Studium der neurotischen Vorgängen überhaupt seinen Ausgang genommen” hat, die “Lehre von der Verdrängung” der “Grundpfeiler des Verständnisses der Neurosen”. Sein Bemühen um die Erklärung des Phänomens, daß es seelische Vorgänge gibt, die fähig sind, andere seelische Vorgänge von der Oberfläche des Bewußtseins fernzuhalten, begleitete ihn durch sein ganzes Arbeitsleben. Was im später verworfenen ‘Entwurf einer Psychologie’ von 1895 (1950 a [1887-1902]) als Versagen der Übersetzung von einer früheren in eine darübergelagerte psychische Ausdrucksform beschrieben wird, erscheint in der topographischen Theorie als Verhinderung des Übergangs vom System Unbewußt zu den Systemen Vorbewußt und Bewußt, spezifischer, als Entzug der Besetzungsquantität, die allein den Aufstieg zur bewußten Wahrnehmung ermöglichen würde, und schließlich im Strukturmodell des seelischen Apparats als Resultat des Kräftespiels zwischen den psychischen Instanzen. Das Element, das in diesen aufeinanderfolgenden Erklärungsversuchen constant bleibt, ist das *Motiv* der Verdrängung, nämlich die Verhütung einer Angst- oder Unlustentbindung im System Bewußt, respektive in der bewußten Ich-Instanz. (A. F., p. 432)

³³ Como se lê em carta destinada a Fließ de 21 de maio de 1894 citada abaixo.

Dentro de poucas semanas, darei a mim mesmo o prazer de enviar-lhe um pequeno livro sobre a afasia, pelo qual eu próprio nutro um sentimento caloroso. Nele, sou muito despudorado, terço armas com seu amigo Wernicke, com Lichtheim e Grashey, e chego até a arranhar o poderosíssimo ídolo Meynert. Estou muito curioso de ouvir o que o Sr. terá a dizer sobre esse esforço. Em vista de seu relacionamento privilegiado com o autor, parte dele há de soar-lhe familiar. O artigo, aliás, é mais sugestivo do que conclusivo.³⁴ (28)

O *Estudo*, pois, tratado como artigo crítico “mais sugestivo que conclusivo” foi escrito pelo então neuropatologista, que, além de suas preocupações com as paralisias cerebrais de crianças, já estava envolvido de forma direta com as paralisias histéricas, havendo, inclusive, publicado traduções de trabalhos de Charcot para o alemão. Em 1925, em seu “Estudo autobiográfico” (“*Selbstdarstellung*”), Freud relembra a época do surgimento do *Estudo*, em uma das raríssimas passagens em que ele é citado:

No período entre 1886 e 1891 trabalhei pouco na produção científica e não publiquei quase nada. Eu estava imbuído de me adaptar ao novo trabalho e de garantir minha existência material, bem como a de minha família, que crescia rapidamente. Em 1891 apareceu o primeiro dos trabalhos sobre a paralisia cerebral das crianças, escrito em parceria com meu amigo e assistente, Dr. Oskar Rie. No mesmo ano uma encomenda de colaboração em um pequeno léxico da medicina ensejou a discussão sobre a doutrina das afasias, que era, à época, governada pelas perspectivas puramente localizacionistas de Wernicke e Lichtheim. Um pequeno livro crítico-especulativo, “*Zur Auffassung der Aphasien*”, foi o fruto deste esforço.³⁵ (41-42)

Por ser um trabalho de ruptura com doutrinas hegemonicamente aceitas, a recepção do estudo crítico não foi a esperada. Ao invés do reconhecimento do rigor de sua argumentação e do valor de suas ideias, o que se viu foi um “respeitável fracasso”. A dedicatória do livro foi endereçada ao Sr. Dr. Josef Breuer, “em amigável honorificência”³⁶ (Freud, 2001: 38), mas Breuer não pôde apreciá-la, promovendo o início dos sentimentos desgostosos sentidos pelo autor. Em 13 de julho de 1891, ele escreve a Minna Bernays: “O livro sobre as afasias já *me causou muito desgosto*. A recepção de Breuer foi deveras

³⁴ Masson, J. M., (1986), tradução de Vera Ribeiro.

³⁵ Freud, S. Werke aus den Jahren 1925-1931. Band XIV. “Selbstdarstellung”. Im Zeitraum von 1886-1891 habe ich wenig wissenschaftlich gearbeitet und kaum etwas publiziert. Ich war davon in Anspruch genommen, mich in den neuen Beruf zu finden und meine materielle Existenz sowie die meiner rasch anwachsenden Familie zu sichern. 1891 erschien die erste der Arbeiten über die Gehirnlähmungen der Kinder, in Gemeinschaft mit meinem Freunde und Assistenten Dr. Oskar Rie abgefasst. In demselben Jahre veranlasste mich ein Auftrag der Mitarbeiterschaft an einem Handwörterbuch der Medizin, die Lehre der Aphasie zu erörtern, die damals von den rein lokalisatorischen Gesichtspunkten Wernicke-Lichtheims beherrscht war. Ein kleines kritisch-spekulatives Buch „Zur Auffassung der Aphasien“ war die Frucht dieser Bemühung.“.

³⁶ Freud, S. (2001). Herrn Dr. Josef Breuer in freundschaftlicher Verehrung gewidmet.

estranha; ele quase não me agradeceu pela dedicatória... não conseguiu lembrar-se de nenhum de seus méritos e, no final, *tentou amenizar* dizendo que o livro tinha sido muito bem escrito.”³⁷ Vejamos agora a carta em que seu descontentamento é abertamente expresso, apenas três anos após a publicação do *Estudo*.

Estou bem sozinho aqui, na elucidação das neuroses. Sou encarado como uma espécie de monomaníaco, embora tenha a nítida sensação de haver tocado num dos grandes segredos da natureza. Há algo de curioso na incongruência entre o apreço que se dá ao próprio trabalho intelectual e o valor que os outros lhe atribuem. Veja esse livro sobre as diplegias, que arrumei às pressas, com um mínimo de interesse e esforço, quase com frivolidade. Tem alcançado um sucesso tremendo. (...) E, das coisas realmente boas, como a *Afasia*, as “Idéias Obsessivas”, que agora ameaçam sair em texto impresso, e a futura “Etiologia e Teoria das Neuroses”, nada posso esperar além de um respeitável fracasso.³⁸ (74)

A despeito da falta de reconhecimento imediato por parte da comunidade científica à qual o livro visou, a monografia sobre as afasias teve seu valor reconhecido por Freud e por seus comentadores, pelo menos desde a década de 1930, fato que pode ser constatado pela ubiquidade de alguns conceitos ali inaugurados³⁹ ao longo de sua obra psicanalítica e por sua presença constatada em outras áreas de saber, como nos Estudos da Tradução. Entretanto é necessário retomar a atenção sobre os pontos valorosos do *Estudo*, para se demonstrar de que forma o “recalque”, que lhe foi imposto por Freud, falhou. Continuemos, pois, a desenvolver a nossa alegoria.

Sabe-se também que o recalque pode incidir, por exemplo, sobre um desejo (*Wunsch*) ou uma pulsão (*Trieb*). Esta última teria dois representantes (*Repräsentanzen*) no psiquismo, um deles seria a representação⁴⁰ (*Vorstellungsrepräsentanz*), ou representante ideativo, como preferem alguns tradutores, e o outro o representante afetivo (*Affektbetrag*). Só se tem conhecimento de algo recalcado porque o recalque falha. É somente quando algum derivado (*Abkömmling*) do recalcado aparece, que ele pode ser reconhecido pela

³⁷ Cf.: Rizzuto, A.-M. (1989: 112) *On Aphasia* was dedicated ‘To Dr. Josef Breuer with friendly admiration’. Breuer could not appreciate it. Freud wrote to Minna Bernays on 13 July 1891: ‘The “Aphasia” has already caused me deep disappointment. Breuer’s reception of it was such a strange one; he hardly thanked me for it... couldn’t recollect any of its good points, and in the end tried to *soften the blow* by saying that it was very well written.’ Destaques da autora.

³⁸ Masson, J. M., (1986), tradução de Vera Ribeiro.

³⁹ Cf.: por exemplo, Rizzuto, A.-M. (1990: 262).

⁴⁰ Uma discussão mais alentada sobre a tradução de *Vorstellung* será realizada na parte C do terceiro capítulo. Até lá manterei, como creio ser pertinente, o termo “representação” como solução tradutória.

consciência. Quando identificamos *a posteriori* (*nachträglich*⁴¹) a congruência entre alguns dos elementos elaborados inicialmente no *Estudo*, como ocorre, por exemplo, com o conceito de representação (*Vorstellung*), conforme veremos durante nosso percurso, e os elementos que dali se derivaram para se emanciparem em território psicanalítico, a nossa analogia parece ganhar mais vivacidade.

Para explicar o processo do recalque, Freud necessita de estabelecer uma fronteira entre os sistemas consciente e inconsciente. Veremos que, dentre os “derivados” (*Abkömmlinge*) do *Estudo* “recalcado”, ou suprimido, por decisão de Freud, de suas obras “completas”, encontram-se os conceitos de representação de objeto (*Objektvorstellung*) e representação de palavra (*Wortvorstellung*), fundamentais para esta delimitação entre os tais sistemas ou instâncias psíquicas. No início de suas elaborações no texto dedicado a esse tema, Freud começa descrevendo o destino de apenas um dos dois representantes da pulsão. Vejamos uma passagem do texto metapsicológico em questão, “O recalque” (*Die Verdrängung*), de 1915, em que ele avança a especificação dos diferentes destinos sofridos pelos aludidos representantes:

Nas discussões empreendidas até o momento, investigamos o recalque de um representante pulsional e entendemos esse último como uma representação ou um grupo de representações que é pela pulsão carregado de uma determinada soma de energia psíquica (libido, interesse). A observação clínica nos obriga agora a decompor o que até então concebêramos de maneira unitária, pois ela nos mostra que algo diferente, que representa a pulsão, entra em consideração ao lado da representação e que esse algo experimenta um destino ao ser recalqueado, que pode ser totalmente diferente do destino da representação. Para esse outro elemento representante psíquico adotou-se o nome de *soma de afeto*; ela corresponde à pulsão quando esta tiver se desvinculado da representação e quando encontra uma expressão, conforme sua quantidade, em processos que se tornarão perceptíveis à sensação como afetos. De agora em diante, ao descrevermos um caso de recalque, deveremos perseguir de modo separado o que foi, em função do recalque, feito da representação e o que foi feito da energia pulsional a ela aderente.⁴² (439-440)

⁴¹ Este é mais um termo alçado à categoria de conceito psicanalítico cujo primeiro uso por Freud remonta ao *Estudo* (ver 2001: 47).

⁴² In den bisherigen Erörterungen behandelten wir die Verdrängung einer Triebrepräsenz und verstanden unter einer solchen eine Vorstellung oder Vorstellungsgruppe, welche von Trieb her mit einem bestimmten Betrag von psychischer Energie (Libido, Interesse) besetzt ist. Die klinische Beobachtung nötigt uns nun zu zerlegen, was wir bisher einheitlich aufgefaßt hatten, denn sie zeigt uns, daß etwas anderes, was den Trieb repräsentiert, neben der Vorstellung in Betracht kommt und daß dieses andere ein Verdrängungsschicksal erfährt, welches von dem der Vorstellung ganz verschieden sein kann. Für dieses andere Element der psychischen Repräsentanz hat sich der Name *Affektbetrag* eingebürgert; es entspricht dem Triebe, insofern er sich von der Vorstellung abgelöst hat und einen seiner Quantität gemäßen Ausdruck in Vorgängen findet, welche als Affekte der Empfindung bemerkbar werden. Wir werden von nun an, wenn wir einen Fall von

Parece-nos que, se por um lado, Freud quis evitar a liberação de desprazer que poderia ocorrer em virtude da assunção do *Estudo* em suas obras reunidas, por outro ele não pôde evitar trazer do *Estudo* várias de suas elaborações que são, como sabemos, muito férteis para o desenvolvimento de sua teoria. Se o recalque se torna perceptível a partir de suas falhas, podemos enxergar estas retomadas como algo análogo ao “retorno do recalcado”, que precisa ser deformado ou modificado de alguma forma para conseguir o acesso à consciência. Sabe-se também que as traduções do *Estudo* foram responsáveis em larga medida para a sobre-vida desta obra e, além disto, que é pela via da tradução e de seus estudos que se poderá constatar sua importância e atualidade.

Vejamos mais uma passagem do texto metapsicológico de 1915 que nos permitirá avançar e incrementar um pouco mais a nossa analogia.

Gostaríamos de dizer algo geral sobre ambos os destinos. Isto nos será possível após alguma orientação. O destino geral da *representação* que atua como representante da pulsão não pode facilmente ser outra coisa, senão que ela desapareça do sistema consciente, no caso de antes ela ter sido consciente, ou que ela seja impedida de entrar na consciência, no caso de ela estar na iminência de se tornar consciente. A diferença não é mais significativa; aproximadamente é como se eu despachasse um visitante importuno para fora de minha sala ou de minha antessala, ou como se eu, após tê-lo reconhecido, nem sequer deixe que ele ultrapasse a soleira da porta de minha casa. [Essa comparação útil para a descrição do processo do recalque pode ser estendida para uma característica do recalque anteriormente mencionada. Preciso apenas de acrescentar que eu devo fazer um vigia permanente proteger a porta proibida ao visitante, pois senão o enfeitado a invadiria.] O destino do fator *quantitativo* representante da pulsão pode ser triplo, como nos ensina uma rápida panorâmica por sobre as experiências feitas na psicanálise: a pulsão ou é totalmente suprimida, de modo que nada mais se encontre dela, ou ela aparece como afeto de nuance qualitativa, ou ela é metamorfoseada em medo.⁴³ (440)

Verdrängung beschreiben, gesondert verfolgen müssen, was durch die Verdrängung aus der Vorstellung und was aus der an ihr haftenden Triebenergie geworden ist.

⁴³ Gern würden wir über beiderlei Schicksale etwas Allgemeines aussagen wollen. Dies wird uns auch nach einiger Orientierung möglich. Das allgemeine Schicksal der den Trieb repräsentierenden *Vorstellung* kann nicht leicht etwas anderes sein, als daß sie aus dem Bewußten verschwindet, wenn sie früher bewußt war, oder vom Bewußtsein abgehalten wird, wenn sie im Begriffe war, bewußt zu werden. Der Unterschied ist nicht mehr bedeutsam; er kommt etwa darauf hinaus, ob ich einen unliebsamen Gast aus meinem Salon hinausbefördere oder aus meinem Vorzimmer oder ihn, nachdem ich ihn erkannt habe, überhaupt nicht über die Schwelle der Wohnungstür treten lasse. [Dieses für den Verdrängungsvorgang brauchbare Gleichnis kann auch über einen früher erwähnten Charakter der Verdrängung ausgedehnt werden. Ich brauche nur hinzuzufügen, daß ich die dem Gast verbotene Tür durch ein ständigen Wächter bewachen lassen muß, weil der Abgewiesene sie sonst aufsprengen würde.] Das Schicksal des *quantitativen* Faktors der Triebrepräsentanz kann ein dreifaches sein, wie eine seine flüchtige Übersicht über in der Psychoanalyse gemachten Erfahrungen lehrt: Der Trieb wird entweder ganz unterdrückt, so daß man nichts von ihm

Vemos, em primeiro lugar, que é também prática comum em Freud, a utilização de imagens para ilustrar seus pensamentos. Neste caso ele utiliza a metáfora da casa de onde se expulsa um visitante indesejável. Se concedermos, então, pertinência à metáfora que estou utilizando para tentar explicar como enxergo a vida do *Estudo* e sua sobre-vida, proporcionada majoritariamente por suas traduções, diria que permitir ou não o acesso da representação à consciência, seria análogo à atitude de Freud de permitir ou não a inclusão do *Estudo* na reunião alemã de seus textos (*Gesammelte Werke*) que compõem a referência principal para os leitores de Freud em alemão e é base para sua tradução. Além disto, e aqui talvez esteja o incremento pretendido com a citação, o uso da comparação do psiquismo com a casa permite a inclusão da imagem de um vigia. Se para o aparelho psíquico, conforme seu último desenvolvimento, o Eu (*das Ich*) assumiria o papel deste vigia, ou censor, na nossa alegoria esse papel de censor, como vimos na introdução, recairá sobre os editores e sobre as “casas” editoriais, que têm o poder de “abrir ou fechar as portas” para o acesso, no interior de suas coleções, das ideias desenvolvidas no *Estudo*.

Cabe falarmos, por último, do papel representado pelo “jogo de forças”, mencionado na passagem citada do comentário de Anna Freud acima, que ocorre entre as instâncias psíquicas. Esse jogo de forças é por elas vivido na forma de um conflito. Esse conflito, em certa medida, pode ser tido como o motor que faz com que as representações recalçadas possam, ao serem suficientemente deformadas (*entstellte*), obter acesso à consciência.

A ideia a ser defendida aqui é a de que para que certos conceitos, como o de *Besetzung*, por exemplo, após terem sido inaugurados no *Estudo* e tendo sido retirados de seus contextos originais, notadamente do solo neurológico de onde vieram, pudessem se emancipar em solo psicanalítico, seu sentido teve de ser alterado, ou seja, para se tornarem conceitos eminentemente psicanalíticos tiveram de ser deformados. Aí se encontra mais um ponto de tangência de nossa alegoria. Esse conflito entre a dimensão conceitual própria à neurologia e aquela própria à psicanálise, que se faz presente no início e durante boa parte

auffindet, oder er kommt als irgendwie qualitative gefärbter Affekt zum Vorschein, oder er wird in Angst verwandelt.

da teorização freudiana, não pode ser desconsiderado. Trata-se do começo do percurso dessa parte integrante do arcabouço (constituente) da psicanálise.

2.2. Breve histórico anterior ao *Estudo*

Vista pela ótica do século XXI, em que as pessoas de um modo geral têm acesso, direto ou indireto, a uma série de inovações culturais, muitas delas frutos de avanços tecnológicos e científicos, a vida das pessoas no século XIX pode parecer pré-histórica.

No que tange especificamente ao conhecimento de que dispomos sobre nosso corpo e sobre a forma com que ele funciona, sua divisão interna de órgãos e a regulação interna desses órgãos entre si e com o meio ambiente, podemos dizer que os métodos de investigação de que dispomos nos dias de hoje para a construção contínua desse conhecimento são vertiginosamente diferentes daqueles utilizados pelas gerações passadas.

O ramo de conhecimento que nos interessa nesse momento é a anatomia humana. Abreviaremos essa tentativa de contar uma parte da história dessa construção de conhecimento, restringindo nossas atenções a alguns de seus capítulos importantes. Nossa resumida história terá seu início nos idos do século XIX.

Naquela época, o saber que se tinha a respeito da anatomia humana não podia, como nos dias de hoje, dispor de métodos não-invasivos de investigação. Isso quer dizer que, sem romper a integridade dos corpos, sem proceder a dissecações, os estudiosos da anatomia não poderiam ter acesso a imagens internas da estrutura do corpo humano. O conhecimento a respeito dos diversos tecidos, órgãos e comunicações internas dependia amplamente de estudos de peças anatômicas, geralmente feitos após o óbito. É o que denominamos autópsia ou necrópsia. Esse tipo de exame ainda é usual, porém sem ser exclusivo, especialmente nas faculdades de ciências biológicas, durante a formação de médicos, veterinários, psicólogos, biólogos etc.

Após essas considerações preliminares, que visam a estabelecer diferenças e localizar um período anterior ao nosso, podemos então restringir ainda mais o foco de nossa breve história, que passa sem se deter à anatomia, atendo-nos por um instante ao conhecimento adquirido sobre o sistema nervoso e suas partes, i. e. os neurônios periféricos, componentes do sistema nervoso periférico (substância branca) e as estruturas

compostas pela medula espinhal e pelo encéfalo, ou o sistema nervoso central (substância cinzenta), para dizê-lo de forma aproximada.

Já era de conhecimento dos estudiosos da neuroanatomia do século XIX que as células nervosas, ou os neurônios, que se reúnem em fibras ou feixes, conduzem estímulos ou impulsos nervosos em duas direções, seja da periferia do corpo para o centro, ou em outros termos, num sentido aferente, seja do centro do corpo à periferia, ou num movimento eferente. Esses estudiosos também postulavam que aos feixes ou fibras de substância branca, ou neurônios componentes do sistema nervoso periférico, era costumeiramente atribuída a função de conduzir os estímulos nas duas direções, bem como servir de vias de associação entre os neurônios componentes do sistema nervoso central. No cérebro, os feixes associativos de substância branca compoem camadas subcortais, tendo em vista que o córtex seria composto de neurônios de substância cinzenta. Aos neurônios componentes da massa de substância cinzenta, ou parte distintiva integrante do sistema nervoso central, cabiam outras funções mais complexas, como por exemplo, no córtex cerebral, as massas de substância cinzenta eram tidas como responsáveis pelas ditas funções superiores, ou intelectuais, tais como a cognição, a memória etc.

Mudando um pouco o foco de nossa prosa, gostaríamos de lançar alguma luz sobre uma outra parte importante de nossa história. Trata-se de uma questão anterior e que se configura como condição de possibilidade de qualquer construção de conhecimento, não somente àquele circunscrito às questões anatômicas. Há pelo menos mais de dois milênios, os seres humanos discutem a origem de nossos conhecimentos sobre o mundo em geral. Há quem diga que todo o conhecimento é inato ao ser humano e que nos lembramos ao longo da vida do que já sabíamos antes mesmo de nascermos. Por esse ponto de vista, todo conhecimento é reminiscência. Há, por outro lado, quem diga que toda a fonte de conhecimento de que dispomos chega até nós por intermédio da experiência. Em ambos os casos a linguagem é protagonista. Nesse sentido, é a linguagem verbal, característica da mente consciente, o meio através do qual organizamos e nos damos conta das coisas que nos são conhecidas.

Já desde pelo menos o final do século XVII, com o *Ensaio sobre o Entendimento Humano* de John Locke (1690), iniciaram-se no terreno da filosofia as reflexões sobre a interação dos dados perceptuais advindos dos cinco sentidos com as palavras, tidas como

meio para a organização da realidade. No século XIX o interesse pelos distúrbios de linguagem denominados afasias era compartilhado tanto por médicos quanto por filósofos, já que unia em torno da linguagem as discussões pertinentes à relação entre mente e corpo.

Retomamos, então, com esse tema da linguagem e seus distúrbios, os dois sentidos percorridos pelos estímulos conduzidos pelos feixes neuronais aferentes e eferentes. As percepções são recebidas pelos neurônios aferentes que as conduzem ao sistema nervoso central, ou ao córtex cerebral que, por sua vez, processa esses estímulos e os envia à sua parte motora, que reage a esses estímulos devolvendo-os ao exterior pelas vias eferentes em forma de movimentos de linguagem, *i. e.* fala e escrita.

Esse modelo rudimentar de compreensão da linguagem quase como um arco reflexo orientou durante algum tempo no século XIX as investigações sobre como a linguagem seria produzida através do processamento dos estímulos pelas camadas superiores do sistema nervoso, ou pelo córtex cerebral.

2.3. O início do *Estudo* – As bases da doutrina localizacionista

Na medicina, o principal estudioso da anatomia àquela época era o alemão Theodor Meynert (1833-1892), que postulou as bases anatômicas hegemonicamente aceitas pela comunidade científica européia. Partindo da doutrina anatômica construída por Meynert, um grupo de cientistas denominados neuropatologistas pretendia estabelecer correlações entre áreas específicas do cérebro e sintomas encontrados através de investigações clínicas.

Vejamos quais são os pontos mais importantes da doutrina anatômica de Meynert para os interesses de nossa presente argumentação. Para ilustrar estes pontos faremos referência a algumas passagens elucidativas do *Estudo*. Desta, que é a obra central que pretendemos analisar nesta tese para demonstrar sua importância, tanto como ponto de partida da história da psicanálise, quanto como obra importante para os Estudos da Tradução no Brasil, retiraremos, pois, algumas citações para expor a doutrina de Meynert, que, por sinal, fora professor de Freud.

Segundo Freud, a doutrina de Meynert merece o nome de “córtico-cêntrica” (2001: 87). “Em sua própria e ampla interpretação das relações anatômicas, Meynert afirma que o córtex cerebral, pela exterioridade de sua localização, é apropriado para receber e apreender

a totalidade das impressões sensórias”⁴⁴ (2001: 87-88). É deste fato também que advém a denominação “doutrina localizacionista”, pois de acordo com ela as impressões sensórias poderiam ser retidas em células específicas do cérebro. De acordo com uma contagem aproximada feita por Meynert, o córtex cerebral teria 600 milhões de células. (2001: 41) Essa quantidade de células seria bastante para armazenar todas as impressões advindas dos sentidos.

Além dessa concepção do cérebro como local de armazenamento de impressões sensórias, Meynert também postulou que haveria uma projeção do corpo sobre o córtex cerebral, numa proporção de 1:1. Isso significa que cada feixe de substância branca advinda, pois, do sistema nervoso periférico teria um correlato no córtex. Em outros termos, o córtex conteria uma espécie de mapa do corpo. Essas noções, da localização de cada impressão isolada numa célula distinta do córtex e da projeção de cada parte da periferia do corpo sobre o córtex dão margem à construção de uma concepção elementarista e essencialista da linguagem. Elas fornecem os subsídios para um tipo de concepção do funcionamento da linguagem em sua relação com o cérebro.

Nessa concepção de linguagem acima referida, esta seria tida como um arco reflexo. Os estímulos recebidos pelos órgãos do sentido, principalmente pela visão e audição, seriam armazenados distintamente, um por um, constituindo, assim, unidades plenas de sentido. Essas unidades seriam, posteriormente, repetidas pelos movimentos da fala. Estaria desse modo garantida a identidade dos elementos da linguagem consigo mesmos e, portanto, cada símbolo linguístico teria vida e existência próprias, independente do sujeito falante. Por essa perspectiva, os distúrbios de linguagem poderiam ser devidos a lesões nos locais de armazenamento de cada um destes elementos, ou então devidos a problemas na condução destas unidades da área sensória do cérebro para a área motora responsável por sua reprodução.

2.4. A concepção à época hegemônica sobre os distúrbios de linguagem – as afasias

⁴⁴ In der ihm eigenen weitgehenden Ausdeutung anatomischer Verhältnisse äußert Meynert, daß die Hirnrinde durch die Äußerlichkeit ihrer Lagerung zum Umfassen, zum Aufnehmen der gesamten Sinneseindrücke geeignet wird.

No que tange aos distúrbios de linguagem denominados afasias, o médico francês Paul Broca (1824-1880), compartilhando as teses da doutrina de Meynert, após alguns anos de contato com seus pacientes na clínica fez uma descoberta que revolucionaria o conhecimento sobre o funcionamento do cérebro.

Na segunda metade do século XIX, Broca recebeu em sua clínica um paciente que ficou conhecido pelo apelido de “Tan-tan”. Esse paciente, ao começar a usufruir os cuidados de Broca, nada conseguia pronunciar, a não ser essa repetição de duas sílabas. Entretanto, no início do tratamento, a despeito dessa limitação em sua linguagem oral, ele ainda conseguia escrever e dispunha, portanto, de todos os outros movimentos corporais normais. Na medida que seu distúrbio foi se agravando, Tan-tan, mesmo mantendo suas faculdades intelectuais intactas, ou seja, mesmo conseguindo entender o que as pessoas lhe diziam e conseguindo ainda se comunicar com elas, foi perdendo progressivamente os movimentos do braço direito. O processo degenerativo progrediu e, após perder a capacidade de escrever, perdeu também a capacidade de movimentar a perna direita e assim sucessivamente até ficar impossibilitado de se locomover, falecendo logo em seguida.

No ano de 1861, época em que, como vimos, ainda não se dispunha de métodos de investigação não-invasivos, Paul Broca, após a dissecação do cadáver de Tan-tan, encontrou uma lesão em uma área específica de seu cérebro, o terceiro giro frontal esquerdo, inferindo, a partir desse achado anatômico, a correlação deste giro do cérebro com a articulação motora da linguagem verbal. Esta área ficou conhecida como a área de Broca, ou o centro motor da linguagem, e ao seu adoecimento foi atribuída, então, a afasia motora.

Treze anos mais tarde, no ano de 1874, o médico alemão Carl Wernicke (1845-1928) encontrou, igualmente por meio da correlação entre investigações clínicas e dados de autópsia, a contrapartida sensória à área de Broca. Ficou estabelecida, então, a área de Wernicke, ou o centro sensorio da linguagem no córtex cerebral. Com essa descoberta de Wernicke, os neuropatologistas do século XIX puderam ter a esperança de encontrar para cada sintoma afásico um correlato neuroanatômico.

Pensava-se que as funções do cérebro, no que diz respeito à linguagem, estariam circunscritas a áreas específicas determináveis, os centros da linguagem. Encontrando-se uma lesão em uma área delimitada, seria possível postular o sintoma dela decorrente e vice-

versa, ou seja, encontrando-se um distúrbio de linguagem através de uma investigação clínica, seria possível identificar a área cerebral comprometida.

Wernicke, igualmente assumindo as doutrinas anatômicas de Meynert, postulou então sua doutrina das afasias e diferenciou três tipos principais de afasia, a saber, as afasias de centro, ou afasias provocadas por lesões seja na área de Broca, afasia motora, seja a afasia provocada por lesão na área de Wernicke, afasia sensória, ou ainda, a afasia de condução, que seria aquela provocada por lesões nos feixes de substância branca (vias de associação) tidos como responsáveis pela ligação entre os centros. Cabe notar que os dois centros da linguagem, segundo a doutrina de Wernicke, eram compostos por células de substância cinzenta ou células corticais. Por sua vez, às fibras de substância branca, ou tecido sub-cortical cerebral, era atribuída, como vimos, somente a função de condução de estímulos entre os centros, ou entre estes e a periferia do corpo.

2.5. Os esquemas de Wernicke e Lichtheim para a compreensão das afasias

Segundo a doutrina das afasias de Wernicke, os pacientes com afasia motora não seriam capazes de escrever ou falar espontaneamente, mas seriam capazes de ler ou entender o que lhes era dito. Os pacientes com afasia sensória, por sua vez, não seriam capazes de entender aquilo que liam e nem tampouco compreender aquilo que lhes era dito. O processo da linguagem se daria de forma linear, os estímulos chegariam ao cérebro pelas vias sensoriais, ou aferentes, e dali seriam conduzidos pelas vias de associação para a área motora responsável pela produção articulada da linguagem, que se daria pelas vias motoras ou vias eferentes. Vejamos o esquema de Wernicke que ilustra esse percurso dos estímulos para a produção da linguagem, bem como os locais das lesões para produção dos três tipos de afasia mencionados.

Legenda: Neste esquema a primeira seta à esquerda indica a entrada do estímulo sensorial rumo à área de Wernicke, ponto *a*, a indicação do tipo de afasia causada pela lesão deste centro afasia sensorial (*sensorische Aphasie*), o caminho da inervação rumo à área motora, ou área de Broca, ponto *b*, e a indicação da afasia correspondente à lesão neste centro, ou afasia motora (*motorische Aphasie*) e, finalmente, a afasia de condução (*Leitungsaphasie*), provocada pela ruptura dos feixes de substância branca responsáveis pela ligação entre os dois centros. (Freud, 2001: 42).

A característica da afasia de condução, segundo a doutrina de Wernicke, seria a manutenção das capacidades de compreender a linguagem, seja escrita, seja falada e de produzir espontaneamente a escrita e a fala de modo normal, sem restrição de vocabulário, a não ser por um distúrbio que ficou conhecido por parafasia, em que uma incerteza no uso das palavras se imiscuía eventualmente ao discurso dos pacientes afásicos deste grupo, de modo que às vezes eles trocavam uma letra pela outra dentro de uma palavra, ou uma palavra por outra dentro de uma frase, ou ainda, criavam palavras inexistentes por meio de misturas ou confusões.

O esquema de Wernicke, como vimos, considerava o aparelho de linguagem quase como um arco reflexo, ou seja, como ele funcionaria restringindo-se à atividade da repetição de palavras ouvidas. Esse esquema não explicava como o discurso espontâneo se dava, tendo em vista que, para explicar esse fenômeno seria necessário um esquema mais complexo do que o ilustrado por Wernicke. Em 1884, Ludwig Lichtheim (1845-1928), um seguidor da doutrina de Wernicke, ampliou seu esquema na tentativa de explicar como se daria a produção espontânea da linguagem.

No esquema de Lichtheim, além dos centros motor e sensorial estava presente um terceiro centro, sem ter, contudo, uma localização precisa no córtex cerebral. Esse terceiro centro era um centro composto por incontáveis células corticais a partir das quais o

aparelho de linguagem poderia ser posto em funcionamento espontaneamente. Vejamos o esquema de Lichtheim citado por Freud (2001: 45)⁴⁵.

Fig. 3.

Fig. 1 in Lichtheim, *On Aphasia. Brain VII* [1885a], p. 436.¹

Como vemos, então, além dos pontos A e M, respectivamente as áreas sensória e motora da linguagem, já contidas no esquema anterior de Wernicke, Lichtheim inclui mais um centro, o centro B, ou centro dos conceitos. Entretanto, diferentemente dos dois primeiros, ao centro B não correspondia área alguma determinada do córtex cerebral. Nas palavras de Freud:

O ponto B não tem o mesmo valor, no esquema, que têm A e M, que correspondem anatomicamente a regiões claramente demonstráveis do córtex cerebral, tendo ele, muito mais, a mera função de representar esquematicamente as incontáveis áreas do córtex, a partir das quais o aparelho de linguagem pode ser colocado em atividade.⁴⁶ (2001: 44)

A partir deste novo esquema, ao invés dos três tipos mencionados de afasia derivados do esquema de Wernicke, teríamos sete tipos diferentes de distúrbio, cada um provocado por lesão em uma área específica do cérebro, seja por lesão dos dois centros da linguagem até então identificados e circunscritos ao córtex, seja por lesão das vias de

⁴⁵ As figuras aqui reproduzidas foram retiradas da segunda reimpressão da segunda edição do livro de Freud; assim sendo as legendas nelas contidas dizem respeito às referências bibliográficas consultadas por Freud e a eventuais comentários feitos pelos editores.

⁴⁶ Der Punkt B hat nicht denselben Wert im Schema wie A und M, welche anatomisch aufzeigbaren Regionen der Hirnrinde entsprechen, er soll vielmehr bloß eine schematische Vertretung der unzähligen Rindenstellen geben, von denen aus der Sprachapparat in Tätigkeit versetzt werden kann.

condução entre eles, ou ainda pela ruptura das ligações entre eles e o terceiro centro sem localização específica no córtex.

2.6. Insuficiências dos esquemas – o problema da parafasia

Ocorre que as lesões encontradas nem sempre eram de mesma intensidade e nem sempre recobriam as áreas previstas pelos esquemas, tanto no esquema mais simples, de Wernicke, como na ampliação deste esquema feita por Lichtheim. Assim sendo, várias investigações clínicas mostravam sintomatologias incompatíveis com as previstas pelos esquemas. Um exemplo decisivo para o questionamento da validade dos esquemas era a concomitância de afasia motora com a alexia, ou seja, com a incapacidade do reconhecimento de palavras escritas. Este tipo de concomitância era muito frequente para, com a finalidade de explicá-lo, supor-se sempre mais de uma lesão em pontos diversos do cérebro.

Além disto, o sintoma da parafasia não fora suficientemente esclarecido pelos esquemas. Este sintoma, como vimos, seria característico da afasia de condução de Wernicke, segundo sua própria doutrina. De acordo com a explicação dada por Freud:

Por parafasia devemos necessariamente entender um distúrbio de linguagem, no qual a palavra apropriada é substituída por uma inapropriada que, contudo, mantém sempre uma certa relação com a palavra correta. Podemos delinear essas relações com apoio nas exposições de um filólogo, Delbrück, da seguinte maneira: trata-se de parafasia quando o falante utiliza uma palavra ao invés de outra, que sejam ligadas em função de significado próximo ou que sejam ligadas uma à outra por meio de associação frequente, por exemplo, quando ele usa “pena” ao invés de “lápis”, “Potsdam” ao invés de “Berlim”. Além disso, quando ele confunde palavras que têm sons semelhantes, “Butter” ao invés de “Mutter”, “Campher” ao invés de “Pamphlet”, e, finalmente, quando ele comete falhas na articulação (parafasia literal), nas quais letras isoladas são substituídas por outras. Fica-se tentado, diante dessas diversas formas de parafasia, a se diferenciar entre elas com base no local no aparelho de fala em que o atabalhoamento se introduziu. Além disso, deve-se denominar também parafásico, quando duas intenções de fala fundem-se produzindo uma palavra deformada, como em “Vutter” para “Mutter” ou “Vater”, e chegou-se ao acordo de que serão atribuídas à parafasia aquelas modificações nas quais um determinado substantivo for substituído por um outro que seja o mais indeterminado possível (“coisa”, “machine”, “chose”⁴⁷), ou por um verbo.⁴⁸ (2001: 60-61)

⁴⁷ Em inglês e francês no original.

⁴⁸ Unter Paraphasie müssen wir eine Sprachstörung verstehen, bei welcher das passende Wort durch ein unpassenderes ersetzt wird, welches aber immer eine gewisse Beziehung zum richtigen Worte einhält. Diese Beziehungen können wir mit Anlehnung an die Ausführungen eines Philologen Delbrück⁴⁸ etwa

Percebemos pela citação acima que Freud procura subsídios em um filólogo para a explicação do fenômeno da parafasia, já que constata a insuficiência dos esquemas de Wernicke e Lichtheim para fazê-lo. Na afasia de condução prevista por Wernicke, e segundo sua própria tentativa de explicação, haveria a interrupção da via de condução, composta de feixes de substância branca, entre o centro sensório e o centro motor, ambos situados no córtex. Caso realmente houvesse a interrupção dessa via de condução, deveria ocorrer que a pessoa acometida com este tipo de lesão pudesse falar espontaneamente, sem, contudo, ser capaz de repetir as palavras que lhe fossem ditas, mesmo sendo capaz de compreendê-las. Ora, o papel desta via, caso aceitássemos sua existência, seria o de permitir a aquisição da linguagem oral, na medida em que é por essa via, de acordo com o esquema de Wernicke, que as imagens de som chegadas ao cérebro pelos nervos auditivos seriam transmitidas à área motora do cérebro, a fim de serem repetidas em um movimento articulado de fala, conforme o primeiro esquema acima. Sua interrupção por uma lesão, pois, deveria ocasionar a impossibilidade da repetição, e não a parafasia, conservando-se a capacidade da fala espontânea e da compreensão da fala alheia. Um tal quadro clínico jamais fora observado. As possibilidades da repetição ficam comprometidas somente em dois casos: quando a capacidade de fala espontânea é totalmente suspensa, ou quando a audição e compreensão do que foi ouvido estejam comprometidas. (2001: 50)

Ainda sobre o tema da parafasia, vejamos outra passagem de Freud que a une a fatos corriqueiros vividos por pessoas comuns, livres de patologia. Sempre no contexto da crítica ao localizacionismo de Wernicke e à sua assunção de uma afasia de condução, Freud escreve:

folgendermaßen schildern: Es gehört der Paraphasie an, wenn der Sprechende Worte füreinander setzt, die dem Sinne nach ähnlich oder durch häufige Assoziation miteinander verbunden worden sind, wenn er z. B. anstatt "Bleistift" "Schreibfeder", anstatt "Berlin" "Potsdam" gebraucht. Ferner wenn er Worte verwechselt, die ähnlichen Klänge sind, "Butter" für "Mutter", "Campher" für "Pamphlet", endlich wenn er Fehler in der Artikulation macht (literale Paraphasie), bei welchen einzelne Buchstaben durch andere ersetzt sind. Man ist versucht, bei diesen verschiedenen Arten von Paraphasie die Unterscheidung zu treffen, an welcher Stelle des Sprechapparates das Ungeschick eingeleitet worden ist. Paraphasisch ist es überdies noch zu nennen, wenn zwei Wortabsichten zu einem Mißgebilde verschmolzen werden, "Vutter" für "Mutter" oder "Vater", und man ist übereingekommen, jene Umschreibungen der Paraphasie zuzurechnen, bei denen ein bestimmtes Hauptwort durch ein möglichst unbestimmtes ("Dings", "machine", "chose") oder durch ein Zeitwort ersetzt wird.

Nesse ponto gostaríamos de mencionar que a parafasia observada em pessoas enfermas em nada se diferencia daquela troca de palavras nem da mutilação das mesmas que a pessoa saudável pode observar em si mesma em função do cansaço, da atenção dividida ou por influência de afetos perturbadores, através das quais, por exemplo, nossos palestrantes tornam nossa escuta tão frequentemente algo penoso.⁴⁹ (52)

Esta passagem é ilustrativa de vários aspectos que ressaltam a importância do *Estudo* ao conectá-lo de certa maneira a estudos posteriores pertencentes à psicanálise. Nela está presente pela primeira vez o tema da atenção dividida, que será retomado no âmbito da discussão sobre a aquisição da linguagem no modelo proposto por Freud, bem como a menção ao universo afetivo que se tornará proeminente em obras posteriores da psicanálise. Voltemos, pois, após essa breve digressão, à crítica freudiana à doutrina localizacionista das afasias proposta por Wernicke.

Vale lembrar, como vimos, que o esquema aceito pela maioria dos pesquisadores da época, denominado esquema de Wernicke-Lichtheim, entendia o córtex como um local de armazenamento de imagens, sensoriais ou perceptuais, por um lado, e motoras, por outro. Seguindo a doutrina anatômica de Meynert, igualmente hegemônica à época, este esquema concebia o cérebro, com suas 600 milhões de células, numa contagem aproximativa feita por este último, como sendo capaz de armazenar, portanto, todas as imagens necessárias à função da linguagem. Além disto, no córtex haveria, como foi dito, a projeção de toda a periferia do corpo, numa correlação de 1:1, havendo, assim, uma espécie de mapa do corpo projetado sobre o córtex.

Essa leitura da relação entre o sistema nervoso e o funcionamento da linguagem, incluindo seus distúrbios, ficou conhecida como própria à corrente localizacionista, e constitui como vemos o alvo da crítica contida no *Estudo*. Esta corrente concebia a linguagem, ou a mente, se preferirmos, como um epifenômeno do cérebro, ou seja, como um processo condicionado pela fisiologia neuroanatômica e a ela subordinado.

2.7. Um estudo crítico – os primórdios da psicanálise

⁴⁹ An dieser Stelle sei nur erwähnt, daß die bei Kranken beobachtete Paraphasie sich in nichts von derjenigen Wortverwechslung und Wortverstümmelung unterscheidet, die der Gesunde bei Ermüdung, bei geteilter Aufmerksamkeit, beim Einfluß störender Affekte an sich beobachten kann, durch die z. B. unsere Vortragenden uns so häufig das Zuhören peinlich machen.

Entre os anos de 1882 e 1886, estimulado pelos estudos dos médicos austríacos Sigmund Exner (1846-1926) e Josef Paneth (1857-1890), Freud redigiu suas primeiras considerações sobre as teorias vigentes sobre os distúrbios afásicos. No ano de 1891, Freud publica seu primeiro livro, o *Estudo*, que tratava justamente de compreender de uma maneira nova, a partir das pesquisas existentes, essa problemática da linguagem humana e sua relação com os processos anátomo-fisiológicos.

Suas considerações críticas sobre a concepção das afasias tinham como principais alvos duas suposições que ele acreditava poder rever. A primeira delas dizia respeito à suposição da diferença entre afasias de centro e afasias de condução. A segunda delas dizia respeito à relação recíproca entre os dois supostos centros da linguagem. (2001: 39)

Para questionar as hipóteses vigentes à época, sem ter à sua disposição qualquer achado anatômico descoberto por ele mesmo, Freud teve de lançar mão de vários estudos publicados por seus colegas. Além disto, para criticar a postura localizacionista, ele assumiu a perspectiva de um médico funcionalista inglês pouco reconhecido pela comunidade científica naquela época, chamado John Hughlings Jackson (1835-1911). Este último concebia o funcionamento do sistema nervoso de uma forma genética, progressiva e dinâmica, não estática e elementarista, descrevendo os adoecimentos do mesmo como involuções ou retornos a estágios anteriores de seu desenvolvimento.

É o próprio Freud quem assume, em mais de uma passagem do *Estudo*, sua dívida teórica em relação ao médico inglês John Hughlings Jackson. Com os argumentos do funcionalista inglês, Freud pôde avançar suas próprias críticas à concepção do organismo, mais especificamente do cérebro, no que respeita à função da linguagem. Freud acompanha, pois, e defende igualmente a concepção genética de formação do sistema nervoso e da aquisição da linguagem propostas por Jackson. Vejamos um esclarecimento de Wolfgang Leuschner, que escreveu o prefácio da segunda edição alemã do *Estudo*, sobre algumas das concepções da linguagem formuladas pelo médico inglês:

As unidades basais da linguagem não são palavras, mas sim “sugestões” ou planos, ou seja, ordens sintáticas. Jackson localizou esses arranjos nervosos independentemente de centros cerebrais em uma localidade fisiológica indeterminada, que Freud, então, posteriormente ressignificou metaforicamente para seu próprio modelo topográfico. Forrester⁵⁰ esclarece, assim, o princípio de Jackson: “Jackson concluiu [a partir de suas

⁵⁰ J. Forrester, *Language and the Origins of Psychoanalysis*. New York: Columbia University Press 1980, 21.

reflexões] que as palavras somente têm um significado se são partes de um sistema simbólico que representa um agrupamento dinâmico ordenado de estados internos.” A aparente falta de sentido de um sintoma afásico podia, de acordo com Jackson, ser esclarecida, se este fosse ligado a um contexto traumático específico do passado no qual o sintoma tivera um significado específico.⁵¹ (2001: 21-22)

Jackson foi o primeiro neuropatologista da época a se perguntar, ao refletir sobre os sintomas afásicos, por que os afásicos emitem precisamente um resto específico de linguagem, como “tan-tan”, por exemplo, e não um outro resto qualquer. A princípio parecia que estes restos de linguagem emitidos pelos pacientes afásicos, ou mesmo suas falas desconexas em geral, não possuíam sentido. Jackson propôs, então, que estes restos de linguagem proferidos pelos afásicos tinham sim um sentido, ao menos no momento de seu planejamento dinâmico. A suposta falta de sentido das falas afásicas seria dirimida no momento em que elas fossem postas de volta em seu contexto específico de surgimento, antes do trauma ou perturbação causadores do sintoma afásico. A semelhança com a concepção freudiana dos sintomas histéricos e de sua solução é notável, desvelando, assim uma pista indicativa das origens do pensamento psicanalítico.

Além das supracitadas falhas do esquema de Wernicke-Lichtheim em explicar tanto a concomitância, comumente percebida na clínica, de afasia motora e alexia, bem como em explicar o surgimento de parafasia em concordância com as expectativas nele previstas, entre outras questões, Freud também via na doutrina anatômica de Meynert, base da explicação localizacionista, alguns pontos carentes de revisão.

Segundo Meynert, e os seguidores de sua doutrina anatômica, como vimos acima, as células nervosas corticais seriam responsáveis pelo armazenamento das imagens chegadas ao organismo pela via perceptiva, na área de Wernicke, ou centro sensório da linguagem. Além disso, a área de Broca, ou centro motor, seria responsável pelo armazenamento das imagens motoras da linguagem, tanto as do movimento articulatorio da fala, quanto as do movimento articulatorio da escrita. Essa divisão forneceria o argumento para a separação

⁵¹ Die basalen Einheiten von Sprache sind nicht Wörter, sonder „Vorschläge“ oder Pläne, also syntaktische Ordnungen. Jackson lokalisierte diese nervösen Arrangements unabhängig von Hirnzentren an einen unbestimmten physiologischen Ort, den Freud dann später für sein eigenes topographisches Modell metaphorisch umdeutete. Zu Jacksons Ansatz erläutert Forrester: „Jackson zog [aus seinen Überlegungen] den Schluß, daß Wörter nur dann eine Bedeutung haben, wenn sie Teil eines symbolischen Systems sind, das eine geregelte dynamische Anordnung von inneren Zuständen darstellt.“ Die scheinbare Bedeutungslosigkeit eines aphasischen Symptoms konnte, so Jackson, aufgeklärt werden, wenn man es mit einem spezifischen traumatischen Vergangenheitskontext in Verbindung brachte, in dem es einmal eine bestimmte Bedeutung gehabt hatte.

entre as afasias de centro e afasias de condução. A insistência neste ponto se justifica posto ser daí que deriva o primeiro uso por Freud do termo *Besetzung*. Nesse contexto, ainda neurológico, a célula seria ocupada (*besetzt*) pela representação (*Vorstellung*). É deste solo, portanto, que foram retirados conceitos fundamentais da psicanálise que gostaríamos de destacar para acompanhar sua trajetória. O correlato anatômico da impressão ou imagem percebida seria, então, a célula nervosa da área de Wernicke, e estaria postulada, assim, a localização da representação. Freud argumentaria, em contrapartida, que toda percepção é imediatamente associada, sendo esses dois termos somente dois nomes distintos dados a duas faces de um mesmo processo. Assim sendo, a ideia de uma representação isolada numa célula perderia o sentido e a linguagem teria de ser concebida de uma forma diferente, como uma dinâmica associativa.

Não nos esqueçamos, tampouco, da assunção de Meynert da projeção da periferia do corpo sobre o córtex numa relação de 1:1, também digna de críticas. Para rever esta última suposição, da projeção⁵² da periferia do corpo sobre o córtex, Freud concorreu com o argumento de Henle (1871) segundo o qual haveria uma redução das fibras que, partindo da periferia do corpo e passando pela medula espinhal, chegariam ao cérebro. Somente seria possível pensar em uma projeção desse tipo de 1:1 atendo-se à relação dos feixes de substância branca, que vêm da periferia do corpo, com a medula espinhal. Para a relação da periferia do corpo com o córtex, Freud sugeriu abdicar do termo projeção e utilizar em troca o termo representação (*Repräsentation*). Nos termos de Freud:

Somente nos é possível concluir que as fibras que chegam ao córtex cerebral, após passarem pelas substâncias cinzentas da medula espinhal, decerto ainda mantêm uma relação com a periferia do corpo, mas não podem mais prover uma imagem topicamente semelhante da mesma. Elas contêm a periferia do corpo assim como – para tomarmos de empréstimo um exemplo ao objeto a que estamos aqui nos dedicando – um poema contém o alfabeto, em uma reordenação que serve a outros propósitos, em uma múltipla e diversa conexão entre cada elemento tópico, sendo que alguns podem ser representados várias vezes, ao passo que outros podem não ser representados.⁵³ (2001: 95)

⁵² Outro termo (*Projektion*) que, após retirado de seu solo neurológico de origem e ressignificado, encontrou abrigo na teoria psicanalítica.

⁵³ Wir ersehen nur so viel, daß die nach Durchsetzung von grauen Substanzen in der Hirnrinde anlangenden Fasern zwar noch eine Beziehung zur Körperperipherie enthalten, aber kein topisch ähnliches Bild derselben mehr geben können. Sie enthalten die Körperperipherie, wie - um ein Beispiel dem uns hier beschäftigenden Gegenstände zu entlehnen - ein Gedicht das Alphabet enthält, in einer Umordnung, die anderen Zwecken dient, in mannigfacher Verknüpfung der einzelnen topischen Elemente, wobei die einen davon mehrfach, die anderen gar nicht vertreten sein mögen.

No que tange à relação da periferia do corpo com o córtex cerebral, pois, a relação teria de ser de outro tipo. Freud propôs, então, que se considerasse essa relação como uma representação, no sentido de delegação (*Repräsentation* ou *Vertretung*). A periferia do corpo, segundo Freud, estaria representada no córtex cerebral, não numa relação de 1:1, mas sim como as letras do alfabeto encontram-se representadas num poema. Aliás, o que mais chama a atenção nesse trecho do *Estudo* é a afirmação de Freud de que o tema ou objeto ao qual ele estaria se dedicando não seria o sistema nervoso e suas estruturas, como podem pensar aqueles que imputam ao *Estudo* o status de texto mera ou predominantemente neurológico, mas sim o poema.

Além disso, é essa passagem a que Freud faz referência em sua mais famosa carta a Fließ, geralmente denominada de *carta 52*, em que ele traz os primeiros modelos rascunhados do que viria a ser tratado no corpo da *Interpretação dos sonhos* (*Die Traumdeutung*), como as primeiras concepções do aparelho psíquico, considerado por alguns como o “irmão mais novo” do aparelho de linguagem estabelecido no *Estudo*. Continuemos mais alguns instantes, após esse breve desvio, acompanhando a crítica dirigida por Freud à doutrina de Meynert e seus desdobramentos.

Em relação à concepção das células do córtex, ou dos neurônios componentes das áreas da linguagem no cérebro, como locais de armazenamento de imagens, percebidas pelos cinco sentidos ou produzidas pelos movimentos eferentes dos impulsos neuronais, Freud se opôs considerando observações clínicas. Caso esta hipótese das células como locais discretos de armazenamento de imagens fosse procedente, deveria necessariamente haver algum relato clínico de pessoas que, sendo falantes de mais de uma língua, após sofrerem uma lesão em uma parte delimitada do cérebro, perdessem somente a capacidade de dispor de algumas palavras de uma das línguas, ou quiçá perdessem somente o acesso à língua materna, ou à língua primeiramente adquirida, conservando ao mesmo tempo o acesso às demais línguas adquiridas posteriormente. Como um tal quadro clínico jamais fora relatado, valendo antes a regra segundo a qual, em caso de lesão cerebral com comprometimento da função da linguagem, perde-se primeiramente a capacidade posteriormente adquirida e, por conseguinte, menos exercitada e menos arraigada, tem-se então outro argumento que põe em questão essa suposição localizacionista.

Freud, acompanhando as linhas gerais da concepção do sistema nervoso desenhadas por John Hughlings Jackson, acreditava ser mais pertinente prescindir da ideia de centros separados da linguagem no córtex. Ao invés disto ele acreditava ser mais interessante conceber todo o córtex como ligado à função da linguagem. Assim sendo, o cérebro, quando acometido por uma lesão, reagiria como um todo solidário. (2001: 71)

A concepção genética advogada por Jackson pregava que o sistema nervoso evoluiria de um estágio inferior, mais simples e mais bem organizado, para um estágio mais complexo e menos organizado, que estaria em constante organização ao longo da vida. Em outros termos poderíamos dizer que, segundo o funcionalista inglês, a evolução do sistema nervoso se daria partindo de processos mais automáticos rumo a processos mais voluntários. Ainda segundo esta lógica, dever-se-ia conceber o adoecimento do sistema nervoso como o processo inverso ao processo evolutivo. Ou seja, quando se dá algum tipo de lesão ou distúrbio do sistema nervoso, dá-se a involução deste processo, passa-se de um estágio mais voluntário para um estágio mais automático e de algo mais complexo e menos bem organizado a algo mais simples e mais organizado, sedimentado.

Nessa mesma linha de raciocínio podemos incluir igualmente as hipóteses sustentadas pelo médico inglês Charlton Bastian (1837-1915). Este supunha haver diferentes níveis de excitabilidade no sistema nervoso. Em seu estado de funcionamento normal, o sistema nervoso poderia ser excitado voluntariamente. No mais leve grau de rebaixamento da excitabilidade normal, o estímulo “voluntário”⁵⁴ não seria mais capaz de excitar a reação do centro da linguagem verbal articulada, ficando esta ainda possibilitada pela excitação vinda das imagens sensórias, ou ainda de um estímulo sensório direto. Num segundo nível de diminuição da excitabilidade, o centro motor reagiria somente a um estímulo sensório direto e, finalmente, no mais grave nível de rebaixamento da excitabilidade, o centro motor não reagiria sequer a um estímulo sensório direto. Através dessa forma de explicação do funcionamento do sistema nervoso, Freud conseguiu responder a questões relativas a sintomas não correspondentes às lesões esperadas de acordo com os esquemas localizacionistas, defendendo, portanto, uma leitura de distúrbios de linguagem sem uma necessária correlação com lesões anatômicas, mas somente fazendo

⁵⁴ Em Freud, no *Estudo*, lê-se “willkürlich”, sempre entre aspas.

referência a distúrbios funcionais. Ademais, Freud postula que todos os sintomas provocados por lesões só se dariam a conhecer como distúrbios funcionais.

2.8. A histeria e sua relação com a nova concepção das afasias

Em 1886, cinco anos, pois, antes de escrever o *Estudo*, Freud tem a oportunidade de sair de Viena rumo a Paris, numa viagem de estudos no hospital Salpêtrière, junto ao médico especialista em distúrbios histéricos, Jean Martin Charcot (1825-1893). Freud já lidava com pacientes histéricos em Viena e mantinha uma amizade e grande respeito pelo médico Josef Breuer (1842-1925), a quem dedicou o *Estudo* e com quem tinha a oportunidade de debater sobre os pacientes histéricos de ambos.

As paralisias históricas se diferenciam das paralisias orgânicas pelo fato de, mesmo podendo comprometer o movimento de um órgão do corpo, não interferirem na integridade física de tecido algum.⁵⁵ Assim sendo, percebe-se uma primeira aproximação entre as histerias e alguns tipos de sintomas das afasias, como, por exemplo, a parafasia: em ambos há um distúrbio funcional, sem que haja comprometimento orgânico. Além disto, para ambas as perturbações, as elaborações teóricas explicitamente elaboradas no *Estudo* fornecem a base de explicação⁵⁶. É a partir do conceito de representação (*Vorstellung*) que Freud pôde desenvolver suas teses sobre o paralelismo psicofísico e, assim sendo, transpor as fronteiras dos estudos meramente fisiológicos rumo às elucubrações psicanalíticas.

Para falarmos muito brevemente sobre a explicação proposta por Freud para o sofrimento histórico, ele o descreveu como a presença de um “corpo estranho” no psiquismo, causador dos sintomas. Esse corpo estranho seria uma representação patógena. A representação seria, então, patógena, por estar desligada de seu encadeamento normal no psiquismo. A explicação dos distúrbios afásicos também passa por tipos de rupturas entre as associações normais de representações no psiquismo, denominado no *Estudo* aparelho de linguagem. Freud tem a necessidade, durante as pesquisas para reinterpretar a concepção das afasias vigente àquela época, de tratar do tema do paralelismo psicofísico.

⁵⁵ Sobre este tema: “*Quelques Considérations pour une Étude Comparative des Paralysies Motrices Organique et Hystériques*”, *Gesammelte Werke*, Bd. I, Imago, London, 1952, 37-55.

⁵⁶ Ver p. ex. Rizzuto (1989, 1992) e a parte D do terceiro capítulo abaixo.

A característica da histeria é, então, a presença de um sintoma, (como, por exemplo, a perda temporária somente da capacidade de falar a língua primeiramente aprendida, conservando-se o acesso a outras línguas), sem qualquer tipo de lesão corporal ou distúrbio orgânico ou fisiológico constatável. Essa possibilidade de um distúrbio meramente funcional, portanto, sem correlação com qualquer tipo de adoecimento anatômico ou fisiológico certamente contribuiu, juntamente com as ideias de Jackson e Bastian, para a concepção de tipos de afasias igualmente de cunho meramente funcional. Segundo Grubrich-Simitis (1993):

O trabalho de investigação sobre os distúrbios de linguagem se impôs a Freud em função de questões com as quais ele se deparou em seus estudos sobre as paralisias histéricas, ou seja, inserido diretamente no contexto da descoberta do inconsciente. Ele pode ter esperado dos pesquisadores contemporâneos do cérebro uma explicação fisiológica sobre o efeito de representações patógenas inconscientes. Na medida em que ele se distanciou criticamente de suas concepções, após uma cuidadosa investigação, ele se obrigou, por assim dizer, a empreender, a partir da análise do aparelho de linguagem, a conceptualização psicanalítica do aparelho anímico. Por causa de sua extraordinária postura diante “da delimitação do ponto de vista fisiológico do psicológico”, mas também por causa da beleza da descrição e da originalidade autoconsciente frente ao seu desenvolvimento de ideias, o estudo deve ser tido em conta, acima de tudo, como a primeira efetiva obra fundamental de Freud.⁵⁷ (36)

Ao invés de encontrar as respostas que buscava nos teóricos hegemonicamente aceitos por suas doutrinas sobre as afasias, quem forneceu várias ideias de alto valor heurístico foi Hughlings Jackson, praticamente ignorado à época. Freud apropriou-se, portanto, de suas ideias e construiu a partir delas sua concepção de funcionamento do aparelho de linguagem, ou seja, o mecanismo de aquisição da linguagem materna e de línguas estrangeiras, bem como a forma com que o aparelho reagiria, seja a lesões do tecido cerebral, seja a problemas funcionais. Leuschner cita as palavras de Freud (2001):

⁵⁷ Die Beschäftigung mit den Sprachstörungen war ihm durch Fragen nahegelegt worden, auf die er beim Studium der hysterischen Lähmungen stieß, also unmittelbar im Zusammenhang der Entdeckung des Unbewußten. Von den zeitgenössischen Hirnforschern mag er sich physiologischen Aufschluß über das Wirken pathogener unbewußter Vorstellungen erhofft haben. Indem er sich nach sorgfältiger Prüfung von deren Auffassung kritisch absetzte, beförderte er sich selbst sozusagen von der Analyse des Sprachapparats zur psychoanalytischen Konzeptualisierung des seelischen Apparats. Wegen des besonderen Eingehens “auf die Abgrenzung zwischen der physiologischen und der psychologischen Betrachtungsweise”, aber auch wegen der Schönheit der Darstellung und der selbstbewußten Originalität der Gedankenführung gilt die Studie überdies als das eigentlich erste Freudsche Hauptwerk.

“Para a avaliação da função do aparelho de linguagem sob condições patológicas, partimos da frase de Hughlings Jackson, segundo a qual todas essas formas de reação exprimem casos de *involução funcional* (Dis-involution) do aparelho altamente organizado e, assim sendo, correspondem a estados anteriores de seu desenvolvimento funcional. Sob todas as condições um arranjo de associações mais elevado, desenvolvido posteriormente, será perdido e um arranjo de associações mais simples, adquirido anteriormente, ficará preservado.” De fato são estas frases que podem ser lidas como projetos para as descrições posteriores da origem dos sintomas neuróticos.⁵⁸ (22)

Atento a essa possibilidade de distúrbios de linguagem que, como a parafasia, deveriam ser remontados a outros fatores motivadores diferentes de lesões ou adoecimentos neuroanatômicos, Freud procurou a resposta para a concepção do aparelho de linguagem em um terreno estranho ao da neuropatologia. Esse “terreno” é imaterial, ou virtual, e diz respeito ao universo simbólico. Daí a alusão feita por Freud à poesia, como objeto que o estava ocupando no *Estudo*.

2.9. A filosofia de Stuart Mill e o aparelho de linguagem

Foi junto à filosofia, mais especificamente sob a influência do filósofo inglês John Stuart Mill (1806-1873), que Freud, seguindo em certa medida uma tradição que fizemos remontar no começo desta história a John Locke (1632-1704), procurou as pistas que o levariam a conceber seu aparelho de linguagem, na tentativa de fornecer um modelo para a explicação do funcionamento da linguagem diferente daquele modelo por ele criticado. Essa nova concepção do funcionamento da linguagem permitiria esclarecer seus distúrbios de uma forma dinâmica e não presa às suposições localizacionistas que ele descartou, tendo em vista suas limitações e incongruências.

Freud, como já mencionamos há alguns parágrafos, compreendeu que não seria apropriado delimitar centros distintos da linguagem, um sensorio e outro motor, mas sim tratar todo o córtex como um grande campo da linguagem. Ele também prescindiu da suposição de Wernicke da afasia de condução provocada pela interrupção das vias

⁵⁸ “Wir stellen für die Beurteilung der Funktion des Sprachapparates unter pathologischen Verhältnissen den Satz von Hughlings Jackson voran, daß alle diese Reaktionsweisen Fälle von funktioneller Rückbildung [...] des hochorganisierten Apparates darstellen und somit früheren Zuständen in dessen funktioneller Entwicklung entsprechen. Es wird also unter allen Bedingungen eine spät entwickelte, höherstehende Assoziationsanordnung verlorengehen, eine früh gewonnene, einfachere erhalten bleiben.” In der Tat sind dies Sätze, die sich wie Entwürfe für spätere Beschreibungen der Entstehung neurotischer Symptome lesen lassen.

associativas compostas por feixes de substância branca, ou subcorticais. Ao contrário, já havendo asseverado a indissolubilidade entre percepção e associação, Freud postulou que todas as afasias seriam afasias de condução, ou de associação, tendo em vista que o aparelho de linguagem é um aparelho de associação.

Para explicar o funcionamento deste aparelho de linguagem, Freud se apropriou do argumento da psicologia da época segundo o qual a palavra seria a unidade mínima da função da linguagem. A palavra era tida como uma representação complexa, composta de elementos visuais, acústicos e cinestésicos. As imagens componentes da representação de palavra (*Wortvorstellung*) seriam, então, a imagem do som, a imagem visual das letras, a imagem de movimento da fala e a imagem de movimento da escrita. À palavra, pois, corresponderia um processo associativo do qual participariam conjuntamente os elementos visuais, acústicos e cinestésicos constitutivos.

A palavra só adquiriria um significado, entretanto, em conexão com uma representação de objeto (*Objektvorstellung*). A representação de objeto seria, por sua vez, um complexo associativo composto das mais variadas representações visuais, acústicas, táteis, cinestésicas etc. Da filosofia de Stuart Mill veio a noção de que a representação de objeto somente contém a aparência dos objetos, cujas características nos são remetidas pelos órgãos dos sentidos. Esta aparência somente surge na medida em que ao recebermos as impressões dos sentidos, que obtemos de um objeto, ainda mantemos aberta a possibilidade de uma grande sequência de novas impressões na mesma cadeia associativa. A representação de objeto se nos apresenta, pois, não como uma representação fechada, mas sim sem possibilidade de se fechar, ao passo que a representação de palavra se nos apresenta como uma representação fechada, mesmo que capaz de ampliação. Em outros termos, Freud creditou à ligação entre a representação da palavra e a representação do objeto o surgimento de uma relação simbólica. Posteriormente, em suas elaborações psicanalíticas, ele faria remontar a fronteira entre a consciência e o inconsciente a essa ligação entre representação de palavra e representação de objeto.

2.10. Início da discussão sobre conceitos psicanalíticos inaugurados no *Estudo* e as indicações de pontes com os Estudos da Tradução e o século XXI

Vimos até o momento um panorama da história do *Estudo* a partir de algumas perspectivas. Vimos igualmente que os percalços que ele enfrenta se devem em grande medida à decisão de Freud de suprimi-lo de suas obras reunidas e denominamos alegoricamente esse gesto de Freud de uma espécie de “recalque”. Tomamos os tradutores e editores das coleções dos livros de Freud por “censores” fiéis ao seu mestre, repetindo e insistindo em suprimir o *Estudo* de seus arcabouços. Vimos, por outro lado, que se o *Estudo* é conhecido e tem assim uma forma de sobre-vida, esta se deve majoritariamente pela atitude de alguns tradutores e estudiosos que, ao traduzirem e difundirem o *Estudo*, creditaram-lhe seu valor devido, que começa a ser amplamente reconhecido.

Detenhamo-nos agora nos elementos inaugurados no *Estudo* que nos servirão de pistas para reconhecer alguns de seus “derivados” em trabalhos acadêmicos em nível de doutorado desenvolvidos no Brasil, mostrando que o “retorno do recalçado” não se deu somente em textos freudianos posteriores, mas também nos Estudos da Tradução.

Alguns autores asseveram que o *Estudo* em especial, já contém alguns conceitos “protopsicanalíticos”, ou rudimentos que se tornaram conceitos psicanalíticos após serem, ou não, deformados (*entstellt*) ou transplantados de seus solos originalmente neurológicos para o solo psicanalítico. Dentre eles encontram-se conceitos tais como *Besetzung* (ocupação, investimento ou catexia, dependendo do contexto em que aparece e da escolha tradutória adotada), *nachträglich* (*a posteriori*, posteriormente ou só-depois, conforme a tradição de comentadores e suas respectivas escolhas tradutórias), *Projektion* (projeção), *Wortvorstellung* (representação de palavra, representação-de-palavra, noção verbal etc., igualmente dependendo da escolha tradutória adotada), *Objektvorstellung* (representação de objeto, representação-de-objeto etc., dependendo da opção tradutória), *Assoziation* (associação), *Paraphasie* (parafasia), *Erinnerungsbild* (imagem de lembrança, imagem mnêmica etc., dependendo da escolha tradutória), *überbestimmt* (sobredeterminado, forma conjugada do verbo *überbestimmen*, relativa ao conceito de *Überbestimmung* ou *Überdeterminierung*, sinônimos que ocorrem em contextos diversos), para citarmos alguns dos exemplos.

De fato, em seu já mencionado prefácio à segunda edição alemã do *Estudo*, Wolfgang Leuschner, além de situá-lo em seu contexto histórico, elenca uma série de

subsídios que corroboram a tese de que nele estariam rudimentos que se transformaram, posteriormente, em fundamentos da psicanálise:

Assim sendo, os conceitos e construções teóricas desenvolvidas no presente estudo sobre as afasias não seriam rudimentos fisiológicos, mas elementos precursores, que foram aqui mais ou menos desvencilhados de suas determinações fisiológicas e puderam, então, ser aprimorados até se tornarem fundamentos da teoria psicanalítica. Esta tese é, segundo meu entendimento, muito convincente. Ela pode ser mais detalhadamente comprovada no exemplo do destino teórico do complexo de representação palavra/coisa⁵⁹.

Uma tal fundamentação, porém, depende de “indícios de provas”, já que o próprio Freud nunca respondeu de modo inequívoco à pergunta sobre tratar-se no estudo das afasias de um trabalho neurológico ou de um trabalho preparatório à psicanálise. Certo é que àquela época ele não sentiu este trabalho como sinal de uma “ruptura radical”.⁶⁰ (2001: 10)

Alguns desses conceitos e construções teóricas serão levados em consideração na articulação, a ser desenvolvida no Capítulo III, entre o *Estudo* e as teses de doutoramento defendidas no Brasil, a partir do final do século XX e no início do século XIX, que se dedicaram à discussão desta interface psicanálise e tradução, na medida em que forem pertinentes ao debate dos eixos temáticos anunciados ao final da Introdução. Entretanto, no Capítulo III serão apontados somente cinco conceitos como norteadores desta ponte de articulação entre o século XIX e os séculos XX e XXI. São eles: 1) *überbestimmt* (sobredeterminado), forma adjetiva de *Überbestimmung* (sobredeterminação) que é a forma germânica sinônima do termo, parcialmente derivado do latim, *Überdeterminierung* (sobredeterminação), conceito-chave no desenvolvimento do pensamento psicanalítico,

⁵⁹ O uso desses conceitos permaneceu ativo em toda a psicanálise. Houve, entretanto uma diferenciação desta nomenclatura ocorrida no texto “O Inconsciente” (“*Das Unbewußte*”), de 1915. O que no *Estudo* foi denominado de representação de objeto (*Objektvorstellung*) passou a ser designado de representação de coisa (*Sachvorstellung*) no texto de 1915. A expressão representação de objeto (*Objektvorstellung*) foi utilizada neste texto posterior para se referir à união entre representação de coisa (*Sachvorstellung*) e representação de palavra (*Wortvorstellung*), indicando, em função dessa ligação entre as representações, a possibilidade de seu acesso aos sistemas pré-consciente e consciente. Além disso, já pelo menos desde *A Interpretação dos sonhos* (*Die Traumdeutung*), de 1900, encontramos a noção de representação de coisa (*Dingvorstellung*) como forma alternativa para *Objektvorstellung*, nos termos do *Estudo*, e para *Sachvorstellung*, conforme definido em “O Inconsciente” (*Das Unbewußte*).

⁶⁰ Demnach wären die in der vorliegenden Aphasie-Studie entwickelten Begriffe und Konstruktionen nicht physiologische Rudimente, sondern Vorläufer, die hier von ihren physiologischen Bestimmungen mehr oder weniger abgelöst wurden und dann zu Grundbausteinen der psychoanalytischen Theorie weiterentwickelt werden konnten. Diese These ist meines Erachtens sehr überzeugend. Am Beispiel des theoretischen Schicksals des Wort-/Sachvorstellungskomplexes läßt sie sich ausführlicher belegen. / Eine solche Begründung ist jedoch auf „Indizienbeweise“ angewiesen, weil Freud die Frage, ob es sich bei der Aphasie-Studie um eine neurologische oder um eine die Psychoanalyse vorbereitete Arbeit handelt, selbst nie eindeutig beantwortet hat. Sicher ist, daß er sie damals nicht als „Signal eines radikalen Aufbruchs“ empfunden hat.

aqui destacado por ter sido inaugurado no *Estudo* na discussão sobre a aquisição da linguagem; 2) *Besetzung* (catexia, investimento, ocupação etc.), caro às noções de memória, conforme criticada por Freud no *Estudo* e fundamental para a elaboração do aparelho psíquico, por exemplo; 3) *Vorstellung* (representação, ideia, noção etc.), donde derivam os dois conceitos compostos mencionados acima; 4) *Paraphasie* (parafasia), conceito que, dentre outras ligações, articula-se intimamente à interpretação do fenômeno da histeria e, portanto, encontra-se no cerne das origens da psicanálise; e 5) *Assoziation* (associação), conceito que permite, a partir de sua concepção e articulação nos termos do *Estudo*, pensarmos a plasticidade da memória em sua relação com a atividade tradutória.

O conceito *Vorstellung* (representação)⁶¹ e o contexto de seu desenvolvimento no *Estudo* serão, de modo privilegiado, norteadores das reflexões componentes desta tese. O adjetivo “protopsicanalítico” ressalta o fato de que em 1891, ano de publicação do *Estudo*, Freud ainda não havia cunhado o termo “psicanálise”, muito embora já estivesse erigindo, como se pretende demonstrar nesta tese, as bases que o levariam a postular a existência do inconsciente.

Podemos trazer, agora, para fecharmos este capítulo, um derradeiro comentário sobre os cinco aludidos conceitos que tiveram seu primeiro aparecimento no *Estudo*. Eles são termos que, deixando seu caráter rudimentar, passaram a gozar do status de conceitos psicanalíticos, tendo sido definidos e registrados em dicionários de psicanálise. A escolha destes conceitos baseou-se na concepção deste trabalho como chave de leitura para a revalorização do *Estudo* amparada pelos Estudos da Tradução em âmbito acadêmico no Brasil em sua interface: tradução e psicanálise.

Farei, pois, após apontar as notas de rodapé inclusas na segunda edição do *Estudo*, que amparam em certa medida minhas escolhas, uma breve descrição de como um dos mais utilizados dicionários de psicanálise, a saber, o *Vocabulário da Psicanálise*⁶², de J. Laplanche e J.-B. Pontalis, formula o espectro abarcado pelos cinco conceitos eleitos para o

⁶¹ A opção por manter alguns termos no original alemão, às vezes ao lado de uma possível tradução em português, revela o cuidado de não estabelecer uma relação biunívoca entre termos de duas línguas distintas. Sabemos que nem sempre há consenso nas traduções de termos chave da psicanálise. No caso específico do conceito psicanalítico *Vorstellung*, como advertido em nota acima, a opção tradutória feita foi por “representação”. Entretanto, veremos que no corpo dos textos freudianos, bem como especificamente no *Estudo*, há ocorrências do termo *Vorstellung* que não correspondem ao conceito psicanalítico, mas a um termo de uso comum na língua alemã. Voltaremos a esse tema na parte C do terceiro capítulo.

⁶² Na tradução de Pedro Tamen com a colaboração para a terminologia de Dr. João Santos.

estabelecimento das pontes entre o *Estudo* e as teses, a serem estabelecidas no Capítulo III. Quando se fizer necessário farei remissão ao *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*, de Luiz Hanns, bem como aos debates realizados por Paulo César de Souza em sua tese de doutoramento posteriormente publicada em formato de livro, *As palavras de Freud – o vocabulário freudiano e suas versões*.

2.11. Conceitos-chave ou pontes para o debate

Após indicarmos cada um dos conceitos-chave, traremos o número da página em que a nota de rodapé servida de referência ocorre na versão de 2001, como de praxe ao longo desta tese. Cada conceito visado antecederá, em língua alemã, pois, os textos das notas, trazidos em alemão e português. Além disso, faremos um breve comentário justificando o destaque dado às notas e apresentando os vínculos pretendidos entre cada uma delas e os eixos temáticos a serem desenvolvidos no Capítulo III.

überbestimmt (2001: 118)

Nota de rodapé:

Em 1895, Freud utiliza essa expressão em seu capítulo metodológico ‘Sobre a psicoterapia da histeria’ nos <i>Estudos sobre a Histeria</i> , escrito em conjunto com Josef Breuer (1895d, Tb. 10446, p. 307), no sentido de uma causação múltipla de um sintoma. O sinônimo utilizado na sequência, “ <i>überdeterminiert</i> ”, aparece pela primeira vez no mesmo trabalho; nele Breuer também cita o conceito de Freud (ibid., p. 230 e seg.).	Diesen Ausdruck gebraucht Freud 1895 in seinem methodischen Kapitel ‘Zur Psychotherapie der Hysterie’ in den mit Josef Breuer gemeinsam verfaßten <i>Studien über Hysterie</i> (1895d, Tb. 10446, S. 307 ⁶³) im Sinne einer mehrfachen Verursachung eines Symptoms. Das in der Folge verwendete Synonym “ <i>überdeterminiert</i> ” taucht in der gleichen Arbeit erstmals auf; auch Breuer zitiert dort Freuds Begriff (ibid., S. 230f.).
--	--

Freud avança pela primeira vez essa noção de sobredeterminação no *Estudo* no contexto de sua tentativa de explicar a aquisição da linguagem verbal articulada. Aqui

⁶³ Essa referência é à edição de bolso; ver referências bibliográficas.

encontramo-nos diante não só do primeiro conceito que enseja nossa ponte entre o *Estudo* e os Estudos da Tradução, mas também, e, fundamentalmente, do motivo da escolha do primeiro eixo temático (parte A do próximo capítulo) que é a “aquisição da linguagem”.

A questão da “sobredeterminação” se apresenta, no diálogo entre as afasias e as histerias, articulada à questão das origens na produção de sentidos, seja na produção da fala concatenada e coerente, seja na descoberta de sentidos para os sintomas histéricos ou neuróticos. Vejamos uma breve passagem do *Vocabulário da Psicanálise* em que esse conceito ou, melhor dizendo, sua forma germânica de origem latina, é definido:

Português: superdeterminação, sobredeterminação ou determinação múltipla. Alemão: *Überdeterminierung* ou *mehrfache Determinierung*. Francês: *surdétermination* ou *détermination multiple*. Inglês: *over-determination* ou *multiple determination*. Espanhol: *superdeterminación*. Italiano: *sovradeterminazione*.

O facto de uma formação do inconsciente – sintoma, sonho etc. – remeter para uma pluralidade de factores determinantes. Isto pode ser tomado em dois sentidos: a) A formação considerada é resultante de diversas causas, pois que uma só não basta para a explicar; b) A formação remete para elementos inconscientes múltiplos, que podem organizar-se em sequências significativas diferentes, cada uma das quais, a um certo nível de interpretação, possui a sua coerência própria. Este segundo sentido é o mais geralmente admitido. (1970: 641)⁶⁴

Veremos no Capítulo III uma consideração mais detida do contexto da primeira ocorrência da forma germânica desse conceito-chave da psicanálise nascido no *Estudo*, na primeira parte do capítulo (parte A), mas não será possível restringirmos as referências a essa noção fundamental a essa parte. Assim sendo, muito embora os eixos temáticos estabeleçam o foco sobre um tema e elejam, cada um deles, seus conceitos “norteadores”, o diálogo entre os eixos temáticos e, portanto, entre os conceitos-chave e o conjunto de teses será ininterrupto e ultrapassará as supostas fronteiras entre cada uma das partes.

Besetzung (2001: 99 e segs)

Nota de rodapé:

⁶⁴ As regras ortográficas do português respeitadas nesta edição do *Vocabulário da Psicanálise* divergem das regras atualmente aceitas e foram aqui mantidas conforme a fonte consultada.

<p>Cf. o registro dessas linhas de raciocínio e seu desdobramento no contexto do problema do tornar-se consciente de cadeias de pensamentos inconscientes no capítulo 7 da Interpretação dos Sonhos (1900a; <i>Studienausgabe</i>, p. 578), onde, igualmente, se trata de “<i>processos ou modos de fluxo do estímulo</i>”, cuja suposição [...] nos foi exigida.” <u>Ao invés de comparações localizacionistas</u>, “propomos, o que parece ser mais apropriado ao real estado das coisas, que uma carga de energia será posta em um determinado arranjo ou será dele retirada [...]. Nós substituímos aqui, mais uma vez, uma maneira tópica de reflexão por uma dinâmica; não é a construção psíquica que nos aparece como semovente, mas sim sua inervação.” Em um acréscimo de 1925, Freud liga, ainda, essa linha de raciocínio com a ideia que ele formulou, nesse ínterim, como a continuação do desenvolvimento das exposições contidas nas páginas 116-122 abaixo, sobre a função do aparelho de linguagem: “Essa concepção experimentou uma reformulação e modificação após se ter reconhecido como caráter essencial de uma representação pré-consciente a ligação com restos de representação de palavra (‘O Inconsciente’, 1915[e]).” (Cf. acima, final da primeira nota da p. 97.)]</p>	<p>Vgl. den Niederschlag dieser Gedankengänge und ihre Weiterführung im Zusammenhang mit dem Problem des Bewußtwerdens unbewußter Gedankengänge im 7. Kapitel der <i>Traumdeutung</i> (1900a; <i>Studienausgabe</i>, S. 578), wo ebenfalls von “<i>Vorgängen oder Ablaufsarten der Erregung</i>” die Rede ist, “deren Annahme uns [...] nahegelegt wurde”. <u>Anstelle lokalisatorischer Gleichnisse</u> “setzen wir ein, was dem realen Sachverhalt besser zu entsprechen scheint, daß eine Energiebesetzung auf eine bestimmte Anordnung verlegt oder von ihr zurückgezogen wird [...]. Wir ersetzen hier wiederum eine topische Vorstellungsweise durch eine dynamische; nicht das psychische Gebilde erscheint uns als das Bewegliche, sondern dessen Innervation.” In einem Zusatz von 1925 führt Freud diesen Gedankengang dann zusammen mit dem Konzept, das er inzwischen in Weiterentwicklung der unten auf S. 116-122 dargelegten Ausführungen über die Funktion des Sprachapparates formuliert hatte: “Diese Auffassung erfuhr eine Ausgestaltung und Abänderung, nachdem man als den wesentlichen Charakter einer vorbewußten Vorstellung die Verbindung mit Wortvorstellungsresten erkannt hatte (‘Das Unbewußte’, 1915[e]).” (Vgl. oben, Ende der Anm.1, S. 97.)]</p>
---	--

Essa nota de rodapé ocorre no início da discussão sobre a impossibilidade de se separar a representação (*Vorstellung*), tida nesse contexto como sinônimo de sensação (*Empfindung*), da associação (*Assoziation*). De imediato percebe-se que, diferentemente do que ocorreu com o conceito de sobredeterminação (*Überbestimmung* / *Überdeterminierung*) em que a nota faz referência direta e explícita ao conceito originalmente empregado no *Estudo*, neste caso do conceito *Besetzung* a referência é indireta, tomada a partir de um de seus compostos (*Energiebesetzung*). Ela teve de ser depreendida, portanto, dos embates teóricos transcorridos no *Estudo*, mais precisamente do

questionamento freudiano em relação à concepção de seu mestre Meynert quanto à ocupação (*Besetzung*) de uma célula do córtex cerebral por uma representação (*Vorstellung*), vinculando-se preferencial, mas não exclusivamente à segunda parte do terceiro capítulo (Parte B).

Como vemos na nota destacada acima, três conceitos-chave, *Besetzung* / *Vorstellung* / *Assoziation* pertencem a um mesmo debate, sendo impossível a exclusão de um ou outro dentre eles para uma exposição completa do assunto de que se trata. Não por outro motivo os três conceitos servirão de auxílio para amparar as discussões do Capítulo III como um todo.

Na nota acima vemos destacado em negrito um termo composto por nosso conceito norteador, *Besetzung*, a saber, *Energiebesetzung*. Antes desse destaque em negrito vemos sublinhada a passagem que revela o momento de transição na aceção freudiana do conceito em questão. Se no *Estudo* o termo ainda pertence ao solo das doutrinas localizacionistas de Meynert criticadas por Freud, na nota ele já reaparece modificado e inserido nos debates psicanalíticos.

Vejamos como o *Vocabulário da Psicanálise* circunscreve o espectro abarcado por esse conceito após seu pleno desenvolvimento por Freud:

Português: investimento. Alemão: *Besetzung*. Francês: *investissement*. Inglês: *cathexis*. Espanhol: *carga*. Italiano: *carica* ou *investimento*.

Conceito económico: o facto de uma determinada energia psíquica se encontrar ligada a uma representação ou grupo de representações, a uma parte do corpo, um objeto, etc.

Em primeiro lugar vale dizer que o *Vocabulário* traz outras entradas que tratam de conceitos construídos a partir de *Besetzung*, como é o caso da noção de *Energiebesetzung*, que aparece na nota de rodapé em destaque acima. Neste caso a entrada referente ao conceito composto simplesmente remete a outras entradas “principais” ou mais abrangentes, como é o caso da citação acima referente a *Besetzung*.

Além da dificuldade que este termo alemão apresenta aos tradutores, percebemos que seu desenvolvimento teórico também demanda dos estudiosos que acompanhem as

modificações dos contextos em que ele ocorre, bem como a concomitante mudança por ele sofrida em seu alcance teórico.⁶⁵

Parece-me justo traduzir *Besetzung* por ocupação quando o termo ocorre no contexto das doutrinas localizacionistas de Meynert. Por vezes também pode ser esta a escolha tradutória adequada em certos contextos do desenvolvimento teórico da psicanálise. Entretanto como podemos perceber, não há univocidade na solução desta questão. Tanto é que, dentre as alternativas mencionadas por Laplanche e Pontalis, para as línguas modernas consideradas, podemos constatar escolhas etimologicamente díspares o que, de certo modo, pode servir de base para a identificação das diferentes tradições de utilização e estabelecimento do arcabouço conceitual da psicanálise.

No contexto dos comentários referentes ao aparelho de linguagem em relação com a memória e o modelo de aparelho psíquico concebido na *carta 52* (parte B do Capítulo III) teremos a oportunidade de voltar a falar deste conceito-chave e de sua importância para a delimitação teórica das fronteiras entre as instâncias consciente e inconsciente do aparelho psíquico.

Vorstellung (2001: 96-97)

Notas de rodapé:

A passagem seguinte até a p. 100 terminando em “surge mais uma vez o psíquico como imagem de lembrança”, é reproduzida como anexo B no trabalho de Freud, ‘O Inconsciente’ (1915e) no volume 3 dos <i>Studienausgabe</i> (p. 165-167) sob o título: ‘Paralelismo psicofísico’; lá é sobretudo indicada, em um comentário editorial, a influência exercida por Hughlings Jackson sobre Freud.	Die folgende Passage bis S. 100, endend mit “entsteht das Psychische als Erinnerungsbild von neuem”, ist als Anhang B zu Freuds Arbeit ‘Das Unbewußte’ (1915e) in Bd. 3 der <i>Studienausgabe</i> (S.165-167) unter dem Titel ‘Der psychophysische Parallelismus’ abgedruckt; dort wird in einer editorischen Vorbemerkung insbesondere auf den Einfluß von Hughlings Jackson auf Freud hingewiesen.
--	--

⁶⁵ Ambos o *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*, de Luiz Hanns, e *As palavras de Freud – o vocabulário freudiano e suas versões*, de Paulo César de Souza, trazem comentários sobre o conceito de *Besetzung*. O primeiro enfatiza questões relativas à etimologia do termo alemão, tanto em sua forma substantiva quanto em forma verbal, trata dos usos do termo por Freud e discute os pontos positivos e negativos de cada alternativa concorrente. Já o segundo discute mais detalhadamente o problema da tradução de *Besetzung* para o inglês, sua história nessa tradição de estudos e as vantagens e desvantagens da escolha feita por *cathexis*.

<p>Compare sobre esse tema uma passagem de Freud no contexto da discussão sobre as relações do aparelho anímico com a anatomia, no escrito supracitado na nota anterior (1915e, dentre outros locais, p. 133): “Sabemos que tais relações existem de forma muito rudimentar. [...] Entretanto todas as tentativas de adivinhar a partir daí uma localização dos processos anímicos, todos os esforços de pensar as representações armazenadas em células nervosas e de deixar os estímulos perambulando pelas fibras nervosas fracassaram completamente. O mesmo destino seria esperado para uma doutrina que quisesse reconhecer, por exemplo, o local anatômico do sistema Cs, da atividade anímica consciente, no córtex cerebral e que quisesse situar os processos inconscientes nas partes subcorticais do cérebro.” (Cf. sobre isso acima nota anterior e p. 91 e seg.) As reflexões subsequentes sobre uma topografia dos sistemas Ics e Cs conduziram (entre outros locais, p. 160) a buscar a diferenciação entre representações inconscientes e conscientes em suas conexões específicas com as (abaixo, p. 121 e seg., explicitadas) representações de palavra e de coisa (Cf. o último terço da nota 3 da p. 99 e seg.).</p>	<p>Vgl. dazu eine Passage Freuds im Zusammenhang mit der Erörterung der Beziehungen des seelischen Apparates zur Anatomie in der in der vorigen Anm.2 genannten Schrift (1915e, a. a. O., S.133): “Wir wissen, daß solche Beziehungen im größten existieren. [...] Aber alle Versuche, von da aus eine Lokalisation der seelischen Vorgänge zu erraten, alle Bemühungen, die Vorstellungen in Nervenzellen aufgespeichert zu denken und die Erregungen auf Nervenfasern wandern zu lassen, sind gründlich gescheitert. Dasselbe Schicksal würde einer Lehre bevorstehen, die etwa den anatomischen Ort des Systems Bw, der bewußten Seelentätigkeit, in der Hirnrinde erkennen und die unbewußten Vorgänge in die subkortikalen Hirnpartien versetzen wollte.” (Vgl. hierzu oben, Anm.2, S. 91f.) Die anschließenden Überlegungen über eine Topik der Systeme Ubw und Bw führten dazu (a. a. O., S. 160), die Unterscheidung unbewußter Vorstellungen von bewußten in deren spezifischer Verknüpfung mit den (unten, S. 121f., explizierten) Wort- und Sachvorstellungen zu suchen (vgl. das letzte Drittel der Anm. 3 auf S. 99f.).</p>
--	---

O conceito de *Vorstellung* é sem dúvida o principal conceito psicanalítico inaugurado no *Estudo*. Neste ele se desdobra em dois outros conceitos-chave, *Wortvorstellung* (representação de palavra) e *Objektvorstellung* (representação de objeto), que, dentre outras articulações, servem de base para a explicação do fenômeno da histeria, permitem uma explicação clara do limite estabelecido entre os sistemas consciente e inconsciente e, portanto, atuam de modo central na concepção das teorias sobre o recalque, perpassando toda a psicanálise.

Duas notas foram selecionadas para explicitar alguns dos modos de aproximação dos editores da segunda versão do *Estudo* frente a esse conceito. Haveria uma série de outras menções a serem destacadas, mas estas duas cumprem de forma suficiente, ao meu

ver, o papel de justificar alguns de seus laços primordiais com os posteriores desenvolvimentos teóricos da psicanálise freudiana.

A primeira nota marca o início do trecho do *Estudo* que foi trazido na tradução inglesa de Strachey e também na *Studienausgabe*, como se lê, como apêndice ao texto metapsicológico ‘O Inconsciente’ (*Das Unbewußte*), de 1915. Já na leitura do texto da segunda nota, percebemos a continuidade e a relação intrínseca que enreda a articulação teórica entre os conceitos-chave destacados do *Estudo*. O cerne das sucessivas delimitações do que se chama perspectiva tópica da metapsicologia freudiana foi sendo desenvolvido sempre em referência explícita a noções envolvendo o conceito de *Vorstellung*.

Mais uma vez encontramos-nos diante de um termo de tradução polêmica. Pela centralidade do conceito e pela importância que assume em tramas fundamentais da teorização psicanalítica, além de ter sido objeto de discussão de toda uma parte importante de um capítulo de tese de doutorado defendida no Brasil sobre esse tema da tradução e da psicanálise, a terceira parte (parte C) do Capítulo III será dedicada à discussão sobre as alternativas propostas e os argumentos existentes no *Estudo* para a defesa de uma dentre as soluções possíveis e, por isso, não trarei neste momento a aceção do verbete no *Vocabulário da Psicanálise*.

Paraphasie (2001: 70)

Nota de rodapé:

<p>Sobre a questão da <i>natureza</i> de um tal “dano meramente funcional”, (<i>i. e.</i>, excitabilidade diminuída) Freud tece comentários detalhados em sua dissertação em francês (1893c) ao final do capítulo III e no capítulo IV; lá ele conclui (p. 50 e seg.) que este dano deve ser completamente independente de localização anatômica e chega à famosa frase: “[...] <i>a histeria se comporta em suas paralisias e demais manifestações como se a anatomia não existisse, ou como se dela não tomasse conhecimento algum</i>”, que ele formulara, já em 1888 em seu verbete de léxico,</p>	<p>Auf die Frage nach der <i>Natur</i> einer solchen “bloß funktionellen Schädigung” (<i>i. e.</i> verminderte Erregbarkeit) geht Freud in seinem französischen Aufsatz (1893c) gegen Ende von Abschnitt III und in Abschnitt IV ausführlich ein; er folgert dort (S. 50f.), daß sie von anatomischer Lokalisation völlig unabhängig sein muß, und gelangt zu dem berühmten Satz: “[...] <i>l'hysterie se comporte dans ses paralysies et autres manifestations comme si l'anatomie n'existait pas, ou comme si elle n'en avait nulle connaissance</i>”, den er bereits 1888 in seinem Handbuchartikel ‘Hysterie’ so formuliert</p>
--	---

<p>“Histeria”, nos seguintes termos: “[...] a histeria desconhece tanto a estrutura do sistema nervoso, como nós mesmos antes de a termos aprendido. (1888b (3), volume complementar, p. 80 e seg. com nota editorial 1.).</p>	<p>hatte: “[...] die Hysterie ist ebenso unwissend vom Bau des Nervensystems wie wir selbst, ehe wir’s gelernt haben” (1888b (3), Nachtragsband S. 80f. mit editorischer Anm. 1).</p>
--	---

Uma das questões centrais que permitiram a Freud o questionamento da validade dos esquemas de Wernicke e Lichtheim para a explicação dos distúrbios afásicos foi o fenômeno da parafasia. Como vimos no capítulo um, esses esquemas, baseados na doutrina anatômica de Meynert, não foram capazes de abrigar de forma satisfatória este fenômeno. Segundo a explicação proposta por Freud, tratava-se de um distúrbio meramente funcional, ou de um “dano meramente funcional” como mencionado na nota acima.

Vimos também, e é sobre essa afinidade que repousa a nota de rodapé acima, que ambos os sintomas da parafasia e das histerias não podem ser explicados com base em distúrbios fisiológicos, havendo para ambos a necessidade de avançar hipóteses relativas ao funcionamento do psiquismo derivadas das reflexões sobre o paralelismo psicofísico inauguradas no contexto da concepção do aparelho de linguagem conforme o *Estudo*. No início, pois, dos desenvolvimentos teóricos da psicanálise encontram-se reflexões que unem o universo das histerias e o universo das parafasias, como temáticas a serem perscrutadas num terreno alheio ao da anatomia. Chegamos, então, à definição do conceito norteador do quarto eixo teórico (Parte D) do Capítulo III. Nele serão debatidas as afinidades na origem das reflexões entre as afasias de um modo geral e as histerias, por um lado, e será destacada, em conexão a um dos trabalhos selecionados para comporem o *corpus* de teses, uma característica do estilo de argumentação freudiana, ou uma forma recorrente de organização do pensamento de Freud, já percebida desde o *Estudo*.

Muito embora o conceito de parafasia configure, no meu entender, um espaço em que o *Estudo* pode com muito proveito ser articulado a todo o universo das obras psicanalíticas posteriores, ele não aparece no *Vocabulário da Psicanálise*. Talvez esta seja uma ausência devida ao pequeno destaque devotado ao *Estudo* pelos estudiosos da psicanálise⁶⁶. Faremos na quarta parte do Capítulo III um comentário mais detido visando a

⁶⁶ Poderíamos argumentar, em sintonia com nossa analogia do “recalque” e de seus “derivados” (*Abkömmlinge*), que o conceito *Paraphasie* também tenha encontrado seus espaços de retorno ao corpo da psicanálise após uma certa deformação (*Entstellung*). Seguindo essa via, poderíamos pensá-lo como tendo um

articulação do fenômeno da parafasia, atinente ao campo das afasias, e os fenômenos histéricos a ele correlativos.

Assoziation (2001: 106)

Nota de rodapé:

<p>Freud chama novamente atenção a essa ideia em seu estudo comparativo (1893c), p. 48 e seg.: “Assim sendo, se na afasia orgânica sempre há uma mistura de problemas de diversas funções, isso se explica [...], se aceitamos a opinião enunciada em meu estudo crítico sobre a afasia, posto não se tratar de centros separados, mas de um território contínuo de associação.”</p>	<p>Auf diese Anschauung verweist Freud wiederum in seiner vergleichenden Studie (1893c), S. 48f.: “De même, s’il y a, dans l’aphasie organique, toujours un mélange de troubles de diverses fonctions, ça s’explique [...], si l’on accepte l’opinion énoncée dans mon étude critique sur l’aphasie, parce qu’il ne s’agit pas de centres séparés, mais d’un territoire continu d’association.”</p>
---	--

O parágrafo, ao final do qual se lê esta nota, aparece no final do último capítulo e expõe de forma sucinta algumas das conclusões centrais do *Estudo*. Senão vejamos:

Rejeitamos, pois, as suposições de que o aparelho de linguagem seja constituído de centros distintos, separados por territórios corticais destituídos de função e, além disto, que as representações (imagens de lembrança) que servem à linguagem ficam armazenadas em determinadas áreas do córtex, denominadas de centros, enquanto a associação destas representações é feita exclusivamente por fibras de substância branca subcorticais. Então, resta-nos agora expor a ideia de que *o território da linguagem no córtex é um distrito contínuo*, dentro do qual as associações e transferências, nas quais baseiam-se as funções da linguagem, ocorrem em uma complexidade cujos detalhes exatos escapam à compreensão.⁶⁷ (Freud, 2001: 106)

parentesco na origem, por exemplo, com o conceito de *Fehlleistung* (ato falho) e tendo sido, após suas derivações, merecedor de todo um estudo de Freud, *Zur Psychopathologie des Alltagslebens* (Psicopatologia da vida cotidiana), de 1901. Mas esse é um tema que para ser desenvolvido exigiria uma nova pesquisa.

⁶⁷ Wir weisen also die Annahmen zurück, daß der Sprachapparat aus gesonderten Zentren bestehe, welche durch funktionsfreie Rindengebiete getrennt sind, ferner daß an bestimmten Rindenstellen, welche Zentren zu nennen sind, die Vorstellungen (Erinnerungsbilder), welche der Sprache dienen, aufgespeichert liegen, während deren Assoziation ausschließlich durch weiße Fasermassen unterhalb der Rinde besorgt wird. Dann bleibt uns nur übrig, die Anschauung auszusprechen, daß *das Sprachgebiet der Rinde ein zusammenhängender Rindenbezirk ist*, innerhalb dessen die Assoziationen und Übertragungen, auf denen die Sprachfunktionen beruhen, in einer dem Verständnis nicht näherzubringenden Kompliziertheit vor sich gehen.

Chegamos, assim, ao último conceito-chave que servirá de base às articulações dos eixos temáticos a serem desvelados a seguir. Parece-me que, não somente para uma tentativa de genealogia de conceitos da psicanálise, mas também para os debates sobre tradução, a associação, como processo intrínseco ao funcionamento da linguagem, abre espaço para um fértil diálogo, especialmente se temos em mente que ao rejeitar a hipótese da localização de representações em células distintas do córtex, Freud assevera que sensação (ou percepção) e associação são dois nomes com os quais designamos dois aspectos de um processo único e indissolúvel. Teremos a oportunidade, no Capítulo III (Parte E), de considerar o alcance dessa postulação freudiana e de suas consequências para os Estudos da Tradução.

Vejamos como o *Vocabulário da Psicanálise* trata esta noção:

Português: associação. Alemão: Assoziation. Francês: association. Inglês: association. Espanhol: asociación. Italiano: associazione.

Termo tirado do associacionismo e que designa qualquer **ligação** entre dois ou mais elementos psíquicos, cuja série constitui uma cadeia associativa.

Às vezes o termo é usado para designar os **elementos** assim associados. A propósito do tratamento, é a esta última acepção que nos referimos ao falarmos, por exemplo, das “associações de determinado sonho”, para designarmos o que nas afirmações do indivíduo está em conexão associativa com esse sonho. No fundo, o termo “associações” designa o conjunto do material verbalizado no decorrer da sessão psicanalítica. (1970: 69. Grifos no *Vocabulário*)

Vemos a princípio que, diferentemente do que ocorre com outros conceitos abordados, a tradução de *Assoziation* não apresenta controvérsia. Quando nos referimos ao método de investigação própria à clínica psicanalítica, pensamos logo na expressão associação livre. Sabe-se que os caminhos associativos que se constroem ao longo do desenvolvimento da vida psíquica dos sujeitos não são de todo “livres” e é pela suposição de uma lógica que funciona de modo singular regendo complexos processos de articulação entre imagens, sintomas, sonhos etc. que se pode chegar à interpretação destes fenômenos supracitados.

A escolha da nota de rodapé trazida acima se justifica pela menção explícita de Freud em 1893 ao *Estudo*, no bojo de reflexões sobre a questão da associação numa época ainda de transição entre as preocupações exclusivamente neurológicas e os debates já emancipados em solo psicanalítico. Deve-se considerar ainda a equiparação do aparelho de

linguagem a um aparelho de associação, não necessariamente dependente da anatomia, e, assim, um primeiro caminho de distanciamento de uma tentativa de explicação meramente neurológica para os processos normais e patológicos no que tange à linguagem. Por último, mas não menos importante, parece-me que esse percurso culminando na assunção de “elementos psíquicos” constituindo cadeias associativas engendra a via mais direta para a realização da articulação entre as disciplinas da psicanálise e dos Estudos da Tradução.

Passaremos agora a considerações metodológicas, no Capítulo II, onde tentaremos ilustrar os procedimentos utilizados na definição do *corpus* de teses que dialogará com o *Estudo*. No Capítulo III, portanto, retomaremos os assuntos tratados até o momento para tecer uma linha de continuidade, ou, melhor dizendo, pontos de confluência, entre eles e os trechos encontrados nas teses de doutorado a serem debatidas, que nos autorizam a dizer que o *Estudo*, pelos conceitos e temáticas nele inaugurados, foi fonte importante para suas discussões. Neste sentido, passaremos no Capítulo III a perscrutar os “derivados” do *Estudo* que chegaram aos Estudos da Tradução no Brasil, sempre mediados pela tradução, promotora da sobre-vida dos textos.

3. Capítulo II

3.1. Procedimentos metodológicos:

Tendo em vista a descrição do *Estudo* em diversos aspectos históricos e teóricos desenvolvida no capítulo precedente, e o destaque dado aos cinco conceitos-chave, como preparativo para o estabelecimento de uma ponte de ligação entre ele e algumas das teses de doutorado produzidas no Brasil desde o final do século XX até este início de século XXI pertinentes aos Estudos da Tradução em sua interface com a psicanálise, passarei doravante a descrever os procedimentos metodológicos de investigação seguidos no desenvolvimento desta tese.

Em primeiro lugar, procederei ao comentário de algumas características paratextuais das duas versões alemãs do *Estudo*, publicadas respectivamente em 1891 e em 1992 (cuja segunda reimpressão, com a qual trabalhei primordialmente no exercício de tradução, foi

feita em 2001), de onde retirei as pistas, que serviram de ensejo para a delimitação do universo de conceitos-chave expostos ao final do Capítulo I.

Em segundo lugar, será feita a exposição dos procedimentos utilizados para a definição do *corpus* de teses, que consiste de trabalhos de doutorado defendidos no Brasil que tiveram como objeto a tradução em sua interface com a psicanálise ou a psicanálise dando subsídios para se pensar a linguagem, levando em conta seus laços com o *Estudo*.

A escolha de teses de doutorado como parte fundamental do *corpus*, objeto de estudo desta tese, deveu-se ao fato de ser este tipo de produção de conhecimento um registro do que se passa na academia brasileira e, assim sendo, abrir a possibilidade da comprovação da atualidade dos debates inaugurados no *Estudo*. Esse recorte faz com que esta tese junte-se às outras nesse percurso de construção de conhecimento, levando em alta conta o que já foi feito até o momento, sem, contudo, estender os debates de modo a torná-los exaustivos. Assim sendo, serão feitos apontamentos de novas pesquisas a serem realizadas para que se possa abranger a totalidade dos trabalhos correlativos já realizados em âmbito acadêmico no Brasil, cujos focos teóricos escapam ao escopo desta tese.

Nesse sentido deu-se a seleção daquelas teses, que se ativeram ao paralelo tradução e psicanálise, e / ou que fornecessem os subsídios necessários para sustentar o argumento da importância do livro inaugural de Sigmund Freud para esta frente de estudos.

3.2. Descrição do *corpus* (I): O *Estudo*

3.2.1. Características básicas da primeira edição do *Estudo* publicada em 1891

O fato mais marcante na história da primeira edição do *Estudo*, publicada pela editora Franz Deuticke em Leipzig e Viena no ano de 1891 é sua raridade. Como vimos, dos 850 exemplares impressos, apenas 257 foram vendidos nos nove anos subsequentes à sua publicação. Graças a uma pesquisa realizada junto à Biblioteca Albertina, da Universidade de Leipzig, consegui obter uma cópia do único exemplar por ela abrigado.

Essa edição contém cento e sete páginas de texto, além da página de abertura trazendo o título, nome do autor e dados da editora e uma folha com a dedicatória feita ao

Sr. Dr. Josef Breuer. As cento e sete páginas foram divididas em seis capítulos, dos quais os cinco primeiros foram dedicados à crítica às doutrinas localizacionistas das afasias, tendo o quinto deles culminado no debate das doutrinas anatômicas do cérebro, de Meynert, e o último apresentado a nova concepção das afasias advogada por Freud.

O livro não contém, pois, sumário, nem tampouco um prefácio ou referências bibliográficas listadas ao final. Todas as notas foram redigidas por Freud e, em sua maioria, tratou-se nesse elemento paratextual, da indicação do nome dos autores e das respectivas obras que lhe serviram de referência. As regras ortográficas da língua alemã respeitadas no final do século dezenove são um tanto diversas das utilizadas nos dias de hoje, fato que não deixa de causar ao leitor acostumado à ortografia contemporânea um certo estranhamento, sem, contudo, impedir-lhe a plena identificação da ortografia correlata atual. São dez as xilogravuras impressas nessa edição. E, por último, cabe ressaltar um elemento paratextual que facilita o acompanhamento do paulatino desencadear de suas ideias, ou seja, a presença de subtítulos dados a cada uma das páginas, com exceção da primeira. Em cada página, pois, Freud adverte o leitor sobre o assunto de que pretende tratar.

3.2.2. Características distintivas da segunda edição do *Estudo* publicada em 1992 (reimpressa em 2001)

Diferentemente da primeira edição, esta que ora nos ocupa foi publicada na cidade de Frankfurt, possui um sumário, um prefácio e um anexo com diversas informações. Além disto, ao lado da página contendo o título, a edição traz um breve histórico sobre o livro, uma curta biografia do autor e outra do redator do prefácio, o já diversas vezes citado Wolfgang Leuschner.

A edição começou a ser preparada por Paul Vogel, que antes de falecer ainda teve tempo de escrever uma introdução, no ano de 1973. Posteriormente, o cuidadoso trabalho editorial ficou a cargo de Ingeborg Meyer-Palmedo, que adequou silenciosamente a ortografia e a pontuação às regras atuais, cotejou as citações de Freud com suas fontes e empreendeu as correções devidas no que tange às falhas, ou incongruências, que passaram despercebidas pelo autor, colocando-as entre colchetes no corpo do texto ou explicando-as em notas de rodapé. Além disso, Meyer-Palmedo complementou, oportunamente, algumas

informações sobre as fontes citadas por Freud e reservou uma parte dos anexos às referências bibliográficas completas, incluindo as obras pesquisadas de modo suplementar durante o trabalho editorial. Por vezes a ortografia dos textos citados por Freud foi mantida conforme as regras vigentes à época em que foram escritos.

O que nos interessa sobremaneira nesta breve descrição da segunda edição e que serviu de ponto de partida para a eleição dos conceitos-chave para o estabelecimento das pontes com os Estudos da Tradução são, em todo o caso, as notas editoriais que, como vimos no Capítulo I, revelaram paralelos existentes entre o *Estudo* e as obras posteriores de Freud. A eles foi chamada a atenção em duas circunstâncias: 1) quando o próprio Freud remete seu leitor ao passado, fazendo referências explícitas ao *Estudo*, ou 2) quando a terminologia presente em textos posteriores permite o estabelecimento desses laços. As passagens do *Estudo* em que se encontram essas referências à terminologia recorrente são marcadas pelas notas editoriais sempre trazidas entre colchetes.

Por último cabe notar que o critério da indicação dos termos pelos editores Paul Vogel e Ingeborg Meyer-Palmedo não foi o único utilizado para a identificação dos conceitos-chave. Esta tese baseou-se também e, sobretudo, no valor dos conceitos para a articulação dos cinco eixos temáticos.

3.3. Descrição do *corpus* (II): as teses

3.3.1 Levantamento bibliográfico:

A delimitação desta parte do *corpus* assume o pressuposto de haver teses de doutorado produzidas no Brasil até o presente momento que compõem um universo bastante representativo da construção de conhecimento acadêmico dentro da interface tradução e psicanálise. Além disto, a circunscrição desse universo à academia preserva de certa maneira a adesão da presente tese ao arcabouço teórico em desenvolvimento, contribuindo para o argumento de que a tradução do *Estudo* seja, de fato, algo que possa promover a sua sobre-vida e, assim, nutrir novas discussões e prover material a novas pesquisas neste campo.

O levantamento bibliográfico foi feito junto aos bancos virtuais de dados (*i. e.* sítios de bibliotecas das universidades brasileiras, banco virtual de teses da CAPES, pesquisa por nomes de pesquisadores, autores e orientadores junto à Plataforma *Lattes*) das teses defendidas no Brasil que tiveram como assunto ou palavras-chave a tradução e a psicanálise.

Fontes consultadas:

A primeira das fontes consultadas foi o Portal de periódicos da CAPES (endereço eletrônico: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/Teses.do>). Neste sítio as buscas foram refinadas com a restrição às teses de doutorado e com o assunto tradução e psicanálise. Nele foram encontradas as teses dos doutores: Lenita Maria Rimoli Esteves, Maria Paula Frota, Nícia Adan Bonatti e Paulo César de Souza.

Posteriormente procedi à consulta do sítio da UNICAMP, tendo em vista a frequência de teses até então encontradas cujo local de defesa fora a universidade em questão. (O endereço eletrônico é o seguinte: <http://cutter.unicamp.br/>)

Neste sítio os critérios de busca foram os mesmos, restringindo a busca avançada por teses de doutorado defendidas no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) e por assunto, tradução e psicanálise. Com estes critérios foram reencontradas as três primeiras teses mencionadas, além de uma quarta, a saber, a de Zelina Beato.

A terceira fonte consultada foi o sítio da biblioteca da UFMG. A este sítio eu cheguei orientado pelo local de abrigo do sítio do Grupo de Trabalho de Tradução da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (GTTRAD-ANPOLL) que também serviu de referência às minhas buscas. (O endereço eletrônico é o seguinte: <http://catalogobiblioteca.ufmg.br/pergamum/biblioteca/index.php>). O refinamento de buscas começou com as teses defendidas na Faculdade de Letras (FALE), tipo de obra, “tese” e assunto, tradução e psicanálise. Neste sítio encontrei a tese de Ana Maria Portugal Maia Saliba.

No sítio do GTTRAD, cujo endereço é <http://letras.ufmg.br/gttrad>, encontrado em uma pesquisa na rede mundial de computadores e por sugestão de meu orientador, Prof. Dr. João Azenha Junior, listei os membros constantes como componentes do grupo. A partir

daí, fiz uma pesquisa cruzada com aqueles pesquisadores que participaram do X Encontro Nacional de Pesquisadores em Tradução (X ENTRAD), ocorrido em 2009 na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), e que compuseram o subgrupo Tradução, Ética e Psicanálise (no sítio <http://www.nastrilhasdatraducao.ufop.br>) e fui à busca de seus *curricula vitae* na Plataforma *Lattes* (endereço: <http://lattes.cnpq.br/index.htm>), a fim de saber se suas teses de doutorado versavam sobre essa interface e se continham dentre as palavras-chave os termos: tradução e psicanálise.

Durante as consultas foi observado que algumas das teses encontradas não fazem referência explícita, seja à psicanálise, seja à tradução. A inferência de sua ligação intrínseca com os assuntos estabelecidos como parâmetro de busca partiu da leitura dos resumos apresentados ou dos sumários das teses. Nesta última seleção foram encontradas as teses da Dra. Viviane Veras, professora que compôs minha banca do Exame de Qualificação do projeto de doutorado, e da Dra. Maria Rita Salzano Moraes, cuja leitura foi indicada durante o Exame de Qualificação, tanto pela Profa. Dra. Viviane Veras, como pela Profa. Dra. Lenita Rimoli Esteves, em virtude de sua consideração explícita às ideias presentes no *Estudo*. Nesta tese a Dra. Salzano Moraes dedica a primeira parte ao tema da constituição do aparelho de linguagem, fato decisivo para sua inclusão em nosso *corpus* de teses.

Além disto, desde 2006, ano de minha entrada na pós-graduação na Universidade de São Paulo, foi-me despertada a atenção para os trabalhos do tradutor André Medina Carone, então doutorando no curso de filosofia pela Universidade Federal de São Carlos. Em 2008 o Prof. Dr. André Medina Carone concluiu sua pesquisa que tratou diretamente dessa interface psicanálise e tradução, trazendo inclusive a tradução de um caso clínico presente nos *Estudos sobre a Histeria (Studien über Hysterie)* de Freud e Breuer como anexo à sua tese, motivos pelos quais é igualmente incluso e considerado na composição deste *corpus* de teses (fonte: http://www2.ufscar.br/interface_frames/index.php?link=http://www.bco.ufscar.br).

Da mesma maneira como encontrei estas teses mencionadas acima, corri sem dúvida o risco de ter omitido alguma tese importante sobre o mesmo assunto. Para minha defesa posso argumentar que não se tratou de uma pesquisa exaustiva que pretendesse, pois, abarcar a totalidade dos estudos sobre tradução e psicanálise escritos no Brasil, mas

sim e somente reunir um número suficiente de teses que pudessem apoiar meus argumentos nesta tese.

Desta maneira foram encontradas nove teses de doutorado defendidas entre os anos de 1996 e 2008, sendo uma em 1996 (USP), quatro em 1999 (UNICAMP), uma em 2000 (UNICAMP), uma em 2003 (UFMG), uma em 2005 (UNICAMP) e uma em 2008 (UFSCar).

Em anexo apresento os dados elencados a partir do levantamento bibliográfico. Dentre estes dados encontrar-se-ão os nomes dos autores das teses de doutorado, os títulos dos respectivos trabalhos, as palavras-chave e, sempre que possível, os resumos e referências bibliográficas a textos freudianos dos mesmos. O interesse na leitura destes dados é ilustrar algumas das pistas que foram seguidas por mim durante o processo de definição do *corpus* de teses. Cabe lembrar que as indicações retiradas do material desenvolvido nestes trabalhos tiveram de ser apuradas pela leitura das teses eleitas para comporem o *corpus* para que elas pudessem, retroativamente, valer como subsídio que incidisse de fato sobre a argumentação que será construída no próximo capítulo.

3.3.2. Critérios para seleção do *corpus* de teses:

Diante das informações colhidas durante a pesquisa bibliográfica exposta acima, e tendo sido definidos os conceitos-chave norteadores do estabelecimento das pontes entre o *Estudo* e os Estudos da Tradução no Brasil em nível de doutorado em sua interface psicanálise e tradução, estabeleceram-se cinco eixos temáticos em torno das seguintes noções: A) aquisição da linguagem; B) A tradução do inconsciente: memória e o conceito de *Besetzung* a partir do *Estudo*; C) O conceito de *Vorstellung*, seu surgimento e seus desdobramentos; D) Afasia e histeria – as origens da psicanálise e o estilo argumentativo de Freud e, finalmente, E) A escrita tradutória e a singularidade. Essas temáticas parecem permitir um tratamento do *corpus* de teses, limitando-o ao universo dos cinco conceitos-chave definidos no início deste capítulo. No Capítulo III serão apresentados trechos das teses que fazem referência explícita ao *Estudo* ou que se relacionam aos eixos temáticos estabelecidos.

Dentre os critérios que auxiliaram a seleção de algumas teses e a exclusão de outras, foi considerada a presença ou ausência do *Estudo* nas referências bibliográficas, estratégia esta que permite reforçar e embasar a hipótese de o *Estudo* ser de interesse e importância, não somente para o estudo da psicanálise, mas também para os Estudos da Tradução. Entretanto este critério não foi exclusivo e nem condição necessária para a inclusão ou exclusão de teses para o desenvolvimento deste trabalho. Além deste critério, tentou-se conciliar a referência ao *Estudo*, ou a algum dos conceitos-chave dele derivados, à discussão explícita sobre a tradução, seja em debates concernindo problemas tradutórios dentro do universo conceitual psicanalítico, seja em reflexões sobre a tradução de um modo geral.

A tese denominada “Entre o amor da língua e o desejo: a tarefa sem fim do tradutor”, de Bonatti, conforme informações obtidas em seu resumo, dedica-se à interface tradução e psicanálise. Entretanto em suas referências bibliográficas não se encontra o texto do *Estudo*. Este foi o primeiro critério levado em conta para a decisão por sua exclusão do *corpus* de teses a serem utilizadas como fomento às argumentações tecidas neste trabalho. Por outro lado, e isso certamente é algo a ser considerado em relação a todas as teses preteridas do presente debate, esta é uma tese que merece ser tida em consideração no desenvolvimento de uma pesquisa futura. Nela, pelo que me parece, um dos focos recai sobre a noção de transferência, termo que, assim como os cinco eleitos para a argumentação presente, também foi extraído do solo neurológico do *Estudo* e, posteriormente, foi ressignificado por Freud para adentrar, transplantado, em solo psicodinâmico. Assim sendo, a tese de Bonatti abre espaço para a discussão sobre a noção psicanalítica de transferência (*Übertragung*), que foi inaugurada e utilizada com outro sentido no texto de 1891, porém para que pudesse ser abrigada no bojo desta tese, teríamos um sexto eixo temático, o que excederia os limites propostos para este trabalho. Destarte, tanto por não apresentar o texto do *Estudo* em suas referências bibliográficas, quanto por centrar sua atenção em um ponto não abrangido pelo âmbito desta tese, restrito aos cinco conceitos-chave escolhidos, fica justificada sua exclusão de nosso arcabouço de teses⁶⁸.

⁶⁸ Feliz ou infelizmente há de se estabelecer limites e recortes na realização de um trabalho acadêmico. Por mais que se reconheça o valor e a importância dos trabalhos congêneres já defendidos e publicados, não nos foi possível fazer de outro modo, senão estabelecer critérios mais ou menos arbitrários e, portanto, discutíveis para a inclusão ou exclusão das teses de doutorado que fomentam nosso argumento.

As teses “A (im)possível tradução de *Finnegans Wake* : uma investigação psicanalítica” e “Lingüisteria : um chiste”, respectivamente de autoria de Lenita Rimoli Esteves e Viviane Veras, pelo que pude depreender da leitura dos resumos, centram seus focos em grande medida, no que diz respeito à obra de Freud, sobre o texto do chiste e sua relação com o inconsciente. A segunda menciona em suas referências bibliográficas o texto do *Estudo*, entretanto é o humor seu principal objeto de interesse. Pelo que se pode ainda depreender de seu resumo, não é a tradução seu tema de investigação. Entretanto, há também uma conexão entre a noção de chiste e o *Estudo*, indicada inclusive pela editora Meyer-Palmedo, porém, mais uma vez, este tema do chiste não foi contemplado na seleção estabelecida para o embasamento deste trabalho, portanto esta tese escapa ao escopo da presente pesquisa ensejando, assim, novas investigações para se perscrutar possíveis presenças de derivações do *Estudo* em suas reflexões. Em relação àquela, muito embora eleja o tema da tradução e da psicanálise como seu foco, parece-me que, além de não mencionar o texto do *Estudo* em suas referências bibliográficas e, igualmente, se debruçar mais detidamente sobre o texto dos chistes, leva em consideração de forma maciça referências advindas de Lacan e de comentadores de sua obra, afastando-se, desta forma, do centro dos interesses de nossa presente tese. Foram estas as discutíveis reflexões que levaram à exclusão de ambas as teses do nosso *corpus* e ao apontamento da necessidade de realização de novas pesquisas para abrigar suas importantes temáticas.

A tese denominada, “O vidro da palavra [manuscrito]: o estranho como objeto limite entre literatura e psicanálise”, de Ana Maria Portugal Maia Saliba, inicia seu resumo citando o conceito de *Unheimliche*, que parece configurar seu foco de interesse. Além disto, também menciona a teorização de Jacques Lacan como de fundamental importância em suas reflexões. Infelizmente não tive acesso às referências bibliográficas para identificar se a autora menciona o *Estudo*. Assim sendo, estabelece-se a exclusão desta tese de nosso *corpus*, muito embora a noção de palavra, contida no título, esteja no centro de nossas reflexões, algo que por si só aponta para o interesse e a necessidade de realização de uma nova pesquisa para averiguar as inter-relações que se podem estabelecer entre ela e o *Estudo*.

As teses restantes, todas elas comprometidas em alguma medida com os eixos temáticos norteadores de nossa tese, são as seguintes: (1) “As palavras de Freud: o

vocabulário freudiano e suas versões”, defendida em 1996, por Paulo César de Souza, (2) “Materna/estrangeira: o que Freud fez da língua”, escrita em 1999 por Maria Rita Salzano Moraes, (3) “A singularidade na escrita tradutora: linguagem e subjetividade nos estudos da tradução, na linguística e na psicanálise”, escrita em 1999, por Maria Paula Frota, (4) “Derrida e a cena da tradução na cena da escrita de Freud”, defendida em 2005, por Zelina Marcia Pereira Beato e (5) “A lucidez imperfeita: ensaio sobre Freud como escritor”, defendida em 2008, por André Medina Carone.

A tese intitulada “Materna língua estrangeira: o que Freud fez da língua”, defendida na Universidade Estadual de Campinas, fornecerá de modo privilegiado, mas não exclusivo, os argumentos utilizados para demonstrar a importância do *Estudo* na discussão do tema da aquisição da linguagem, nosso primeiro eixo temático. Esta tese, como exposto acima, dedica uma parte de seu primeiro capítulo a tecer comentários sobre o *Estudo* e, assim sendo, é uma tese que tem sua inclusão no *corpus* justificada por assumir explicitamente a grande importância representada pelo *Estudo* para os Estudos da Tradução em âmbito acadêmico no Brasil. Após apresentarmos os elementos do *Estudo* que levaram Freud à sua concepção dos complexos processos envolvidos na aquisição da linguagem, remetendo o leitor às referências feitas a ele pela tese de Salzano Moraes, indicaremos o contexto de surgimento do conceito psicanalítico de sobredeterminação (Parte A do Capítulo III).

A tese denominada “Derrida e a cena da tradução na cena da escrita de Freud”, de Beato, foi igualmente defendida na Universidade de Campinas e nos servirá de forma análoga à primeira tese mencionada acima, para, a partir de alguns trechos dela retirados, perscrutar os derivados do *Estudo* nela presentes, ou correlativos às reflexões dela constituintes, que compõem o universo teórico envolvendo as discussões sobre os sucessivos aparelhos de Freud, de linguagem e psíquico, no que tange à temática subjacente da memória e ao conceito-chave *Besetzung* e, assim sendo, constituirá um elemento de diálogo importante na parte B do Capítulo III. Grande parte das reflexões desenvolvidas nesta tese destina-se à questão da tradução e da memória, como concebida na psicanálise de Freud e por este ser o âmago dos interesses do nosso segundo eixo temático, tem sua inclusão no *corpus* de teses justificada, muito embora não faça remissões explícitas ao texto do *Estudo*. É a única tese componente do *corpus* que trata das questões nele presentes sem,

no entanto, mencioná-lo de forma explícita, privilegiando o diálogo com o filósofo francês Jacques Derrida, autor que dedicou parte de sua obra ao estudo de Freud. Beato traz, como desfecho de sua tese, uma tradução para o texto “Freud e a cena da escrita”, de Derrida. Neste texto o filósofo tece uma série de interpretações sobre a teoria freudiana em torno da noção de escrita psíquica, que se configura como ponto nevrálgico de união entre os temas da memória, da tradução psíquica e do arquivo, temas estes que se me apresentam como recursos propícios para a aproximação dos debates sobre os desdobramentos psicanalíticos do conceito-chave de *Besetzung*, inaugurado no *Estudo*.

A primeira tese mencionada, nomeada de “As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões”, foi fruto de pesquisa desenvolvida na Universidade de São Paulo, dedicando-se ao estudo da recepção em língua inglesa e francesa e das escolhas tradutórias destas tradições de estudos, envolvendo uma gama de conceitos fundamentais da psicanálise freudiana. Dentre estes conceitos estudados encontra-se o de *Vorstellung* e, por ser uma espécie de centro em torno do qual se articulam todas as temáticas inauguradas no *Estudo*, justifica a inclusão desta tese como interlocutora em nossa presente tese. Além disto, por ser *Vorstellung* um termo que, como vários outros na língua alemã, abre-se a ligações com outros termos para a formação de compostos, servirá de auxílio para todos os debates travados ao longo do Capítulo III. Por permitir usos multifacetados, ora apresentando-se como conceito psicanalítico, ora prestando-se a usos coloquiais em alemão, e por ser parte fundamental de uma longa tradição de estudos filosóficos é um termo de tradução polêmica. Por esta razão decidiu-se dedicar a parte C do próximo capítulo à tessitura de comentários referentes às possibilidades de escolhas para a sua tradução. Apontar-se-ão os argumentos presentes na tese de Souza para a predileção por uma dentre elas e, ainda, levando-se em conta a origem do uso deste conceito por Freud no *Estudo*, tentar-se-á justificar nossa escolha, a partir do arcabouço de argumentos decisivos nele presentes para se advogar esta escolha específica como a mais justificada.

A tese intitulada “A lucidez imperfeita: ensaio sobre Freud como escritor”, de Carone, realizada na Universidade Federal de São Carlos, é a única desenvolvida dentro das “fronteiras” da filosofia e não das “letras” como as demais. Assim como a tese de Beato esta tese apresenta uma tradução, a de um caso clínico publicado por Freud em seus *Estudos sobre a histeria*, livro publicado em coautoria com Josef Breuer, colega de Freud

ao qual ele dedicou o *Estudo*. Carone discute amplamente o tema da histeria, interesse contemporâneo àquele que ensejou as pesquisas sobre os distúrbios de linguagem. Parece-me haver uma íntima relação entre o debate sobre a concepção freudiana, no *Estudo*, do sintoma da “Parafasia”, sintoma puramente funcional, sem danos orgânicos, e as elucubrações relativas aos sintomas histéricos e, assim sendo, pertinentes à época dos primeiros desdobramentos teóricos da psicanálise. Assim sendo, por serem temas correlativos fundamentais aos quais Freud atentou-se nas origens da descoberta psicanalítica, pareceu-me adequado reservar a quarta parte (Parte D) do Capítulo III a alguns comentários que visam mostrar os vínculos que os unem. Além disto, pelo fato de no bojo da tese de Carone estarem presentes reflexões relativas ao estilo argumentativo freudiano, e por haver inclusive uma menção explícita à ordenação dos argumentos inaugurada no *Estudo* e reiterada em outros trabalhos de suma importância, como em *A interpretação dos sonhos*, por exemplo, fica justificada a inclusão desta tese em nosso *corpus*.

Finalmente, quanto à tese denominada “A singularidade na escrita tradutora: linguagem e subjetividade nos estudos da tradução, na linguística e na psicanálise”, escrita por Frota na Universidade Estadual de Campinas, pareceu-me apresentar, de forma mais nítida e direta, os elementos pelos quais pretende-se, sempre tendo em vista ressaltar a importância e a atualidade do *Estudo* através da recorrência de seus elementos em teses brasileiras sobre tradução e em trabalhos posteriores de Freud, demonstrar as implicações das concepções de linguagem elaboradas no *Estudo*, para pensarmos a singularidade na atividade tradutória. O conceito-chave “associação” comporá o pano de fundo da quinta parte do Capítulo III (Parte E), tomado como base para a construção da ideia de singularidade. Constitui-se, pois, como conceito privilegiado na união das temáticas da psicanálise e da tradução almejada pelo presente trabalho. A tese de Frota reconhece o valor fundamental das elaborações do *Estudo*, faz referência direta a ele e, assim, tem sua inclusão no nosso *corpus* de teses justificada. Muito embora Frota encontre sustentação para suas argumentações em grande medida na obra de Jacques Lacan, autor que deliberadamente foi elidido dos nossos debates, tendo em vista o fato de que contemplá-lo implicaria dar outros contornos ao presente trabalho, a autora admite o pensamento de Sigmund Freud como sua principal base epistemológica. Demonstrar-se-á em que medida

as elaborações derivadas do *Estudo* compõem os fundamentos de tal base, permitindo a articulação dos campos de saber da tradução e da psicanálise.

4. Minha proposta de tradução para *Zur Auffassung der Aphasien – Eine kritische Studie*

4.1. Notas sobre a tradução

Esta proposta de tradução que ora se apresenta é fruto de um trabalho que se iniciou no ano de 2006, quando minha trajetória na pós-graduação estava começando, ainda em nível de mestrado. As diretrizes então propostas para a realização desta tarefa eram nortear as escolhas na tentativa de produzir uma tradução filológica ou retrospectiva, controlada pelo critério da legibilidade. Apresento, a seguir, o modo como vislumbrei este trabalho tradutório em artigo publicado pela revista *Pandaemonium Germanicum*⁶⁹, no ano de 2007:

Seguindo um modelo de tradução retrospectiva (cf. VERMEER, 1990 e SNELL-HORNBY, 2006), nossa tradução do texto freudiano visa à recuperação do original com o menor grau de descaracterização possível, trazendo-o aos falantes da língua portuguesa do Brasil do século XXI com a tentativa de manutenção da linguagem, do estilo e do ritmo próprios à época em que foi escrito e ao autor que o escreveu. Nesse sentido, faz-se necessário o acréscimo de notas e comentários explicativos ao longo da tradução, que explicitem alguns recursos empregados pelo tradutor, bem como as estratégias utilizadas e dificuldades encontradas. (232-233)

Feita essa brevíssima localização histórica do início da empreitada que gerou o fruto que se apresenta a seguir, cabem alguns esclarecimentos quanto às marcas paratextuais presentes na tradução. Além disto, devo dizer que esta proposta de tradução é um fruto que ainda está em curso, ou seja, apresento o texto que somente passou por uma única revisão, realizada por mim mesmo, não podendo, assim, almejar o estatuto de um trabalho pronto e acabado.

A tradução foi realizada a partir do texto da segunda reimpressão (de 2001) da segunda edição alemã do *Estudo*, publicada em 1992. Em anexo à tese, em CD-Rom, encontram-se tanto esta versão, quanto a primeira versão do *Estudo*, de 1891.

⁶⁹ Pandaemonium Germanicum – Revista de Estudos Germanísticos. N. 11 (2007), pp. 215-238.

Entre parêntesis, indico o número da página referente à edição de 2001. O texto, portanto, se inicia com a dedicatória na página (38). Entre chaves, vemos a numeração de páginas referente à edição de 1891, iniciando-se pelo número {2}. A cada página mencionada entre chaves encontra-se uma nota de rodapé que remete o leitor ao subtítulo dado por Freud alertando-nos sobre o assunto em pauta naquela página que se inicia.

As notas do tradutor são indicadas pela abreviatura N.T., as notas dos editores da segunda edição alemã vêm entre colchetes [x], antecedidas pela advertência, “Nota do Editor” e as demais notas são do autor.

Como qualquer tradução em processo, devem haver pontos em que modificações sejam requeridas. Todas as sugestões no sentido do aperfeiçoamento do texto são extremamente bem-vindas.

SOBRE A CONCEPÇÃO

DAS

AFASIAS

UM ESTUDO CRÍTICO

Por

DR. SIGM. FREUD

DOCENTE DE NEUROLOGIA NA UNIVERSIDADE DE VIENA

(38) Dedicado ao Senhor Dr. Josef Breuer, em amigável honorificência.

(39) I.

Se eu, sem dispor de novas observações próprias, procuro abordar um tema ao qual já voltaram suas forças as melhores cabeças da neuropatologia alemã e estrangeira, como Wernicke, Kussmaul, Lichtheim e Grashey, Hughlings Jackson, Bastian e Ross, Charcot, entre outros, então, o melhor mesmo que tenho a fazer é indicar, imediatamente, os poucos pontos do problema em cuja discussão espero introduzir um avanço. Esforçar-me-ei, portanto, em demonstrar que na doutrina das afasias, tal como ela se desenvolveu por meio do esforço coletivo dos pesquisadores supracitados, estão contidas duas suposições, que se poderiam substituir afortunadamente por outras, ou que, no mínimo, diante destas novas suposições nada têm de preferível. A primeira dessas suposições tem como conteúdo a diferenciação das afasias provocadas por *destruição dos centros corticais* daquelas provocadas por *destruição das vias de condução*; ela se encontra em quase todos os autores que escreveram sobre as afasias. A segunda suposição diz respeito à relação recíproca entre

cada um dos centros corticais, supostamente ligados às funções de linguagem, e encontra-se principalmente em Wernicke e naqueles pesquisadores que aceitaram a linha de raciocínio desse último autor e a desenvolveram. Pelo fato dessas duas hipóteses estarem contidas como um componente significativo na doutrina da afasia de Wernicke, exporei meus contra-argumentos em forma de crítica a essa doutrina. Já que elas encontram-se amplamente em íntima {2}⁷⁰ relação com aquela ideia que permeia a totalidade da mais nova neuropatologia – refiro-me à circunscrição das funções do sistema nervoso a regiões anatomicamente determináveis do mesmo, a “localização” –, terei, então, de tomar em consideração principalmente o significado do aspecto tópico para a compreensão das afasias.

Recorrerei, então, a um famoso episódio da história do conhecimento do cérebro. No ano de 1861 Broca⁷¹ comunicou à Société anatomique de Paris⁷² aqueles dois resultados de autópsia, a partir dos quais lhe (40) foi possível concluir que uma lesão do *terceiro* giro frontal esquerdo (ou *primeiro*, se começarmos a contar da fissura de Sylvius) tem como consequência a perda total ou a limitação em alto grau da linguagem articulada – mantidas intactas, porém, a inteligência e as demais funções de linguagem. A restrição desta perda ou limitação da capacidade de linguagem articulada somente aos destros foi acrescida posteriormente; o fato de a contraditória à descoberta de Broca nunca se ter calado completamente encontrou seu motivo justificado numa tendência relativamente frequente em se fazer valer a inversão da proposição de Broca: concluir a partir dos casos de perda ou limitação da linguagem articulada a presença de uma lesão no terceiro giro frontal esquerdo. Treze anos mais tarde, Wernicke⁷³ publicou aquele pequeno escrito, “*Der aphasische Symptomencomplex*, Breslau 1874”, através do qual ele vinculou ao seu nome um feito – que oxalá se poderia chamar de imortal. Neste escrito ele descreveu um outro tipo de distúrbio da linguagem, que representa a contraparte da afasia de Broca, ou seja, a perda da compreensão da linguagem concomitante à manutenção da capacidade de servir-se da linguagem articulada e explicou essa perda de função como sendo decorrente de uma lesão, por ele encontrada no primeiro giro temporal esquerdo. A esta descoberta de

⁷⁰ A doutrina dominante das afasias.

⁷¹ P. Broca, Sur le siège de la faculté du langage articulé avec deux observations d’aphémie (perte de la parole) 1861.

⁷² N. T.: No original em francês: “Société anatomique von Paris”.

⁷³ Wernicke, Der aphasische Symptomencomplex. Breslau 1874.

Wernicke associou-se necessariamente a esperança de se explicar cada uma das várias manifestações da dissociação da capacidade de linguagem, {3}⁷⁴ tal como demonstradas por exames clínicos, por meio de lesões específicas correspondentes no órgão central. Wernicke deu apenas o primeiro passo para a solução dessa tarefa; contudo, ao explicar o distúrbio patológico da linguagem através do adoecimento localizado do cérebro, ele encontrou o caminho para a compreensão do processo fisiológico da linguagem, que se lhe afigurou – para dizê-lo em poucas palavras – como um reflexo cerebral. Pela via do nervo acústico os sons da língua chegam a uma área do lobo temporal, o centro sensório da linguagem; dali o estímulo é transferido à área de Broca no lobo frontal, o centro motor, que envia à periferia o impulso para o falar articulado⁷⁵.

O modo como os sons de palavra são retidos no centro, Wernicke o imaginou, então, de forma bastante clara (41) e isto é de fundamental importância para a totalidade da doutrina localizacionista.

À pergunta sobre até que ponto se poderiam localizar funções psíquicas, ele respondeu que somente para as mais elementares funções isso seria permitido.⁷⁶ Uma percepção fisionômica pode ser remetida à extremidade central do nervo óptico, uma percepção acústica pode ser remetida ao perímetro de propagação do nervo acústico no córtex cerebral. Tudo o que vai além disso, – a conexão de diferentes representações para formar um conceito, e assim por diante – é tarefa dos sistemas de associação, que ligam diferentes áreas corticais entre si e, portanto, não mais pode localizar-se numa área do córtex. Os estímulos sensórios, entretanto, que chegam ao córtex cerebral, deixam ali impressões duradouras, cada uma delas – na concepção de Wernicke – retida numa célula diferente. “O córtex cerebral com seus 600 milhões de corpos corticais, segundo a avaliação de Meynert, proporciona uma quantidade bastante grande de locais de armazenamento, nos quais as incontáveis impressões sensórias advindas do mundo externo podem ser armazenadas, uma após a outra, de forma imperturbada. É com tais resíduos de estímulos transcorridos, que denominaremos de imagens da lembrança, que está povoado o córtex cerebral.”⁷⁷ {4}⁷⁸

⁷⁴ A afasia sensória de Wernicke.

⁷⁵ Nota do Editor: [Wernicke (1874), p. 14.].

⁷⁶ Nota do Editor: [ibid., p. 4. Cf. abaixo, p. 97.].

⁷⁷ Nota do Editor: [a citação foi reproduzida com algumas alterações. A passagem original é (ibid., p. 5): “O córtex cerebral, entretanto, oferece com seus, segundo a avaliação de Meynert, aproximadamente 600 milhões de corpos corticais, uma quantidade bastante grande de locais de armazenamento, nos quais as incontáveis

Tais imagens da lembrança dos sons da linguagem encontram-se, então, armazenadas nas células do centro sensório, no primeiro giro temporal, enquanto o centro de Broca abriga as imagens da lembrança dos movimentos da linguagem, as “representações dos movimentos da linguagem.”⁷⁹ A destruição do centro sensório acarreta a perda das imagens dos sons e, com isso, a incapacidade de entendimento da linguagem – afasia sensória, surdez verbal⁸⁰; a destruição do centro motor (42) rouba as imagens do movimento da linguagem e produz, assim, a impossibilidade de inervar os núcleos nervosos motores do cérebro para a produção dos sons da linguagem – afasia motora. Além disso, os centros motor e sensório da linguagem estão ligados entre si por uma via de associação, que Wernicke situa na região da Ínsula, em função dos resultados de investigações anatômicas e de observações clínicas. Não se pode deduzir com total clareza, se Wernicke presume que essa associação aconteça exclusivamente através de fibras de substância branca ou também através da mediação da substância cinzenta da Ínsula. Ele afirma que de toda a região do primeiro giro [lateral], que circunda a fissura de Sylvius, partem *Fibrae propriae*⁸¹ que terminam no córtex da Ínsula, de sorte que a Ínsula se assemelhe a “uma grande aranha”⁸² “que recolhe sobre si todas as fibras sobre ela projetadas⁸³ em forma de raios, provenientes de todas as regiões do primeiro giro [lateral].

impressões sensórias advindas do mundo externo podem ser, uma após a outra, de forma inalterada, armazenadas. [...] Denominamos esses resíduos de impressões sensórias advindas do mundo externo, com os quais o córtex cerebral está povoado, de uma vez por todas, imagens da lembrança, em oposição às impressões sensórias propriamente ditas.”]

⁷⁸ O armazenamento das representações da linguagem em células.

⁷⁹ Nota do Editor: [ibid., p. 14. E em Wernicke (1881), p. 201.]

⁸⁰ N.T.: Surdez verbal, “Worttaubheit” no original, designa a incapacidade de compreender a linguagem falada.

⁸¹ N.T.: Em latim no original.

⁸² N.T.: Entre aspas no original. De acordo com informações colhidas junto ao Instituto Butatã, “Kreuzspinne” (ingl. ‘cross spider’) é uma espécie de aracnídeo que tem o desenho de uma cruz branca nas costas e cuja teia concêntrica sugere a imagem do encontro e entrelaçamento de fibras que Wernicke quer ilustrar com a metáfora.

⁸³ N.T.: “radiär” é o adjetivo usado por Freud no original. Não coincide com o termo “Projektion” que aparece pela primeira vez nessa monografia com um sentido neurofisiológico diferente do que ele viria a adquirir na teorização psicanalítica posterior.

Fig. 1.

Surge assim, como em nenhuma outra parte em todo o órgão central, a impressão de um verdadeiro centro de toda e qualquer função.”⁸⁴ De maneira alguma, entretanto, é atribuída por Wernicke ao córtex da Ínsula uma outra função, senão a de associação entre “imagem de som da palavra” e “imagem de movimento da palavra”⁸⁵, que estão localizadas em outras áreas do córtex cerebral⁸⁶: uma função que se costuma atribuir habitualmente somente às massas da substância branca. (43)

Fig. 2.

Fig. 3 in Wernicke, Der aphasische Symptomencomplex.

F das frontale, *O* das okzipitale, *T* das temporale Ende eines schematisch gezeichneten Gehirns. *C* die Zentralspalte, *S* der erste Urwindungsbogen um die fossa Sylvii herum. *a* das zentrale Ende des Akustikus, *a*, dessen Eintrittsstelle in die Oblongata, *b* Ort der zur Lautproduktion gehörigen Bewegungsvorstellungen, *b*, Austritt der zentrifugalen Sprachbahn aus der Oblongata.¹

87*

⁸⁴ Nota do Editor: [Wernicke (1874), p. 17.].

⁸⁵ Nota do Editor. Aspas no original: [Esse termos em Lichtheim (1885b), p. 207.].

⁸⁶ Nota do Editor: [Wernicke (1874), p. 18 e seg.].

⁸⁷ N.T.: Legenda: Fig. 3 na obra de Wernicke, “Der aphasische Symptomencomplex”. *F* a terminação frontal, *O* a occipital, *T* a temporal de um cérebro traçado esquematicamente. *C* o giro frontal, *S* o arco do primeiro giro ao redor da fissura de Sylvius. *a* a terminação central do nervo acústico, *a1* o local de entrada deste na oblongata, *b* local das representações do movimento pertencentes à produção dos sons, *b1* saída da via da linguagem centrífuga da oblongata. * Nota do Editor: [Wernicke (1874) p. 19. No esquema de Wernicke a

A destruição dessa via de associação provoca distúrbio de linguagem, mais especificamente a parafasia, quer dizer, ficam preservadas a compreensão e a articulação das palavras, mas ocorre a troca e a insegurança no emprego das mesmas. Esse tipo de distúrbio da linguagem {5}⁸⁸ Wernicke contrapõe, como “afasia de condução”⁸⁹, às duas outras “afasias de centro”. (Fig. 1)

Tomo emprestado aos trabalhos de Wernicke um segundo esquema do processo de linguagem circunscrito ao cérebro, para tornar claro em que ponto este mesmo esquema exige de nós uma revisão mais acurada. (Fig. 2) (44)

O esquema de Wernicke figura o aparelho de linguagem descrevendo somente o modo com que se relaciona com a atividade de repetição de algo ouvido, sem relacioná-lo às demais ativi- {6}⁹⁰ dades cerebrais. Se considerarmos as demais ligações dos centros de linguagem imprescindíveis à capacidade do falar espontâneo, disso resulta, então, necessariamente, uma descrição mais complexa do aparelho central de linguagem, que, entretanto, oferece a perspectiva de esclarecer, através da suposição de lesões em áreas delimitadas do cérebro, um maior número de distúrbios de linguagem. Tendo Lichtheim⁹¹, em 1884⁹², dado esse passo, numa coerente ampliação da linha de raciocínio de Wernicke, ele culminou na formulação do esquema de aparelho de linguagem, que aqui acrescento. (Fig. 3)

No mesmo significam M o centro motor de linguagem (área de Broca), 1 - a afasia motora causada pela destruição do mesmo; A o centro acústico de linguagem (a área de Wernicke), 2 - a afasia sensória causada pela destruição do mesmo. 3, 4, 5, 6 e 7 correspondem a afasias de condução; 3 – é a afasia de condução da Ínsula postulada por Wernicke. O ponto B não tem o mesmo valor, no esquema, que têm A e M, que correspondem anatomicamente

indicação de *a* e *aI* foram dadas ao contrário: “No interior do mesmo esquema *aI* seria a terminação central do nervo acústico (em *a*, o local de entrada deste na oblongata), *b* indicaria as representações de movimento pertencentes à produção de sons no córtex cerebral, ligadas àquela por fibras de associação que perpassam o córtex da Ínsula.”. No desenho pertencente a Wernicke, entretanto, falta o traço após *a*, de forma que essa letra aparece duas vezes indistintamente. Freud, por sua vez, indicou o local de entrada e saída da oblongata, respectivamente, por *aI* e *bI*, invertendo e corrigindo as indicações presentes no esquema de Wernicke.].

⁸⁸ Afasias de condução e de centro.

⁸⁹ Nota do Editor: [ibid, p. 47, 63. Cf. também Wernicke (1881), p. 205.].

⁹⁰ Desenvolvimento da doutrina das afasias...

⁹¹ Lichtheim. Ueber Aphasie. Deutsch. Arch. f. klin. Med. Bd. 36 [1885*b*] – On Aphasia. Brain, Jan. 1885. Nota do Editor: [*a*].

⁹² Nota do Editor: [Mitteilung auf der IX. Wanderversammlung der Südwestdeutschen Neurologen und Irrenärzte in Baden-Baden (Lichtheim, 1884). Die ausführlicheren Druckfassungen unter (1885*a*) bzw. (1885*b*).].

a regiões claramente demonstráveis do córtex cerebral, tendo ele, muito mais, a mera função de representar esquematicamente as incontáveis áreas do córtex, a partir das quais o aparelho de linguagem pode ser colocado em atividade. Além disso, nada é mencionado sobre um distúrbio de linguagem ocasionado pela lesão desse ponto. {7}⁹³

Lichtheim diferenciou as sete formas de distúrbios de linguagem indicadas em seu esquema, denominando-as de afasias nucleares (1, 2), afasias periféricas de condução (5, 7) e afasias centrais de condução (3,4,6). Wernicke⁹⁴ substituiu, posteriormente, essa nomenclatura por uma outra, que, a despeito de ser também lacunosa, tem a vantagem de (45) ter se tornado a nomenclatura geralmente adotada. Se seguirmos esta nomenclatura, devemos nomear e caracterizar da seguinte maneira as sete formas de distúrbio de linguagem propostas por Lichtheim:

Fig. 3.

Fig. 1 in Lichtheim, On Aphasia. Brain VII [1885a], p. 436.¹

95

1. *Afasia cortical motora*.⁹⁶ A compreensão da linguagem é preservada, o vocabulário, contudo, é totalmente anulado ou restrito a poucas palavras. O falar espontâneo e a repetição de algo ouvido são de pronto impossíveis. Essa forma coincide com a velha conhecida Afasia de Broca.

⁹³ ...de Wernicke por Lichtheim.

⁹⁴ Wernicke, Die neueren Arbeiten über Aphasie. Fortschritte d. Medicin 1885, pag. 824; 1886, pag. 371, 463.

⁹⁵ Nota do Editor: [Na versão alemã, (1885b) p. 207.]

⁹⁶ Nota do Editor: [Lichtheim (1885b), p. 209 e seg.]

5. *Afasia subcortical motora*.⁹⁷ A mesma diferencia-se da anterior somente em um ponto (preservação da faculdade de escrever), bem como, conforme já dito, por uma outra peculiaridade – a ser mencionada posteriormente.⁹⁸

4. *Afasia transcortical motora*.⁹⁹ Nessa forma não se pode falar espontaneamente, mas a faculdade de repetir (46) algo que foi ouvido é preservada e tem como resultado uma rara dissociação da parte motora da linguagem.

2. *Afasia cortical sensória*.¹⁰⁰ O enfermo não entende o que lhe é dito, também não pode repetir o que foi ouvido, mas fala espontaneamente com o vocabulário irrestrito. O fato de sua fala espontânea, porém, não permanecer intacta, mas sim apresentar ‘parafasia’, possui um significado de grande alcance e a este fato se fará jus posteriormente [p. 53 e segs.]. (Afasia de Wernicke).

7. *Afasia subcortical sensória*.¹⁰¹ Esta se distingue da anterior pela ausência de parafasia ao falar. {8}¹⁰²

6. *Afasia transcortical sensória*.¹⁰³ Essa forma apresenta a mais inusitada divisão da capacidade da linguagem, que se deriva, contudo, necessariamente, do esquema de Lichtheim. O falar espontâneo do enfermo apresenta ‘parafasia’, ele está em condições de repetir o que lhe é dito, mas não entende o que lhe é dito e nem o que ele repete.

3. *Afasia de condução de Wernicke*.¹⁰⁴ Essa forma distingue-se pela presença de ‘parafasia’, com ausência de outras características.

Acrescento aqui ainda um outro esquema de Lichtheim, no qual o autor, por meio da suposição de um centro visual e um centro da escrita, bem como pela ligação entre esses dois centros, procura fazer jus aos distúrbios da linguagem escrita pertencentes à afasia. (Fig. 4) Entretanto, foi primeiramente Wernicke que solucionou, peremptoriamente, num trabalho posterior (Die Neueren Arbeiten über Aphasie, Fortschritte der Medizin 1885 bis 1886), essa questão, a partir do exemplo fornecido por Lichtheim.

⁹⁷ Nota do Editor: [ibid, pp. 224-227.]

⁹⁸ Nota do Editor: [a capacidade de dizer o número das sílabas. Cf. abaixo, p. (58) e seg., e p. 116].

⁹⁹ Nota do Editor: [ibid, pp. 222-224.].

¹⁰⁰ Nota do Editor: [ibid, pp. 210-213.].

¹⁰¹ Nota do Editor: [ibid, pp. 237-242.].

¹⁰² As sete formas de afasias por Lichtheim.

¹⁰³ Nota do Editor: [ibid, pp. 227-237.].

¹⁰⁴ Nota do Editor: [ibid, pp. 213-221.].

Sabendo que Lichtheim comprova todas as formas de dissociação da capacidade de linguagem, que se derivam de seu esquema, através de casos observados de fato – mesmo que em pequeno número – dir-se-á, então, que o grande sucesso que a concepção das afasias proposta por Lichtheim teve não é, certamente, injustificado. (47)

Fig. 4.

Fig. 2 in Lichtheim, On Aphasia [1885a] p. 437.¹ In derselben bedeutet O das visuelle, E das Schreibzentrum. Auf p. 443² gibt Lichtheim ein anderes Schema, welches E in direkter Verbindung mit A und O anstatt mit M und O zeigt.

105 106 107
, ,

O esquema de Lichtheim fora estabelecido por via dedutiva¹⁰⁸; ele conduziu a formas {9}¹⁰⁹ surpreendentes e até então não observadas de dissociação de linguagem e o fato de se ter conseguido, *a posteriori*¹¹⁰, confirmar pela observação essas formas construídas acabou por valer como prova irrefutável da legitimidade dos pressupostos de Lichtheim. Não constitui tampouco demérito ao esquema de Lichtheim o fato de se acentuar que este esquema não deve ser entendido no mesmo sentido do esquema de Wernicke. Este último pode ser, por assim dizer, circunscrito ao cérebro, ou seja, a posição dos centros e vias de

¹⁰⁵ Nota do Editor: [(1885b) A seta do lado motor aponta, (corretamente) no original de Lichtheim, de M para m.].

¹⁰⁶ Nota do Editor: [(1885b), p. 214.].

¹⁰⁷ N.T.: Fig. 2 em Lichtheim, On Aphasia [1885a] p. 437. (ver nota 48). No esquema significam O o centro visual, E o centro da escrita. Na p. 443 (ver nota 49) Lichtheim apresenta um outro esquema que mostra o centro E em ligação direta com A e O ao invés de estar em ligação direta com M e O.

¹⁰⁸ Nota do Editor: [ibid., p. 206.].

¹⁰⁹ O valor do esquema de Lichtheim.

¹¹⁰ N.T.: ‘Nachträglich’ = posteriormente, mas essa noção de ‘*a posteriori*’ é uma noção cara à psicanálise, então, como o mesmo termo é usado ao longo da obra psicanalítica, julgo interessante fazê-lo remontar a esse texto.

condução nele contidos está anatomicamente verificada; o esquema de Lichtheim acrescenta novas vias de condução, das quais ainda não possuímos conhecimento anatômico. Daí não se poder, por exemplo, asseverar se os (48) centros e vias de condução de Lichtheim encontram-se tão separados como estão representados, ou se, o que é muito mais provável, uma via de condução “interna” e outra “externa” de um centro confluem numa só via para percorrerem um longo trajeto, o que para a fisiologia da função da linguagem seria absolutamente indiferente, mas para a patologia do domínio da linguagem no córtex seria muito significativo.¹¹¹ Se a descrição de Lichtheim fosse apoiada em novas descobertas anatômicas, então não seria possível nenhuma outra contraditória e estaria resolvida a maioria das considerações a serem aventadas posteriormente.

Algo mais grave adquire uma importância decisiva, a saber, que o fato de a ordenação dos distúrbios de linguagem realmente existentes, a partir do esquema de Lichtheim, traz consigo, com frequência, dificuldades, pois, na maioria das vezes cada uma das funções de linguagem encontram-se prejudicadas em diferentes graus, ao invés de estarem algumas totalmente anuladas e as outras incólumes. Soma-se a isso o fato de a facilidade com que se podem atribuir a lesões combinadas os distúrbios de linguagem que não se explicam através de uma única ruptura no esquema deixar, na busca por explicações, uma margem grande demais à arbitrariedade. Mas enquanto se trata, até aqui, de falhas presentes, em maior ou menor grau, a quaisquer esquematizações, uma outra demanda se pode colocar ao esquema de Lichtheim, em especial, à qual ele, de fato, parece não estar em condições de satisfazer; pela sua natureza mesma, ele deve, necessariamente, {10}¹¹² almejar a completude, querer possibilitar a acomodação de cada uma das formas observadas de distúrbios de linguagem. Ora, Lichtheim já conhecia um caso frequente, cuja explicação ele não podia fornecer a partir de seu esquema: a coocorrência de afasia motora com “cegueira de escrita” (Alexia)¹¹³, que, de fato, é frequente demais para ser resolvida através da coocorrência casual de duas rupturas. Para esclarecer esse complexo de sintomas, Lichtheim supôs que se trata aqui de casos de perda completa de todas as funções de linguagem, nos quais o distúrbio que retrocede mais facilmente, a saber, a surdez verbal, já estaria superada, de tal sorte que neste estágio restariam apenas os outros distúrbios principais: afasia motora e

¹¹¹ Nota do Editor: [Cf. abaixo, p.(108), (111), (134), (147).].

¹¹² Oposição ao esquema de Lichtheim sobre as afasias.

¹¹³ Nota do Editor: [Cf. abaixo, p. (142).]

cegueira de escrita. Contudo, essa (49) explicação parece não proceder, pois Kahler¹¹⁴, algum tempo depois, relatou um caso de afasia rapidamente superada, na qual o enfermo, após sua convalescença, assegurou que não conseguia falar, somente “resmungar”, e que não conseguia ler, porque as letras se lhe apresentavam como que “borradas”, mas que ele teria entendido tudo o que lhe havia sido dito. Essas e outras experiências semelhantes devem, contudo, ter levado a um dos mais ponderados neurologistas alemães, Eisenlohr¹¹⁵, a conceder ao esquema das afasias de Lichtheim nada além de um valor “predominantemente didático”¹¹⁶.

II.

A ideia de que os distúrbios de linguagem observados na clínica, contanto que tenham, de fato, uma base anatômica, provenham da ruptura dos centros de linguagem ou {11}¹¹⁷ da destruição das vias de associação da linguagem, a ideia, portanto, de que seria lícito distinguir afasia de centro de afasia de condução, foi, se não expressa, então tacitamente aceita por todos os autores desde Wernicke. Talvez fosse o caso de investigar de forma mais acurada a legitimidade desta distinção, já que ela está vinculada a uma concepção, por princípio muito importante, do papel dos centros no córtex cerebral e da localização de funções psíquicas, tal como foi discutido acima [p. (40) e seg.] segundo Wernicke.

Aqueles que assumem como verdadeira a suposta diferença entre um “centro de linguagem” e uma mera via de ligação (composta por um feixe de substância branca) deverá esperar necessariamente que, a destruição de um centro ocasione o surgimento de um distúrbio de função muito mais grave que qualquer distúrbio ocasionado pela ruptura de uma via de condução. (50)

¹¹⁴ Kahler, Casuistische Beiträge zur Lehre von der Aphasie. Prager med. W., Nr. 16 und 17, 1885. Nota do Editor: [p. 163, coluna direita: “ich habe blos gemäkert”].

¹¹⁵ Eisenlohr, Beiträge zur Lehre von der Aphasie. Deutsche med. W., Nr. 36, 1889. Nota do Editor: [p. 737, coluna esquerda: „aber der Werth ist mehr ein *didactischer*“]. [Cf. Freuds Bericht über seine Studien bei Carl Eisenlohr in Hamburg, wo er 1885 „eine größere Reihe von Nervenkranken“ untersuchen konnte (1956a, p.35).] N.T.: Eisenlohr, Contribuições à Doutrina das Afasias. (...) [p. 737, coluna esquerda: “mas o valor é predominantemente de *caráter didático*”] [Cf. comentário de Freud sobre seus estudos sob a supervisão de Carl Eisenlohr em Hamburgo, onde ele, em 1885, pôde investigar uma extensa série de doentes dos nervos (1956a, p. 35).].

¹¹⁶ N.T.: Aspas no original.

¹¹⁷ Investigação sobre a diferenciação entre afasias de centro e de condução.

Esta expectativa parece confirmar-se pela descrição de Wernicke. A afasia de condução de Wernicke, provocada pela ruptura da via *a b*, conforme a Figura 1, caracteriza-se meramente pela confusão de palavras ao falar, permanecendo preservadas a possibilidade de dispor do vocabulário e a compreensão das palavras¹¹⁸; o que disto resulta, portanto, é um quadro patológico muito mais ameno do que as afasias motora e sensória, provocadas pela destruição dos centros *a* e *b*.

Há, entretanto, uma circunstância peculiar a ser considerada em relação à afasia de condução de Wernicke. O distúrbio de função a ela atribuído não pode ser derivado do esquema de Wernicke. Wernicke assevera que pela ruptura da via *a-b* seria ocasionada parafasia¹¹⁹; se nos perguntarmos, contudo, que consequência se deveria esperar em função da ruptura desta via, então temos como resposta: pela via *a-b* foi aprendido o falar, que consiste na reprodução de um som de palavra percebido¹²⁰; a tarefa desta via é a repetição do que foi ouvido; a consequência de sua ruptura deveria ser necessariamente que a *repetição* se tornasse impossível, permanecendo preservados o falar espontâneo e a compreensão das palavras. Ora, qualquer um {12}¹²¹ haveria de admitir, contudo, que uma tal dissociação da faculdade de linguagem jamais fora observada e que não há probabilidade alguma de que ela venha a sê-lo. A capacidade de repetir o que é ouvido nunca é perdida quando as capacidades de falar e de entender são preservadas, ela inexistente somente quando 1 – não se pode falar de maneira alguma ou então, quando 2 – a audição das palavras está comprometida. Conheço apenas um único caso no qual o falar espontâneo não vem acompanhado também da capacidade de repetição. Há, a saber, pacientes com afasia motora que conseguem, ocasionalmente, externar uma maledicência ou uma palavra complicada, que, de resto, não se encontra dentre seus “restos de linguagem” (Hughlings Jackson¹²²). Quando se incita estes pacientes (51) a reproduzirem novamente o que acabaram de externar espontaneamente, eles já não o conseguem. O que se verifica aqui, contudo, é um caso completamente diferente; os pacientes não conseguem,

¹¹⁸ Nota do Editor: [Wernicke (1874), p. 26.]

¹¹⁹ Nota do Editor: [Wernicke, *ibid.* e (1881), p. 205, 2o item: „Die *Leitungsaphasie*“.]

¹²⁰ Nota do Editor: [Cf. abaixo, pp. (54), (60), (117) e segs.]

¹²¹ Crítica da afasia de condução de Wernicke.

¹²² Hughlings Jackson, *On affections of speech from diseases* (Nota do Editor: [correto: “disease”]) of the brain. *Brain* I und II, 1878-80. Nota do Editor: [Jackson descreve essas ocorrências com os conceitos: „recurring utterance“, ou „occasional utterances“ em (1878-79), (bes.?) p. 312, 317, 320, e em (1879-80), (bes.?) p. 205 e segs., 215 e segs., 323 e segs. Também em (1884), p. 556 / p. 592. – Ver abaixo, p. (105) e pp., (132), (133), (143).]

tampouco, repetir *espontaneamente* esse enriquecimento único de seu conteúdo de linguagem. Mais tarde tiraremos uma conclusão muito importante do fato indubitável de que *não existe supressão isolada da capacidade de repetição*, de que a repetição (preservada intacta a compreensão das palavras) é sempre bem sucedida, quando o falar espontâneo é possível, ou seja, a conclusão de que *a via pela qual se dá a fala é idêntica à via pela qual se dá a repetição*.¹²³

Nos é dado, portanto, dizer que a afasia de condução de Wernicke não existe, pois uma forma de distúrbio de linguagem que tivesse tais características não pode ser encontrada. Wernicke situou equivocadamente esse distúrbio de linguagem na região da Ínsula; O adoecimento da Ínsula deve, pois, produzir uma outra forma de distúrbio da linguagem. De fato eu encontro, na excelente descrição das afasias feita por Bastian¹²⁴, {13}¹²⁵ a informação pertinente de que o adoecimento da Ínsula provoca a típica afasia motora. A questão da afasia da Ínsula, que seria de grande importância para todas as nossas discussões, infelizmente ainda não foi esclarecida pelas experiências realizadas até o momento. Meynert¹²⁶, de Boyer¹²⁷ e o próprio Wernicke¹²⁸, entre outros, defendem firmemente que a Ínsula pertenceria à área da linguagem, ao passo que o discípulo de Charcot (Bernard¹²⁹) sequer leva em conta uma tal relação da Ínsula com a área da linguagem. Da conferência proferida em 1887 por Naunyn¹³⁰, nada de decisivo resultou no que tange a essa questão. Ainda que seja altamente (52) provável que o adoecimento da Ínsula provoque um distúrbio de linguagem, não meramente devido à contiguidade anatômica, ainda assim, não se pode precisar, de maneira alguma, se esse distúrbio de linguagem corresponde a uma forma específica e de qual forma se trata.¹³¹

¹²³ Nota do Editor: [Cf. abaixo, p. (59) e seg., (62), (64).]

¹²⁴ Charlton Bastian, On different kinds of Aphasia. British Medical Journal, Oct. 29. u. Nov. 5. 1887. – [The] Brain as an organ of Mind 1880. Internat. Wissensch. Bibliothek. Bd. 52 u. 53. (também em alemão e francês)

¹²⁵ Ela não se deixa derivar do esquema – Afasia da Ínsula.

¹²⁶ Meynert, Oest. Zeitsch. F. prakt. Heilkunde XIII [1867].

¹²⁷ de Boyer, Etudes cliniques [correto: topographiques] sur les lésions corticales. Paris 1879. N.T.: Etudes sem acentuação correta.

¹²⁸ No seu trabalho primeiramente mencionado [1874].

¹²⁹ Bernard, De l'aphasie et de ses diverses formes. Paris 1885.

¹³⁰ Naunyn, Ueber die Localisation der Gehirnkrankheiten. Correfera[t] in den Verhandlungen des IV. [correto: VI.] Congress für innere Medizin zu Wiesbaden 1887.

¹³¹ Ch. Bastian (On different kinds of aphasia. 1887 [p. 986, coluna direita]) está inclinado a esclarecer a coocorrência, primeiramente descrita por Grasset [...], de afasia e hemianestesia por meio da vizinhança, na qual se encontram as comissuras que se estendem através da Ínsula entre as áreas de Broca e Wernicke até o terço posterior (sensível) do lado posterior da Cápsula interna.

Reservamos a uma posterior discussão [p. (54) e segs.] qual significado o sintoma de parafasia (confusão de palavras) pode reclamar para si e como Wernicke chegou a postulá-lo como característico de uma ruptura entre *a* e *b*. Nesse ponto gostaríamos de mencionar que a parafasia observada em pessoas enfermas em nada se diferencia daquela troca de palavras, nem da mutilação das mesmas, que a pessoa saudável pode observar¹³² em si mesma em função do cansaço, da atenção dividida ou por influência de afetos perturbadores, {14}¹³³ através da qual, por exemplo, nossos palestrantes tornam nossa escuta tão frequentemente algo penoso. Parece-nos apropriado considerar a parafasia, em sua abrangência mais ampla, um sintoma puramente funcional, um indício de capacidade de desempenho menos acurada do aparelho associativo de linguagem. Isto não exclui o fato de que ela possa ocorrer, em sua forma mais típica, como sintoma orgânico focal. Somente um meritório autor, Allen Starr¹³⁴, empreendeu o esforço de rastrear pormenorizadamente os fundamentos anatômicos da parafasia. Ele chegou à conclusão de que a parafasia pode ser produzida por lesões nas *mais variadas* regiões. Foi impossível a ele próprio descobrir um traço patológico distintivo constante entre os casos de afasia sensória *com* e *sem* parafasia.¹³⁵ (53)

Poder-se-ia levantar a objeção de que a crítica supracitada à afasia de condução de Wernicke seja injustificada, porque ela não teria previsto uma possibilidade. Nela, não precisaria ocorrer necessariamente a impossibilidade da repetição, porque a palavra ouvida, que não pode ser diretamente transferida para o centro motor *b*, é repetida no desvio pela via da “compreensão”. A via de ligação A B M (Fig. 3) entraria no lugar da via rompida A M, pela qual, em circunstâncias normais, dá-se a repetição. Se esse desvio é realmente passível de ser percorrido, a afasia de condução teria de ser caracterizada como um estado no qual, de um lado, a compreensão de palavras e o falar espontâneo estariam preservados, a repetição de palavras compreendidas igualmente preservada e, de outro, a repetição de palavras não compreendidas, como as de uma língua estrangeira, por exemplo, estaria, contudo, suprimida. Também este complexo sintomático ainda não foi observado, embora

¹³² Nota do Editor: [a esse respeito ver a indicação de Freud, na “Psicopatologia da vida cotidiana”, segundo a qual: “O lapso observado em pessoas normais dá a impressão de ser o primeiro grau da assim chamada ‘parafasia’ que ocorre sob condições patológicas.” (Freud, 1901b, p.61)]

¹³³ Parafasia não é sintoma focal.

¹³⁴ Allen Starr, The pathology of sensory aphasia, with an analysis of fifty cases, in which Broca’s center was not diseased. Brain, XII. 1889.

¹³⁵ Nota do Editor: [Cf. abaixo, p. 73.]

também ainda não tenha sido investigado. Seria possível que, oportunamente, ele fosse verificado.

Ao reconhecermos a legitimidade dessa solução, deparamo-nos, porém, com uma segunda expectativa, que se deveria vincular à separação estanque dos centros de linguagem e de suas respectivas {15}¹³⁶ vias associativas. A destruição de um centro causa naturalmente uma perda insubstituível de função; se, entretanto, somente uma via de condução encontra-se interrompida, deveria ser possível estimular o centro intacto através de um desvio feito por uma via de condução preservada e tornar as imagens de lembrança deste centro, ainda assim, úteis à função. Se procurarmos por um caso no qual uma tal especificidade da compensação de distúrbios de linguagem possa se mostrar, então se nos apresenta, prontamente, um exemplo, cuja discussão é de suma importância para toda a concepção das afasias em geral.

Há casos de perda da compreensão da palavra (surdez verbal) sem distúrbio do falar espontâneo. Estes são raros, mas ocorrem e pode-se afirmar que a doutrina das afasias teria tido um outro desenvolvimento, se os primeiros exemplos de afasia sensória de Wernicke tivessem sido deste tipo. Isto, contudo, não aconteceu; os casos de afasia sensória examinados por Wernicke mostraram também, assim como a maioria dos casos observados posteriormente, um distúrbio da expressão verbal, o qual nós denominaremos provisoriamente, juntamente com o (54) descobridor da afasia sensória, de parafasia. Naturalmente, um tal distúrbio de linguagem não se explicou a partir do esquema de Wernicke, pois, de acordo com o mesmo, as imagens de movimento de palavra estão intactas e os caminhos que levam dos conceitos até elas encontram-se igualmente intactos; portanto, quando se fala, não há razão alguma para se entender porque não se fala corretamente. Para a explicação da parafasia no contexto de uma afasia sensória pura, Wernicke teve, então, de apoiar-se num aspecto funcional não dedutível do esquema. Ele lembrou-se de que a via *a-b*¹³⁷ seria aquela pela qual o falar fora aprendido. Posteriormente, fala-se por um caminho direto partindo do conceito, contudo a via *a-b* conserva ainda uma certa importância para a linguagem; ela será a cada vez coinervada no falar espontâneo e

¹³⁶ Discussão sobre distúrbio de linguagem provocado por lesão sensória.

¹³⁷ Ou A M de acordo com a Figura 3. [página (45) acima].

exercerá, desta forma, uma contínua correção no decorrer {16}¹³⁸ das representações de movimento. A ausência desta inervação paralela da via *a-b* tem como efeito a parafasia.¹³⁹ As ideias de Wernicke sobre esse difícil ponto não são de forma alguma claras, e, ao que me parece, nem mesmo coerentes. Pois, um pouco adiante (p. 23 l. c. [1874]) ele afirma que a mera existência da via *a-b*, sem a inervação intencional da mesma, já bastaria para assegurar a seleção das representações de movimento corretas. É de se indagar de que modo a mera existência desta via, mesmo quando ela não é coinervada, pode exercer esse poderoso efeito sobre o processo motor durante a fala; de que modo este efeito pode se expressar, no caso de esta via receber uma inervação colateral durante a fala; se o centro *b* somente envia o impulso articulatorio depois que a excitação provinda do centro *a* chega até ele; se, ao contrário, começa-se antes a falar e cometem-se erros e esta via, então, por meio da excitação provinda do centro acústico da palavra os corrige; a descrição de Wernicke não me fornece qualquer resposta clara e inquestionável a nenhuma destas indagações. Creio que Lichtheim tenha percebido esta falha na tentativa de explicação de Wernicke, pois ele exprime de modo muito mais acurado a condição para se evitar a parafasia. Não bastaria, para tanto, que as imagens dos sons de palavras estivessem intactas; elas deveriam, também, ligar-se, através da via *a-b*, às (55) imagens de movimento de palavras.¹⁴⁰ Um passo adiante teria conduzido Lichtheim à suposição de que a fala não se dá, senão exclusivamente pelo caminho que passa pelas imagens de som e pela via A M. Pois a influência de A sobre o caminho A-M é claramente inútil, se ela é exercida apenas após já se ter dado a fala a partir do centro M; não se dará a fala até o momento em que esta excitação tenha chegado a M e, então, solucionam-se satisfatoriamente todas as dificuldades, quando abandonamos a suposição supérflua de que para se falar haveria ainda a necessidade de uma excitação específica de M, provinda do conceito. Seja como for, gostaríamos de retornar ao ponto, segundo o qual, no caso da afasia sensória (Des- {17}¹⁴¹ truição de A), o falar espontâneo se torna parafásico, segundo Wernicke e Lichtheim, porque as imagens de som em A, que exercem a função de correção, estão destruídas. Dever-se-ia esperar, então, que resultasse uma diferença clinicamente

¹³⁸ A tentativa de explicação de Wernicke para o mesmo.

¹³⁹ Nota do Editor: [Wernicke (1874), p. 23 e seg.]

¹⁴⁰ Nota do Editor: [Lichtheim (1885b), p. 211.]

¹⁴¹ A clínica não oferece prova alguma para a dignidade psíquica dos centros.

observável, quando estas imagens de som, tão importantes, não estivessem destruídas, mas sim, e tão somente quando estiver interrompida a via que as liga a M. Deveríamos necessariamente reconhecer, numa tal diferença, uma prova de que centro e vias de condução têm realmente significados diferentes, uma prova, pois, de que as representações estão contidas somente no primeiro e não também nas últimas. As imagens de som preservadas exerceriam sua influência sobre o falar através do desvio passando pelos “centros de conceito” [B], como esclarecemos anteriormente [p. (53)], ao nos referirmos ao que torna possível a repetição. Se retomarmos, agora¹⁴², o caso no qual, estando preservado o centro e estando rompida, porém, a via de condução, ou seja, o caso da afasia de condução de Wernicke, o que se nos revela é que um tal desvio não será percorrido. A interrupção de A-M tem a mesma consequência que a destruição do próprio centro A, ou seja, a ocorrência de parafasia no falar espontâneo.

A própria afasia de condução de Wernicke, contudo, demonstra-se, ela mesma, pelo que foi dito, insustentável. Pois, se supormos que a ruptura da via *a-b* (A-M) não pode ser compensada por um desvio da inervação, ela teria de ter como resultado a incapacidade de repetição e, no caso de admitirmos a possibilidade deste desvio, esta ruptura não poderia sequer resultar em *parafasia*. (56)

De igual maneira, a consideração das outras afasias de condução postuladas por Lichtheim [p.(44) e segs.], bem como a consideração dos distúrbios não centrais do ler e do falar levam à seguinte conclusão: *A destruição de um assim denominado centro caracteriza-se, meramente, pela ruptura concomitante de várias vias, e uma tal suposição pode ser substituída pela suposição de lesão de várias vias de condução, sem que se deixe, com isto, de ter em devida conta a {18}*¹⁴³ *localização específica de funções psíquicas nos centros.*

Sabendo-me bastante isolado diante do seguinte postulado – de que a dignidade psíquica específica atribuída aos centros de linguagem deveria, necessariamente, deixar-se entrever também por meio de algum elemento na observação clínica dos distúrbios de linguagem, – não quero deixar de aduzir que Watteville¹⁴⁴, em uma pequena porém substanciosa

¹⁴² Nota do Editor: [Cf. acima, p. (49) e seg.]

¹⁴³ A tentativa de Watteville para a distinção das afasias de centro.

¹⁴⁴ de Watteville, Note sur la cécité verbale. Progrès médical. 21. März 1885. [No original, p. 227 e seg., reza o texto traduzido por Freud: “Or nous sommes arrivés, d’une part, à la conception que ces centres sont des points d’emmagasinement de mémoires diverses, motrices ou sensitives; d’autre part nous devons admettre comme substratum physiologique de l’âme, non l’action de telle ou telle portion du cerveau, mais une

dissertação, trouxe à tona uma linha de raciocínio bastante semelhante. “Chegamos à ideia”, diz este autor, “de que esses centros sejam locais de armazenamento, nos quais ficam guardadas imagens de lembrança de diferentes naturezas, tanto motoras como sensórias. Por outro lado, não nos é permitido procurar o substrato fisiológico da atividade anímica na função (57) desta ou daquela parte do cérebro, mas sim, concebê-la como resultante de processos que se estendem para muito além do cérebro. Destas duas pressuposições extrai-se como consequência que as lesões, cuja sintomatologia não permite que se reconheçam diferenças consideráveis, ainda assim, no que tange ao seu significado psíquico, comportam-se de maneira muito diferente. Vejamos dois casos de afasia motora, dos quais um é provocado pela destruição do próprio centro de Broca e o outro, provocado pela ruptura dos feixes centrífugos, que dele partem. No primeiro caso, o doente perdeu a capacidade de dispor das imagens de movimento de palavra, ao passo que no segundo, essa capacidade é preservada. Ora, muito já se falou sobre o efeito da afasia na inteligência e, apesar de boas observações, chegou-se dos dois lados a resultados bastante contraditórios. Não deveria estar a solução desta aparente contradição nas relações por nós aventadas? [...] Parece-nos legítimo supor que, no caso de uma lesão central da linguagem, o enfermo deva ter necessariamente sofrido também um prejuízo intelectual, ao passo que isto não é necessariamente o caso, em se tratando de uma {19}¹⁴⁵ lesão das vias de condução[...]”.

Não creio haver alguém que já se tenha submetido ao esforço de efetuar o tipo de comprovação mencionado por Watteville; tenho apenas a impressão de que a relação esperada entre um prejuízo intelectual mais grave e uma afasia “central”, diferentemente de uma afasia de condução, não se comprovaria.

III.

résultante de processus à siège beaucoup plus étendu. Il résulte de ces données que l'effet psychique de lésions dont les manifestations extérieures n'offrent pas de notables différences doit cependant être variable. Prenons, par exemple, deux cas d'aphasie motrice, l'un causé par la destruction du centre même de Broca, l'autre par une interruption du faisceau efférent de ce centre. Dans le premier cas le malade aura perdu l'usage de la représentation motrice des mots, dans le second il l'aura conservée. On a souvent discuté l'effet de l'aphasie sur l'intelligence, et des opinions diverses ont été émises, appuyées par des observations bien faites. Ne trouverions-nous pas là la solution de cette contradiction apparente? [...] Il nous semble donc que lorsque la lésion est centrale le malade doit, nécessairement, subir une dégradation de ses facultés intellectuelles; tandis que là où elle est commissurale ces dernières peuvent être conservées.”

¹⁴⁵ Dúvida sobre a legitimidade de um esquema localizacionista.

Enquanto nos esforçávamos para descobrir quais relações, observadas na manifestação clínica dos distúrbios de linguagem, confirmam a aludida importância psíquica dos centros de linguagem, e, com essa finalidade, submetemos a afasia de condução de Wernicke a uma investigação crítica, deparamo-nos com fatos que necessariamente nos levaram a duvidar da acuidade de um esquema baseado essencialmente na localização. Não se comete injustiça alguma quando se caracteriza como tal o esquema de Wernicke-Lichtheim; (58) entretanto, é preciso lembrar que ambos os autores também lançam mão, sem a devida reflexão, de aspectos funcionais para o esclarecimento dos distúrbios de linguagem. Uma descrição que pretendesse esclarecer os distúrbios de linguagem observados tendo por base exclusivamente a diferente localização de lesões destrutivas, teria necessariamente de se restringir à suposição de um número de centros e vias de condução que funcionassem de forma independente uns dos outros e que fossem postos fora de funcionamento pelas lesões com a mesma facilidade. Como vimos [p. (54) e seg.], porém, Wernicke e Lichtheim não puderam evitar vincular a função do centro motor M, não apenas à sua integridade anatômica, mas também à preservação de sua ligação com o centro sensorio A. Com efeito, Licht- {20}¹⁴⁶ heim fez uma surpreendente descoberta, cuja comprovação faria diminuir ainda mais a importância do aspecto localizacionista. Ele se fez a pergunta se pessoas com afasia motora dispõem da assim chamada “fala interna”¹⁴⁷, quer dizer, do soar interno das palavras, que elas não conseguem proferir. Para responder a essa questão ele pediu aos enfermos que apertassem sua mão tantas vezes quantas fossem as sílabas da palavra em questão e descobriu que os enfermos não estavam em condição de atestar, desta forma, seus conhecimentos sobre a palavra¹⁴⁸. É evidente que tal fato não poderia deixar de exercer a mais profunda influência sobre nossas concepções do processo da linguagem, pois o centro A encontra-se, de fato, intacto, suas ligações com o restante do córtex ilesas, existindo apenas uma lesão muito afastada da porção sensoria do aparelho de linguagem, em M, o centro das representações de movimento da linguagem, e, entretanto, o enfermo, em função da existência de uma lesão circunscrita ao terceiro giro frontal, não é capaz de evocar os sons de palavra contidos no lobo temporal a partir do restante de sua atividade cerebral (algo como a partir das percepções óticas).

¹⁴⁶ Importância do teste de sílabas de Lichtheim.

¹⁴⁷ N. T.: entre aspas no original. Nota do Editor: [Lichtheim (1885 *b*), p. 212: “as palavras internas”.]

¹⁴⁸ Nota do Editor: [Ibid., p. 224.].

Infelizmente esse fato, que deveria constituir a pedra angular de uma nova teoria dos distúrbios de linguagem, ainda não foi indubitavelmente comprovado. De imediato pode-se apontar uma objeção contra o modo pelo qual Lichtheim (59) quis comprovar este fato. Ele testou se os enfermos dispunham dos sons de palavra, investigando se eles estavam em condição de indicar o número de sílabas das palavras em questão, porém, pode-se presumir que esses enfermos estivessem acostumados a encontrar este número de sílabas somente por meio de uma transferência¹⁴⁹ do som para a via motora da linguagem, o modelo de teste teria sido, então, inapropriado, pois ele pressupõe exatamente que a via de condução destruída em casos de afasia motora esteja intacta. Uma objeção que Wysman¹⁵⁰ levanta contra a validade do teste {21}¹⁵¹ de Lichtheim coincide, creio eu, com a minha. Resta ainda, porém, um ponto a ser refletido. Lichtheim informa que ele não pôde utilizar seu teste em casos de indubitável afasia motora (cortical) (destruição de M), pois ele não dispunha de casos puros dessa espécie nos últimos tempos. Ele relata meramente um caso da assim chamada afasia motora *transcortical*¹⁵², para o qual este teste fracassou¹⁵³, apesar de que neste caso, o centro M não foi tido por destruído, mas somente suas vias de ligação MB. Posteriormente irei, contudo, mostrar [pp. (62-69)] que esses casos da assim chamada afasia motora *transcortical* exigem uma outra concepção à qual melhor se adequa o desconhecimento dos sons de palavra. Assim sendo, a pergunta se o acesso aos sons de palavra encontra-se preservado ou se ele é suprimido na afasia motora me parece totalmente aberta.¹⁵⁴ Todavia, eu não pretenderia construir uma teoria sobre as afasias sem que eu tivesse conhecimento mais seguro sobre este ponto.

Voltemos agora aos dois outros argumentos que nos impelem a questionar a independência funcional do centro M. 1. Se houvesse uma ligação do centro M com B (via para o falar espontâneo) que fosse diferente da ligação com A (a via que possibilita a repetição da palavra ouvida e o falar correto), então deveríamos necessariamente encontrar distúrbios da repetição, sem distúrbios correspondentes da fala (60) espontânea.¹⁵⁵ Demonstramos

¹⁴⁹ N. T.: *Übertragung*: uso do termo consagrado com outro significado, distinto do significado do conceito psicanalítico.

¹⁵⁰ Wysman, Aphasie und verwandte Zustände. Deutsch Arch. f. klin. Med. Bd. 47 [1891].

¹⁵¹ Uma via direta para o falar espontâneo é contestada.

¹⁵² N. T.: Itálico no original.

¹⁵³ Nota do Editor: [Lichtheim, *ibid.*, p. 224.].

¹⁵⁴ Nota do Editor: [cf. abaixo, p. (142).]

¹⁵⁵ Nota do Editor: [cf. acima, p. (51)].

pormenorizadamente não ser esse o caso. Concluímos, então, que essas duas vias coincidem. 2. Vimos [p. (54)] que uma lesão no centro A ou na via de condução AM produz um distúrbio de linguagem que obrigou Wernicke e Lichtheim a levarem em consideração aspectos funcionais para seu esclarecimento, sem, contudo, esclarecerem satisfatoriamente o fato fundamental do *surgimento na afasia sensória de distúrbio da fala*¹⁵⁶. Também essa dificuldade desaparece se supusermos que exista somente a via de condução AM e que a fala espontânea ocorra somente por meio das {22}¹⁵⁷ imagens de som. Essa suposição se mostra cada vez mais provável, se considerarmos que a via de condução AM foi de fato, indubitavelmente, a primeira via através da qual a criança aprendeu a falar. Com efeito, Wernicke supõe que quando o falar já tenha sido aprendido por essa via, seja criada uma outra, mais direta, que prescindiria das imagens de som, porém, não fica claro de que maneira o aprendizado adquirido pela primeira via deva levar ao abandono deste mesmo caminho e à escolha de um novo¹⁵⁸. Quase todos os autores precedentes, inclusive Kussmaul¹⁵⁹, defenderam que o falar espontâneo aconteça seguindo o mesmo caminho que a repetição, passando pelas imagens de som e, dentre os novos autores, Grashey¹⁶⁰ retomou essa suposição. Também nunca pude entender, na exposição geralmente tão clara de Lichtheim, a discussão na qual esse autor defende, contra Kussmaul, sua afirmação da existência de uma via da linguagem motora direta.

Se aceitarmos que a via utilizada para o falar espontâneo passe pelo centro sensório A, o distúrbio de linguagem ocorrido em virtude de lesão sensória adquire para nós, naturalmente, um interesse especial. De fato, ficamos com a impressão de que Wernicke e Lichtheim, com a designação de uma “parafasia”, não puderam proporcionar o reconhecimento pleno a esta via. Por parafasia devemos necessariamente (61) entender um distúrbio de linguagem, no qual a palavra apropriada é substituída por uma inapropriada que, contudo, mantém sempre uma certa relação com a palavra correta. Podemos delinear essas relações com apoio nas exposições de um filólogo, Delbrück¹⁶¹, mais ou menos da seguinte maneira: trata-se de parafasia quando o falante utiliza uma palavra ao invés de

¹⁵⁶ N. T.: Itálico no original.

¹⁵⁷ O distúrbio de linguagem provocado por uma lesão sensória é mais que parafasia.

¹⁵⁸ Nota do Editor: [cf. abaixo, p. (120).].

¹⁵⁹ Kussmaul, Die Störungen der Sprache. 1877.

¹⁶⁰ Grashey, Ueber Aphasie und ihre Beziehungen zur Wahrnehmung. Archiv f. Psychiatrie XVI, 1885.

¹⁶¹ Delbrück, Amnestische Aphasie, Jena'sche Zeitschr. F. Naturw. XX, Supplement II, 1886 [1887].

outra, que sejam ligadas em função de significado próximo ou que sejam ligadas uma à outra por meio de associação frequente, por exemplo, quando ele usa “pena” ao invés de “lápiz”, “Potsdam” ao invés de “Berlim”¹⁶³. Além disso, quando ele confunde palavras que têm sons semelhantes, “Butter” ao invés de “Mutter”, “Campher” ao invés de “Pamphlet”, e, finalmente, quando ele comete falhas na articulação (parafasia literal), nas quais letras isoladas são substituídas por outras. Fica-se tentado, diante dessas diversas formas de parafasia, a se diferenciar entre elas com base no local no aparelho de fala em que o atabalhoamento se introduziu. Além disso, deve-se denominar também parafásico, quando duas intenções de fala fundem-se produzindo uma palavra deformada, como em “Vutter” para “Mutter” ou “Vater”¹⁶⁴, e chegou-se ao acordo de que serão tidas como parafasia aquelas modificações nas quais um determinado substantivo for substituído por um outro que seja o mais indeterminado possível (“coisa”, “machine”, “chose”¹⁶⁵), ou por um verbo. O distúrbio de linguagem da afasia sensória, entretanto, extrapola sobremaneira essas características parafásicas. Há casos em que os pacientes com afasia sensória não pronunciam sequer uma só palavra compreensível, enfileiram sílabas sem sentido em sequências intermináveis (gíria¹⁶⁶, afasia de jargão¹⁶⁷ dos autores ingleses); em outros casos, como no descrito pelo próprio Wernicke, é notável ao menos a pobreza da formação de palavras com algum significado preciso, a abundância de partículas, interjeições e outros acessórios da linguagem, a frequente repetição de substantivos e verbos já proferidos¹⁶⁸. A paciente de Wernicke proferiu, por exemplo, em (62) uma época em que ela já havia demonstrado “progressos significativos”¹⁶⁹, no momento em que alguém lhe dera algo de presente: *“Da lasse ich mir viel viel Mal alles Mögliche, was Sie nur¹⁷⁰ haben gesehen. Ich danke halt [will] viel liebes Mal, daß Sie mir alles gesagt. Na, da danke ich vielmals¹⁷¹, daß*

¹⁶² Delimitação da parafasia.

¹⁶³ Nota do Editor: [Delbrück, *ibid.*, p. 94.]

¹⁶⁴ Nota do Editor: [*Ibid.*, p. 93.].

¹⁶⁵ N. T.: em inglês e francês no original.

¹⁶⁶ N. T.: al. *Kauderwelsch*: miscelânea...

¹⁶⁷ Nota do autor: Vgl. Ross, On Aphasia. London 1887 (auch Manchester Medical Chronicle). N.T.: Cf.: Ross, On Aphasia. Londres 1887 (bem como Manchester Medical Chronicle).

¹⁶⁸ N.T.: correção da ortografia freudiana pelo editor, falta um “en” no final do adjetivo ausgesprochen[en].

¹⁶⁹ N.T.: aspas no original. Nota do Editor: [Wernicke (1874), p. 42.].

¹⁷⁰ Nota do Editor: [correto: “mir”.].

¹⁷¹ Nota do Editor: [correto: “Na, dank ich viel Mal.”].

*Sie sind so gut gewesen, daß Sie sind so gütig gewesen.*¹⁷² Lembro-me de ter visto um caso de afasia sensória no próprio hospital geral de Viena – Senhora E., ela nos foi {24}¹⁷³ apresentada como um caso de “confusão encefálica” – cuja linguagem demonstrava as mesmas particularidades: o empobrecimento de cada umas das partes do discurso determinadas precisamente, tais como, substantivos, adjetivos e verbos; a abundância de todas as partes do discurso indiferentes e a repetição das mesmas palavras, que ela tenha conseguido proferir uma vez. Wernicke procurou caracterizar o distúrbio de linguagem da afasia sensória como sendo “manutenção do vocabulário com parafasia”.¹⁷⁴ Creio ser mais correto descrevê-la como “empobrecimento do vocabulário com riqueza de impulsos de fala”.¹⁷⁵

Se, porém, riscamos do esquema de Lichtheim a via para o falar espontâneo BM, como explicamos, então, os casos da assim chamada “*afasia motora transcortical*”, que Lichtheim esclarece tão espontaneamente por meio da ruptura exatamente desta via?¹⁷⁶ Recordamo-nos que esses casos apresentam a particularidade, de o falar espontâneo ser completamente impossível, enquanto a repetição, a leitura em voz alta (ou seja, o falar a partir da imagem de escrita) e assim por diante, ocorrem de forma desimpedia.¹⁷⁷ (63)

Encontramo-nos afortunadamente na posição de alcançar a compreensão desses casos por outro caminho. Heubner¹⁷⁸ publicou, há pouco, uma observação de afasia, à qual teremos necessariamente de nos referir repetidas vezes em função de sua grande importância. Esse paciente perdera a faculdade de falar espontaneamente, possuía, contudo, a capacidade de repetir e de ler em voz alta; ele apresentava, então, uma típica *afasia motora transcortical*. Ademais, ele perdera a compreensão da linguagem e não entendia, tampouco, o que ele

¹⁷² Nota do Editor: [ibid., p. 43.]. N.T.: É um trecho difícil por se tratar da fala de um paciente afásico. Tentativa de tradução: “*Aí deixo eu a mim muitas muitas vezes todo o possível, que o senhor somente* visto tenha. Eu agradeço muito mais [quero] muitas queridas vezes, que o senhor me dito isso tudo. É, aí eu agradeço muitas vezes*, que o senhor tenha sido tão bom, que o senhor tenha sido tão bonzinho.*” (* para marcar as notas no original).

¹⁷³ Como se explica a afasia motora transcortical de Lichtheim?

¹⁷⁴ Nota do Editor: [Literalmente não é averiguável no trabalho citado por Freud. No *Lehrbuch der Gehirnkrankheiten* (Wernicke, 1881, Bd. 1), p. 206: “*A afasia sensória [...]. O vocabulário não se encontra irrestrito; no falar encontram-se confusões de palavras [...]*”. Em Wernicke (1886), p. 375, lê-se: “*A afasia cortical sensória é caracterizada da seguinte forma: o doente [...] pode falar com vocabulário irrestrito, porém confunde palavras, isto é, ele é parafásico*”].

¹⁷⁵ Nota do Editor: [Cf. abaixo: p. (129).].

¹⁷⁶ Nota do Editor: [Cf. abaixo, p. (127)-(129).].

¹⁷⁷ Nota do Editor: [Cf. acima, p. (45) e segs., e abaixo, p. (142).].

¹⁷⁸ Heubner, Ueber Aphasie, Schmidt’s Jahrbücher 1889, Bd. 224, p. 220.

mesmo lia, escrevia ou repetia – distúrbios que correspondem aos da afasia *sensória transcortical* de Lichtheim. Seu caso não poderia ser esclarecido, portanto, por meio de uma simples lesão no esquema de Lichtheim, mas sim, através da {25}¹⁷⁹ coocorrência de duas lesões, a saber, nas vias BM e BA.

Fig. 5.

Sektionsbefund im Falle Heubners.²

180

A autópsia desse doente resultou na descoberta de um amolecimento do córtex de localização muito interessante, em todo o caso no domínio sensório, que contornava a área de Wernicke, o primeiro giro temporal, e que a separava do restante do córtex nos limites superior, posterior e inferior, e, além disso, indicou um amolecimento superficial do córtex, quase do tamanho de uma lentilha, numa quina do terceiro giro frontal. (Fig. 5.). (64)

Por conseguinte, o esquema de Lichtheim pareceu, a princípio, comprovado, contudo, numa reflexão mais detida, deve-se necessariamente dar razão a Heubner no que tange à consideração de que a lesão presente no domínio motor é muito mais restrita e insignificante do que deveria ser para que se pudesse atribuir a ela o “poderoso e profundo distúrbio de linguagem”¹⁸¹. A propósito, ela está situada no próprio córtex, é uma lesão cortical e em nenhum sentido uma lesão a que se deveria denominar transcortical, e se ela tivesse provocado distúrbios, os mesmos teriam ocorrido tanto na repetição, quanto no

¹⁷⁹ Observação de Heubner.

¹⁸⁰ Nota do Editor: [ibid., p. 222, coluna esquerda] N.T.: legenda da figura: resultado de autópsia no caso de Heubner.

¹⁸¹ Nota do Editor: [ibid., p. 221, coluna direita.].

falar. Resta-nos, então, apenas a significativa lesão no domínio sensorio para o esclarecimento do distúrbio observado, e extraímos deste caso que uma separação dos centros sensorios de suas outras ligações corticais, ou seja, uma lesão *trans-* {26}¹⁸² *cortical sensoria* também provoca supressão do falar espontâneo, ou seja, que a via BM coincide com a via BA ou, em outros termos, que *somente se fala por intermédio das imagens de som*.

Recordamo-nos de que Lichtheim estabeleceu, com o auxílio de seu teste de sílabas em seu caso de afasia motora subcortical¹⁸³, que o enfermo não podia excitar a imagem de som das palavras através de suas atividades de pensamento.¹⁸⁴ Se nos for permitido tirar conclusões, a partir do caso de Heubner, sobre o caso de Lichtheim, que, de todo o modo, demonstra um prejuízo menor às funções da linguagem, então nele a lesão também estaria situada no domínio sensorio e o resultado negativo do teste perderia, assim, o significado que ele teria tido num caso de indubitável lesão motora.

É, todavia, no mínimo temerário fundamentar uma decisão em um único caso, especialmente por se tratar de um caso que, contudo, apresenta uma pequena lesão no domínio motor. Por isso esforcei-me em encontrar alguns outros casos da assim chamada afasia motora transcortical que tivessem resultados de autópsia e cheguei, nessa empreitada, ao seguinte resultado inesperado. A incapacidade do falar espontâneo, com a capacidade de repetição preservada, não permite concluir necessariamente uma localização no domínio sensorio. Este sintoma característico da afasia motora transcortical (65) encontra-se igualmente em casos em que o adoecimento se situa exclusivamente na região motora, mas somente em um único caso a lesão deveria realmente ser descrita como uma lesão “transcortical”. Tratava-se neste caso (Magnan¹⁸⁵), pois, de um tumor que se alojava na superfície interna da *dura mater*¹⁸⁶, fincado de cima no hemisfério esquerdo como uma cunha e com seu ápice chegando até o terceiro giro frontal e até o terço anterior da borda superior da Ínsula. A paciente era incapaz de dar notícia sobre si mesma, falava {27}¹⁸⁷

¹⁸² Observação de Magnan...

¹⁸³ Nota do Editor: [Certamente um lapso de escrita para: “transcortical”].

¹⁸⁴ Nota do Editor: [Cf. acima, p. (58) e seg.].

¹⁸⁵ Magnan, On simple aphasia, and aphasia with incoherence. Brain II, 1880 [pp. 120-123].

¹⁸⁶ Nota do Editor: [No original: “Dura mata”.] N.T.: *Dura mater* é a mais exterior das membranas que recobrem o cérebro. Em itálico por se tratar de um termo latino.

¹⁸⁷ e de Hammond.

apenas palavras soltas e sílabas sem sentido, porém podia repetir corretamente as palavras que ela ouvia.

Nos outros dois casos que encontrei providos de resultados de autópsia a lesão encontrava-se no próprio córtex motor, mais precisamente, ela era “transcortical” *no* sentido próprio deste termo que o torna tão inapropriado para utilização na doutrina das afasias. A lesão consistia, em um dos casos, em uma hemorragia recobrando o centro motor e no outro ela consistia em uma lasca de osso encravada no centro motor. Ambos os casos pertencem a Hammond¹⁸⁸ e são descritos por ele da seguinte forma:

I. Hammond, ao encontrar-se no verão de 1857 diante de uma tropa de soldados e trabalhadores nas *Rocky Mountains*¹⁸⁹, um dos trabalhadores, um mexicano, recebeu de um outro trabalhador uma pancada com um porrete na têmpora esquerda, de tal forma que ele desabou sem consciência. Quando o sujeito machucado voltou a si, havia perdido completamente sua memória verbal, mas de modo algum tinha perdido a faculdade de articulação. Ele não conseguia falar nada por si só, mas quando alguém lhe dizia algo, podia repetir sem qualquer falha de articulação, desde que não fossem muitas as palavras que lhe houvessem sido ditas de uma só vez. Quando Hammond, por exemplo, o perguntou: “*Como sientes ahora?*”¹⁹⁰ (Como se sente agora?), então ele repetiu: “*Como sien, sien, sien*” e irrompeu em lágrimas. O paciente morreu no dia seguinte e apresentou uma “equimose do tamanho de meio dólar que atingia a porção esquerda (66) do lobo frontal em sua borda lateral posterior”¹⁹¹ e, além disso, uma laceração da artéria meníngea média direita.¹⁹²

Tender-se-á talvez a supor que a investigação de Hammond, neste caso, pode não ter sido muito exaustiva, já que ele acrescenta a seguinte observação: “não atribuí importância especial alguma ao dano do lobo frontal esquerdo àquela época; somente a partir {28}¹⁹³ da

¹⁸⁸ N.T.: Hammond, A Treatise on the Diseases of the Nervous system. Seventh edition. London 1882.

¹⁸⁹ N.T.: em inglês no original. Meu itálico.

¹⁹⁰ N.T.: em espanhol e entre aspas no original. Meu itálico.

¹⁹¹ N.T.: aspas no original.

¹⁹² Nota do Editor: [Hammond (1876), p. 191: “[...] an ecchymosed spot about the size of a half-dollar-piece, involving the left anterior lobe at its lateral and posterior margin.”].

¹⁹³ A afasia motora transcortical...

discussão na Academia de Paris em 1861 é que cheguei à convicção de que a *afasia amnésica* desse caso advinha deste dano.”¹⁹⁴

Caso II. No inverno de 1868/69, Hammond viu um homem que, alguns meses antes, durante o trabalho em uma pedreira, sofrera o impacto de uma máquina contra o lado esquerdo da cabeça. O paciente parecia muito inteligente, compreendia tudo o que lhe diziam, fazia os mais desesperados esforços para falar por conta própria, contudo nunca soltava outras palavras a não ser “sim” e “não”. Hammond perguntou-lhe: “O senhor nasceu na Prússia?” – “Não.” – “Na Baviera?” – “Não.” – “Na Áustria?” – “Não.” – “Na Suíça?” – “Sim, sim, sim, Suíça, Suíça.”¹⁹⁵. Então ele riu e moveu a mão em todas as direções. – Hammond supôs que em função daquele acidente uma fratura no osso craniano teria ocorrido e que uma lasca de osso pressionava o terceiro giro frontal. Ele recomendou uma trepanação¹⁹⁶, que foi inclusive realizada e que confirmou seu diagnóstico em toda sua extensão. Tão logo o paciente acordou de seu estado de narcose, sua linguagem já havia sido restabelecida.¹⁹⁷ (67)

Vemos, então, que a afasia motora transcortical de Lichtheim aqui é ocasionada por lesões que não têm o mínimo em comum com a ruptura de uma via BM.

Em uma consideração mais detida desses casos surge diante de nós outro ponto de vista importante que se estaria justificado em considerar também para outros distúrbios da linguagem. Sabe-se de modo geral que a afasia motora, na grande maioria dos casos, tem por base um amolecimento. Ora, é certamente uma coincidência digna de atenção que os casos da assim chamada afasia transcortical, anteriormente mencionados, remontam sem exceção a lesões de outra natureza, inclusive {29}¹⁹⁸ o caso de Heubner que apresenta uma lesão sensorial. O caso exemplar do próprio Lichtheim é de natureza traumática¹⁹⁹, bem

¹⁹⁴ Nota do Editor: [Freuds Hervorhebung. – Ibid.: At that time I attached no especial importance to the injury of the left anterior lobe; but, since the debate in the French Academy in 1861, I have had no doubt that to it the amnesic aphasia was entirely due.”]

¹⁹⁵ N.T.: aspas no original.

¹⁹⁶ N.T.: Cf. Dicionário Houaiss: Trepanação: *s.f.* (1813 cf. MS²) CIR técnica cirúrgica que consiste em perfurar um orifício em um osso, esp. do crânio; trépano ETIM trepanar + -ção; ver *trepan-*.

¹⁹⁷ A descrição desses dois casos por Hammond* não é mais completa do que eu a cito aqui. Já que Lichtheim [(1885b), p. 222] reconhece o primeiro deles como sendo uma afasia motora transcortical, cogito o mesmo para o segundo. Nota do Editor: *[O segundo caso (em Hammond “Case III”), *ibid.*, p. 193: “‘Were you born in Prussia?’ ‘No.’ ‘In Bavaria?’ ‘No.’ ‘In Austria?’ ‘No.’ ‘In Switzerland?’ ‘Yes, yes, yes, Switzerland, Switzerland’, at the same time laughing, and moving his hands actively in all directions.”].

¹⁹⁸ ocorre por lesões motoras e sensoriais.

¹⁹⁹ Nota do Editor: [Lichtheim (1885b), p. 222-224.].

como ambos os casos de Hammond. No caso de Magnan, finalmente, tratava-se de um tumor.²⁰⁰

Agora sabemos que as partes do cérebro, cujos adoecimentos se revelam geralmente através de sintomas, somente nos fornecem sintomas locais, diante dos quais resta-nos desvendar o diagnóstico do processo patológico (68) através de circunstâncias colaterais do caso, ou através do desenrolar da afecção. Contudo, o aparelho de linguagem dispõe de uma tal riqueza em meios de expressão dos sintomas que poderíamos esperar dele, que ele revele, pela maneira do distúrbio funcional, não somente a localidade, mas também a natureza da lesão²⁰¹. Talvez nos seja um dia possível separar clinicamente as afasias provocadas por hemorragia daquelas provocadas por amolecimento e reconhecer uma série de distúrbios de linguagem como sendo característicos de processos específicos no aparelho de linguagem.

Em relação à assim chamada afasia motora transcortical, em todo o caso, deve-se tomar como algo demonstrado que sua existência nada comprova a favor da suposição de uma via BM para o falar espontâneo. Esta forma de distúrbio de linguagem sucede tanto por causa de lesões de regiões sensórias da linguagem, quanto por estados incomuns de adoecimento da região motora, em função dos quais o centro motor da linguagem {30}²⁰² *será posto em um estado de funcionamento reduzido face a seu estado de funcionamento normal.*²⁰³

²⁰⁰ O caso de afasia motora transcortical ao qual o próprio Lichtheim [(1885b), p. 258 e seg.] se reporta (de Farge, Cf. Kussmaul [1877], p. 49, e o Diagnóstico Tópico de Nothnagel [1879], p. 358), apresenta um foco de amolecimento “na substância branca, na proximidade do terceiro giro frontal esquerdo”.* Nothnagel [ibid.] contesta que esse caso por si só atestaria algo sobre a origem da afasia no foco de amolecimento na substância branca, já que a morte teria ocorrido no vigésimo dia, tempo no qual efeitos remotos do foco sobre o – em si não necessariamente alterado anatomicamente – terceiro giro frontal não estariam excluídas. Nota do Editor: *[Literalmente não comprovável. Em Kussmaul (2ª Edição, p. 99): “No cadáver encontrou-se [...] o terceiro giro frontal esquerdo saudável, mas na substância branca vizinha encontrou-se um foco pastoso do tamanho de um pequeno ovo.” Em Nothnagel (1879, p. 358): “A autópsia apresentou um [...] foco de amolecimento do tamanho de um pequeno ovo na massa de substância branca à esquerda na proximidade do terceiro giro frontal.” – A referência bibliográfica fornecida por Kussmaul (ibid.) para Farge está errada; a correta é: Farge (1864), a citação p. 725, coluna esquerda: “[...] à gauche, on tombe bientôt sur un ramollissement du volume d’un petit oeuf, blanc, de consistance de bouillie dans les deux tiers périphériques, et rougeâtre au centre. [...]”].

²⁰¹ Nota do Editor: [ver abaixo: p. 114.].

²⁰² Ela baseia-se em um estado funcional reduzido do...

²⁰³ Uma compilação dos seis casos de afasia motora transcortical etiológicamente investigados resulta em: 1. Lichtheim, Trauma. Compressão do córtex em área desconhecida; 2. Farge: Efeito remoto sobre a região motora provinda de um foco de amolecimento vizinho; 3. Heubner: Amolecimento no território sensório; 4. Magnan: Tumor, que se estende até a área de Broca; 5. Hammond I.: Hemorragia provocada por trauma sobre a área motora; 6. Hammond II.: Trauma. Inibição da área motora ocasionada por uma lasca de osso nela cravada.

Charlton Bastian²⁰⁴, que explica a afasia motora transcortical de Lichtheim da mesma forma que nós a explicamos, distingue, a propósito, três estados de excitabilidade²⁰⁵ diminuída de um centro. A redução mais leve apresenta-se de tal maneira que o centro não reage mais a um estímulo “voluntário”²⁰⁶, mas reage ainda ao estímulo provindo do caminho da associação com um (69) outro centro e à excitação sensível direta. Por ocasião de um dano funcional mais grave, o centro reage somente à excitação sensível direta e, finalmente, no nível mais profundo, esta última reação também cessa. Dever-se-ia, então, supor, no que tange à afasia motora transcortical, que o centro motor ainda pudesse ser posto em atividade por uma excitação sensível direta, mas não mais por um estímulo “voluntário”²⁰⁷, e, pelo fato de que este centro motor é sempre estimulado pela associação com o centro sensório acústico, a causa da modificação de excitabilidade pode ser atribuída tanto ao centro sensório, quanto ao próprio centro motor.

Notamos, neste momento, que estamos em condição de explicar uma forma de distúrbio de linguagem clinicamente observada pela suposição de uma modificação do estado funcional, ao invés de explicá-la por uma ruptura localizada em uma via de condução. Pelo fato deste passo ser de grande importância para a totalidade da concepção das afasias, gostaríamos de repetir, para {31}²⁰⁸ nossa própria segurança, que fomos impelidos a abandonar a explicação localizacionista, já que os resultados de autópsia (Heubner, Hammond) a contradisseram. A suposição à qual nós acatamos juntamente com Ch. Bastian parece-nos ser uma expressão natural do fato de que a repetição fica sempre preservada por mais tempo do que o falar espontâneo²⁰⁹. Veremos posteriormente alguns fatos que nos comprovam também que a ação associativa de um centro é perdida com menos facilidade do que a assim chamada ação “espontânea”.²¹⁰ (70)

²⁰⁴ Charlton Bastian, On different kinds of Aphasia. British Medical Journal, Oct. 29. u. Nov. 5. 1887.

²⁰⁵ Nota do Editor: [Freud introduz esta “diminuição de excitabilidade” (em francês no original: “diminution de l’excitabilité”) como um exemplo de modificação funcional ou dinâmica em seu estudo escrito em francês (1893c), p. 31; a esse respeito conferir a primeira nota da p. (70).]

²⁰⁶ Nota do Editor: [Bastian (1887): “voluntarily” (p. 934, coluna direita) ou “volitional” (p. 935, coluna esquerda). – Ver a esse respeito pp. (128) e (135), abaixo.] N.T.: entre aspas e em inglês no original.

²⁰⁷ Nota do Editor: [Cf. abaixo: p. (81), (85), (128), (134) e segs.]

²⁰⁸ centro motor. – Os três níveis de excitabilidade segundo Ch. Bastian.

²⁰⁹ Nota do Editor: [Cf. abaixo: p. (72) e p. (128).]

²¹⁰ Nota do Editor: [Cf.: pp. (133), (135) – A esse contexto refere-se, certamente, também o comentário de Freud nos Estudos sobre a Histeria quando ele discute o método da “pressão” em sua descrição do caso de ‘Srta. Lucy R.’ (1895d, edição de bolso, p. 130): “[...] esse modelo [...] permitiu-me um conhecimento sobre os motivos que são frequentemente decisivos para o ‘esquecimento’ de lembranças. [...] A pequena

A princípio, a suposição de Bastian contém, em todo o caso, algo de espantoso: ela contrapõe-se de forma irreconciliável a uma linha de raciocínio que lida com lesões circunscritas e seus efeitos. Em primeiro lugar, dever-se-ia admitir que para a explicação de uma redução da excitabilidade em um centro não seria necessária lesão alguma, já que a redução se nos apresenta como um estado “funcional” puro. Trata-se de um fato, e é possível haver estados semelhantes ao da afasia motora transcortical que surjam devido a um mero dano funcional, sem que haja uma lesão orgânica²¹¹. Quando, entretanto, se percebe mais claramente a relação entre “lesão orgânica” e “distúrbio de função”, deve-se adquirir a convicção de que não se pode reconhecer toda uma série de lesões orgânicas, senão por meio de distúrbios de função, e a experiência demonstra que, de fato, estas lesões nada mais causam do que distúrbios de função. Há décadas imbuídos do empenho de nos servirmos dos distúrbios que a clínica nos oferece para chegarmos ao conhecimento da localização das funções, acostumamo-nos a exigir das lesões orgânicas que elas destruam totalmente uma parte dos elementos do sistema nervoso e deixem as outras partes totalmente ilesas, pois, somente desta forma elas teriam serventia a nossos objetivos. Somente um pequeno número de lesões preenche estes requisitos. A grande maioria delas não é diretamente destrutiva e atinge um número maior de elementos no âmbito de seu efeito destrutivo.

{32}²¹² Além disto, resta-nos voltar um olhar atento à relação entre uma lesão parcialmente destrutiva e o aparelho por ela acometido. Há dois casos plausíveis que também são encontrados na realidade. Ou bem o aparelho se mostra danificado pela lesão em algumas partes isoladas, (71) enquanto suas partes preservadas funcionam de modo inalterado, ou, por outro lado, ele reage à lesão *como um todo solidário*, não deixa a ausência de partes isoladas ser notada, mas sim, mostra-se enfraquecido em sua função, *ele responde à lesão*

possibilidade de escolha que se tem quando se busca números ou datas, permite tomar de auxílio a frase, conhecida a partir da doutrina da afasia, segundo a qual o reconhecimento exige um esforço menor da memória do que a recordação espontânea.”]

²¹¹ Nota do Editor: [Sobre a questão da *natureza* de um tal “dano funcional puro”, (*i. e.*, excitabilidade diminuída) Freud tece comentários detalhados em sua dissertação em francês (1893c) ao final do capítulo III e no capítulo IV; lá ele conclui (p. 50 e seg.) que este dano deve ser completamente independente de uma localização anatômica e chega à famosa frase: “[...] *a histeria se comporta em suas paralisias e demais manifestações como se a anatomia não existisse, ou como se dela não tomasse conhecimento algum*”, que ele formulara, já em 1888 em seu verbete de léxico, “Histeria”, nos seguintes termos: “[...] a histeria desconhece tanto a estrutura do sistema nervoso, como nós mesmos antes de a termos aprendido. (1888b (3), volume complementar, p. 80 e seg. com nota editorial 1.).]

²¹² Reação do aparelho de linguagem a lesões parcialmente destrutivas.

*parcialmente destrutiva com um distúrbio de função que também poderia surgir em virtude de um dano imaterial.*²¹³ O aparelho central em sua extremidade superior apresenta-nos, por exemplo, os dois tipos de reação. Quando há uma pequena lesão orgânica no giro pré-central, seu efeito pode consistir em uma paralisia isolada, como a paralisia do músculo do polegar. Entretanto, o mais comum é que o efeito se revele como uma paresia em grau moderado de todo o braço. O aparelho de linguagem parece, então, demonstrar em todas as suas partes a *segunda* forma de reação à lesão não destrutiva, ele responde a uma tal lesão de modo solidário (pelo menos parcialmente solidário) com um distúrbio funcional.²¹⁴ Nunca ocorre, por exemplo, que em função de uma pequena lesão no centro motor, cem palavras se percam dependendo meramente do local da lesão. É sempre possível demonstrar que a perda parcial é expressão de uma redução funcional geral deste centro. – A propósito, não é óbvio que os centros de linguagem se comportem desta maneira e isto nos servirá de auxílio para fazermos, posteriormente, uma ideia bastante precisa da estrutura destes centros.²¹⁵

Antes de finalizar esta discussão sobre a afasia motora, tenho de recapitular dois pontos que encontram aqui a mais apropriada solução. (72) Se a afasia motora transcortical é o sintoma de um estado que se situa entre a normalidade e a completa inexcitabilidade, {33}²¹⁶ então, deve-se necessariamente esperar que este sintoma se instaure no quadro da afasia motora, quando a mesma começar a ser superada, ou seja, que os pacientes com afasia motora aprendam mais cedo e com maior êxito a repetir, antes de voltarem a falar espontaneamente.²¹⁷ Creio que um caso de Olge²¹⁸ nos permita reconhecer esta característica, porém, de resto, não fui capaz de reunir várias comprovações para minha

²¹³ Nota do Editor: [Exemplos para tais danos imateriais apresenta-nos Freud, mais uma vez, em seu trabalho escrito em francês (1893c), p. 52 e seg.].

²¹⁴ Nota do Editor: [Cf. abaixo, pp. (81), (85), (134). – A esse respeito ver a posição e argumentação fundamentalmente oposta de Meynert, por exemplo, em (1867/68), p. 83 e seg.: “Concebamos o córtex como um órgão que age solidariamente, então tem-se como resultado que, com o reconhecimento de que ele intermedeia os processos psíquicos em geral, fica o conhecimento funcional sobre ele desde uma perspectiva psicológica interdito e o aperfeiçoamento de uma linha de raciocínio sobre ele torna-se impossível e desnecessário.” Semelhante *ibid.*, p. 100, 213 e seg.; também em (1884), p. 128.]

²¹⁵ Nota do Editor: [ver abaixo: pp. (106)-(111), (116), (125)-(130), (134) e seg. Além disso, também p. (101) e seg.].

²¹⁶ Logoplegia.

²¹⁷ Nota do Editor: [Cf.: p. (69).]

²¹⁸ In: Bastian, On the various forms of loss of speech in cerebral disease. British and Foreign Med.-Chir. Review. Jan. 1869 [p. 232 e seg.]. [Ogle (1867), Caso II, p. 103.]

expectativa. O que posso dizer é que a atenção dos observadores não se dirigiu a este ponto.²¹⁹

Além disso, devo considerar uma objeção que certamente cada um dos leitores já fez. Se o falar espontâneo se dá pelo caminho BAM passando pelas imagens de som, então toda afasia sensória deveria, necessariamente, acarretar *a perda* da linguagem espontânea e não meramente um distúrbio da mesma. Como se deveria explicar que na afasia sensória ainda se fala tão *abundantemente*, quando não também corretamente?²²⁰

Posso apenas reconhecer a dificuldade e responder por meio da indicação de uma outra dificuldade. Há casos de logoplegia, supressão concomitante da compreensão da linguagem e da expressão da linguagem, nos quais poderíamos ver nossa exigência de perda da linguagem espontânea no quadro da afasia sensória confirmada. Eles se baseiam, contudo, em lesões múltiplas ou extensas que atingem, ao mesmo tempo, o território motor e sensorio. Estes casos demandam um procedimento clínico todo especial. O distúrbio sensorio melhora, de fato, e em um (73) estágio posterior o doente apresenta o quadro de uma afasia motora pura. Pode igualmente ocorrer que um caso patológico se apresente desde o início como afasia motora, ao passo que se averigua na autópsia que não apenas a área de Broca, mas também uma grande parte do restante da região da linguagem, inclusive a área de Wernicke, {34}²²¹ encontra-se igualmente destruída. Kahler²²² relatou um destes casos, que não são raros, e reuniu o restante deles. É conhecida, com certeza, a existência de destruição do centro sensorio A, sem surdez verbal, ao menos sem que ela persista, apesar de toda a surdez verbal dever ser relacionada à lesão deste centro. A solução para esta contradição é algo que não posso determinar neste momento, presumo, apenas, que sua explicação traria consigo também a resposta para a pergunta que acaba de ser formulada, ou seja, por que a afasia sensória não é sempre seguida da perda completa da linguagem. Da perspectiva da teoria dos centros de linguagem dever-se-ia necessariamente dizer que a extensão do centro A não nos é ainda conhecida seguramente o bastante.

²¹⁹ Nota do Editor: [Na página 33 encontra-se no original mais um comentário de Freud para o qual, contudo, falta um número de nota de rodapé correspondente, de tal forma que não é claro a que esta indicação se refere:] “2 Ver Ross l.c.”

²²⁰ Nota do Editor: [Cf. a esse respeito a monografia ‘Zur Aphasielehre Sigmund Freuds’ de Paul Vogel (1954), na qual as especificidades da concepção freudiana das afasias foram esclarecidas. (P.V.) – Ver também abaixo, p. (129).]

²²¹ Destruição da área de Wernicke sem surdez verbal.

²²² Kahler, Casuistische Beiträge zur Lehre Von der Aphasie. Prager med. W., Nr. 16 und 17, 1885.

Ocorre, a propósito, afasia sensória sem qualquer distúrbio de linguagem, com um pouco de parafasia, com alto grau de empobrecimento da linguagem e com degradação da linguagem até a total incompreensão. Segundo Allen Starr²²³, não deve ser possível explicar essa multiplicidade de possibilidades na avaria da função motora da linguagem, a partir de uma diferença na localização da lesão na região sensória. Talvez algumas considerações a serem mencionadas posteriormente venham a contribuir para o esclarecimento desta dificuldade.²²⁴

IV.

Quase simultaneamente àquele trabalho de Lichtheim, que realizou pormenorizadamente e de forma coerente a explicação localizacionista dos distúrbios de linguagem, (74) tornou-se conhecido um relato de Grashey²²⁵, que ficou logo consagrado por sua importância fundamental para a compreensão da afasia, sem que, a propósito, muito se tenha desenvolvido, desde então, a partir dos fundamentos {35}²²⁶ ali constituídos. O caso patológico relatado por Grashey não apresentou peculiaridades, a não ser por um único ponto; tratava-se de um homem de 27 anos que, em função de uma queda da escada, sofrera uma fratura no crânio, ficara quase completamente surdo do ouvido direito, perdera o olfato e o paladar, somente percebia ainda, com o olho direito, movimentos feitos com a mão, a acuidade do olho esquerdo era de 2/3 e seu campo de visão ficara restrito concentricamente. Os nervos da face e o hipoglosso, bem como a totalidade da musculatura corporal do lado direito, eram parésicos. Além disso, o enfermo apresentava um distúrbio de linguagem que se manifestou imediatamente após a avaria, como surdez verbal. No período em que Grashey o submeteu à sua observação, sua faculdade de linguagem estava bastante recuperada e permitia reconhecer apenas alguns dos resquícios mais comuns do distúrbio. O enfermo podia falar de forma contextualizada, utilizava sem dificuldade todas as partes indiferentes do discurso, bem como alguns verbos e adjetivos, encontrava também um substantivo aqui e ali no fluir do discurso, emperrava, entretanto, diante da maioria deles e

²²³ Allen Starr, The pathology of sensory aphasia, with an analysis of fifty cases in which Broca's centre was not diseased. Brain, XII. 1889.

²²⁴ Nota do Editor: [Ver abaixo, pp. (112)-(114) e seg.; segunda nota da p. (129), bem como acima, p. (52).].

²²⁵ Grashey, Ueber Aphasie und ihre Beziehungen zur Wahrnehmung. Archiv. f. Psychiatrie, XVI. 1885.

²²⁶ Afasia amnésica.

se socorria por meio de reformulações (“aquela coisa lá”²²⁷). Ele reconhecia cada objeto que conhecia antes de seu adoecimento, porém nunca encontrava o nome para designá-lo. Sua compreensão da linguagem estava intacta.

A incapacidade de utilizar substantivos no fluxo do discurso e de indicar, com nomes, objetos conhecidos é, como mencionado, um dos sintomas mais comuns da assim chamada afasia *amnésica*, que fora distinguida por autores mais antigos, ao lado da afasia *atáctica*²²⁸. A relação desta afasia amnésica com os tipos de (75) distúrbios de linguagem que podiam caracterizar-se por ruptura de via sempre causou dificuldades à compreensão.

229 230

De fato isto é compreensível, já que a explicação de uma das formas baseava-se em uma perspectiva psicológica e a da outra, em uma perspectiva anatômica. {36}²³¹ Lichtheim via

²²⁷ Nota do Editor: [Grashey, *ibid.*, p. 658.]

²²⁸ A distinção entre afasia amnésica e atáctica fora formulada em 1866 por Sanders. [Citado por Bastian (1869), p. 214, Nota 1: “In his paper, in the ‘Edin. Med. Journ.’ for March, 1866, he pointed out the distinction between what he termed the *amnesic* and the *ataxic* forms of aphasia [...].”]

²²⁹ Nota do Editor: [Grashey (1885), p. 656. Lá se encontra indicado, em todo o caso, mais uma linha de ligação contendo uma seta que vai do ângulo acima e à direita de “Auge” até o ponto C, ausente da citação de Freud.]

²³⁰ N.T.: O esquema no qual Grashey elucida o distúrbio de função de seu paciente. No mesmo significam: A o centro para as imagens de som; B o centro para as imagens de objeto; C o centro para os símbolos, isto é, para letras, palavras e números escritos ou impressos; D o centro para as representações de movimento da fala; F os núcleos dos nervos da fonação e da articulação; G o centro para as representações de movimento da escrita; H os núcleos dos nervos motores em atividade durante a escrita. (Ao lado da letra G, consta a expressão: palavra escrita; logo abaixo: Olho. Ao lado de D, consta a expressão: palavra falada; abaixo: ouvido.)

²³¹ O caso de Grashey.

como inconcebível equiparar as amnésias às outras formas de distúrbio de linguagem; ele pensava que a amnésia fosse um frequente fenômeno que *acompanhava* os tipos por ele descritos e seus estados de involução, e que não fosse, contudo, um sintoma focal e presente nos processos patológicos mais difusos, no distúrbio de circulação no cérebro em geral, ou como traço da involução senil da atividade do cérebro²³². (76)

A exigência de desconsiderar, frente a toda uma classe de distúrbios de linguagem, aquela perspectiva localizacionista tida como o único parâmetro para esclarecer uma outra classe de distúrbios de linguagem, não tem, a princípio, nada de esclarecedor. Grashey, ao contrário, pôs-se a analisar as características de seu caso de afasia amnésica lançando mão do esquema aqui reproduzido (Fig. 6) e chegou à conclusão de que este esquema poderia ser explicado supondo-se que a via partindo das imagens de som às imagens de objeto estivesse livre, enquanto a {37}²³³ via contrária, levando às imagens de som, estaria partida. Assim sendo, o enfermo realmente seria capaz de relacionar corretamente uma palavra ouvida ao objeto por ela indicado, mas seria incapaz de encontrar o som de palavra correspondente a um objeto anteriormente mostrado a ele.

Seu mérito, entretanto, consistiu no fato de que ele descartou essa tentativa de explicação com as seguintes palavras: “Deste modo poderiam ser esclarecidos finalmente todos os sintomas... eu não me contentei, a partir disto, com o acionamento e interrupção arbitrários de vias de ligação capazes de desempenhar suas funções, mas sim investiguei pormenorizadamente o enfermo e descobri que os centros aparentemente normais... estão consideravelmente perturbados em suas funções...”²³⁴

Seu paciente apresentou, pois, uma notável incapacidade de fixar por muito tempo, nas palavras de Grashey, “imagens de objeto, imagens de som e símbolos”²³⁵. Quando se mostrava um objeto familiar ao paciente e se pedia, depois de um momento, que ele tocasse o objeto mostrado, então ele esquecia, nesse meio tempo, qual era o objeto; quando se falava uma palavra ao paciente, o distraía em seguida com outra palavra, e se demandava

²³² Nota do Editor: [Ver a esse respeito o verbete de léxico de Freud ‘Amnésia’ (in. 1893-94a), no qual são também mencionadas as duas formas de afasia amnésica e atáctica.]

²³³ A rejeição da explicação localizacionista.

²³⁴ Nota do Editor: [A passagem exata em Grashey (1885), p. 669: “Deste modo poderiam ser esclarecidos finalmente todos os sintomas. Partindo desta convicção, não me contentei com o acionamento e interrupção arbitrários de vias de ligação capazes de desempenhar suas funções, mas sim investiguei pormenorizadamente o enfermo e descobri que os centros para imagens de objeto, imagens de som e símbolos estão, de fato, consideravelmente perturbados em suas funções.”]

²³⁵ Nota do Editor: [Ibid.]

dele, então, que repetisse a primeira palavra, ele sempre se esquecia da primeira palavra, mantendo somente a última palavra na memória e assim por diante. Nesse sentido, ele era também incapaz de “sintetizar e perceber como um todo (77) imagens de objeto, imagens de som e símbolos surgidos de forma sucessiva e em intervalos de tempo nítidos.”²³⁶ Quando se cobria a imagem de um objeto por ele conhecido com uma folha de papel, cortada ao meio, deixando uma fresta, e se deslocava a folha de forma tal que o objeto só pudesse ser visto em partes sucessivas, então o paciente não era capaz de montar o objeto a partir das impressões parciais recebidas desta maneira; porém, ao afastar a folha de papel e sobressaindo-se a imagem como um todo, ele a reconhecia imediatamente. Quando se cobria da mesma maneira uma palavra escrita ou impressa, de tal forma que suas letras somente fossem visíveis isolada e sucessivamente, ele as soletrava uma após a outra, conseguia fazê-lo inclusive na ordem inversa, mas nunca conseguia ler a palavra a partir das imagens de objeto, {38}²³⁷ pois, ao ler a última letra, todas as outras haviam sido esquecidas.²³⁸

Grashey esclareceu o distúrbio de linguagem de seu paciente a partir deste dano generalizado da percepção, sem ter de supor necessariamente uma lesão localizada. Um objeto, explica ele, pode ser percebido pelo olho simplesmente em função de uma incidência instantânea da luz; uma imagem de som, por sua vez, precisa de um tempo mais longo para ser apreendida, pois ela é algo que *se torna* objeto aos nossos ouvidos, um objeto que se constitui sucessivamente. Pode-se reduzir a duração da impressão do objeto abaixo dos 0,06 segundos e, mesmo assim, ainda há como apreendê-lo como um todo, ao passo que a imagem de som correspondente, no mesmo intervalo de tempo, só pode ser apreendida em suas primeiras letras.²³⁹ Imagem de objeto e imagem de som não correspondem uma à outra parte a parte, a letra “c” da palavra “cavalo”, por exemplo, não corresponde à parte alguma do objeto cavalo; a imagem de som necessita primeiramente tornar-se completamente pronta antes de poder estabelecer uma relação com o objeto. “Se, pois, uma imagem de som deve ser suscitada a partir de uma imagem de objeto, a imagem de objeto deve necessariamente estar completamente pronta e durar tanto tempo, até que as

²³⁶ Nota do Editor: [Ibid. p. 673]

²³⁷ Explicação do mesmo pela redução da duração da percepção.

²³⁸ Nota do Editor: [Ibid. p. 672.]

²³⁹ Nota do Editor: [Ibid. p. 674 e seg.]

partes isoladas da imagem de som constituam-se sucessivamente. Se a duração da imagem de objeto cavalo completamente pronta diminui à casa dos 0,06 segundos, então se pode suscitar ainda, a partir desta imagem de objeto, no máximo uma única parte, uma letra da imagem de som.”²⁴⁰ (78) – “Se, ao contrário, uma imagem de objeto deve ser suscitada a partir de uma *imagem de som*, então, igualmente, nenhuma parte da imagem de som constituída pode excitar uma parte qualquer da imagem de objeto, pois as partes destas imagens não correspondem umas às outras. A imagem de som deve necessariamente, ao contrário, estar completamente pronta e durar o tempo suficiente para que a imagem de objeto constitua-se.”²⁴¹ *Pelo fato de que a imagem de objeto precisa, em todo o caso, apenas de um instante para ser constituída, ela é igualmente produzida no caso de curta duração da imagem de som.*

“Vê-se, pois,” conclui Grashey, “que, por causa de um mesmo distúrbio, [...] a passagem das {39}²⁴² imagens de objeto às imagens de som altera-se, mas a passagem das imagens de som às imagens de objeto permanece inalterada.”²⁴³ E nós completamos: sem a suposição de uma lesão em qualquer via de condução ou em um centro.

O paciente de Grashey destaca-se ainda por outra particularidade. Ele podia encontrar os nomes que se lhe escapavam com auxílio da escrita, desde que lhe fosse permitido ter o objeto diante dos olhos. Ele observava o objeto e escrevia, então, a primeira letra do nome, lia a letra e a pronunciava demoradamente, então ele olhava novamente para o objeto, escrevia a segunda letra, pronunciava as duas letras encontradas e continuava desta maneira até encontrar a última letra e, por conseguinte, o nome buscado. Esse procedimento particular pode ser esclarecido satisfatoriamente pela curta duração de cada uma das impressões, se consideramos que a escrita e a leitura das letras encontradas eram meios para fixar a impressão fugidia. Grashey pôde (79) concluir, com razão, a partir desta

²⁴⁰ Nota do Editor: [literalmente em Grashey, *ibid.* p. 676 e seg.: “Se uma imagem de som deve ser suscitada a partir de uma *imagem de objeto*, então uma determinada parte da imagem de objeto não pode excitar uma parte determinada da imagem de som, mas sim a imagem de objeto deve necessariamente estar completamente pronta e durar tanto tempo, até que as partes isoladas da imagem de som constituam-se sucessivamente. Se a imagem de som precisa de 0,3 segundos para constituir-se, então a imagem de objeto completamente pronta deve necessariamente persistir na consciência por no mínimo o mesmo período de tempo. Se a duração da imagem de objeto completamente acabada diminui, por exemplo, à casa dos 0,06 segundos, então se pode suscitar ainda, a partir desta imagem de objeto, no máximo uma única parte, uma letra da imagem de som.”]

²⁴¹ Nota do Editor: [*Ibid.*, p. 677.]

²⁴² Encontrar substantivos pelas primeiras letras dos mesmos.

²⁴³ Nota do Editor: [*Ibid.*]

observação, que as imagens de som, imagens de escrita e imagens de leitura correspondem umas às outras parte a parte e que sua associação, portanto, pode ainda levar à descoberta da palavra, mesmo quando a duração de cada uma das impressões sensórias for drasticamente diminuída.

Até o momento parecia comprovado haver casos nos quais não é preciso aferrar-se à suposição de uma lesão localizada, mas que se podem explicar em suas particularidades por meio de uma modificação de uma constante fisiológica do aparelho de linguagem. A “afasia de Grashey” podia ser nitidamente contraposta às afasias baseadas na localização de lesões, descritas por Wernicke-Lichtheim, e obteve-se a esperança de poder explicar outras formas de “afasia amnésica” [p. (74)] por meio da descoberta de outros aspectos funcionais, além da redução da duração de impressões sensórias.

Entretanto, o próprio Wernicke aniquilou com uma crítica perspicaz essa importância fundamental da análise {40}²⁴⁴ de Grashey. Ele fez notar que, *de fato, não se ouve a imagem de som como sendo composta por letras*. O som é algo inteiro, cuja divisão em sons de letras só ocorre posteriormente na vida, a serviço do trato com a linguagem escrita. Também não passou despercebido a Wernicke o fato de que havia uma outra objeção contundente à concepção de Grashey. Quando era demandado ao paciente compor o som da palavra a partir dos sons das letras, sua escuta não podia ser melhor que sua leitura, e, assim, ele deveria necessariamente ser incapaz também de compreender uma só palavra sem fixá-la por escrito. Wernicke expressou essa oposição nos seguintes termos: “O mesmo enfermo que, se lhe são mostrados uns após os outros diversos objetos, inclusive letras, esquece sempre o primeiro após lhe ser apresentado o segundo, pode ler fluentemente, compreende tudo o que lhe é dito, pode escrever palavras que lhe são ditadas. Para que se possa compreender uma palavra ou uma frase, o som de várias letras, (80) ou, no caso de frases, o som de várias palavras, deve ficar retido na memória do paciente durante tanto tempo quanto necessário para que o sentido da frase chegue a ser expresso de forma compreensível. Então, as imagens de som têm, neste caso, uma duração muito maior que as imagens ópticas de objeto, e o distúrbio de memória é, em certo sentido, localizado, na medida em que ele impactou o território óptico de forma [tão] primordial.” (p. 470 [469 e segs.].)

²⁴⁴ Crítica da explicação de Grashey.

Tomamos conhecimento de que Wernicke explica o caso de Grashey somente como um distúrbio de função localizado (portanto, assimétrico). Não podemos anuir que o posicionamento deste distúrbio no território óptico esclareça, por si só e de forma satisfatória, a particularidade da observação de Grashey. Recordamo-nos, por exemplo, que Grashey comprovou diretamente, para seu caso, a duração extraordinariamente²⁴⁵ curta também das imagens de som. Além disso, não se poderia compreender, caso a duração das imagens de som não seja reduzida de forma significativa, por que o enfermo precisa da fixação por meio da escrita e da leitura das letras encontradas; {41}²⁴⁶ ele deveria chegar à imagem de som completa sem mais ajuda, se ele restabelece a impressão do objeto de modo suficientemente reiterado.

O caso de Grashey demanda, portanto, outra explicação e espero que esta, a ser introduzida a seguir, seja demonstrada [de forma] inquestionável. A diminuição generalizada na duração das impressões do sentido não pode, efetivamente, levar a um distúrbio de linguagem tal como este em questão. Rieger²⁴⁷ investigou minuciosamente um paciente com um distúrbio de memória bastante semelhante a este (também por causa de um trauma) e dedicou, igualmente, a devida atenção a seu distúrbio. Este enfermo tinha dificuldades de encontrar substantivos e adjetivos no fluxo da fala e precisava de auxílios frequentes para dizer o nome de um objeto visto. Ele encontrava a palavra buscada, porém, *sempre somente após uma longa pausa* e esta pausa não era utilizada para tentar soletrar a palavra, mas sim, ela *explodia de uma só vez* (81) (p. 69)²⁴⁸. Para explicar o caso de Grashey, devemos necessariamente, então, *supor, além do enfraquecimento geral da memória, um distúrbio localizado* e dispô-lo no centro das imagens de som. Tem-se, então, o caso que Bastian introduz como o segundo nível de excitabilidade reduzida, no qual um centro não mais

²⁴⁵ Nota do Editor: [no original: “extraordinária”.]

²⁴⁶ A suposição de uma lesão localizada não deve ser evitada.

²⁴⁷ Rieger, Beschreibung der Intelligenzstörung[en] in Folge einer Hirnverletzung nebst einem Entwurf zu einer allgemeinen anwendbaren Methode der Intelligenzprüfung. Würzburg 1888.

²⁴⁸ Nota do Editor: [literalmente em Rieger (1888), p. 83 (não na p. 69 onde é analisada e descrita uma série de tentativas numa investigação com tempo de reação): “Por outro lado, a investigação dos que conhecem detalhadamente nosso paciente ensina que neste caso, a incapacidade, no mínimo tão grande, de reter as impressões de sentido mais demoradamente que um tempo mínimo está ligada, contudo, a outros tipos de distúrbio completamente diferentes do distúrbio do paciente de Grashey. Nosso paciente demora muito tempo antes de conseguir transformar uma impressão óptica em uma palavra falada e, se ele não é constantemente estimulado, então ele nunca atinge seu objetivo. Porém, isso não se dá por que ele *soletra*, ao contrário, a palavra explode de uma só vez, como demonstrado acima em várias passagens (ver especialmente p. (69) e seg.).”]

responde a um estímulo normal (“voluntário”), mas ainda é capaz de desempenhar suas funções por meio de associações e de estímulos sensíveis.²⁴⁹ No caso de Grashey, o centro das imagens de som não pode mais ser excitado diretamente pelas associações de objeto, mas permite ainda a condução da excitação à imagem de leitura que está associada à imagem de som. A partir da imagem de leitura, no momento em que a excitação provinda do objeto visto estiver ativa, a primeira parte (letra) pode ser reconhecida e, por meio da {42}²⁵⁰ repetição desta sequência, as demais letras podem ser igualmente reconhecidas; as letras reunidas desta maneira despertam, então, a imagem de som, que não podia ser despertada a partir das associações de objeto.

Minha explicação encontra um apoio adicional no fato de que o paciente de Grashey estava inicialmente surdo (não conseguia perceber as palavras faladas), e tinha, pois, uma grave lesão no mesmo local que deveria estar atingido por uma lesão menos importante, de acordo com minha suposição para explicar os distúrbios de linguagem descritos por Grashey. Persisto em supor, naturalmente, que a parte acústica do aparelho de linguagem reagiu solidariamente a esta lesão, tal qual descrito na discussão da afasia motora transcortical [p. (71)].

A propósito, casos como o de Grashey já se tornaram conhecidos há mais tempo. (82) Um doente, segundo observação relatada por Graves²⁵¹, perdera, desde o trauma, a memória para substantivos e nomes próprios, mas lembrava-se, contudo, com absoluta certeza, das primeiras letras desses nomes. Ele achou útil preparar uma lista em ordem alfabética contendo os substantivos mais usados, que ele sempre trazia consigo e com seu auxílio ele conseguia falar. Quando ele precisava de uma palavra, procurava a primeira letra, reconhecia claramente a palavra buscada por meio da imagem de leitura e podia pronunciá-la, desde que ele mantivesse os olhos fixos à imagem de leitura. No momento em que a lista fosse fechada, ele se esquecia novamente da palavra. É claro que também este doente dispunha das palavras que faltavam, por intermédio da associação com a imagem de leitura. O caso em que a atividade de um centro precisa ser necessariamente apoiada pela atividade de um outro centro, associada ao primeiro, quando uma operação linguística deve realizar-

²⁴⁹ Nota do Editor: [Cf.: acima p. (68) e seg. Lá esse nível é, em todo o caso, indicado como sendo o primeiro, “mais leve”.]

²⁵⁰ Explicação do caso de Grashey por meio...

²⁵¹ Cf.: Bateman, *On aphasia or loss of speech etc.* London 1870 [(1868/69), p. 24; também em Bastian (1869), p. 487 e seg.]. [Graves (1851), p. 1 e seg.]

se, já foi observado várias vezes {43}²⁵² na patologia dos distúrbios de linguagem. O mais frequente é a ocorrência deste caso com relação ao centro visual (o local das imagens de letra), o que explica que, nestes casos, a leitura é impossível, se cada letra não for escrita separadamente ou desenhada no ar. Westphal relatou pela primeira vez uma tal observação de um paciente afásico que só era capaz de “ler escrevendo”²⁵³; nas novas conferências de Charcot²⁵⁴, por mim traduzidas, encontra-se o (83) histórico completo da doença de um outro paciente com cegueira de palavra, que se servia dos mesmos artifícios. A patologia dos distúrbios de linguagem simplesmente repete, desta forma, um estado que existia normalmente durante o aprendizado das funções da linguagem.²⁵⁵ Enquanto ainda não podíamos ler fluentemente, todos buscávamos nos certificar do conhecimento sobre as imagens de leitura, despertando todas as suas outras associações; da mesma maneira, ao aprendermos a escrever, estimulamos, além da imagem de leitura, a representação do som e a sensação da inervação motora. A diferença está apenas no fato de que, no aprendizado, estamos ligados à hierarquia vigente dos centros, que assumiram sua função em diferentes épocas (primeiramente o centro sensório-acústico, depois o motor, posteriormente o visual e, finalmente, o gráfico), ao passo que nos casos patológicos, o centro que será convocado a

²⁵² da suposição de uma modificação proposta por Bastian no centro acústico.

²⁵³ Nota do Editor: [Westphal (1874), p. 96. Ver também abaixo p. (140).]

²⁵⁴ Charcot [1874], Novas conferências sobre as doenças do sistema nervoso, especialmente sobre a histeria. Trad. por Sigm. Freud. Viena 1886 [f], p. 137. Nota do Editor: [Correto: p. 127 e seg.; o histórico completo da doença começa na p. 125 e vai até a p. 133; a última frase (destacada no original) versa: “*Ele lê apenas na medida em que escreve.*” – As conferências 11, 12 e 13 tratam do tema da afasia. – Freud acrescenta à tradução ao lado de um ‘Prefácio do Tradutor’ dentro da “Nota do Editor”, como ele mesmo escreve neste prefácio, - “um pequeno número de considerações”, que não foram, até o momento novamente impressas. A nota de rodapé no título da décima primeira conferência, ‘Sobre um caso de cegueira verbal’, p. 124, diz: “Ambas conferências sobre a cegueira verbal que estão aqui presentes [a 13ª conferência trata da perda das imagens de lembrança visuais referentes a traços de linguagem e a objetos] são as primeiras de uma série publicadas no *Progrès médical* 1884*, nas quais as diversas formas de afasia são discutidas em exemplos típicos. No seguinte apanhado, entretanto, Charcot só permitiu a reunião das conferências sobre cegueira verbal sem modificações, enquanto reservou as demais para uma posterior reformulação ainda por ser realizada. Quem tiver o interesse de conhecer o conteúdo das conferências ausentes deste apanhado, deve procurar uma análise feita pelo Dr. Marie na *Revue de Médecine* 1884 [correto: 1883] e uma tese de Bernard reescrita sob a supervisão de Charcot (*De l’aphasie et de ses diverses formes*, Paris 1885). Uma tradução italiana das conferências sobre as afasias contidas em *Progrès médical* foi feita por G. Rummo [correto: G. Rummo] (*Differenti forme d’afasia* [correto: di afasia], Milano 1884). – Os pontos de vista mais importantes da doutrina das afasias de Charcot são encontrados no final da 13ª conferência desta edição alemã. Nota do Editor.”.] *[A informação do ano 1884 não confere; neste ano foram publicadas diversas outras conferências de Charcot em *Progrès médical*. Excertos das conferências sobre a afasia são encontrados em 1883 (ver Charcot, 1883). Uma nota de rodapé do trabalho de A. Pitres, ‘*Considérations sur l’agraphie [...]*’ (1884), p. 855, nota 1, informa que até aquele momento ainda não havia surgido uma versão francesa completa daquela conferência; havia meramente os excertos mencionados, bem como um resumo de Pierre Marie (1883) e uma tradução italiana completa de G. Rummo (ver Charcot, 1884).]

²⁵⁵ Nota do Editor: [Cf.: tb. abaixo, pp. (131) e seg.]

ajudar primeiramente será aquele que tiver permanecido o mais capaz de desempenhar suas funções. (84) A peculiaridade dos casos de Graves e de Grashey só pode ser buscada no fato de que neles é especificamente o centro das imagens de som que precisa do apoio da parte de outros centros, que, em outras circunstâncias, dependem dele em suas atividades.

Mesmo que a investigação de Grashey, portanto, não tenha conservado a importância que a ela fora atribuída inicialmente, como se fosse a explicação da afasia amnésica excluindo a localização, ela pode, de todo o modo, almejar um valor permanente devido a {44}²⁵⁶ várias descobertas paralelas. Ela retomou, primeiramente, a questão da verdadeira relação dos centros de linguagem entre si, da dependência dos demais centros em relação ao centro das imagens de som, ademais, ela nos deu, pela primeira vez, uma ideia da complexa e tortuosa sequência das associações, múltiplas em suas direções, no processo de linguagem, e, finalmente, ela estabeleceu peremptoriamente a perspectiva correta para a avaliação dos distúrbios de leitura, através da comprovação de que não se pode ler, a não ser soletrando. No último ponto talvez se deva introduzir uma restrição. É provável que em certos tipos de leituras (especialmente para certas palavras) a *imagem de objeto da palavra inteira* também ofereça uma contribuição para o reconhecimento da mesma. Desta forma pode-se explicar por que pessoas cegas para toda e qualquer letra ainda assim consigam ler seus nomes ou alguma palavra muito familiar (designação de uma cidade, de um sanatório etc.) impressos, e que uma paciente de Leube²⁵⁷ conseguia eventualmente pronunciar uma palavra, que ela tentara soletrar até a exaustão e sem sucesso, tão logo a palavra era retirada de sua vista, ou seja, tão logo a oportunidade de soletrá-la, portanto, não mais existia. A suposição é de que, neste meio tempo, a imagem de objeto da palavra escrita ou impressa tenha se impregnado profundamente o bastante para ser pronunciada (explicação de Leube). (85)

Partimos de uma concepção de distúrbios de linguagem que almejava explicar algumas formas de afasia exclusivamente pelo efeito de lesões circunscritas de vias de condução e centros, enquanto buscava a origem de uma outra série de afasias exclusivamente em mudanças funcionais no aparelho de linguagem. Demonstramos com o exemplo da afasia motora transcortical que, para esta, a explicação localizacionista é inconces- {45}²⁵⁸ sa e

²⁵⁶ A importância do trabalho de Grashey para a compreensão dos distúrbios de leitura.

²⁵⁷ Leube, Ueber eine eigentümliche Form Von Alexie. Zeitschrift f. klin. Medicin XVIII, 1889 [correto: 1891].

²⁵⁸ A importância das modificações de Bastian.

que, neste caso, é necessário admitir a suposição de modificações funcionais. Por meio da crítica ao caso de Grashey, concluímos, por outro lado, que não se pode explicar a afasia amnésica de outro modo, senão pela suposição de uma lesão localizada. Encontramos um meio termo para conciliar as duas suposições antagônicas na ideia de que os centros do aparelho de linguagem *reagem solidariamente, por assim dizer, com uma mudança funcional contra lesões indiretamente destrutivas*²⁵⁹, e aceitamos como tais mudanças de função, por nós conhecidas, os três níveis de inexcitabilidade de Bastian: que um centro 1. não é de maneira alguma capaz de desempenhar suas funções, 2. só é capaz de desempenhar suas funções incitado por estímulo externo, 3. ainda é capaz de desempenhar suas funções pela associação com um outro centro.²⁶⁰ Pelo fato de estarmos, neste momento, preparados a enxergar todo e qualquer caso de distúrbio de linguagem como consequência de uma ruptura de via ao lado de uma modificação do estado funcional, impõe-se a tarefa de discernir os critérios segundo os quais se deve atribuir um sintoma de um distúrbio de linguagem a uma ou outra destas causas.²⁶¹ Ademais, restaria para nós a tarefa de construir uma outra concepção dos distúrbios de linguagem que não seja suscetível às objeções aqui levantadas.²⁶²

V.

Vimos em um dos capítulos precedentes [cap. I.], que a teoria do processo de linguagem de Wernicke estabeleceu como princípio uma determinada suposição sobre o papel dos “centros” no córtex cerebral e [cap. II.] que a clínica dos distúrbios de linguagem não confirma certas (86) expectativas que se poderiam derivar de uma tal suposição. Isto deve nos servir de ensejo a lançar um olhar mais atento àquela teoria.

Devemos imaginar, a partir de Wernicke, que no córtex cerebral haja áreas definidas (todavia não exatamente delimitáveis) (por exemplo, a área de Broca, a {46}²⁶³ área de Wernicke) em cujas células nervosas estejam de alguma maneira contidas as representações com as quais a função de linguagem trabalha. Essas representações são restos de

²⁵⁹ Nota do Editor: [Cf.: acima, p. (71) e abaixo, p. (134).]

²⁶⁰ Nota do Editor: [Cf.: acima, pp. (68) e seg., aonde, contudo a sequência é apresentada na ordem inversa.]

²⁶¹ Nota do Editor: [Cf.: abaixo, p. (131).]

²⁶² Nota do Editor: [Cf.: abaixo, pp. (107) e seg., (111)-(117), (122)-(143).]

²⁶³ Centros do córtex cerebral separados por território desocupado.

impressões que chegam pela via dos nervos ópticos e acústicos ou que surgem durante os movimentos de linguagem como sensação de inervação ou percepção dos movimentos realizados. De acordo com sua proveniência de uma dessas fontes, elas se reúnem no córtex cerebral, de tal modo que uma área contém todas as “imagens de som de palavra”, a outra área contém todas as “imagens de movimento de palavra” e assim por diante.²⁶⁴ A ligação desses centros corticais distintos é realizada por fibras de substância branca (feixes de associação) e, entre os centros, encontra-se um “território desocupado” do córtex cerebral, segundo a expressão de Meynert, “lacunas funcionais”.²⁶⁵

Com a última definição, abandonamos a linha de raciocínio de Wernicke e a complementamos com um detalhe da doutrina de Meynert. Wernicke, que em nenhuma oportunidade deixou de afirmar que sua teoria das afasias é apenas uma aplicação da teoria mais extensa de Meynert, preferiu, inicialmente, especificamente em relação aos centros de linguagem, uma postura um tanto distanciada da doutrina de Meynert. Em seu escrito sobre o complexo de sintomas afásicos [1874], todo o primeiro giro em torno da fissura de Sylvius ainda era tido como um centro de linguagem; em seu *Compêndio das Doenças do Cérebro* [1881], por outro lado, os centros de linguagem são descritos como partes do primeiro giro frontal e do primeiro giro temporal. (Fig. 7)

Parece-me oportuno, neste momento, considerar algumas passagens do edifício doutrinário de Meynert relativo à estrutura e funcionamento do cérebro. (87) Minha descrição do mesmo, bem como as objeções a serem contrapostas a ele, será meramente fugidia e esboçada e não poderá fazer jus à grande importância do objeto em questão. Outro tipo de consideração extrapolaria {47}²⁶⁶ sobremaneira o âmbito deste trabalho, que deve tratar somente da concepção dos distúrbios de linguagem. Na medida em que a última não pode ser pensada independentemente de uma concepção geral da atividade do cérebro, vejo-me, portanto, obrigado, ao menos a aludir à questão da importância geral do cérebro.

²⁶⁴ Nota do Editor: [Lichtheim (1885b), p. 207; cf. acima, p. (40), (41).]

²⁶⁵ Meynert, *Psychiatrie. Erste Hälfte* 1884, p. 140. Nota do Editor: [Cf.: abaixo, pp. (96) e seg. A questão da separação de territórios corticais distintos por lacunas funcionais é debatida por Freud também em sua monografia (1893c) (ver abaixo, p. (102), terceira nota).]

²⁶⁶ A doutrina de Meynert sobre o cérebro.

Nach Wernicke, Lehrbuch der Gehirnerkrankheiten, Bd. I, p. 206 [205]
 Fig. XX. Schema des kortikalen Sprachmechanismus. *F* Stirnende¹, *O* Hinter-
 haupts-, *T* Schläfenende einer linken Hemisphäre, *fS* Fissura Sylvii, *c* Zentral-
 furche, *g* vordere² Okzipitalfurche, *i* Interparietalfurche, *k* vordere Okzi-
 pitalfurche, *o* Parieto-Okzipitalfurche, *e* Parallelfurche, *I-III* erste bis dritte
 Stirnwindung, *x* Übergangswindungen, *x* sensorisches Sprachzentrum, *y* mo-
 torisches Sprachzentrum, *xy* Assoziationsbahn zwischen beiden Zentren, *ax*
 Bahn des Akustikus, *ym* Bahn zur Sprachmuskulatur.

267

A doutrina de Meynert sobre a estrutura do cérebro merece o nome de “córtico-cêntrica”. Em sua própria e ampla interpretação das relações anatômicas, Meynert afirma que o córtex cerebral (88), pela exterioridade de sua localização, é apropriado para receber e apreender a totalidade das impressões sensórias²⁶⁸. Além disso, o córtex cerebral, segundo Meynert, equipara-se a um ser protoplasmático composto que pretende assimilar-se às partes componentes de um corpo que ele recobre, transformando-se em {48}²⁶⁹ uma cavidade²⁷⁰. A totalidade restante do cérebro aparece como órgão anexo e auxiliar do córtex cerebral, a totalidade do corpo aparece como uma armadura de seus feixes sensórios e tentáculos, que lhe asseguram as condições de incorporar a imagem do mundo e de nela interferir²⁷¹. Todos os sistemas de fibras do cérebro [segundo Meynert] conduzem ao córtex cerebral ou dele partem; todos os núcleos²⁷² cinzentos são interrupções no caminho dessas massas de fibras rumo ao cérebro. A medula espinhal deriva-se do córtex cerebral por uma origem dupla, revelada por um corte transversal na região do pedúnculo cerebral. A assim chamada

²⁶⁷ Nota do Editor: [a letra F não consta da primeira edição de Freud, mas é indicada no original de Wernicke. Por isso está indicada na presente edição entre chaves.] Nota do Editor: [aonde consta *g* “vordere” (anterior), leia-se “untere” (inferior).] N.T.: Cf. Wernicke, Compêndio das Doenças do Cérebro, vol. 1, p. 206 [205] Fig. XX. Esquema do mecanismo de linguagem no córtex. *F* terminação frontal, *O* terminação occipital, *T* terminação temporal, de um hemisfério esquerdo; *fS* fissura de Sylvius, *c* giro central, *g* giro occipital inferior (ver Nota do Editor acima), *i* giro interparietal, *k* giro occipital anterior, *o* giro parieto-occipital, *e* giro paralelo, *I-III* primeiro ao terceiro giros frontais, *x* *x* giros de passagem, *x* centro sensorio de linguagem, *y* centro motor de linguagem, *xy* via de associação entre ambos os centros, *ax* via do nervo acústico, *ym* via para a musculatura da linguagem.

²⁶⁸ Cf.: Meynert, Der Bau der Grosshirnrinde etc. Vierteljahr[s]chrift für Psychiatrie I, 1867 [(1867/68), p. 81].

²⁶⁹ Relação do córtex cerebral com o restante do cérebro.

²⁷⁰ Ebd. und Psychiatrie [1884], p. 127.

²⁷¹ Nota do Editor: [Meynert (1884), p. 128.]

²⁷² N.T.: massas cinzentas.

base do pedúnculo cerebral contém as vias que enviam os impulsos de movimento do córtex cerebral para a periferia, bem como as vias que intermedeiam a recepção das impressões sensoriais pelo cérebro. Dessa maneira, ela porta uma projeção do corpo, na medida em que o último está em relação de dependência direta com o córtex cerebral. O assim chamado teto do pedúnculo cerebral, em contrapartida, traz ao córtex cerebral o conhecimento das conexões dos reflexos na medula espinhal e no tronco cerebral e, assim, o primeiro estímulo para os impulsos de movimento próprio. As massas cinzentas do tronco cerebral podem ser, em função de sua ligação simultânea com os cordões da medula espinhal e com as grandes superfícies sensoriais, por um lado, partes componentes daquele aparelho reflexo, que está ligado ao córtex cerebral por meio do teto do pedúnculo cerebral, como o tubérculo quadrigêmeo e o tálamo, ou então elas interrompem a via direta ao cérebro como gânglios da base do pedúnculo cerebral (núcleo lenticular – corpo estriado). A via motora, em especial, que submete a musculatura do corpo à influência do córtex (89) cerebral, percorre três passos (membros do sistema de projeção) do córtex até a periferia, que são {49}²⁷³ separados por dois núcleos cinzentos (núcleo lenticular-caudado e substância cinzenta do corno anterior). Na ponte ela encontra, além disso, por intermédio da substância cinzenta dos núcleos da ponte e feixes de fibras²⁷⁴ “centrífugas”, uma ligação com o cerebelo, que, a não ser por essa menção, é quase deixado de lado no esquema do cérebro de Meynert.

Como se forma, então, a reprodução de um corpo no córtex cerebral, que está ligado à periferia por meio dessas vias? Meynert denomina esta reprodução de “projeção”²⁷⁵ e alguns de seus comentários permitem concluir que ele, de fato, supõe uma projeção, isto é, uma reprodução ponto a ponto do corpo no córtex cerebral. Neste sentido, explica-se, por exemplo, a comparação tão frequente do corte cerebral com a retina dos olhos²⁷⁶, órgão terminal, cuja substância nervosa fora denominada por vários autores de um “pedaço externalizado de substância cinzenta do córtex”, ao passo que esta, entretanto, deveria necessariamente corresponder morfológicamente a um pedaço da substância cinzenta da medula espinhal. Alguns comentários, ademais, parecem mais adequados à compreensão de

²⁷³ Reprodução do corpo no córtex cerebral.

²⁷⁴ Nota do Editor: [Meynert (1884), pp. 105, 160. Tb. (1869b), p. 550.]

²⁷⁵ Nota do Editor: [Meynert: (1867/68), p. 83 e (1869a), pp. 447, 450. Cf.: tb. (1869b) e (1884), p. 37 u. ö.?

²⁷⁶ Nota do Editor: [Algo como em Meynert (1884), pp. 127, 140, 167; (1867/68), pp. 79, 80, 206, 105.]

uma projeção no sentido próprio do termo, tais como: é, “em todo o caso, extremamente improvável que cada um dos *feixes do pedúnculo que representam as diversas fibras musculares, superfícies da pele, glândulas e entranhas* [...] se dispersem tanto, a ponto de serem representados em toda a superfície do córtex por projeção”²⁷⁷, ou: “Um corte transversal abrange através do [pedúnculo] [...], por assim dizer, todo o organismo, que seria, em todo o caso, cego e incapaz de sentir cheiros.”²⁷⁸ Por outro lado, outros desenvolvimentos da doutrina de Meynert contradizem tão fortemente uma tal suposição que eu não gostaria de me atrever a combatê-la aqui, como se fosse sua. Ao contrário, não (90) cometerá de modo algum um engano aquele que pressupor que Munk²⁷⁹ e outros pesquisadores que embasam seus pontos de vista na doutrina de Meynert defendem, de forma mais ou menos clara, a ideia de uma reprodução completa e topograficamente idêntica do corpo no córtex cerebral.

{50}²⁸⁰ Posso, neste momento, chamar a atenção ao fato de que as mais novas conquistas da anatomia cerebral retificaram, em pontos essenciais, a concepção da estrutura do cérebro de Meynert e, assim, colocaram em questão o papel atribuído por ele ao córtex cerebral. Essas correções vinculam-se diretamente ao percurso da mais importante e mais bem conhecida via que vai do córtex cerebral à musculatura do corpo. Primeiramente, a concepção do corpo estriado como sendo um gânglio que interrompe a via motora foi abandonada. Os clínicos, em primeiro lugar Charcot, demonstraram que uma lesão deste somente deve sua influência sobre a motilidade à sua proximidade com a assim chamada cápsula interna, ao passo que lesões dos gânglios, que não exercem influência sobre a cápsula interna, também não estão aptas a produzir paralisia alguma. Wernicke²⁸¹ comprovou, então, que não há uma ligação tão vasta deste assim chamado gânglio do pedúnculo com o córtex cerebral. O primeiro internódio foi, conseqüentemente, retirado do percurso da via de projeção de Meynert. O estudo da formação sucessiva da mielinização comprovou essa concepção e trouxe uma nova lacuna à concepção da estrutura do cérebro

²⁷⁷ Meynert, *Bau der Grosshirnrinde* l. c. [1867/68], p. 83. Nota do Editor: [Itálicos do Freud]

²⁷⁸ Meynert, *Rückenmarksprung* l. c. [1869a], p. 488 [correto: 448].

²⁷⁹ Nota do Editor: [Cf. por exemplo Munk (1881). Sobre “repetidas visitas ao professor Munk” em Berlim Freud noticia em seu comunicado sobre a viagem de estudos à Paris em 1886 (1956a), p. 44, e destaca lá que a viagem o possibilitou fazer seu próprio julgamento sobre a questão controversa entre Goltz e Munk a respeito da localização do sentido da visão na superfície do córtex encefálico.]

²⁸⁰ Correções à doutrina de Meynert...

²⁸¹ Wernicke, *Lehrbuch der Gehirnkrankheiten*, 1880 bis 1883, I. Bd. [1881].

de Meynert. Flechsig [1883] pôde confirmar que a via motora do córtex cerebral à musculatura parte, de fato, sem interrupção da massa cinzenta do córtex, através da cápsula interna rumo ao pedúnculo cerebral, e que a via motora não experimenta de forma alguma na ponte uma ligação com o cerebelo. Tem-se, então, a via piramidal como ligação direta entre a substância cinzenta do corno anterior e a substância cinzenta do córtex cerebral; o entrelaçamento afirmado por Meynert do cerebelo com a via motora foi, com isto, abandonado. Das (91) grandes massas subcorticais pertence ainda ao córtex cerebral apenas o tálamo óptico que, em caso de defeito congênito dos lobos cerebrais, também é malformado; ao passo que o corpo estriado permanece intacto em caso de defeito do cérebro, {51}²⁸² mas atrofia-se em caso de malformação congênita do cerebelo.²⁸³ Uma parte extensa da substância do encéfalo, corpo estriado – ponte – cerebelo, contrapõe-se ao cérebro como órgão sem função reconhecida, não sem uma vasta ligação com o cérebro, porém independente dele no que tange à história de desenvolvimento e à função. Assim sendo, a interpretação de Meynert dos dois estágios do pedúnculo cerebral não é mais sustentável, entretanto, a propósito, ela não foi até o momento substituída por alguma outra. Quando se fala de uma dupla origem da medula espinhal, só se pode ainda referir à origem, por um lado, no cérebro e tálamo e, por outro, à origem no corpo estriado e cerebelo. A totalidade da estrutura cerebral parece demonstrar uma culminância em dois aparelhos centrais, dos quais o córtex cerebral representa o mais jovem, ao passo que o mais velho parece ter conservado uma parte das funções do gânglio do prosencéfalo. Outra importante componente da doutrina de Meynert, a suposição de uma via sensível duplicada em uma direta e uma reflexa, parece dever necessariamente renunciar à sua confirmação. Nossas experiências realizadas até o momento nos ensinam que nenhum feixe de fibras vai até outra parte do cérebro sem estar em ligação, seja com a substância cinzenta da medula espinhal, seja com alguma estrutura análoga a ela, e que todas as vias reflexas partem diretamente das vias sensíveis. Se a posição dominante do córtex cerebral parece abalada e surge a necessidade de relocar alguns processos anteriormente tidos por subcorticais no próprio córtex²⁸⁴, então (92) resta, a seguir, responder à pergunta sobre o modo em que o

²⁸² ... pelas mais recentes descobertas da anatomia do cérebro.

²⁸³ Flechsig, Plan des menschlichen Gehirns. 1883.

²⁸⁴ Nota do Editor: [A relação entre processos corticais e subcorticais ocupou Freud em 1888, no contexto da questão sobre “se as mudanças na excitabilidade sob hipnose só se dão no território do córtex encefálico”,

corpo está reproduzido no córtex cerebral. Penso ser possível demonstrar que a suposição de uma projeção do corpo sobre o córtex cerebral, no sentido próprio do termo, ou seja, uma reprodução completa e topograficamente semelhante, pode ser rejeitada.

{52}²⁸⁵ Assim sendo, parto de um ponto de vista, ao qual Henle [1871] também já se dedicou no exame deste objeto, que é o ponto de vista da *redução das fibras através das massas de substância cinzenta*. Se compararmos, pois, a soma das fibras que entram na medula espinhal com aquela das cordas brancas que deixam a medula espinhal para fazer a ligação com as partes mais elevadas do cérebro, demonstra-se, então, que a última soma resulta apenas em uma pequena parcela da primeira. Segundo uma contagem de Stilling, somente 365.814 fibras correspondiam em um caso a 807.738 fibras das raízes dos nervos em um corte transversal da medula cervical superior.²⁸⁶ As relações da medula espinhal com o corpo são, a partir do que foi dito, de uma natureza diferente das relações das massas cinzentas superiores [com a periferia do corpo]. Somente na medula espinhal (assim como nas substâncias cinzentas a ela análogas) existem as condições para uma *projeção* completa da periferia do corpo; a cada unidade de inervação periférica pode corresponder uma parcela de substância cinzenta na medula espinhal e, em um caso extremo, a cada unidade de inervação periférica pode corresponder um único elemento central. Em consequência da redução das fibras de projeção pela substância cinzenta da medula espinhal, não mais *uma* unidade periférica pode corresponder a cada elemento de substância cinzenta superior, mas sim, cada elemento de substância cinzenta superior deve necessariamente corresponder a mais de uma unidade periférica. Isso também é válido para o córtex cerebral, e, assim sendo, recomenda-se diferenciar essas duas formas de reprodução central atribuindo-lhes nomes diversos. Se denominarmos a reprodução (93) na substância cinzenta da medula espinhal de *projeção*, então talvez fosse apropriado denominar a reprodução no córtex

aventada no seu 'Prefácio do tradutor' ao texto de Bernheim, intitulado *Suggestion* (Freud, 1888-89a, p. 119): "É infundado contrapor o córtex cerebral ao restante do sistema nervoso como aqui ocorre; é improvável que uma mudança funcional de tão grande alcance no córtex cerebral não deva ser acompanhada de importantes mudanças na excitabilidade de outras partes do cérebro. Não possuímos critério algum que nos permita separar com exatidão um processo psíquico de um fisiológico, nem um ato no córtex cerebral de um ato nas massas subcorticais [...]". Para a continuação desses raciocínios no contexto da discussão sobre a localização de processos anímicos veja abaixo p. (97), primeira nota.]

²⁸⁵ Projeção e representação.

²⁸⁶ Nota do Editor: [Stilling (1859), p. 602, 606. – Freud já se ocupara anteriormente em suas primeiras pesquisas científicas sobre o sistema nervoso dos *Petromizon* (1877a) e (1878a) com os trabalhos fundamentais de Henle e Stilling].

cerebral de *representação*²⁸⁷ e dizer que *a periferia do corpo não esteja contida no córtex cerebral pedaço por pedaço, mas sim numa divisão menos detalhada, representada por fibras selecionadas*.²⁸⁸

Essa linha de raciocínio até aqui tão simples experimenta agora um novo desdobramento e toma uma outra direção pelas seguintes considerações:

Nem todas as fibras do corte transversal superior da medula cervical servem ao propósito de ligação {53}²⁸⁹ com o córtex cerebral. Uma parte considerável delas (vias curtas) irá se esvair até a terminação da substância cinzenta da cavidade entre os núcleos dos nervos e a oblongata, enquanto uma outra parte chega até o cerebelo. Somente com relação à via piramidal podemos dizer, com certeza, que ela chega até a substância cinzenta do córtex na mesma quantidade em que se encontra na medula cervical e que essa via é certamente uma continuação extremamente reduzida das fibras que, partindo dos músculos do corpo, chegam através das raízes anteriores até a medula espinhal. A redução das fibras de projeção, por outro lado, não é tão grande como seria de se esperar de acordo com o último exame, pois, por exemplo, no lugar das fibras das cordas posteriores, que como tais certamente não chegam ao córtex cerebral, este último recebe as fibras do lemnisco, que, após várias interrupções nos nós das cordas posteriores, a saber, nas substâncias cinzentas da oblongata e no tálamo, finalmente representam as cordas posteriores no cérebro. Não se sabe se as fibras do lemnisco atingem em número de fibras as cordas posteriores; provavelmente aquelas ficam muito aquém destas. Além disso, o cérebro recebe fibras do cerebelo, nas quais poder-se-ia ver um equivalente para as (94) origens da medula espinhal no cerebelo, e, assim sendo, a despeito de tudo isso, seria ainda duvidoso se ao córtex cerebral chegam, finalmente, tantas ou mais fibras da periferia – mesmo que por meio de desvios – do que seria necessário para a projeção na medula espinhal.

Há aqui, porém, ainda outro ponto a ser considerado, que não aparece de forma suficientemente clara na exposição de Meynert. Para ele, que enfatiza no percurso das

²⁸⁷ N.T.: *Repräsentation* não *Vorstellung*.

²⁸⁸ Nota do Editor: [Em seu artigo francês (1893c), p. 41, Freud refere-se à argumentação acima e recomenda analogamente a diferenciação entre “*paralyse de projection*” (paralisia de projeção) e “*paralyse de représentation*” (paralisia de representação). – A ideia de que todo o organismo (i. e. impressões [“impressions”] e movimentos de todas as partes do corpo) será “representado” mais ou menos “direta” ou “indiretamente” em diferentes níveis hierárquicos da evolução do sistema nervoso central representa um papel central na obra de Hughlings Jackson; cf. por exemplo Jackson (1884), (1887a) e (1887b).]

²⁸⁹ Redução das fibras através da substância cinzenta.

fibras principalmente o fato da ligação com o córtex, uma fibra ou feixe de fibra permanece sempre ainda a mesma, mesmo quando ela já atravessou muitas substâncias cinzentas. Sua construção: “A fibra passa por uma substância cinzenta.”²⁹⁰, demonstra a ideia anterior. Isso desperta evidentemente a impressão de que nada tenha sido alterado na fibra durante seu longo caminho até o córtex, a não ser {54}²⁹¹ pelo fato de que ela tenha chegado a um local em que há um maior número de possibilidades de ligação.

Não podemos mais sustentar esse modo de ver as coisas. Quando vemos, ao longo do desenvolvimento individual, como se realiza, passo a passo, o processo de formação das bainhas de mielina de uma substância cinzenta à outra, ou ainda, como para uma via condutora três ou mais vias que continuam a condução originam-se de uma substância cinzenta, então as substâncias cinzentas, e não mais os feixes de fibras, parecem ser o único órgão do cérebro.²⁹² Quando seguimos uma via sensível (centrípeta), na medida em que ela nos é conhecida, e identificamos como sua característica principal uma interrupção tão frequente quanto possível nas substâncias cinzentas e sua contínua ramificação²⁹³ através delas, devemos necessariamente (95) aceitar a ideia de que uma fibra tenha modificado seu significado funcional após cada nova emergência de uma substância cinzenta em seu caminho rumo ao córtex cerebral. Tomemos um dos exemplos que nos ficaram claros: uma fibra do nervo óptico conduz uma impressão da retina até o tubérculo quadrigêmeo anterior; neste, ela encontra uma terminação preliminar²⁹⁴ e, em seu lugar, parte da substância do gânglio uma outra fibra rumo ao córtex occipital. Na substância do tubérculo quadrigêmeo, teve lugar, porém, a ligação da impressão da retina com a sensação de movimento do músculo do olho; é, então, sobremaneira provável, que a nova fibra entre o tubérculo quadrigêmeo e o lobo occipital não mais conduza uma impressão da retina, mas

²⁹⁰ Nota do Editor: [Não encontrado com essas palavras. Uma formulação comparável em Meynert (1869a), p. 457: “Esses feixes [...] partem imediatamente do córtex cerebral e atravessam todas as massas de gânglios”, ou em Meynert (1884), p. 61: “A substância cinzenta fica, porém, perpassada por fibrilas de nervos, que não estão presos a ela.” Em outra passagem, 97-104, Meynert comenta “as relações da substância cinzenta, que [...] aparece como tecido básico vazio, com as raízes dos nervos até a terminação do nervo acústico”, de acordo com o então aceito “conhecimentos sobre o percurso da fibra do tronco encefálico até a medula espinhal”.]

²⁹¹ Mudança de significado das fibras em seu caminho rumo ao córtex.

²⁹² Nota do Editor: [cf. abaixo, p. (134 e seg.)]

²⁹³ Cf. Investigações sobre o percurso das vias da corda anterior e do nervo acústico de Edinger [1885], Brechterew [1885] e de minha autoria [(1886b) e (1886c)].

²⁹⁴ Cf. Darkschewitsch, Ueber die sogenannten primären Opticuscentren und ihre Beziehung zur Grosshirnrinde. Arch. F. Anat. U. Phys. 1886.

sim a conexão de uma ou mais dessas impressões com as sensações de movimento. Ainda mais complexa deve ser essa mudança de significado das fibras no que tange aos sistemas de condução da sensibilidade da pele e dos músculos; ainda não temos ideia alguma sobre {55}²⁹⁵ quais seriam aqui os elementos componentes do novo conteúdo do impulso conduzido.

Somente nos é possível concluir que as fibras que chegaram, após transporem as substâncias cinzentas, ao córtex cerebral, de fato ainda mantêm uma relação com a periferia do corpo, mas não podem mais apresentar uma imagem topicamente semelhante do mesmo. Elas contêm a periferia do corpo assim como – para tomarmos de empréstimo um exemplo ao objeto a que estamos aqui nos dedicando – um poema contém o alfabeto, em uma reordenação que serve a outros propósitos, em uma múltipla e diversa conexão entre cada elemento tópico, de maneira que alguns podem ser representados várias vezes, ao passo que outros podem não ser representados.²⁹⁶ Se fosse possível (96) seguir em detalhes essa reordenação, que acontece desde a projeção espinhal até o córtex cerebral, descobrir-se-ia provavelmente que seu fundamento é puramente funcional e que, nesse sentido, só serão tidos em conta aspectos tópicos na medida em que eles coincidirem com as exigências da função. Já que nada indica que no córtex cerebral essa reordenação seja anulada para resultar em uma projeção topográfica completa, então temos o direito de presumir que a periferia do corpo não está mais contida nas partes mais elevadas do cérebro, bem como no córtex cerebral, *topicamente, mas somente está contida conforme a função*. A pesquisa com animais, contudo, deve encobrir esse fato, na medida em que ela só pode ter como resultado uma relação tópica. Creio, entretanto, que quem procurar seriamente um centro do M. extensor pollucis longus, do M. rectus internus oculi ou da sensibilidade de uma área específica da pele no córtex cerebral será um pesquisador que desconhece a função dessa

²⁹⁵ O corpo não é mais topicamente reproduzido no córtex cerebral.

²⁹⁶ Nota do Editor: [No trabalho francês mencionado mais de uma vez sobre a comparação entre paralisias orgânicas e histéricas (1893c), p. 41, Freud denomina essa “reordenação” “uma mudança de arranjo que ocorreu no ponto de conexão entre os dois segmentos do sistema motor” [N.T.:fr. No orig.]. Uma outra reordenação desse tipo ele esquematizou posteriormente em uma carta a Wilhelm Fließ datada do dia 6 de dezembro de 1896 (1985c), p. 217: “sabe, eu trabalho com a suposição de que nosso mecanismo psíquico surgiu da superposição de camadas, de forma que de tempos em tempos o material de traços de memória existente experimenta uma *reordenação* segundo novas relações, uma *transcrição*. [...] Postulei uma reordenação semelhante àquela época (Afasia) para as vias advindas da periferia do corpo.”

parte do cérebro, assim como desconhece a complicação das condições que essa função pressupõe.²⁹⁷

{56}²⁹⁸ Voltamos²⁹⁹ após esse desvio à concepção da afasia e lembramo-nos [p. (40) seg. e p. (86)] que do solo da doutrina de Meynert brotou a suposição de que o aparelho de linguagem seria composto por centros corticais distintos em cujas células estão contidas as representações (97) de palavra e que esses centros são separados por territórios corticais livres de função e são conectados por meios de fibras brancas (feixes de associação). Pode-se primeiramente colocar em questão se uma tal suposição, que cativa representações em células, é de todo correta e aceitável. Eu creio que não.³⁰⁰

Frente à tendência de épocas anteriores da medicina de localizar faculdades inteiras da alma, na forma como são definidas pelo uso linguístico da psicologia, em territórios determinados do cérebro, a explicação de Wernicke de que só se poderiam localizar os mais simples elementos psíquicos, ou seja, cada uma das representações sensórias isolada, e, mais precisamente, na terminação central do nervo periférico que recebeu a impressão, deve ter sido vista como um grande avanço.³⁰¹ Em princípio, entretanto, não se incorre no mesmo erro básico de se tentar localizar seja um conceito complexo, seja uma atividade inteira da alma, seja um elemento psíquico? É justificado fazer uma fibra nervosa, que durante toda a extensão do seu percurso fora somente uma estrutura fisiológica submetida a modificações fisiológicas, mergulhar sua terminação no psíquico e dotar essa terminação de

²⁹⁷ Quero dizer simplesmente que essa concepção da representação do corpo no córtex cerebral desafia a doutrina de Munk sobre a projeção ponto a ponto da retina sobre o córtex occipital [Munk (1881)] e deveria necessariamente ser confirmada ou refutada pela consideração de hemianopsias corticais.

²⁹⁸ A localização de elementos psíquicos baseia-se somente...

²⁹⁹ Nota do Editor: [A passagem seguinte até a p. (100) terminando em “surge mais uma vez o psíquico como imagem de lembrança”, é reproduzida como anexo B no trabalho de Freud, ‘O Inconsciente’ (1915e) no volume 3 dos *Studienausgabe* (p. 165-167) sob o título: ‘Paralelismo psicofísico’; lá é sobretudo indicada, em um comentário editorial, a influência exercida por Hughlings Jackson sobre Freud.]

³⁰⁰ Nota do Editor: [Compare sobre esse tema uma passagem de Freud no contexto da discussão sobre as relações do aparelho anímico com a anatomia, no escrito supracitado na nota anterior (1915e, dentre outros locais, p. 133): “Sabemos que tais relações existem de forma muito rudimentar. [...] Entretanto todas as tentativas de adivinhar a partir daí uma localização dos processos anímicos, todos os esforços de pensar as representações armazenadas em células nervosas e de deixar os estímulos perambulando pelas fibras nervosas fracassaram completamente. O mesmo destino seria esperado para uma doutrina que quisesse reconhecer, por exemplo, o local anatômico do sistema *Cs*, da atividade anímica consciente, no córtex cerebral e que quisesse situar os processos inconscientes nas partes subcorticais do cérebro.” (Cf. sobre isso acima nota anterior e p. (91) e seg.) As reflexões subsequentes sobre uma topografia dos sistemas *Ics* e *Cs* conduziram (entre outros locais, p. 160) a buscar a diferenciação entre representações inconscientes e conscientes em suas conexões específicas com (abaixo, p. (121) e seg., explicitadas) as representações de palavra e de coisa (Cf. o último terço da nota 3 da p. (99) e seg.).]

³⁰¹ Nota do Editor: [Wernicke (1874), p. 4. Cf. acima, p. (41).]

uma representação ou de uma imagem de lembrança? Quando se reconhece a “vontade”, a “inteligência” etc. como termos técnicos da psicologia, aos quais correspondem no mundo fisiológico relações muito complexas, (98) sabe-se, pois, com maior precisão sobre a “simples representação sensória”, que ela seja algo que não um tal termo técnico?

A cadeia dos processos fisiológicos no sistema nervoso provavelmente não se encontra em uma relação de causalidade com os processos psíquicos. Os processos fisiológicos não cessam assim que os psíquicos tenham {57}³⁰² começado; ao contrário, a cadeia fisiológica prossegue, só que, a partir de um certo momento, a cada membro dessa cadeia (ou membros isolados dela) corresponde um fenômeno psíquico. Assim sendo, o psíquico é um processo paralelo ao³⁰³ fisiológico³⁰⁴ (“um concomitante dependente”³⁰⁵).

Sei certamente que não posso imputar aos homens, cujos pontos de vista aqui contesto, o fato de que teriam realizado esse salto e essa mudança na perspectiva científica de avaliação³⁰⁶ sem ponderação. Fica claro que eles não querem dizer outra coisa, senão que a modificação das fibras nervosas pelo estímulo sensório – concernente à fisiologia – provoca uma outra modificação nas células nervosas centrais, que será, então, o correlato fisiológico da “representação”. Já que eles sabem falar com muito mais propriedade sobre a representação do que sobre (99) as modificações fisiológicas desconhecidas, ainda nem sequer caracterizadas, eles se servem da expressão elíptica: na célula nervosa estaria localizada uma representação. Por si só esse ponto de vista conduz imediatamente também a uma confusão das duas coisas, que não necessitam ter semelhança alguma entre si. Na

³⁰² em uma confusão do psíquico com o físico.

³⁰³ N.T.: No texto em alemão Freud utiliza o genitivo “...*ein Parallelvorgang des Physiologischen*” o que indica a concepção freudiana da subordinação do psíquico em relação ao fisiológico àquela época, perspectiva que pode ser ainda enfatizada pelo “*dependent*” que não consta explicitamente do texto de Jackson, Cf. Nota do Editor abaixo e contrastar com prefácio de Wolfgang Leuschner.

³⁰⁴ Nota do Editor: [Freud vem a falar sobre o paralelismo psicofísico também em seu ‘Projeto de uma Psicologia’ de 1895 no parágrafo sobre a consciência (1950c, p. 403): “Trata-se somente de superpor as características por nós conhecidas da consciência a processos paralelos variáveis nos neurônios ω.” Também em (1915e; *Studienausgabe*, p. 126 e seg.) reaparece o conceito.]

³⁰⁵ Nota do Editor: [Já que Freud enfatiza seu embasamento em Jackson, abaixo na p. (105), essa citação é claramente retirada da mesma fonte. Entretanto, essa construção nominal “*a dependent concomitant*” não aparece no ensaio de Jackson expressamente mencionado por Freud (1878-79 e 1879-80). Nas *Croonian Lectures* (1884, p. 742/p. 706 u. ö.) Jackson fala da “doutrina da concomitância”; ainda mais detalhadamente ele expõe sua concepção sobre a relação dos processos psíquicos e físicos em (1887a) (esp. nas partes 11-15, pp. 83-87), em que três parágrafos são dedicados a essa doutrina. Os mesmos raciocínios são desenvolvidos reiteradamente em (1887b), por exemplo p. 95, nota 1, p. 97, nota 1, p. 106 e 107 em nota e p. 115. Nesse mesmo contexto ele utiliza várias vezes a expressão “*correlated states*”.]

³⁰⁶ Nota do Editor: [Da perspectiva fisiológica para a perspectiva psicológica de avaliação. (nota do editor da *Studienausgabe*.)]

psicologia, a representação simples é para nós algo elementar, que nós podemos distinguir com exatidão de suas ligações com outras representações. Chegamos assim à suposição de que também seu correlato fisiológico, a modificação que parte da fibra nervosa estimulada, cuja terminação se encontra no centro, é algo simples, que se pode localizar em um ponto. Uma tal transposição é, naturalmente, totalmente injustificada³⁰⁷; as particularidades dessa modificação devem necessariamente ser definidas por si mesmas e independentemente de sua contraparte psicológica.³⁰⁸

{58}³⁰⁹ Qual é, então, o correlato fisiológico da representação simples ou da representação que a recapitula? Claramente nada estático, mas sim algo da natureza de um processo. Esse processo é passível de localização, ele parte de uma área específica do córtex cerebral e dali se espalha por todo o córtex cerebral ou ao longo de caminhos específicos.³¹⁰ Após desenrolado esse processo, ele acarreta (100) uma modificação no córtex cerebral por ele afetado: a possibilidade da lembrança.³¹¹ É totalmente duvidoso se a essa modificação também corresponde algo psíquico; nossa consciência não demonstra a existência de algo que seria, do ponto de vista psíquico, justificadamente denominado de “imagem de lembrança latente”. Entretanto, sempre que o mesmo estado do córtex for novamente estimulado, surge mais uma vez o psíquico em forma de imagem de lembrança. Em todo o caso, não temos a menor ideia de como a substância animal consegue passar por tantas

³⁰⁷ Nota do Editor: [Cf.; p. (134) e seg.]

³⁰⁸ Hughlings Jackson [1878-79] advertiu da forma mais aguda contra uma tal confusão do físico com o psíquico no processo da linguagem: “Em todos nossos estudos de doenças do sistema nervoso devemos estar atentos contra a falácia segundo a qual o que são estados físicos em centros mais baixos se refina *transformando-se em* estados psíquicos em centros mais elevados; que, por exemplo, vibrações de nervos sensórios *tornam-se* sensações, ou que de um jeito ou de outro uma ideia produz um movimento.” Brain I, p. 306. [N.T.: citado em inglês]

³⁰⁹ Impossibilidade de separar representação e associação.

³¹⁰ Nota do Editor: [Cf. o desenvolvimento dessas linhas de raciocínio e seu desdobramento no contexto do problema do tornar-se consciente de cadeias de pensamentos inconscientes no capítulo 7 da *Interpretação dos Sonhos* (1900a; *Studienausgabe*, p. 578), onde, igualmente, se trata de “*processos ou modos de fluxo do estímulo*”, cuja suposição [...] nos foi exigida.” Ao invés de comparações localizacionistas, “propomos, o que parece ser mais apropriado ao real estado das coisas, que uma carga de energia será posta em um determinado arranjo ou será dele retirada [...]. Nós substituímos aqui, mais uma vez, uma maneira tópica de reflexão por uma dinâmica; não é a construção psíquica que nos aparece como semovente, mas sim sua inervação.” Em um acréscimo de 1925, Freud liga, ainda, essa linha de raciocínio com a ideia que ele formulou, nesse ínterim, como a continuação do desenvolvimento das exposições contidas nas páginas (116)-(122) abaixo, sobre a função do aparelho de linguagem: “Essa concepção experimentou uma reformulação e modificação após se ter reconhecido como caráter essencial de uma representação pré-consciente a ligação com restos de representação de palavra (‘O Inconsciente’, 1915[e]).” (Cf. acima, final da primeira nota da p. (97).)]

³¹¹ Nota do Editor: [Cf. a esse respeito e sobre as discussões seguintes sobre o aparelho psíquico novamente na *Interpretação dos Sonhos* (1900a; *Studienausgabe*, p. 512 e seg.).]

modificações e mantê-las separadas umas das outras. O exemplo dos espermatozóides comprova que ela pode fazer isso, já que neles se encontram as mais diversas e detalhadas dentre tais modificações prontas para o desenvolvimento.

É possível distinguir no correlato fisiológico da sensação a parte correspondente à “sensação” da parte correspondente à “associação”? Certamente, não. “Sensação” e “associação” são dois nomes com os quais recobrimos diferentes aspectos do mesmo processo. Sabemos, contudo, que ambos os nomes são abstraídos de um processo único e indivisível. Não podemos ter sensação alguma sem associá-la imediatamente; se podemos ainda conceitualmente separá-las de forma tão afiada, na realidade elas se prendem a um único processo que, começando em uma área do córtex, difunde-se por sobre a sua totalidade. A localização do correlato fisiológico é, então, a mesma para representação e associação, e, já que a *localização de uma representação nada significa além da localização de seu correlato*, então devemos necessariamente recusar colocar a representação em um {59}³¹² ponto do córtex cerebral e a associação (101) em um outro. Ao contrário, ambas partem de um mesmo ponto e nunca se encontram em repouso em ponto algum.

Com a rejeição de uma localização diferente para o representar e para o associar das representações, desaparece para nós um fundamento principal para distinguir entre centros e vias de condução da linguagem. Em cada área do córtex que serve à função da linguagem deverão ser pressupostos processos funcionais semelhantes e não há necessidade de convocar feixes de substância branca, aos quais é transferida a associação das representações que se encontram no córtex. Dispomos, inclusive, de um resultado de autópsia que nos comprova que a associação das representações ocorre por meio das vias presentes no próprio córtex. Faço mais uma vez referência ao caso de Heubner, do qual acabamos de retirar *uma* lição importante (Cf. p. (63) e seg.).

O paciente de Heubner apresentou aquela forma de distúrbio de linguagem que Lichtheim indica como afasia sensória transcortical e deriva da interrupção das vias entre o centro sensório da linguagem e as associações de conceitos.³¹³ Teria sido de se esperar, então, segundo a teoria dos distúrbios de linguagem em questão, um adoecimento na substância

³¹² As vias associativas encontram-se no próprio córtex.

³¹³ Nota do Editor: [Lichtheim (1885b), p. 227-237.]

branca subjacente ao centro sensório. Ao invés disso, encontrou-se um amolecimento superficial do córtex que separava o centro sensório intacto (inclusive no que tange à função) da maioria de suas ligações corticais fora do próprio território da linguagem. Heubner não deixou de enfatizar a importância desse achado e Pick³¹⁴ chega, a partir dele, à mesma conclusão à que chegamos, de que as vias associativas da linguagem parecem passar pelo córtex propriamente dito. De resto, não nos é necessário contestar que também haja feixes de associação {60}³¹⁵, que se estendem abaixo do córtex, que possam contribuir para a mesma função.

Nossa ideia do aparelho de linguagem sofrerá uma modificação fundamental ao considerarmos ainda a terceira determinação da doutrina de Meynert-Wernicke, segundo a qual os (102) centros da linguagem em funcionamento são separados por “lacunas sem função”³¹⁶. Uma tal determinação parece ser indubitável, a princípio, como resultado direto da anatomia patológica. Se refletirmos, contudo, sobre a forma pela qual a partir da utilização de resultados de autópsia os distintos centros são compreendidos, nota-se que a anatomia patológica é incapaz de resolver essa questão. Vejamos a tabela na qual Naunyn³¹⁷ registrou a extensão da lesão em 71 casos de distúrbio de linguagem. No local em que as lesões se superpõem de forma mais densa, supomos estarem os centros da linguagem. São áreas, segundo sua definição, cuja preservação é imprescindível para a utilização da função da linguagem; contudo, pode haver, além disso, outras áreas do córtex que igualmente sirvam à função da linguagem, cuja destruição, entretanto, seja mais facilmente tolerada pela função da linguagem. Se existem tais áreas do córtex, não poderemos identificá-las pelo estudo da tabela de Naunyn. Pode ser que o distúrbio da linguagem provocado por lesão em outras áreas seja causado somente pelo efeito remoto³¹⁸ que tais lesões exercem sobre o centro da linguagem; porém, é igualmente possível que as

³¹⁴ Pick, Ueber die sogenannte Re-Evolution (Huglins-Jackson) nach epileptischen Anfällen nebst Bemerkungen über transitorische Worttaubheit. Arch. f. Psych. XXII, 1891 [p. 774].

³¹⁵ A suposição das “lacunas sem função”.

³¹⁶ Nota do Editor: [Meynert (1884), p. 140: “lacunas funcionais”. Cf.: acima, p. (86).]

³¹⁷ Nota do Editor: [Cf.: Naunyn (1887), p. 141 e tabela I. II.]

³¹⁸ Nota do Editor: [Essa expressão Freud utilizou em alemão no texto, de resto escrito em francês, em que se debatiam os territórios do córtex sem função (Cf.: acima, p. (86)), em seu ensaio (1893c), p. 48: “Se as lesões pouco extensas do córtex não logram produzir monoplegias puras, concluímos daí que os centros motores no córtex não são claramente separados uns dos outros por territórios neutros, ou que há efeitos remotos (*Fernwirkungen*) que anulariam o efeito de uma separação exata dos centros.” – Cf. também abaixo, p. (111), (125).]

áreas raramente ocupadas, conforme a tabela, sejam da mesma forma “centros da linguagem”, mas sem serem imprescindíveis ou constantes.

A esse respeito, voltemo-nos de preferência à pergunta sobre qual função será atribuída pelos autores ao território sem função entre os centros de linguagem e adjacente a eles.

Sobre essa questão, Meynert afirma sem tergiversar (*Psychiatrie* [1884], p. 140):

“Ocorre aqui, naturalmente, que no curso fisiológico de (103) ocupação do córtex por imagens {61}³¹⁹ de lembrança acontece uma crescente expansão da ocupação de células do córtex, na qual baseia-se o contínuo desenvolvimento da esfera de ideias infantis por meio da multiplicação de imagens da memória. É muito provável que seja também imposto pelas células do córtex à memória, como a base de todas as atividades intelectuais, um limite de armazenamento.” A última frase pode certamente ser interpretada no sentido de que não só o desenvolvimento infantil, mas também a aquisição de novos conhecimentos (por exemplo, a aprendizagem de uma nova língua) baseia-se na ocupação do solo até então desocupado no córtex³²⁰, algo como uma cidade que por meio de emigrações amplia-se com novas ruas fora de suas muralhas.

Em um comentário anterior, Meynert atribuíra àqueles territórios vizinhos aos centros, porém desocupados, o papel de assumir a função destes centros após sua destruição, provocada experimentalmente ou não³²¹, uma ideia que se apoia nas investigações de Munk [1881], aquele pesquisador cujos pressupostos, enraízam-se completamente no solo das doutrinas de Meynert. Vimos, então, nesse momento, com que propósito a suposição das “lacunas sem função” no córtex cerebral fora concebida e podemos passar, agora, a verificar sua utilidade para a compreensão dos distúrbios de linguagem.

Encontramos, no bojo dessa investigação, que acontece exatamente o contrário do que é de se esperar com base nessa suposição. A função da linguagem permite reconhecer os mais extraordinários exemplos de novas aquisições. A própria aprendizagem da leitura e da escrita constitui um tal exemplo frente à primeira atividade de linguagem, e esta nova aquisição será de fato avariada por lesão em novas localizações, porque, para que esta nova aquisição ocorra, novos elementos dos sentidos (o óptico e o quiromotor³²²) devem ser

³¹⁹ O papel das “lacunas sem função”

³²⁰ Nota do Editor: [Cf.: Meynert (1884), p. 134 segs.]

³²¹ Nota do Editor: [Ibid.]

³²² N. T.: referente aos movimentos da mão.

considerados. Todas as outras novas aquisições da função da linguagem – se aprendo, então, a compreender e a falar várias línguas estrangeiras, se, além do alfabeto primeiramente aprendido me aproprio do grego e do hebraico e além de minha escrita cursiva exercito a estenográfica e {62}³²³ outras formas de escrita –, todas estas atividades (e (104) as imagens de lembrança utilizadas para tanto podem superar em muitas vezes o número daquelas da primeira língua) estão obviamente localizadas nas *mesmas áreas* que reconhecemos como os centros da primeira língua aprendida. Nunca ocorre, pois, que, por meio de uma lesão orgânica, seja provocado um distúrbio na língua materna, ao qual escape a língua posteriormente adquirida.³²⁴ Se os sons franceses estivessem localizados, em uma pessoa alemã que também entende o francês, em um outro local diferente dos sons alemães, então deveria necessariamente haver pelo menos um caso em que, como consequência de um amolecimento focal, a pessoa alemã deixasse de entender o alemão e continuasse a entender o francês. Sempre ocorre o contrário, e, com efeito, para todas as funções da linguagem.³²⁵ Ao apreciar os casos em questão (infelizmente, não bastante numerosos em comparação com o interesse que eles despertam), encontro apenas dois elementos que condicionam o aparecimento do distúrbio de linguagem em uma pessoa poliglota: 1. a influência da época da aquisição, 2. a influência do uso.³²⁶ Via de regra, os dois aspectos atuam na mesma direção; nos casos em que eles se contradizem, a capacidade linguística mais antiga pode surpreendentemente prevalecer àquela mais bem exercitada. Jamais, entretanto, dá-se uma circunstância que seria explicável pela diferença da localização e não pelos dois aspectos funcionais mencionados. Fica evidente, então, que as associações da linguagem, com as quais trabalha nossa atividade de linguagem, são capazes de uma *superassociação*, e esse processo nós ainda percebemos com clareza, durante o período em que só conseguimos realizar com dificuldades as novas associações, e fica igualmente

³²³ Associação e superassociação.

³²⁴ Nota do Editor: [Cf.: abaixo, p. (132).]

³²⁵ Nota do Editor: [Freud utilizou essa evidência como um dos indicadores utilizados para distinguir os distúrbios de linguagem histéricos daqueles orgânicos. Cf.: (1893c), p. 44: “Da síndrome da afasia orgânica [...], o que é coisa inaudita para a afasia orgânica, ela [a histeria] pode criar uma afasia total (motora e sensória) para uma dada língua, sem atacar o mínimo que seja a faculdade de compreender e de articular uma tal outra [...].”]

³²⁶ Nota do Editor: [Cf.: abaixo, p. (132) e seg.]

evidente que o que foi *superassociado*, *esteja a lesão onde estiver, será avariado antes do que o que foi primeiramente associado*.³²⁷

O grau em que uma *rara, mas intensa* modificação ocorrida no (105) aparelho de linguagem³²⁸ pode também sobreviver a um dano – totalmente em contradição com todos os pontos de vista da localização de representações – pode ser verificado, talvez como em nenhum outro exemplo de forma mais enfática, no seguinte caso que eu {63}³²⁹ tomo de empréstimo a Hughlings Jackson. Este pesquisador, de cujas ideias eu parto em quase todos os comentários precedentes para com sua ajuda questionar a teoria localizacionista dos distúrbios da linguagem, relata um caso não raro em que o paciente com afasia motora tem à sua disposição além do “sim” e do “não” ainda um outro resquício de linguagem que, em outras circunstâncias, corresponderia a um alto grau de atividade de linguagem.³³⁰ Esse resto de linguagem consiste, não raramente, em um forte praguejar (*Sacré nom de dieu, Goddam etc.*)³³¹, e Hughlings Jackson esclarece que tal resquício pertence à linguagem emotiva e não intelectual, também em estados saudáveis. Em outros casos, contudo, esse resto de linguagem não é um praguejar, mas sim uma palavra ou uma forma de dizer com significado específico, e poderíamos nos espantar com razão, que exatamente essas células ou essas imagens de lembrança devessem ter escapado à destruição geral. Alguns desses casos permitem, contudo, uma interpretação muito plausível. Um homem, por exemplo, que podia dizer somente: “I want protection”³³² (algo como: eu peço ajuda), deveu sua afasia a uma briga em que se espatifara desmaiado no chão após um golpe na cabeça. Um outro tinha o espantoso resto de linguagem “List complete”³³³; era um escrivão que adoecera após ter concluído um catálogo em um trabalho exaustivo. Tais exemplos nos fazem supor que esses restos de linguagem são as últimas palavras que o aparelho de linguagem construíra antes de seu adoecimento, talvez até pressentindo (106) o fato.³³⁴ Explico a

³²⁷ Nota do Editor: [Cf.: abaixo, p. (132), e também, p. (120), ponto 5.]

³²⁸ Nota do Editor: [Cf.: abaixo, p. (133), ponto 3.]

³²⁹ Restos de linguagem e “últimas palavras”.

³³⁰ Nota do Editor: [Jackson (1879-80), p. 209-216 entre outros. Cf.: acima, p. (50) e a quarta nota e abaixo, p. (132), (133) e (143).]

³³¹ Nota do Editor: [Freud também utilizou essa observação para de forma bem geral acrescentar uma determinada característica dos distúrbios histéricos (intensidade e excesso) ao exemplo da afasia; Cf.: (1893c, p. 323), p. 45: “[...] o afásico [histérico] não profere uma palavra sequer, enquanto o afásico orgânico preserva sempre algumas sílabas, o “sim” e o “não”, algum praguejar, etc.”] N.T.: em francês no original.

³³² Nota do Editor: [Jackson (1879-80), p. 330.]

³³³ Nota do Editor: [Ibid.]

³³⁴ Nota do Editor: [Cf.: abaixo, p. (133).]

permanência desta última modificação por sua intensidade, se ela ocorre em um momento de grande excitação interna. Lembro-me³³⁵ de que pensei por duas vezes estar correndo risco de vida, e as percepções ocorreram ambas as vezes de forma súbita. Nos dois casos, eu pensei comigo: “Agora acabou-se para você”, e enquanto meu falar interno se dava somente com imagens de som muito imprecisas e com as sensações dos lábios quase sem intensidade, ouvi em meio ao perigo essas palavras, como se alguém as soprasse em meus {64}³³⁶ ouvidos e as vi ao mesmo tempo como que impressas em uma folha esvoaçante.

Rejeitamos, pois, as suposições de que o aparelho de linguagem seja constituído de centros distintos, separados por territórios corticais destituídos de função e, além disto, que as representações (imagens de lembrança) que servem à linguagem ficam armazenadas em determinadas áreas do córtex, denominadas de centros, enquanto a associação destas representações é feita exclusivamente por fibras de substância branca subcorticais. Então, resta-nos agora expor a ideia de que *o território da linguagem no córtex é um distrito contínuo*, dentro do qual as associações e transferências, nas quais baseiam-se as funções da linguagem, ocorrem em uma complexidade cujos detalhes exatos escapam à compreensão.³³⁷

Como explicamos, porém, com base numa tal suposição, a existência dos centros de linguagem que a patologia nos desvelou, sobretudo as áreas de Broca e de Wernicke? Neste ponto, um olhar sobre a superfície convexa de um hemisfério esquerdo pode nos trazer o esclarecimento.³³⁸ Os ditos centros da linguagem apontam, de fato, (107) a relações tópicas que exigem uma interpretação que pode ser encontrada com base em nossas reflexões. Eles se distanciam muito um do outro; se seguirmos Naunyn, encontram-se na parte posterior do primeiro giro temporal, na parte posterior do terceiro giro frontal, no lobo parietal inferior, em que o giro angular se imiscui no lobo occipital³³⁹; a posição de um quarto centro para os movimentos da escrita parece não estar satisfatoriamente comprovada (parte posterior do

³³⁵ Nota do Editor: [Uma interessante auto-observação de Freud! (P.V.)]

³³⁶ O território da linguagem, um distrito contínuo do córtex.

³³⁷ Nota do Editor: [Freud chama novamente atenção a essa ideia em seu estudo comparativo (1893c), p. 48 e seg.: “Assim sendo, se na afasia orgânica sempre há uma mistura de problemas de diversas funções, isso se explica [...], se aceitamos a opinião enunciada em meu estudo crítico sobre a afasia, posto não se tratar de centros separados, mas de um território contínuo de associação.”]

³³⁸ Nota do Editor: [Freud publica uma reprodução correspondente somente mais tarde em seu artigo para o *Léxico ‘afasia’* (1893-94a); veja abaixo, p. (125), segunda nota.]

³³⁹ Nota do Editor: [Naunyn (1887), p. 144 e seg. – Ver a esse respeito também abaixo, p. (130), primeira nota.]

giro frontal mediano?). Além disso, eles se dispõem de tal modo que compreendem entre si um grande território cortical (a insula com as partes do giro que a recobrem), cuja lesão provavelmente está sempre ligada a distúrbio de linguagem, e apesar de sua extensão não poder ser delimitada exatamente pela disposição das lesões encontradas nos casos de afasia, {65}³⁴⁰ pode-se, contudo, dizer que eles formam os distritos mais periféricos do suposto território da linguagem, além disso, pode-se dizer que aparecem distúrbios da linguagem no interior dos centros (por volta do ponto médio da curva do hemisfério), ao passo que no exterior deles encontram-se partes do córtex com outro significado. Se os “centros” aparentam ser os ângulos do campo da linguagem, deve-se considerar, a seguir, em quais outros territórios esses centros encontram suas fronteiras. A área de Broca situa-se na imediata vizinhança do centro motor para os nervos bulbares; a área de Wernicke situa-se em um território que abrange a terminação do nervo acústico, cujo local preciso não é conhecido, e o centro visual faz fronteira com as áreas do lobo occipital, nas quais buscamos a terminação do nervo óptico. Uma tal disposição, sem sentido de acordo com a teoria dos centros, se esclarece para nós da seguinte maneira:

O território de associação da linguagem, do qual participam elementos ópticos, acústicos, motores (ou cinestésicos), estende-se, por isso mesmo, *pelos campos corticais destes nervos sensórios e pelos respectivos campos corticais motores*. Se imaginarmos, agora, nesse campo de associação, uma lesão passível de ser deslocada, então ela terá tanto mais efeito (sendo de mesma extensão), quanto mais ela se aproximar de um destes campos corticais, ou seja, quanto mais periférica ela se situar no distrito da linguagem. Se ela ficar diretamente na fronteira de um (108) destes campos corticais, ela separará o território de associação da linguagem de um dos seus afluentes, e, assim, faltará ao mecanismo da linguagem um de seu elementos, óptico, acústico etc., já que todo impulso para associação dessa natureza partiu dos respectivos campos corticais. Desloca-se a lesão em direção à região interna do campo de associação, então seu efeito será vago; de maneira alguma a lesão poderá anular completamente todas as possibilidades de associação de um tipo. Desta maneira, as partes do campo da linguagem que margeiam os campos corticais dos nervos óptico, acústico e dos nervos cerebrais motores {66}³⁴¹ adquirem a importância que a

³⁴⁰ Os centros são os ângulos do campo da linguagem.

³⁴¹ Os centros têm apenas uma importância anátomo-patológica.

patologia lhes atribui e que as levou a ocupar a posição de centros da linguagem. Essa importância vale, contudo, apenas para a patologia e não para a fisiologia do aparelho de linguagem, já que não se pode afirmar que nelas ocorram outros ou mais importantes processos diferentes dos que ocorrem naquelas partes do campo da linguagem, cuja lesão é mais bem tolerada. Essa ideia resulta diretamente da recusa em separar o processo da representação do da associação e em localizar ambos processos em áreas diferentes.

Wernicke se aproximou dessas ideias em alguns aspectos quando ele colocou em dúvida, em sua última exposição sobre esse tema [1886], a suposição de um centro especial para a atividade de leitura circunscrito à terminação do córtex óptico e de um centro especial para o escrever circunscrito à dita região do braço (l. c. p. 477). Suas reflexões não são, todavia, de natureza fundamental, na medida em que elas partem meramente da variação anatômica, ou seja, de que as imagens de lembranças ópticas e quiromotoras, importantes para a linguagem, ficam dispersas em meio a outras de igual natureza. Por outro lado, Heubner foi impelido a uma duvidosa pergunta, pela consideração de um caso por ele relatado, que é análoga à pergunta concernente à linguagem, com a qual nos ocupamos³⁴²: “Ou não há, talvez, campo cortical algum concernente à cegueira, surdez ou paralisia da *alma*? Ou ao contrário, o sintoma destes estados produz-se simplesmente na medida em que os campos corticais (109) [...] que servem diretamente às mencionadas funções sejam isolados do restante do córtex cerebral por focos de amolecimento vizinhos?”

Temos ainda que resolver duas questões que se poderiam dirigir contra o valor de nossa concepção dos centros.

1. Se a destruição do pedaço do território da linguagem que margeia diretamente um campo cortical (do {67}³⁴³ nervo óptico, acústico, da mão, da língua etc.) tem a consequência descrita para a função da linguagem, meramente porque a ligação com os estímulos de associação ópticos, acústicos, dentre outros, foi interrompida, então a destruição do próprio campo cortical deveria necessariamente ter a mesma consequência para a linguagem. Isto, contudo, entraria em contradição direta com nossas experiências, que nos mostram que os sintomas locais de todas essas lesões não vêm acompanhados de distúrbio de linguagem. Esta primeira contraditória se resolve facilmente quando se considera que *todos os outros*

³⁴² Nota do Editor: [Heubner (1889), p. 222, re. quebra.]

³⁴³ Consequências advindas da formação unilateral do campo de linguagem.

campos corticais existem bilateralmente, ao passo que o campo de associação da linguagem está organizado somente em um hemisfério. A destruição de um dos campos corticais ópticos, por exemplo, não perturbará a utilização dos estímulos visuais para a linguagem (a leitura), pois, neste caso, o campo da linguagem conserva sua ligação estabelecida (desta vez, por meio de fibras cruzadas de substância branca) com o campo cortical óptico do outro lado. Move-se a lesão, entretanto, para a fronteira do campo cortical óptico, então aparece alexia, pois não somente a ligação com o campo cortical do mesmo lado pode estar interrompida, mas também a ligação com o campo cortical óptico cruzado. Temos, portanto, de acrescentar a suposição de que a aparência de centros surge ademais do fato de as ligações cruzadas dos campos corticais do outro hemisfério virem juntar-se na mesma área, ou seja, na periferia do campo da linguagem, em que também ocorre a ligação com o campo cortical do mesmo lado. Isto é plausível, pois para a atividade de associação da linguagem a existência bilateral de estímulos ópticos, acústicos, dentre outros estímulos não possui importância fisiológica alguma.

O fato de existirem tais ligações do distrito da linguagem com os campos corticais bilaterais não é uma nova suposição, mas uma suposição retirada da teoria dos centros. As relações anatômicas desta associação cruzada, a propósito (110), ainda não estão indubitavelmente comprovadas e podem, quando se tornarem conhecidas, esclarecer algumas particularidades quanto à posição {68}³⁴⁴ e à extensão dos aparentes centros, bem como algumas marcas individuais dos distúrbios da linguagem.

2. Poder-se-ia perguntar que valor efetivo há em questionar a existência de centros especiais para a capacidade de linguagem, posto sermos, contudo, obrigados a falar em campos corticais, ou seja, centros ópticos, acústicos e motores dos órgãos da linguagem? Sobre esse ponto pode-se revidar dizendo que considerações semelhantes deveriam ser retomadas também no que tange aos ditos centros motores e sensórios do córtex, e que, contudo, não se pode contestar campos corticais, por si mesmos mais bem delimitados, para as outras funções, pois tais campos corticais podem ser caracterizados pelo fato anatômico da presença da terminação dos nervos sensórios ou pelo fato anatômico da presença da parte correspondente da via piramidal em determinados territórios do córtex. O campo de associação da linguagem, porém, carece destas relações diretas com a periferia do corpo,

³⁴⁴ O campo da linguagem não tem vias aferentes especiais.

ele certamente não tem vias sensíveis de projeção própria, e muito provavelmente também não tem “vias de projeção”³⁴⁵ motoras especiais.³⁴⁶ (111)

VI.

Nossa ideia da composição do aparelho central da linguagem é, então, a de um *território contínuo do córtex* que abrange o espaço entre as terminações dos nervos óptico, acústico e dos nervos motores cerebrais e {69}³⁴⁷ das extremidades no hemisfério esquerdo e, assim sendo, provavelmente possui exatamente aquela extensão que Wernicke, em seu primeiro trabalho [1874], lhe quis atribuir: o território do primeiro giro circundando a fissura de Sylvius. Recusamo-nos a localizar elementos psíquicos do processo de linguagem em áreas determinadas deste território, bem como rejeitamos a suposição de que houvesse regiões dentro deste território que estejam excluídas da atividade ordinária da linguagem e que sejam mantidas livres para novas aquisições de conhecimentos linguísticos; finalmente, fizemos remontar o fato da existência dos centros da linguagem que a patologia nos apresenta³⁴⁸, muito embora numa delimitação indeterminada, às relações de localização anatômica dos campos corticais contíguos e das vias de condução provenientes do hemisfério direito. Portanto, os centros da linguagem tornaram-se para nós áreas do córtex que podem, com direito, exigir o reconhecimento de uma extraordinária importância anatomopatológica, mas não podem exigir o reconhecimento de nenhuma importância fisiológica especial; adquirimos o direito de descartar a diferenciação das assim chamadas

³⁴⁵ Nota do Editor: [Meynert (1867-68), (1869a), (1884) passim: “Projectionsbündel”, (1884), p. 37 u. ö.: “Projectionsfasern”, e também: “Projectionssysteme”.]

³⁴⁶ O conteúdo essencial deste estudo foi por mim comunicado já no ano de 1886 em uma conferência proferida no “Clube vienense de fisiologia”, cujas discussões não justificam, entretanto, de acordo com o estatuto, nenhuma exigência de prioridade. [O texto da conferência não foi encontrado até o momento.] Em 1887, Nothnagel e Naunyn comunicaram no congresso de medicina interna em Wiesbaden aquele ensaio que se tornou tão conhecido: “Ueber die Localisation der Gehirnkrankheiten”, que coincide em muitos pontos importantes com o conteúdo do presente escrito. As exposições de Nothnagel [1887] sobre a concepção dos centros corticais, assim como os comentários de Naunyn [1887] sobre as relações topográficas dos centros de linguagem levarão presumivelmente qualquer leitor à suposição de que a meu estudo deva ser creditada a influência do altamente importante ensaio daqueles dois pesquisadores. Entretanto, este não é o caso; o estímulo para este trabalho foi despertado em mim muito antes, pelos trabalhos de Exner [(1882a); (1882b)], juntamente com meu falecido colega Josef Paneth [1885], no Pflügers Archiv. [Cf.: também Exner (1881a), (1881b) e (1881c), bem como seu seminário (1886); este último resume os resultados de investigações experimentais de Exner e Paneth.]

³⁴⁷ Todas as afasias baseiam-se na interrupção de vias de condução.

³⁴⁸ Nota do Editor: [No original: “nos aprende”. Diferença entre “kennen lernen” e “kennen lehren”].

afasias de “centro” ou corticais, daquelas ditas afasias de condução e de afirmar que *todas as afasias baseiam-se na interrupção de associações, ou seja, na interrupção de vias de condução*. Afasia provocada por destruição ou lesão de um “centro”, em nossa concepção, não é nada mais nada menos que afasia provocada por lesão daquelas vias de associação que confluem para os chamados pontos nodais no centro.

Afirmamos, igualmente, que toda afasia deve ser relacionada a distúrbio no córtex cerebral propriamente dito (provocado diretamente ou por efeito à distância), o que somente significa que o território da linguagem não possui vias aferentes ou eferentes próprias que chegam até a periferia do corpo. A prova desta afirmação repousa sobre o fato de que lesões subcorticais até a periferia não podem provocar distúrbio de linguagem (112), se excluimos a *anartria*, conforme sua definição, dos outros distúrbios de linguagem.³⁴⁹ Jamais foi observado que uma {70}³⁵⁰ pessoa tenha adquirido surdez verbal por causa de uma lesão na raiz do nervo acústico, na oblongata, na parte posterior do par do tubérculo quadrigêmeo ou na cápsula interna, sem antes ser também de outro modo surda, ou que uma lesão parcial da raiz do nervo óptico, do diencéfalo etc. a tenha tornado cega para a leitura. Em todo o caso, Lichtheim diferencia uma surdez verbal subcortical [afasia sensória subcortical], uma afasia motora subcortical e Wernicke supõe alexias e agrafias³⁵¹ subcorticais. Eles não derivam essas formas de distúrbio de linguagem de lesões nos feixes de associação subcorticais, que, segundo a nossa consideração, não precisam ser separados dos feixes de associação que passam pelo próprio córtex, mas derivam-nas de lesões radiais, ou seja, das vias aferentes e eferentes da linguagem. Resta-nos, então, a tarefa de analisarmos mais de perto esses distúrbios subcorticais da linguagem.

A característica de uma afasia sensória subcortical pode ser derivada facilmente do esquema de Lichtheim, que indica uma via auditiva específica αA (Fig. 3 [acima, p. (45)]) para a linguagem. O enfermo não estaria em condição de guardar novos sons de palavra a ele proferidos, mas dispõe, contudo, das imagens de som e realiza todas as funções da linguagem de forma plenamente correta. Lichtheim encontrou também, de fato, um caso desse tipo³⁵², cujos primeiros estágios da doença, na verdade, ainda não estão totalmente

³⁴⁹ [Ver abaixo, p. (116) e (148). – Cf.: o artigo de Freud ‘Anartia’ (em 1893-94a).]

³⁵⁰ A afasia sensória subcortical.

³⁵¹ Nota do Editor: Cf.: o artigo de léxico de Freud ‘Alexia’ e ‘Agrafia’ (em 1893-94a).]

³⁵² Nota do Editor: [Lichtheim (1885b), p. 237-242.]

esclarecidos, mas que em seu comportamento final correspondia totalmente ao quadro provocado por interrupção da via αA . Admito que, com respeito à importância atribuída às “imagens de som” para o uso da linguagem³⁵³, foi extremamente difícil dar uma outra explicação a essa afasia sensória subcortical, que prescindia da suposição de uma via auditiva aferente αA . Eu estava a ponto de explicar esse caso de Lichtheim por (113) uma independência individual dos outros elementos da linguagem com relação às imagens de som, pois o paciente de Lichtheim era um jornalista muito culto. Se o tivesse feito, certamente nada mais teria sido que um subterfúgio.

{71}³⁵⁴ Procurei, então, na literatura disponível por casos semelhantes. Wernicke relata, na ocasião de sua resenha sobre o trabalho de Lichtheim, que ele fez uma observação bastante análoga àquela e que ele a comunicaria nos próximos relatos advindos de seu trabalho clínico.³⁵⁵ Não pude, contudo, encontrar essa comunicação na literatura.³⁵⁶ Por outro lado, deparei-me com um caso de Giraudeau³⁵⁷ que, no mínimo, tem uma grande semelhança com o caso de Lichtheim. A enferma (Bouquinet) encontrava-se totalmente sem distúrbio em sua linguagem e, assim mesmo, estava em grande medida surda para palavras, sem ser surda (mesmo que a garantia do último ponto deixe algo a desejar). Ela tinha, no mínimo, uma “dificuldade de audição de palavras”. Entendia as perguntas feitas a ela mas somente quando se repetia as perguntas diante dela várias vezes, e frequentemente nem assim. Quando acontecia de ela entender e responder a uma pergunta, todas as respostas seguintes recapitulavam a linha de raciocínio então estimulada, sem levar em consideração as perguntas feitas posteriormente.³⁵⁸ A diferença entre os dois casos diminui ainda mais, se considerarmos que o paciente de Lichtheim apresentava um outro comportamento além da surdez verbal. Ele não fazia o menor esforço para entender as perguntas a ele dirigidas, não emitia qualquer resposta e parecia nem mesmo querer voltar sua atenção ao que fora ouvido. Talvez este paciente tenha adquirido a aparência de completa surdez verbal por meio deste comportamento proposital, enquanto poderia ter sido em outras circunstâncias

³⁵³ Nota do Editor: [Cf.: abaixo, p. (135) quarta nota.]

³⁵⁴ O caso de dificuldade de audição de palavra relatado por Giraudeau.

³⁵⁵ Nota do Editor: [Wernicke (1886), p. 376.]

³⁵⁶ *P. S. durante a revisão*: Após um pedido feito à clínica de Breslau obtive a resposta de que os casos mencionados por Wernicke no referido contexto, de fato, ainda não foram publicados.

³⁵⁷ Giraudeau, *Revue de médecine*, 1882 [p. 448 e seg.], também em Bernard 1. c. [(1885), 2. ed. 1889, p. 137].

³⁵⁸ Nota do Editor: [Giraudeau (1882), p. 449.]

demonstrado, que sua compreensão da linguagem, assim como a de Bouquet, devesse ser conquistada por meio de admoestações repetidas e enfáticas. (114) Os pacientes com surdez verbal, via de regra, percebem a linguagem que eles não entendem, eles acreditam ter entendido alguma coisa e {72}³⁵⁹ fornecem habitualmente, em consequência deste pressuposto, uma resposta inadequada.

A paciente de Giraudeau foi, então, submetida à autópsia e comprovou-se que a causa de seu distúrbio de linguagem foi uma lesão do primeiro e do segundo giros temporais, mesma causa tão frequentemente encontrada para afasias sensoriais comuns. Ninguém que lançar um olhar sobre a ilustração que acompanha a comunicação de Giraudeau³⁶⁰ poderá assumir que esta lesão tenha provocado outra coisa, senão a forma comum de afasia sensorial com distúrbio de linguagem mais grave. Todavia, ainda há algo que se deve considerar. A lesão no caso de Giraudeau é, por sua vez, uma lesão incomum, um tumor (gliosarcoma). Recordamos, nesse momento, uma suposição que nós proferimos na oportunidade do comentário da afasia motora transcortical [p. (68)], segundo a qual o aparelho de linguagem provavelmente não dê apenas sinais locais, mas também permita descobrir uma natureza específica do processo da doença por uma variação de sua sintomatologia funcional. Vemos, pois, que o caso de Giraudeau não traz nada que sirva de comprovação para a existência de uma via subcortical aferente αA . O tumor descoberto pela autópsia não era algo que, advindo da substância branca, crescia para o lado de fora, de modo que ele tivesse provocado em um estágio anterior uma mera lesão subcortical. Ele, muito ao contrário, estava colado à meninge e podia ser facilmente dissecado da substância branca amolecida. Creio, então, poder supor para a afasia sensorial subcortical, que ela não se baseia na lesão da via subcortical αA , mas sim em um adoecimento da mesma região que será tida como responsável pela afasia sensorial cortical. Em todo o caso, não posso dar esclarecimento completo algum para o estado funcional específico que tenho de pressupor para o acometimento pela doença acima referida nessa área.³⁶¹ (115)

³⁵⁹ Dificuldades e provável...

³⁶⁰ Nota do Editor: [ibid., p. 451.]

³⁶¹ *P. S. durante a correção*: Permaneço com a impressão, a despeito da discussão travada acima, de que a explicação da *afasia sensorial subcortical* (da surdez verbal sem distúrbio de linguagem) me causa grandes dificuldades, ao passo que ela se resolve de acordo com o esquema de Lichtheim [Fig. 3, acima, p. (45)] por meio de uma simples interrupção (da via αA). Foi-me de grande valor a esse respeito, ainda durante as correções deste trabalho, encontrar uma comunicação de Adler (“Beitrag zur Kenntniss der selteneren Formen

{73}³⁶² Sobre a afasia motora subcortical, podemos nos expressar de forma breve. Lichtheim a caracteriza como o mesmo comportamento da afasia motora cortical, entretanto com a manutenção da capacidade de escrever.³⁶³ O próprio Wernicke, que submeteu os {74}³⁶⁴ distúrbios da linguagem escrita a uma análise cuidadosa (116) e exaustiva, deixa de lado essa característica distintiva. Para ele, a afasia motora subcortical se caracteriza pelo fato de os doentes “estarem em condição de informar o número de sílabas”³⁶⁵ das palavras requisitadas. Vimos [p. (58) e segs.] que controvérsias advêm deste teste de Lichtheim. Algumas observações de Dejerine³⁶⁶ confirmaram, desde então, a importância do teste de sílabas de Lichtheim para o diagnóstico da afasia motora subcortical; resta-nos somente afirmar que poderíamos com o mesmo direito classificar esses casos como anartria³⁶⁷ e não como afasia.

Von sensorischer Aphasie. Neurol. Centralblatt” de 15 de maio e 1º de Junho de 1891) que descreve um caso desse tipo como “*Combinação de afasia sensória subcortical e transcortical*” [p. 295 com destaque.].

A comparação do caso de Adler com o de Lichtheim (e com o de Wernicke) permite atingir uma compreensão melhor das condições da assim denominada afasia sensória subcortical. Dois pontos se mostram aqui especialmente esclarecedores: 1. Lichtheim menciona a possibilidade de que seu paciente devesse necessariamente ser nomeado como “surdo em grau leve”*, mas as informações sobre sua faculdade de audição não são muito completas. No paciente de Wernicke havia um defeito para sons agudos, enquanto no paciente de Adler uma indubitável redução da faculdade de audição, que, segundo o autor, foi provocada muito provavelmente por um distúrbio no aparelho condutor de som. Daí resulta a probabilidade de que – assim como no caso de Arnaud a ser mencionado posteriormente [(1887); Cf.: abaixo, p. (136)] – uma surdez comum, provocada por lesão periférica ou central, tenha exercido influência no quadro geral da doença. 2. Ainda mais decisiva é a seguinte concordância trazida, de maneira alguma por acaso, à tona. Ambos os casos (de Lichtheim e Adler; a curta comunicação de Wernicke nada diz a esse respeito) tiveram o quadro de afasia sensória subcortical como resultado somente após *repetidos ataques de adoecimento do cérebro*, dos quais no mínimo um concerniu o *hemisfério direito*, ou seja, aquele que não serve às funções da linguagem, pois o paciente de Wernicke apresentou uma *paresia facial do lado esquerdo* e o paciente de Adler apresentou uma *hemiplegia do lado esquerdo*. Adler também destaca esta coocorrência, sem reconhecer naturalmente sua importância para a explicação da surdez verbal pura. Creio estar justificado, contudo, quanto à suposição de que a afasia sensória subcortical não surge, como deveria ser segundo o esquema de Lichtheim, por meio de uma simples interrupção de via de condução, mas sim devido a *lesões bilaterais parciais* do campo da audição, talvez sob a influência de distúrbios periféricos da audição (como no caso de Arnaud), e acredito que essa complicação de precondições para o aparentemente tão simples quadro de distúrbio de linguagem concorde melhor com a minha concepção da afasia sensória do que com a de Lichtheim.

*[Não encontrado dessa maneira; em Lichtheim (1885b, p. 242) há uma formulação que resulta em um significado diferente: “[...] que se poderia ter o doente muito facilmente por *surdo*.”]

³⁶² explicação para a afasia sensória subcortical.

³⁶³ Nota do Editor: [Lichtheim (1885b), p. 224-227.]

³⁶⁴ Afasia motora subcortical e anartria.

³⁶⁵ Nota do Editor: [Wernicke (1886), p. 376.]

³⁶⁶ Dejerine, Contribution à l’étude de l’aphasie motrice sous-corticale et de la localisation cérébrale des centres laryngés (muscles phonateurs) Compt. Rend. De la Soc. de Biologie 1891. No. 8.

³⁶⁷ Nota do Editor: [Cf.: acima, p. (112) com nota 1.]

Vários casos bem observados, por último um de Eisenlohr³⁶⁸, permitem crer que uma lesão abaixo da área de Broca produz um distúrbio de linguagem que se pode nomear de parafasia literal e representa a passagem à anartria. Somente para a parte motora do aparelho de linguagem seria concedida uma via especial rumo à periferia.³⁶⁹

Se dotamos o território motor cortical da linguagem de um feixe especial eferente, gostaríamos, entretanto, de notar que a lesão deste feixe causa fenômenos que, quanto mais profundos, mais se aproximam de uma anartria. A afasia permanece, assim sendo, um fenômeno cortical.

Acrescentamos, pois, à nossa concepção do aparelho de linguagem, que ele não possui, além da via cuja lesão se reconhece como anartria, via especial alguma, seja aferente ou eferente. Referiremo-nos brevemente aos assim chamados distúrbios subcorticais de leitura e escrita posteriormente [p. (137-142).].

Nesse momento³⁷⁰ pretendemos investigar quais são as suposições de que necessitamos para a explicação dos distúrbios de linguagem, com base em uma tal composição do (117) aparelho de linguagem, em outras {75}³⁷¹ palavras, o que nos ensina o estudo dos distúrbios de linguagem sobre a função deste aparelho. Neste sentido, pretendemos separar, tanto quanto possível, o lado anatômico do lado psicológico do objeto em questão.

Para a psicologia, a “palavra” é a unidade da função de linguagem, uma representação complexa que se apresenta como um composto de elementos acústicos, visuais e cinestésicos. Devemos o conhecimento sobre essa composição à patologia, que nos mostra que, em casos de lesões orgânicas no aparelho de linguagem, ocorre uma fragmentação do discurso conforme essa composição. Estaremos, assim, advertidos de que o colapso de um³⁷² destes elementos da representação de palavra se apresentará como o índice essencial que nos permite concluir sobre a localização do adoecimento. Normalmente se consideram quatro partes componentes da representação de palavra: “a imagem de som”, a “imagem visual das letras”, a “imagem de movimento da fala” e a “imagem de movimento da

³⁶⁸ L. c. [Eisenlohr (1889)].

³⁶⁹ Nota do Editor: [Cf.: acima, p. (111) e seg.]

³⁷⁰ Nota do Editor: [A passagem seguinte até a p. (123), terminando em “... que exigem essa concepção.”, aparece como anexo C no trabalho de Freud intitulado ‘O Inconsciente’ (1915e) no volume 3 dos *Studienausgabe* (pp. 168-173) sob o título de ‘Palavra e Coisa’; lá um prefácio editorial aponta para relações com pontos de vista posteriores de Freud, mas também para diferenças na terminologia.].

³⁷¹ A representação de palavra.

³⁷² Nota do Editor: [no original “uma”.]

escrita”. Entretanto, essa composição se mostra mais complicada, quando se entra no mérito do provável processo de associação que acompanha cada uma das tarefas da linguagem:

1. Aprendemos a *falar* na medida em que associamos uma “*imagem de som de palavra*” com uma “*sensação de inervação de palavra*”³⁷³. Após falarmos, encontramos-nos em posse de uma “*representação de movimento da fala*” (sensações centrípetas dos órgãos da fala), de tal modo que a “palavra” é para nós, em seu aspecto motor, duplamente determinada. De ambos os elementos determinantes, o primeiro, a representação da inervação de palavra, parece possuir o menor valor do ponto de vista psicológico, e pode-se questionar sua ocorrência como fator psíquico. Além disso, após falarmos, obtemos uma “imagem de som” da palavra falada. Enquanto ainda não tivermos consolidado nossa linguagem, essa segunda imagem de som não precisa ser igual à primeira³⁷⁴, mas somente estar associada a ela. (118)

Nesse nível (do desenvolvimento da linguagem infantil) servimo-nos de uma linguagem criada por nós mesmos, comportamo-nos {76}³⁷⁵, então, como pacientes com afasia motora, na medida em que associamos diversos sons de palavras estranhos, com um só som produzido por nós mesmos.

2. Aprendemos a linguagem dos outros na medida em que nos esforçamos para tornar a imagem de som produzida por nós o mais semelhante possível ao que deu ensejo à inervação da linguagem. Aprendemos assim a “*repetir*”. Concatenamos, então, as palavras umas às outras no “*falar coerente*”, na medida em que esperamos, de posse da inervação da próxima palavra, até que a imagem de som ou a representação de movimento da fala (ou ambas) da palavra anterior tenha sucedido. A certeza de nosso falar parece então sobredeterminada³⁷⁶ e pode tolerar bem a falta de um ou outro fator determinante. Assim, algumas das particularidades da parafasia – fisiológica e patológica – explicam-se por essa

³⁷³ N. T.: Sensação de inervação da palavra ouvida.

³⁷⁴ Nota do Editor: [A que nós acabamos de imitar.]

³⁷⁵ O processo de associação...

³⁷⁶ Nota do Editor: [Em 1895, Freud utiliza essa expressão em seu capítulo metodológico ‘Sobre a psicoterapia da histeria’ nos *Estudos sobre a Histeria*, escrito em conjunto com Josef Breuer (1895d, Tb. 10446, p. 307), no sentido de uma causação múltipla de um sintoma. O sinônimo utilizado na sequência, “*überdeterminiert*” aparece pela primeira vez no mesmo trabalho; Breuer também cita nos *Estudos* o conceito de Freud (ibid., p. 230 e seg.).]

ausência da correção feita pela segunda imagem de som e pela imagem de movimento da fala.

3. Aprendemos a *soletrar* na medida em que conectamos as imagens visuais das letras com novas imagens de som, que, ao mesmo tempo, devem nos recordar dos sons já conhecidos. Repetimos prontamente a imagem de som indicativa das letras e, assim sendo, a letra nos parece novamente determinada por duas imagens de som que se recobrem, e por duas representações de movimento correspondentes uma à outra.

4. Aprendemos a *ler* na medida em que conectamos de acordo com certas regras a sequência de representações de inervações de palavra e de representações motoras de palavra que armazenamos ao falar cada uma das letras, de tal forma que surgem novas representações de movimento de palavra. Tão logo tenham sido pronunciadas essas últimas palavras, descobrimos pela imagem de som destas novas representações de palavra que ambas, imagem de movimento de palavra (119) e imagem de som de palavra, que adquirimos desta maneira, são conhecidas desde muito tempo e que são idênticas às utilizadas durante o falar. Então, associamos estas imagens da linguagem, obtidas por meio do soletrar, ao significado atribuído aos primeiros sons {77}³⁷⁷ de palavra. Lemos, assim, com compreensão. Se nós falávamos primariamente, não uma língua escrita, mas sim um dialeto, então devemos superassociar as imagens de movimento de palavra, adquiridas ao soletrar, àquelas imagens de som da antiga língua e, destarte, aprender uma nova língua, o que será facilitado pela semelhança do dialeto com a língua escrita.

Desta exposição do aprendizado da leitura, conclui-se que ele resulta em um processo deveras complicado que deve necessariamente corresponder a um repetido ir e vir do movimento de associação. Estaremos, além do mais, advertidos de que os distúrbios do ler na afasia devem necessariamente suceder de maneiras muito variadas. Somente o *distúrbio na leitura de letras* será decisivo para se inferir uma lesão do elemento visual na leitura. A composição das letras para formar uma palavra se dá durante a transposição à via da fala, assim sendo, ela será suspensa em caso de afasia motora. A compreensão de algo lido se dá primeiramente por intermédio das imagens de som que resultam das palavras proferidas, ou por intermédio das imagens de movimento de palavra que surgiram ao falar. Assim sendo, ela se demonstra como uma função que se extingue não somente por lesão motora, mas

³⁷⁷ ao falar e ler.

também por lesão acústica, e mais ainda, como uma função que é independente da realização da leitura. A auto-observação mostra a todos que existem várias formas de ler, dentre as quais algumas prescindem da compreensão da leitura. Quando leio textos a serem corrigidos em que tenho o propósito de voltar especial atenção às imagens visuais das letras e a outros sinais gráficos, o sentido das palavras lidas me escapa tão completamente que, para melhoramentos estilísticos do texto, necessito fazer outra leitura completa. Quando leio um livro que me interessa, um romance, por exemplo, ignoro todas falhas de impressão e pode acontecer que eu nada guarde na cabeça sobre o nome dos personagens nele presentes, a não ser algum traço confuso e algo como a lembrança de que eles são grandes ou pequenos {78}³⁷⁸ e contêm uma letra curiosa, um x ou z. (120)

Quando devo proferir uma conferência, em que devo necessariamente voltar uma atenção especial às imagens de som de minhas palavras, bem como a seus intervalos, corro novamente o risco de me preocupar tão pouco com o sentido, que tão logo eu me encontre cansado, leio de tal forma que a outra pessoa ainda possa entender, mas eu mesmo nem sei mais o que acabei de ler.³⁷⁹ Estes são fenômenos da atenção dividida que entram em consideração neste momento, posto que a compreensão do que é lido somente sucede por meio de um desvio bastante longo. O fato de não se tratar mais de uma tal compreensão, quando o próprio processo de leitura oferece dificuldades, se tornará claro pela analogia com nosso comportamento durante o aprendizado da leitura, e deveremos necessariamente nos precaver contra a afirmação de que a ausência de uma tal compreensão seja tida como sinal de uma interrupção da via de condução. A leitura em voz alta não deve ser tida como um processo diferente da leitura silenciosa, a não ser pelo fato de que ela ajuda a liberar a atenção da parte sensória³⁸⁰ do processo de leitura.

5. Aprendemos a *escrever* na medida em que reproduzimos as imagens visuais das letras através de imagens de inervação da mão, até que imagens visuais iguais ou semelhantes sejam produzidas. Via de regra, as imagens de escrita são apenas semelhantes às imagens de leitura e a elas superassociadas, já que aprendemos a ler escrita impressa³⁸¹ e

³⁷⁸ O processo de associação...

³⁷⁹ Nota do Editor: [Freud entra novamente no mérito da relação entre atenção e leitura em voz alta na discussão sobre as condições dos erros de fala, leitura e escrita na *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901b), p. 145 e seg.]

³⁸⁰ N. T.: visual.

³⁸¹ N.T.: “Durchschrift” na segunda edição alemã, ao invés de “Druckschrift”, como na edição de 1891.

aprendemos a escrever escrita cursiva.³⁸² O escrever se mostra como um processo comparativamente mais simples e não tão facilmente perturbável quanto a leitura.

6. É de se supor que posteriormente nós também coloquemos em prática cada uma das funções da linguagem pelos mesmos caminhos associativos por meio dos quais nós as adquirimos.³⁸³ Podem ocorrer aí abreviações e delegações, mas nem sempre é fácil dizer de que natureza. A importância delas será ainda diminuída pela consideração de que, em casos de lesão orgânica, o aparelho de linguagem provavelmente será em certa medida danificado como um todo e será impelido ao retorno às formas de associação primárias, mais seguras e circunstanciadas.³⁸⁴ No que tange à leitura (121),

Fig. 8.

*Psychologisches Schema der Wortvorstellung.*¹

Die Wortvorstellung erscheint als ein abgeschlossener Vorstellungskomplex, die Objektvorstellung dagegen als ein offener. Die Wortvorstellung ist nicht von allen ihren Bestandteilen, sondern bloß vom Klangbild her mit der Objektvorstellung verknüpft. Unter den Objektassoziationen sind es die visuellen, welche das Objekt in ähnlicher Weise vertreten, wie das Klangbild das Wort vertritt. Die Verbindungen des Wortklangbildes mit anderen Objektassoziationen als den visuellen sind nicht eingezeichnet.

385 386

³⁸² Nota do Editor: [Cf.: abaixo, p. (139).]

³⁸³ Nota do Editor: [Cf.: acima, p. (60).]

³⁸⁴ Nota do Editor: [Cf.: abaixo, p. (131) e seg., (141).]

³⁸⁵ N.T.: *Esquema psicológico da representação de palavra*: A representação de palavra se apresenta como complexo de representação fechado, a representação de objeto, ao contrário, se apresenta como um complexo de representação aberto. A representação de palavra não é conectada à representação de objeto por meio de todas as suas partes componentes, mas somente por meio da imagem de som. Dentre as associações de objeto são as visuais que representam o objeto de maneira semelhante àquela pela qual a imagem de som representa a palavra. As ligações da imagem de som da palavra com as outras associações de objeto além das visuais não foram indicadas.

a influência {79}³⁸⁷ da “*imagem visual da palavra*” se torna indubitavelmente efetiva em leitores experimentados, de tal forma que palavras isoladas (nomes próprios) podem também ser lidos prescindindo do soletrar.

A palavra é, então, uma representação complexa consistindo nas imagens mencionadas, ou, dito de outra forma, à palavra corresponde (122) um intrincado processo associativo para o qual concorrem os referidos elementos de origem visual, acústica e cinestésica.

Todavia, a palavra conquista seu significado por meio da conexão com a “representação de objeto”³⁸⁸, ao menos se limitarmos nossa consideração aos substantivos. A representação de objeto é, por sua vez, um complexo associativo composto pelas mais diversas representações visuais, acústicas, táteis, cin- {80}³⁸⁹ estésicas etc. Concluímos a partir da filosofia que a representação de objeto nada mais contém além destas representações, e que a aparência de uma “coisa”, para cujas “características” concorrem aquelas impressões dos sentidos, somente se constitui na medida em que abarcamos, na soma das impressões dos sentidos que apreendemos de um objeto, a possibilidade de uma grande sequência de novas impressões na mesma cadeia associativa (J. S. Mill).³⁹⁰ A representação de objeto, portanto, não se apresenta a nós como uma representação fechada, nem tampouco como uma representação passível de ser fechada, ao passo que a representação de palavra se nos apresenta como algo fechado, apesar de ser capaz de ampliação.

A afirmação que devemos assumir com base na patologia dos distúrbios de linguagem é a de que *a representação de palavra está unida em sua extremidade sensível (por intermédio das imagens de som) à representação de objeto*.³⁹¹ Consequentemente, chegamos à suposição de duas classes de distúrbios de linguagem: 1. uma afasia de primeira ordem, ou

³⁸⁶ Nota do Editor: [Freud registrou esse esquema com pequenas variações em seu artigo para o léxico ‘Afasia’ (em 1893-94a, Fig. 23, p. 171 da primeira impressão). Falta no artigo, na legenda, o título e no começo da última frase as seguintes palavras foram, nesse meio tempo, acrescentadas: “As ligações das associações de palavra entre si (fora as ligações com a imagem de som) são indicadas em pontilhado;”.]

³⁸⁷ ao ler e escrever.

³⁸⁸ Nota do Editor: [Esse conceito reaparece posteriormente, em todo o caso com a aceção modificada, no escrito “O Inconsciente” (1915e). Cf. a esse respeito o comentário editorial referido acima, p. (116) e seg., sexta nota. Dez anos antes (1905c; *Studienausgabe*, p. 113) Freud investigou pormenorizadamente as peculiaridades das relações entre representação acústica de palavra e representação de coisa (= “representação de trem/troço/treco” e = acima num uso antigo “representação de objeto”) para a explicação de um grupo específico de piadas.]

³⁸⁹ Representação de palavra e representação de objeto.

³⁹⁰ J. St. Mill, *Logik I* [1843], Cap. III [‘Of the Things denoted by names’], e: *An Examination of Sir William Hamilton’s philosophy* [1865].

³⁹¹ Nota do Editor: [Cf.: abaixo, p. (127), (128) e (135).]

afasia verbal, na qual somente as associações entre os elementos individuais da representação de palavra estão perturbadas e 2. uma afasia de segunda ordem, ou afasia *assimbólica*, na qual a associação entre representação de palavra e representação de objeto está perturbada. (123)

Utilizo a denominação assimbolia em um sentido diferente do que se tornou usual desde Finkelnburg³⁹², pois me parece que a relação entre representação de palavra e representação de objeto merece o nome de “simbólica”³⁹³, muito mais que a relação entre objeto e representação de objeto. Aos distúrbios do reconhecimento de objetos, que Finkelnburg resume como assimbolia³⁹⁴, gostaria de sugerir a denominação “agnosia”³⁹⁵. Seria, então, possível que distúrbios agnósticos, que só podem ser provocados {81}³⁹⁶ por lesões corticais bilaterais e extensas, também tenham como consequência um distúrbio de linguagem, já que todos os estímulos para o falar espontâneo provêm do território das associações de objeto. Tais distúrbios de linguagem eu os chamaria de *afasias de terceira ordem* ou *afasias agnósticas*. A clínica nos instruiu, de fato, sobre alguns casos que exigem essa concepção.

A primeira destas afasias agnósticas é um caso de Farges³⁹⁷, que foi mal observado e interpretado também da maneira mais inadequada possível e nomeado “Aphasie chez une tactile”. Assim sendo, espero poder dirimir os mal-entendidos a tal ponto que se possam reconhecer os fatos ali presentes.

Trata-se de uma enferma que ficou cega devido a causas cerebrais e que, provavelmente, tinha focos bilaterais da origem do adoecimento no córtex. Ela (124) não reagia a chamados e repetia sem cessar, quando alguém queria estabelecer contato com ela: “Não quero, não

³⁹² Cf. Spamer, Ueber Aphasie und Asymbolie, nebst Versuch einer Theorie der Sprachbildung. Archiv. F. Psych. VI, 1876.

³⁹³ Nota do Editor: [Finkelnburg (1870), p. 461, coluna direita.]

³⁹⁴ Nota do Editor: [Ibid.]

³⁹⁵ Nota do Editor: [Essa denominação sugerida por Freud para os distúrbios do reconhecimento de objetos se tornou completamente aceita pela neurologia. Em todo o caso não é de conhecimento da maioria que esse termo remonta a Freud.]

³⁹⁶ Os três tipos de afasia.

³⁹⁷ Farges, Aphasie chez une tactile. L'encéphale. 1885. Nr. 5. Nota do Editor: [correto: 1887; Nr. 7. – O mesmo autor (“Professor de clínica médica junto à Escola de medicina de Angers”) escreve seu nome em um outro trabalho “Farge” (‘Étude sur les fonctions du centre ovale’, L'Éncéphale, Vol. 5, 1885, p. 385 até 393). Não é claro se ele, além disso, é o mesmo autor citado por Kussmaul (Cf. acima, p. (67), segunda nota e *), que o indica também com um título muito semelhante (“Professor junto à Escola de medicina de Angers”), mas cuja comunicação, entretanto, data de 23 anos antes.]

posso!”³⁹⁸ com um tom de maior impaciência. Ela não reconhecia sequer a voz do médico. No momento exato em que o médico lhe tomava o pulso, e assim lhe fornecia, portanto, uma representação tátil, ela o reconhecia, dizia seu nome corretamente, conversava com ele sem distúrbio de linguagem etc., até que ele soltava sua mão e, destarte, voltava a se tornar inacessível a ela. O mesmo acontecia quando alguém lhe proporcionava uma representação tátil³⁹⁹ (representação olfativa, representação palatal) de um objeto. Enquanto ela tinha acesso a esta representação, ela dispunha igualmente das palavras requeridas e se comportava de forma adequada; no momento em que o acesso à representação fosse retirado dela, ela repetia sua monótona prova de impaciência ou falava sílabas desconexas e se demonstrava inacessível à compreensão da linguagem. Esta enferma tinha, então, um aparelho de linguagem completamente intacto, do qual ela não podia dispor até o momento em que ele fosse estimulado pelas únicas associações de objeto preservadas.

{82}⁴⁰⁰ Uma segunda observação desse tipo ensejou C. S. Freund⁴⁰¹ a postular a categoria de *afasia óptica*. O enfermo de Freund apresentava dificuldades no falar espontâneo e na nomeação de objetos tal qual em casos de afasia sensória provocada por lesão do território acústico. Uma “vela” ele denominava, por exemplo, “óculos”; numa segunda visada, ele dizia: “é, por assim dizer, um cilindro” e ainda: “não, é... espera aí, uma luz de cera.”⁴⁰² Contudo, se o deixassem segurar o objeto com as mãos, de olhos fechados, ele encontrava rapidamente o nome correto. O aparelho de linguagem estava, portanto, intacto, somente reagia de forma defeituosa às associações de objeto provindas da visão, ao passo que trabalhava corretamente com as associações de objeto advindas do tato. A influência do distúrbio nas associações de objeto no caso de Freund não tem, a propósito, alcance tão grande quanto no caso de Farges. O enfermo de Freund piorou progressivamente, tornou-se depois completamente surdo para palavras e apresentou (125) no exame de autópsia lesões que atingiam não somente o território da visão, mas também o território da linguagem.

³⁹⁸ N.T.: em francês no original.

³⁹⁹ N.T.: ao que tudo indica, àquela época não se fazia a diferença terminológica entre tato, olfato e paladar, ou então, olfato e paladar estavam subordinados ao tato.

⁴⁰⁰ A afasia agnóstica.

⁴⁰¹ C. S. Freund, Ueber optische Aphasie und Seelenblindheit. Arch. F. Psych. XX, 1889.

⁴⁰² Nota do Editor: [Freund, no artigo citado, p. 281.]

O fato de distúrbios nos elementos ópticos das representações de objeto poderem exercer uma tal influência sobre a função da linguagem explica-se por serem as imagens da visão⁴⁰³ os componentes mais proeminentes e importantes de nossas representações de objeto. Quando em uma pessoa o trabalho intelectual se realiza essencialmente com a ajuda dessas imagens ópticas, para o que, segundo Charcot, a idiosincrasia individual é decisiva⁴⁰⁴, lesões bilaterais no território cortical óptico devem necessariamente causar também lesões das funções da linguagem que extrapolam sobremaneira o explicável por meio da localização. Farges poderia ter descrito sua observação com muito mais razão como “*aphasie chez une visuelle*”⁴⁰⁵.

Enquanto esses casos de *afasia agnóstica* baseiam-se em um efeito funcional à distância sem lesão orgânica do aparelho de linguagem, nos casos de {83}⁴⁰⁶ afasia verbal e assimbólica, a lesão do próprio aparelho de linguagem deve necessariamente ser levada em consideração. Esforçaremos agora por discernir aqui, o máximo possível, tanto os aspectos funcionais, quanto os aspectos tópicos que são relevantes para a explicação desses distúrbios de linguagem.

Esboçaremos um esquema que prescinde⁴⁰⁷ das relações anatômicas espaciais exatas e que deve somente apresentar as relações entre cada um dos elementos das associações da linguagem entre si (fig. 9). Não ilustramos neste esquema, por meio de {84}⁴⁰⁸ círculos, os ditos centros da linguagem, mas sim os campos do córtex percorridos pelas associações da linguagem. As partes do campo da linguagem adjacentes a eles adquirem o significado de centros da linguagem pelas ligações cruzadas (indicadas pela musculatura da mão, musculatura da linguagem⁴⁰⁹ e nervo óptico) com o outro hemisfério. Daí resulta, então, três distúrbios de linguagem, (126)

⁴⁰³ N. T.: *Gesichtsbilder*. Primeira ocorrência; sinônimo de *visuelle Bilder*.

⁴⁰⁴ Nota do Editor: [Cf. abaixo, p. (144).]

⁴⁰⁵ N.T.: Em francês e em itálico no original.

⁴⁰⁶ Esquema anatômico do aparelho de linguagem.

⁴⁰⁷ Nota do Editor: [Em seu artigo de léxico ‘Afasia’ (em 1893-94a, Fig. 24, p. 172 da primeira impressão) Freud descreveu a extensão do campo de associação da linguagem na reprodução de um hemisfério esquerdo e ilustrou sua relação com o denominado “centro de linguagem” por meio de diversos traços pontilhados.]

⁴⁰⁸ A assimbolia pura.

⁴⁰⁹ N. T.: musculatura do aparelho fonador, i. e. cordas vocais etc.)

Fig. 9.

Anatomisches Schema des Sprachassoziationsfeldes.

Zur Erklärung des Anscheines von Sprachzentren. Die Rindenfelder des Akustikus, Optikus, des Armes und der Sprachmuskulatur sind durch Kreise schematisiert; die von ihnen in das Innere des Sprachfeldes gelangenden Assoziationsbahnen durch Strahlenbüschel dargestellt. Wo letztere durch die von ihren Ursprüngen abgeschnittenen Büschel gekreuzt werden, entsteht ein »Zentrum« für das betreffende Assoziationselement. Für das Akustikusfeld sind die doppel-seitigen Verbindungen nicht eingezeichnet, teils um die Figur nicht zu verwirren, teils wegen der Unklarheit, die gerade über das Verhältnis von Hörfeld und akustischem Sprachzentrum besteht. – Die Verbindungen mit dem Optikusfeld auch räumlich in zwei Bündel zu zerlegen, gestattet die Erwägung, daß zur Leseassoziation die Augenbewegungen in besonderer Weise herangezogen sind.¹

410 411

que, na afasia verbal, trazem à expressão a localização de uma lesão. Se a lesão localiza-se, a saber, nas partes do campo da linguagem conhecidas como centros da linguagem, vizinhas aos demais campos corticais, ela terá como efeito que: 1. a transferência⁴¹² (127) à via da linguagem, 2. [a transferência] à via da escrita referente à mão e 3. o reconhecimento

⁴¹⁰ N. T.: Texto da legenda: *Esquema anatômico do campo de associação da linguagem*. Para a explicação da aparência de centros de linguagem. Os campos corticais dos nervos acústico, óptico, do braço e da musculatura da linguagem* são esquematizados por meio de círculos; as vias de associação partindo deles e chegando ao interior do campo da linguagem são apresentados como de feixes de raios. Aonde as últimas são cruzadas pelos feixes separados de suas origens surge um “centro” para o respectivo elemento associativo. Para o campo acústico não são ilustradas as ligações bilaterais, por um lado, com o objetivo de evitar tornar confusa a figura, por outro lado, por causa da obscuridade que existe especificamente sobre a relação entre o campo auditivo e o centro acústico de linguagem. – Dividir também espacialmente as ligações com o campo óptico em dois feixes é algo permitido pela consideração de que os movimentos dos olhos são postos em prática de forma especial para a associação da leitura. *Cf. nota 337 acima.

⁴¹¹ Nota do Editor: [Cf. abaixo, p. (130), primeira nota.]

⁴¹² Nota do Editor: [“que a: 1. transferência”.]

das letras serão impossíveis e, assim sendo, que surja a afasia motora simples, a agrafia e a alexia da letra. Quanto mais central for a lesão no campo da linguagem, menos efetiva será sua consequência de desligamento de um dos elementos das associações da linguagem e mais o aparecimento do distúrbio da linguagem dependerá dos aspectos funcionais que são determinantes para o aparelho de linguagem, independentemente do local da lesão. Na afasia verbal, então, podemos *relacionar apenas a perda de alguns elementos associativos isolados com a localização* e explicá-la por meio desta. A certeza do diagnóstico será aumentada quando a lesão não se estender profundamente no território da linguagem, mas quando ela se estender nos campos corticais adjacentes a ele, ou seja, quando a afasia motora for acompanhada de hemiplegia e a alexia por uma hemianopsia.

O distúrbio de linguagem assimbólico pode ocorrer, em alguns casos, na forma pura e em consequência de uma lesão que não for difusa e que percorra uma linha perpendicular à direção da associação. Assim ocorre no caso de Heubner,⁴¹³ que apresenta uma separação ideal entre o território da linguagem e suas associações por um foco de amolecimento que contorna o ponto nodal do território da linguagem, ou seja, a região acústica. {85}⁴¹⁴ O distúrbio de linguagem assimbólico sem complicações (com a conservação de todas as associações de palavra) pode também resultar, talvez, de um estado meramente funcional do aparelho de linguagem como um todo, pois há indícios de que a ligação entre representação de palavra e de objeto seja a parte mais facilmente exaurível do trabalho da linguagem e, em certa medida, seu ponto fraco.⁴¹⁵ Pick, por exemplo, dirigiu sua atenção, em um interessante trabalho, à surdez verbal transitória ocorrida após ataques epiléticos.⁴¹⁶ A enferma por ele observada apresentou distúrbio de linguagem assimbólico durante a convalescença de um ataque. (128) Ela era capaz de repetir algo que lhe fora proferido, antes de o haver entendido.

O fenômeno da ecolalia, da repetição de perguntas, parece pertencer sob todas as circunstâncias ao distúrbio assimbólico.⁴¹⁷ Em alguns desses casos, por exemplo, no caso

⁴¹³ Nota do Editor: [Cf.: acima, p. (63) e seg., (101).]

⁴¹⁴ A ecolalia.

⁴¹⁵ Nota do Editor: [Cf. acima p. (122) e abaixo, p. (135).]

⁴¹⁶ Pick, Zur Localisation einseitiger Gehörshallucinationen nebst Bemerkungen über transitorische Worttaubheit. Jahrb. f. Psych. VIII, 1889 e l. C. Arch. f. Psych. XXII, 1891.

⁴¹⁷ Nota do Editor: [Cf. abaixo, p. (137).]

de Skwartzoff⁴¹⁸ (Obs. x) e no de Fränkel⁴¹⁹ (em Ballet), a ecolalia se apresenta como um meio para conseguir estabelecer a dificultosa relação do som ouvido com as associações de objeto pelo fortalecimento dos sons de palavra. Esses enfermos não entendiam imediatamente a pergunta, mas somente entendiam-na e podiam respondê-la após terem-na repetido. Recordar-nos-emos aqui igualmente do posicionamento de Ch. Bastian, segundo o qual um centro de linguagem que estiver lesado em sua função perde primeiramente a capacidade de trabalhar a partir de um estímulo “espontâneo”, enquanto pode manter-se capaz de realizar sua tarefa se sofrer uma excitação sensível, bem como através da associação com outros centros de linguagem.⁴²⁰ Todo estímulo “espontâneo” dos centros de linguagem passa, entretanto, pelo território das representações acústicas e consiste em uma estimulação das mesmas, proveniente das associações de objeto.⁴²¹

{86}⁴²² Parece-nos, pois, que o surgimento de uma dita afasia sensória transcortical pode basear-se em uma lesão, mas é também, em todo o caso, funcionalmente favorecida. Ambos os aspectos agem aqui na mesma direção.

Mais frequente que a assimbolia pura é a afasia assimbólicoverbal mista, provocada pela lesão do elemento acústico da linguagem. Pelo fato de todas as outras associações verbais se conectarem à imagem de som, uma lesão um tanto extensa do território da linguagem nas proximidades do campo acústico terá como consequência tanto a ruptura (129) das associações de palavra entre si, quanto o distúrbio da associação de palavra com as associações de objeto. O quadro que daí resulta é o da afasia sensória de Wernicke, que também abrange distúrbios na compreensão da leitura, na fala e na repetição. O território de cuja lesão se trata é provavelmente tão grande que, em lesões menores, ora o distúrbio assimbólico, ora o distúrbio verbal, se evidencia de forma pura. Um conhecimento anatômico mais acurado dos locais aos quais as diversas vias do campo acústico da linguagem chegam seria naturalmente imprescindível para todos os propósitos de uma localização mais exata. Tal conhecimento ainda não está disponível.

⁴¹⁸ Skwartzoff, De la cécité et de la surdité des mots dans l'aphasie. Paris 1881.

⁴¹⁹ Ballet, Le langage intérieur et les diverses formes de l'aphasie. Paris 1886. N. E. [Na edição alemã (1890), p. 148; em todo o caso com a grafia “Fränckel”. Esse caso foi aventado por Ballet três vezes em contextos diversos (p. 91, 99, 148); na p. 91, nota 6, Ballet relata: “Fränckel: a observação foi comunicada por Charcot nas Leçons italiennes sur l'aphasie.” A referência é a Fränkel (1881).]

⁴²⁰ Nota do Editor: [Cf. acima, p. (68) e seg.]

⁴²¹ Nota do Editor: [Cf. abaixo, p. (135).]

⁴²² A afasia assimbólicoverbal mista.

Podemos somente admitir que a direção de associação mais importante para a associação simbólica é a que vai de encontro ao campo cortical óptico, visto que dentre as associações de objeto são as imagens de lembrança ópticas as que comumente representam o papel principal. No caso de essas associações serem impossíveis, o campo da linguagem ainda pode receber impulsos do restante do córtex, a saber, das associações táteis, gustativas, dentre outras, e pode, assim mesmo, ser estimulado para a fala. Entendemos, assim, que em casos de afasia assimbólicoverbal com essas marcas o falar espontâneo não seja suspenso, mas apresente o caráter de empobrecimento nas partes do discurso com sentido estrito.⁴²³ Estas (substantivos, adjetivos) são proferidas em sua maioria em resposta a um estímulo óptico. Partindo do estímulo provindo das outras associações de objeto, que provavelmente {87}⁴²⁴ entram em outras áreas do campo acústico, o campo da linguagem produz ainda uma linguagem mutilada, ou então ele transfere à via motora da linguagem todos os estímulos disponíveis que não necessitem de nenhuma associação de objeto estrita, como partículas, sílabas (jargão).⁴²⁵

Recordamos que entre a terminação cortical (em todo o caso muito estendida) do nervo óptico e a terminação do nervo acústico passam não somente as vias associativas que conectam representação de palavra e representação de objeto, mas também a via que torna possível a compreensão das imagens visuais das letras. É, então, possível (130) que, dada certa localização de uma lesão, seja desencadeado um distúrbio de leitura juntamente a um distúrbio de linguagem assimbólico, por causa da contiguidade anatômica, e a clínica nos mostra que uma combinação desse tipo, de alexia com assimbolia de maior ou menor grau, será observada no adoecimento no perímetro parietal do primeiro giro. A coocorrência de ambos os sintomas não é, como já foi dito, necessária. Lesões dessa região provocam, caso contrário, somente alexia como distúrbio puramente verbal; quando, além disso, surge assimbolia, lesões bilaterais do território cortical óptico devem estar necessariamente presentes. Nas proximidades do território acústico da linguagem surge a assimbolia em consequência de lesão unilateral (por causa da ligação do “centro de linguagem” com as radiações ópticas advindas de ambos os hemisférios). A combinação de assimbolia com surdez verbal ocorre, então, com mais facilidade do que a combinação de assimbolia com

⁴²³ Nota do Editor: [Cf. acima, pp. (62), (72), (73), (74), (80), (82) e abaixo, pp. (133) e seg. e (135).]

⁴²⁴ A assim denominada afasia óptica.

⁴²⁵ Nota do Editor: [Cf. acima, p. (61) e seg., pp. (73, 74).]

alexia; a primeira necessita somente de uma lesão unilateral na proximidade do campo cortical acústico, ao passo que a segunda necessita de uma lesão bilateral, que pode, contudo, além disso, estar afastada do campo cortical acústico.⁴²⁶

{88}⁴²⁷ C. S. Freund descreveu⁴²⁸ esse distúrbio de linguagem, que se encontra em discussão, como afasia óptica, entretanto, ao que me parece, ele não discerniu no bojo dessa discussão a parte da afasia agnóstica daquela da assimbólica.⁴²⁹

Com isso, parece, podemos seguir a influência do aspecto tópico (131) da lesão sobre a sintomatologia dos distúrbios de linguagem. Descobrimos, em linhas gerais, que essa influência se torna efetiva quando duas condições são preenchidas: 1. quando a lesão encontra-se em um dos centros de linguagem, entendidos no nosso sentido (nas regiões extremas do campo de associação da linguagem), e 2. quando ela o torna completamente incapaz de realizar suas funções. O êxito da lesão se mostra, portanto, como a perda de um dos elementos que conjuntamente tomam parte nas associações da linguagem. Em todos os outros casos, far-se-ão notar ao lado do aspecto tópico fatores funcionais e, notadamente, devemos diferenciar qual das duas condições mencionadas restou insatisfeita. Se a lesão encontra-se notadamente em um dos pontos nodais do aparelho de linguagem, mas sem destruí-lo, esse elemento da associação da linguagem reagirá como um todo à lesão com uma modificação de suas condições de funcionamento.⁴³⁰ Tornam-se efetivas, então, as modificações propostas por Bastian.⁴³¹ Se, por outro lado, a lesão se encontra em uma área

⁴²⁶ Certamente não é sem importância o fato de que a alexia pura (subcortical segundo Wernicke) seja encontrada tão frequentemente na presença de lesão do perímetro parietal do primeiro sulco (Gyrus angularis e supramarginalis). Recordamo-nos de que a lesão da parte inferior do lobo parietal provoca um deslocamento duradouro de ambos os olhos, aquele tipo de movimento dos olhos que durante a leitura é associado com as imagens visuais das letras. [Cf. a última página da legenda da fig. 9, acima, p. (126) e tb. p. (107), primeira nota.]

⁴²⁷ Reação do aparelho de linguagem...

⁴²⁸ Nota do Editor: [Cf. acima, p. (124).]

⁴²⁹ Siemerling (Ein Fall Von sogenannter Seelenblindheit nebst anderweitigen cerebralen Symptomen. Archiv f. Psych. XXI, 1890) mostrou “que é possível produzir experimentalmente um estado que é semelhante ao da ‘cegueira da alma’, meramente pela diminuição da acuidade visual e da monocromasia” Nota do Editor: [p. 293; no original destacado com negrito]. O que se pode, entretanto, criar experimentalmente não corresponde completamente ao quadro clínico da agnosia óptica. Soma-se a isso, que o enfermo com base em suas percepções inexatas se *ilude*, enquanto a pessoa sadia se sente simplesmente indecisa. Da mesma forma iludem-se os afásicos com alexia ou surdez verbal. Um enfermo de Ross (l. c. [1887]) podia ler o jornal por horas a fio sem entendê-lo; ele se espantava, então, de quanto disparate se metia em um jornal. Os pacientes com surdez verbal dão costumeiramente resposta, pois crêem haver entendido uma pergunta.

⁴³⁰ Nota do Editor: [Cf. acima, p. (71).]

⁴³¹ Nota do Editor: [Cf. acima, p. (68) e seg.]

central, mesmo tendo efeito destrutivo, ela somente poderá produzir {89}⁴³² tais reduções de função do modo que eu as procuro aqui arrolar e do próprio modo que elas resultam conforme à composição geral de um aparelho associativo. A extensão da lesão se limita, nesse caso, não podendo entrar em contato, por nenhum lado, com um centro⁴³³.

Para a avaliação da função do aparelho de linguagem sob condições patológicas, partimos da frase de Hughlings Jackson, segundo a qual todas essas formas de reação exprimem casos de *involução* (132) *funcional* (Dis-involution⁴³⁴) do aparelho altamente organizado e, assim sendo, correspondem a estados anteriores de seu desenvolvimento funcional.⁴³⁵ Sob todas as condições um arranjo de associações mais elevado, desenvolvido posteriormente, será perdido e um arranjo de associações mais simples, adquirido anteriormente, ficará preservado.⁴³⁶

Sob esse ponto de vista explica-se um grande número de fenômenos da afasia.⁴³⁷ 1. Em primeiro lugar, a perda de novas aquisições linguísticas, como as superassociações, por causa de algum tipo de adoecimento do aparelho de linguagem, com a preservação da língua materna. Ademais, a natureza dos restos de linguagem⁴³⁸ na afasia motora, na qual tão frequentemente ficam preservados à disposição dos enfermos somente o “sim” e o “não”, além de outras palavras utilizadas desde o início do falar.

2. Outra constatação é a de que as associações *mais frequentemente exercitadas* resistem melhor à destruição. A isso se deve o fato de que pacientes com agrafia ainda conseguem escrever seus nomes, assim como muitas pessoas que não sabem escrever só conseguem escrever especificamente seus nomes. (Uma preservação da capacidade de dizer o nome próprio não ocorre, entretanto, na afasia motora, nem pode ser esperada, visto que proferimos muito raramente nosso nome próprio.) A influência da profissão pode, com base

⁴³² a lesões centralmente localizadas.

⁴³³ N.T.: no sentido entendido por Freud, descrito no início do mesmo parágrafo.

⁴³⁴ Nota do Editor: [Esse conceito não aparece nos escritos citados por Freud no presente trabalho; entretanto, neles Jackson utiliza sempre o termo “dissolution” (também “Principle of Dissolution”), do qual ele se apropriou, conforme ele mesmo informa, a partir de seu professor Herbert Spencer para a indicação de um processo que ocorre em direção contrária a da evolução e que ele introduziu em seu próprio contexto: Jackson (1878-79), p. 308 e seg., (1879-80), p. 325 com nota 1. Cf.: ainda a exposição exaustiva desse princípio da “dissolution” [i. e. regressão] em Jackson (1884), onde, dentre outros assuntos, um parágrafo inteiro na primeira conferência (ponto 7) se dedica à afasia, bem como (1887a) e (1887b).]

⁴³⁵ Nota do Editor: [Cf.: acima, p. (120); além de p. (83), onde Freud utiliza o conceito de repetição.]

⁴³⁶ Nota do Editor: [Jackson (1878-79), p. 309; (1879-80), p. 214 e seg., 324 e seg. e 345. – Cf.: acima, p. (120) e abaixo, p. (141).]

⁴³⁷ Nota do Editor: [A respeito dos seis pontos seguintes, cf.: acima, p. (103)-(106).]

⁴³⁸ Nota do Editor: [Cf.: acima, p. (50) com nota 4 e p. (105) e seg.]

nessa constatação, mostrar-se bastante marcante; assim sendo, tomo de empréstimo a B. Hammond, por exemplo, a observação de um capitão de navio que, tendo se tornado afásico assimbólico, (133) só podia indicar a todos os objetos com nomes de objetos náuticos.⁴³⁹ Funções da linguagem como um todo também se comportarão mais {90}⁴⁴⁰ ou menos capazes de resistência no caso de lesões, em conformidade com essa constatação. Tendo, juntamente com este autor, a relacionar o caso do advogado relatado por⁴⁴¹ Marcé, em cuja afasia o ato de escrever algo ouvido fora menos prejudicado, ao exercício destas atividades na coleta de informações. O fato de alguns sintomas da afasia se configurarem em pessoas cultas de forma distinta do que ocorre em pessoas menos letradas é certamente de se esperar e deveria ser investigado em pormenores.

3. O fato de que o que foi associado *intensamente* adquirir uma força que prevalece à lesão, como resultado de um processo linguístico *raro*, foi mencionado anteriormente [p. (104) e segs.] na alusão aos restos de linguagem, que, segundo Hughlings Jackson, são as últimas palavras proferidas antes do adoecimento.

4. Além disso, é digno de nota que as representações de palavra *associadas em sequências* serão mais bem preservadas do que as palavras que forem associadas isoladamente, e que as palavras ficam tão mais facilmente preservadas quanto *mais amplas* forem suas associações. A primeira consideração vale, por exemplo, para a sequência de números, a sequência dos dias da semana, dos meses etc.⁴⁴² O enfermo de Grashey⁴⁴³ não podia informar diretamente um número desejado, então, em auxílio próprio, ele usava o artifício de começar a contar desde o começo até que houvesse encontrado o tal número. Por vezes, toda a sequência de associação pode ser proferida de cor, mas não um único membro da respectiva sequência, fato para o qual Kussmaul, dentre outros, provê vastos exemplos. Ocorre, de fato, que pessoas incapazes de encontrar uma só palavra, podem, entretanto, cantar toda a letra de uma música.

5. Em casos de distúrbio da fala causados por assimbolia, vê-se com clareza que as palavras perdidas primeiramente são aquelas que têm o *significado mais estrito*, ou seja, que podem ser encontradas somente a partir de poucas e específicas associações de objeto. Nomes

⁴³⁹ Nota do Editor: [Hammond (1876), p. 200 e seg., caso XV.]

⁴⁴⁰ Aspectos funcionais que...

⁴⁴¹ Em Bastian, On the various forms etc. 1869 [p. 222 com nota 2]. [Marcé (1856), p. 103, observação V.]

⁴⁴² Nota do Editor: [Cf.: acima, p. (69) e a nota 3.]

⁴⁴³ Nota do Editor: [Cf.: acima, p. (74-81).]

próprios serão esquecidos em primeiro lugar mesmo nos casos de amnésia fisiológica, e, em casos de (134) assimbolia, são acometidos a princípio os substantivos e, posteriormente, os adjetivos e verbos.⁴⁴⁴

{91}⁴⁴⁵ 6. As influências do cansaço em processos associativos mais prolongados, da duração reduzida das impressões do sentido e da atenção instável são aspectos que, na caracterização de um distúrbio da linguagem, são frequentemente levados em consideração de forma acentuada, mas que não necessitam de nenhuma comprovação especial.

A maioria dos aspectos aqui listados resulta das particularidades gerais de um aparelho preparado para a associação e tem validade de forma semelhante para as atividades de outros distritos do córtex sob condições patológicas. Talvez a contraparte mais notável da involução das organizações no distrito da linguagem seja fornecida pela perda da totalidade da memória, ou seja, a perda de todas as associações corticais até uma determinada época anterior, que tenha sido observada em consequência de um trauma da cabeça.

Já aludimos mais de uma vez aos três níveis de capacidade funcional reduzida, que Ch. Bastian postulou para os centros da linguagem.⁴⁴⁶ Podemos supor esses três níveis, mesmo prescindindo dos centros de linguagem em sentido fisiológico, na medida em que dissermos que o componente óptico, acústico e cinestésico do aparelho de linguagem seja ainda, sob tais ou tais condições, capaz de desempenhar suas funções. Assim, observamos que as modificações propostas por Bastian terão validade principalmente para lesões de natureza parcialmente destrutiva de nossos centros, pois, se a lesão não atinge a todos os elementos linguísticos de uma mesma origem, como ocorre no caso de a lesão incidir sobre os pontos de união, a função do tecido nervoso intacto substituirá a função do tecido nervoso danificado e encobrirá o seu dano. Por trás de uma tal afirmação encontra-se naturalmente a ideia (135) de que cada fibra nervosa isolada e cada célula nervosa isolada não é responsável por cada tarefa de associação da linguagem⁴⁴⁷, mas que aqui existe uma relação muito mais complicada.

⁴⁴⁴ Cf. a esse respeito Broadbent, A case of peculiar affection of speech, with commentary. *Brain* I, 1878-1879, p. 494. [Veja também acima, p. (61) e seg., bem como p. (129) primeira e segunda notas.]

⁴⁴⁵ resultam da natureza de um aparelho associativo.

⁴⁴⁶ Nota do Editor: [Cf. acima, p. (68) e seg.]

⁴⁴⁷ Nota do Editor: [Cf. acima, p. (94).]

{92}⁴⁴⁸ As modificações propostas por Bastian apresentam também, em certo sentido, graus de Dis-involution⁴⁴⁹ ou involução funcional. Creio ser, entretanto, adequado aos nossos propósitos trazer separadamente ao debate as modificações para cada elemento da atividade de associação da linguagem.

1. *O elemento acústico* é o único que trabalha a partir de três modos diferentes de estímulo. O estímulo denominado por Bastian de “voluntário” consiste naquele provindo das associações de objeto, ou expresso de uma maneira mais precisa, provindo de todas as outras atividades do córtex.⁴⁵⁰ Ele é, como vimos [p. (127)], aquele que falha mais facilmente no caso de dano do centro acústico, donde resulta um distúrbio assimbólico parcial. A expressão deste, consiste no distúrbio da linguagem espontânea e da nomeação voluntária de objetos e, nos casos mais leves, na dificuldade de encontrar palavras de sentido estrito e pequena extensão de associações.

A atividade associativa do elemento acústico encontra-se no ponto nodal de toda a função de linguagem.⁴⁵¹ O exemplo de Grashey⁴⁵² e o de Graves⁴⁵³ ilustra um caso de falha na produção da linguagem a partir de estímulo voluntário com a preservação da capacidade associativa com o elemento visual. Não posso encontrar exemplos em que o elemento acústico não realize mais associação (136), ao passo que ainda trabalhe a partir de estímulo direto; um tal estado coincide provavelmente com a completa incapacidade de desempenhar atividades, pois o trabalho do centro acústico consiste na associação e não em uma transferência de estímulos a uma via que vai em direção à periferia. Por outro lado, pode ocorrer o caso em que o elemento acústico ainda possa produzir de fato associações verbais a partir de excitação periférica, mas não possa mais produzir associação simbólica. Esse distúrbio, por sua vez, seria esclarecido como assimbolia (a afasia sensória transcortical de Lichtheim). Temos a tendência de concluir a partir daí que esta forma de distúrbio de

⁴⁴⁸ Modificações funcionais do elemento acústico.

⁴⁴⁹ Nota do Editor: [cf. acima, p. (131), p. (132) e primeira nota.]

⁴⁵⁰ Nota do Editor: [Cf. acima, p. (128).]

⁴⁵¹ Nota do Editor: [Sobre a importância do elemento acústico (veja também acima, p. (112)) cf. a exposição bem posterior de Freud em *O Eu e o Isso* (1923b), *Studienausgabe*, p. 289 e seg.: “Os restos de palavra advém essencialmente das percepções acústicas, de tal modo que por essa via é dada igualmente uma origem sensória específica para o sistema *P-cs*. Pode-se deixar de lado [...], a princípio, os componentes visuais da representação de palavra assim como as imagens de movimento da palavra [...]. A palavra é, propriamente, o resto de lembrança da palavra ouvida.” Veja a esse respeito ainda a discussão de Freud sobre a opinião contrária de Charcot, abaixo, p. (143) e seg.]

⁴⁵² Nota do Editor: [cf. acima, p. (74) e seg.]

⁴⁵³ Nota do Editor: [cf. acima, p. (82).]

linguagem pode ser provocada tanto por uma lesão no próprio centro acústico, como por uma lesão afastada localizada entre o centro {93}⁴⁵⁴ acústico e o território cortical óptico. No primeiro caso, o distúrbio teria fundamento funcional, no segundo, fundamento tópico.

A inexcitabilidade do elemento acústico, que se conhece como surdez verbal, deve ser sempre interpretada como sintoma tópico. Uma exceção parece ser válida para aqueles casos bastante obscuros que encontrei mencionados apenas por Arnaud⁴⁵⁵ e que denomino de *difficulté de ouvir palavras*. Sua interpretação deve partir do fato de que eles sempre apontam a um alto grau de dificuldade de audição ordinária e bilateral. Esses enfermos falam de forma totalmente correta, compreendem, entretanto, apenas com muito esforço e se o que lhes é dito o for de forma lenta e com uma articulação clara. Pelo fato de eles, pois, apresentarem uma compreensão da linguagem indiscutível e sem lacunas, deve-se desconsiderar a possibilidade de uma lesão central no território acústico da linguagem. A diferença no comportamento desses enfermos em relação às pessoas com dificuldade de audição comum está somente no fato delas compreenderem imediatamente ao ouvir, ou seja, associarem, enquanto naqueles a compreensão da linguagem somente começa quando o estímulo periférico tiver ultrapassado certos limiares.

Ao que nos parece, não temos de pensar a compreensão da palavra, ocorrida a partir de estimulação periférica, como mera transmissão dos elementos acústicos (137) àqueles das associações de objeto; ao contrário, nos casos de escuta em que se compreende completamente aquilo que foi dito, a atividade de associação verbal deveria ser excitada simultaneamente pelos elementos acústicos, de modo que repetimos internamente em certa medida aquilo que foi ouvido e, então, apoiamos a compreensão simultaneamente em nossas sensações de inervação da linguagem. Um mais alto grau de atenção na escuta estará ligado a uma transferência mais acentuada daquilo ouvido à via motora da linguagem. Pode-se imaginar que entra em cena a *ecolalia*⁴⁵⁶, então, quando um obstáculo se opõe à condução {94}⁴⁵⁷ da associação rumo às associações de objeto, caso em que a totalidade da excitação se manifesta na repetição mais forte, ou seja, na repetição em voz alta.

⁴⁵⁴ A dificuldade de ouvir palavras.

⁴⁵⁵ Arnaud, Contribution à l'étude clinique de la Surdit verbale. Arch. de Neurol. Mars 1877 [correto: 1887].

⁴⁵⁶ Nota do Editor: [cf. acima, p. (128).]

⁴⁵⁷ Modificaes do elemento visual.

2. O elemento *visual* não está em ligação direta com as associações de objeto (nossos símbolos escritos não são símbolos diretos de conceitos, como os de outros povos, mas sim de sons); no que tange a ele, portanto, suprime-se a importância do estímulo voluntário. Na maioria das vezes ele se põe em atividade a partir de estímulo periférico, e o caso de ele ser demandado meramente de forma associativa ocorre na escrita espontânea. Somente o não reconhecimento das letras pode ser levado em consideração como expressão do dano do elemento visual da linguagem, posto que o “ler” é uma função muito mais complicada, que pode ser prejudicada por uma vasta e diversa gama de lesões. Aqui parece, então, ocorrer o caso anormal em que um elemento não pode mais ser estimulado periféricamente, mas ainda pode ser estimulado por associações. Há, a saber, casos em que imagens de letra não são reconhecidas, e, ao mesmo tempo, ainda se pode escrever corretamente. Wernicke⁴⁵⁸ chama tais casos de *alexia subcortical* e os esclarece com base na localização, através de aspectos tópicos da lesão. Ele diferencia três distúrbios do ler, nos quais o seu conceito de palavra (*C*) fica intacto (Fig. 10). 1. A alexia cortical, caracterizada pela suspensão das capacidades de ler e escrever. 2. A alexia subcortical: capacidade de ler suspensa e capacidade de escrever sem qualquer distúrbio, com exceção da escrita a partir de um modelo. 3. Alexia transcortical: capacidade de ler suspensa e capacidade de escrever suspensa, a não ser para a (138) cópia mecânica de algo impresso ou escrito.

⁴⁵⁸ Nota do Editor: [(1886), p. 464.]

Fig. 10.

Wernickes Schema der Lesestörungen
(Die neueren Arbeiten über Aphasie, Fort-
schritte der Medicin, 1886, p. 464).¹ α das op-
tische Schriftbild, β das motorische Zentrum
der Schreibbewegungen, $c = a + b$ der Wort-
begriff.

459 460

A objeção ao esquema para os distúrbios da leitura das letras é simples. Se, na alexia subcortical, a ruptura se localiza na via periférica que leva até α , então nenhuma impressão da letra mostrada chega até o córtex, ela, por conseguinte, não será vista e, assim sendo, também não poderá ser copiada. Haveria necessidade, pois, de que cada uma dessas letras {95}⁴⁶¹ fosse vista por duas vias, das quais uma a conceberia como objeto visual comum e a outra, como símbolo linguístico. Com relação à denominada surdez verbal subcortical, essa objeção não pôde (139) ser feita, pois a palavra que não foi ouvida tampouco será repetida. Já que a letra que não foi reconhecida pode, contudo, ser copiada, fica excluída a suposição de que, em função de uma lesão antes de α , a letra não será reconhecida; não se

⁴⁵⁹ Nota do Editor: [Além das lesões 1, 2 e 3 indicadas acima, no original de Wernicke (ibid.) são marcados ainda três locais de rupturas que se referem a diversas formas de agrafia e que foram deixados completamente de lado por Freud, por não terem qualquer interferência em sua argumentação.]

⁴⁶⁰ N. T.: texto da legenda: O esquema de Wernicke dos distúrbios de leitura. (Die neueren Arbeiten über Aphasie, Fortschritte der Medicin, 1886, p. 464)* ver nota anterior. α a imagem óptica da escrita, β o centro motor dos movimentos de escrita, $c = a + b$ o conceito de palavra.

⁴⁶¹ A assim denominada alexia subcortical.

trata de um distúrbio da percepção, mas de um distúrbio da associação. Wernicke diferencia, em todo o caso, “copiar” de “reproduzir”⁴⁶² para a salvação de sua tentativa de explicação. Entretanto, creio que, para ambas as atividades motoras, a ruptura antes de α apresenta um obstáculo, se nós de fato não supusermos que uma imagem de letra chegue ao cérebro por duas vias periféricas distintas, como objeto comum e como objeto para a linguagem.⁴⁶³

O copiar diferencia-se do reproduzir somente de forma gradual, pela maior facilidade que a compreensão do modelo a ser copiado traz consigo, {96}⁴⁶⁴ a não ser por essa ressalva, trata-se da mesma atividade que se realiza pela mesma via. Cada um de nós, para reproduzir símbolos que nos sejam incompreensíveis, necessita de um grande nível de atenção, o que, para os pacientes afásicos em geral dificilmente será possível. Ou então, por outro lado, o copiar consiste em uma transposição das imagens impressas das letras em imagens escritas. Essa transposição se explica pelo fato de que aprendemos a ler tanto a escrita impressa quanto a escrita cursiva, mas não aprendemos a escrever a escrita impressa⁴⁶⁵, e ela se demonstra independente da compreensão daquilo lido. Um pequeno paciente de Bernard ([1885] Obs. V) despertou a atenção pela facilidade e pela segurança com as quais ele realizava essa transposição ao copiar, sem poder ler minimamente aquilo que copiava.

Creio dever buscar a explicação para a denominada alexia subcortical em outro local. Recebemos durante as atividades de escrever e de falar sensações cinestésicas dos movimentos que os respectivos músculos realizam. As sensações cinestésicas (140) da mão são mais claras e intensas que as da musculatura fonadora, seja porque costumeiramente atribuímos a essas sensações da mão um grande valor também por outras funções, seja porque elas estejam ainda conectadas a impressões visuais. Nós nos vemos, portanto, escrever, mas não nos vemos falar. Somos, pois, capazes de escrever partindo diretamente das imagens de som com ajuda das sensações cinestésicas, prescindindo do elemento visual.

⁴⁶² Nota do Editor: [ibid., p. 466.]

⁴⁶³ Poder-se-ia objetar que esse caso ocorre de fato, já que essa alexia é encontrada em sua maioria ao lado de hemianopsia direita. A letra seria concebida como objeto para a linguagem pelo hemisfério esquerdo e pelo direito como objeto comum da visão. Em todo o caso, toda hemianopsia direita necessitaria de ser complicada por alexia, o que não é o caso.

⁴⁶⁴ A explicação da alexia subcortical.

⁴⁶⁵ Nota do Editor: [cf. acima, p. (120).]

Na alexia subcortical, podemos supor que haja uma lesão extrema no campo da linguagem, visto que ela vem tão frequentemente associada à hemianopsia. Toda a parte motora do aparelho pode, então, nos casos de alexia subcortical, estar intacta, e o escrever pode ser possível pelo caminho direto a partir das imagens de som. Em alguns desses casos de alexia subcortical, como foi mencionado a pouco [p. (82) e seg.], lê-se escrevendo; as imagens de letra incapazes de associação direta com o elemento acústico serão trazidas a essa associação pelas sensações {97}⁴⁶⁶ cinestésicas despertadas durante a atividade de copiar e, conseqüentemente, serão compreendidas.

Quase todos os autores que apresentam exemplos de distúrbios de leitura e de escrita em casos de afasia mista admitem que neles o distúrbio de escrita segue antes o mesmo compasso que o distúrbio motor de linguagem do que o do distúrbio de leitura. Isso seria impossível se a atividade de escrever, em pessoas mais experimentadas, não se tivesse desenvolvido independentemente das imagens de letra. Creio, e a própria auto-observação mostra que, ao escrever espontaneamente, não nos apoiamos no elemento visual, excetuando os casos de palavras estrangeiras, nomes próprios e palavras que aprendemos somente pela leitura.⁴⁶⁷

O distúrbio no reconhecimento das letras traz também consigo, naturalmente, a incapacidade de ler. Não obstante, o distúrbio de leitura pode estar presente, mesmo no caso de preservação da faculdade de reconhecer as letras, (141) e isso se dá por causa de lesões e estados muito diversificados, como se tornará facilmente compreensível a partir das considerações feitas anteriormente sobre os intricados processos associativos durante o ato de leitura. O distúrbio de leitura pode ser mera consequência de uma leve exaustão da função visual, sem que exista aí afasia motora ou distúrbio de associação acústica (por exemplo, um caso de Bertholle citado por Bernard⁴⁶⁸; a dita *dislexia*⁴⁶⁹ de Berlin⁴⁷⁰). Pode-se reconhecer esse caso pelo fato de que uma tentativa de soletrar bem-sucedida por pouco

⁴⁶⁶ Distúrbios de leitura.

⁴⁶⁷ Creio que alguma particularidade fisiológica ou individual da memória se explica pelo papel mutante de cada um dos elementos da lembrança. Pode-se ter uma excelente memória e ainda assim não ser capaz de guardar nomes próprios ou números. Pessoas que se destacam por uma memória especialmente boa para guardar nomes próprios e números são *visuais*, ou seja, elas se lembram preferencialmente a partir das imagens [visuais] de objeto, mesmo que pensem a partir de imagens de som.

⁴⁶⁸ Nota do Editor: [Bertholle (1881); citado por Bernard (1885), 2ª edição 1889, p. 64, nota 6 e pp. 87-94, observação III.]

⁴⁶⁹ Nota do Editor: [Cf. o artigo de léxico de Freud 'Dislexia' (em 1893-94a).]

⁴⁷⁰ Berlin, Eine besondere Art der Wortblindheit (Dyslexie) 1887.

tempo precede a incapacidade de ler e o caso será interpretado no sentido de que o elemento visual prejudicado ainda é capaz de realizar a atividade mais simples, ou seja, associar uma vez as imagens visuais ao elemento acústico ou cinestésico, mas não pode realizar várias vezes a repetição e ordenação correta {98}⁴⁷¹ dessas atividades, - que devem ainda transcorrer com certa rapidez para que conduzam à leitura efetiva. Esse é um caso de perda da atividade mais complicada com a preservação da mais simples.⁴⁷²

O distúrbio de leitura pode ser tanto resultado de um dano do elemento motor da linguagem, quanto, em outras vezes, do elemento acústico da linguagem, assim sendo, fica excluída, naturalmente, a importância diagnóstica do dano. Creio que se pode afirmar de forma geral que a afasia motora suspende tanto a compreensão da leitura quanto a assim chamada leitura mecânica, uma vez que a compreensão da leitura só se dá após a transferência do estímulo vindo dos elementos visuais para os elementos motores pela associação destes com os elementos acústicos. Por outro lado, no caso de lesão acústica, bem como no de assimbolia, a leitura puramente mecânica pode ficar preservada. De resto, a explicação dos distúrbios de leitura, sobre a qual não pretendo entrar em pormenores, apresenta algumas dificuldades que nem podem ser resolvidas simplesmente lançando mão de aspectos tópicos, nem por meio da suposição de modificações funcionais conhecidas. Em casos complexos, (142) essas ou aquelas partes da função permanecem preservadas, provavelmente dependendo do maior número de elementos, que servem à associação em uma determinada direção, que, aqui ou ali, continuaram capazes de desenvolver suas atividades.

3. *O elemento motor* (imagem de inervação e de movimento) oferece poucas dificuldades à nossa consideração. Supomos que para este elemento, o estímulo espontâneo e o associativo coincidem, pois, no falar espontâneo, a fala acontece passando pelas imagens de som. O assim denominado estímulo periférico é, igualmente, uma associação, visto que sucede seja (na repetição) a partir dos elementos acústicos, seja (na leitura em voz alta) a partir dos elementos visuais. Parece acontecer o caso em que este estímulo visual ocorra, ao passo que aquele, acústico, falhe e vice-versa. No que tange a assim denominada afasia motora transcortical, conhecemos o caso em que o {99}⁴⁷³ elemento motor ainda é capaz de

⁴⁷¹ O elemento motor de associação da linguagem.

⁴⁷² Nota do Editor: [Cf. acima, pp. (120) e (132).]

⁴⁷³ Problemas na afasia motora.

realizar suas atividades a partir de estímulo periférico-associativo, enquanto falha se estimulado de forma proposital-associativa.⁴⁷⁴

Além disso, a concepção da mais antiga e mais bem conhecida forma de distúrbio de linguagem, a afasia motora, oferece mais dificuldades do que se deveria esperar. Há pouco aludimos à incerteza [p. (59)], a saber, se, no caso de afasia motora, a atividade de associação simbólica (despertar voluntariamente as imagens de som) permanece de fato livre de dano. A comprovação do contrário mostraria que o desligamento do elemento motor exerce a mesma influência debilitante sobre a função do elemento acústico, tal qual a influência, há muito tempo conhecida, exercida em direção contrária. Ademais, restam inexplicados os casos de afasia motora com cegueira de letra [p. (48)], a que não se pode, de forma alguma, referir como se tratando de uma coocorrência ao acaso.⁴⁷⁵ Finalmente, espera-se um esclarecimento satisfatório para o fato de os casos de perda total da linguagem motora serem tão frequentes, ao passo que aqueles de redução do vocabulário pela metade ou a um terço quase nunca ocorrerem. Os casos do último tipo, após uma análise mais exata, demonstram-se invariavelmente como (143) casos de afasia sensória. Parece que, tão logo uma lesão seja capaz de perturbar a realização das atividades motoras da linguagem, esta lesão, na maioria das vezes, a aniquila totalmente (até aos conhecidos escassos restos de linguagem⁴⁷⁶).

Não há aqui, por assim dizer, nenhuma paresia, mas somente uma paralisia. Do mesmo modo, a incapacidade de melhora da maioria dos casos de afasia motora merece atenção. Esta se opõe da forma mais contrastante ao restabelecimento súbito e completo da linguagem em outros casos. É óbvio que o mutismo nos primeiros dias após o adoecimento não possui de forma alguma um significado diagnóstico. Uma tal [ausência de linguagem] pode suceder, onde quer que esteja a lesão, e se entende como o abalo do aparelho, que até então estava acostumado a trabalhar dispondo de todos os seus recursos.

⁴⁷⁴ Nota do Editor: [cf. acima, p. (45) e seg. e (62).]

⁴⁷⁵ Um outro caso do mesmo tipo é reportado por Bernard (l. c.), p. 125 Nota do Editor: [na segunda edição, p. 127 até 129].

⁴⁷⁶ Nota do Editor: [cf. acima, p. (50) e quarta nota.]

{100}⁴⁷⁷ 4. Não tenho a intenção de adentrar uma discussão semelhante no que tange ao elemento *quiromotor*. Algumas observações importantes para o mesmo foram trazidas à tona na discussão sobre a atividade visual da linguagem [p. (139) e seg.].

Por outro lado, devo considerar uma interessante e importante perspectiva, cuja introdução na doutrina sobre as afasias devemos a Charcot⁴⁷⁸, pois sua suposição nos impeliria a limitar ainda em mais alta medida nossos esforços explicativos. Partimos do pressuposto de que, a despeito da possibilidade de associação em todas as direções entre os elementos da função da linguagem, o que ocorre, entretanto, é que, na atividade funcional, certas direções de associação são privilegiadas, de forma que a patologia dos distúrbios de linguagem não tem de contar com toda a possível gama de associações entre os elementos da linguagem, mas somente com um determinado número delas. Ademais, supomos que estas são direções de associação que interessam na aprendizagem de atividades de linguagem. Segundo a concepção de Charcot, não existe um tal destaque geralmente aceito de (144) direções específicas de associação separadas; todas as conexões entre os elementos da linguagem aparecem, a princípio, igualmente adequadas às funções e é deixado a cargo do exercício individual ou da organização individual fazer deste ou daquele dentre os elementos da linguagem o ponto nevrálgico, ou o ponto nodal para os outros elementos. Consequentemente, uma pessoa falaria, escreveria ou leria predominantemente ou exclusivamente com a ajuda de seus elementos sensíveis cinestésicos, enquanto outra pessoa se serviria dos elementos visuais para os mesmos fins e assim por diante. Uma dependência contínua da atividade de associação da linguagem com relação à participação do elemento acústico não seria mais necessária.

Vê-se facilmente, como, partindo do pressuposto de uma tal relação, os distúrbios da linguagem teriam de se configurar diferentemente diante das mesmas {101}⁴⁷⁹ lesões.

Quem é um “falante motor” poderia aturar um dano dos elementos acústicos e visuais quase sem efeitos perceptíveis; um dano do elemento motor o privaria de quase todas as atividades de linguagem, não somente das atividades motoras. Um falante “visual”, por causa de uma lesão do elemento visual, se tornaria não somente cego para letras, mas não

⁴⁷⁷ A perspectiva de Charcot sobre...

⁴⁷⁸ Charcot, *Neue Vorlesungen etc.* 1886 [1887]. – Além disso, os trabalhos de seus alunos Ballet [1886], Bernard [1885] e Marie [1883].

⁴⁷⁹ a variabilidade individual na associação da linguagem.

poderia mais se servir do aparelho de fala como um todo, ou, no máximo poderia servir-se dele somente da forma mais precária possível. O diagnóstico da afasia incorreria nos erros mais crassos se quisesse tirar uma conclusão sobre a localização e extensão da lesão a partir da falha de uma função, sem que antes tivesse o conhecimento comprovado da preferência individual por um único dentre os elementos. Esse conhecimento só poderia ser adquirido nos mais raros casos.

Não há, até o momento, quem tenha almejado rejeitar totalmente a aludida perspectiva de Charcot. Entretanto, ainda encontra-se em aberto a extensão de sua importância à doutrina dos distúrbios de linguagem. Reivindicações extremas, como, por exemplo, as que foram feitas por Stricker⁴⁸⁰ de que o elemento motor tivesse valor proeminente para o falar, foram recusadas por Ch. Bastian [1887] com a seguinte observação: ele espera, primeiro, até que um caso lhe seja apresentado, em que uma pessoa tenha se tornado surda para palavras após a destruição da área de Broca. Creio que a patologia dos distúrbios de linguagem, até o presente momento, não encontrou motivo algum para conceder à conjectura de Charcot uma grande (145) importância no que tange ao *fenômeno rudimentar* da falha de função. Não se pode, tampouco, excluir a possibilidade de que exista uma tal preferência pautada pelo hábito por um ou outro dos elementos de associação da linguagem, enquanto o aparelho dispuser de todos os seus recursos, mas não se pode excluir a possibilidade de que, em casos de adoecimento, em casos de diminuição geral da atividade de associação, reaparece a importância das direções de associação originalmente exercitadas. {102}⁴⁸¹ Entretanto, seria certamente injustificado esquecer-se totalmente da ideia de Charcot e deixar-se induzir a uma rigidez esquemática na interpretação dos distúrbios de linguagem. Hughlings Jackson diz que: “Different amounts of nervous arrangements in different positions are destroyed with different rapidity in different persons”^{482 483}.

Podemos agora fazer uma estimativa do caminho que percorremos nesse tratado: partimos da descoberta de Broca, que, pela primeira vez, ligou uma forma determinada de distúrbio de linguagem, a afasia motora (a que ele denominou afemia), à lesão de uma área determinada do córtex cerebral. Na medida em que Wernicke repetiu esse feito para uma

⁴⁸⁰ Stricker, Studien über die Sprachvorstellungen 1880.

⁴⁸¹ Resumo.

⁴⁸² Nota do Editor: [(1878-79), p. 314.]

⁴⁸³ N. T.: Em inglês no original. “Diferentes quantias de arranjos nervosos em posições diferentes são destruídas com uma rapidez diversa em pessoas diferentes”.

segunda forma de afasia, estava aberto o caminho para explicar diferentes distúrbios de linguagem lançando mão de diferentes localizações da lesão. Wernicke distinguiu com toda a exatidão centros e vias de condução da linguagem e caracterizou os centros como locais de armazenamento de imagens de lembrança e postulou, ao lado das duas aludidas formas principais, uma afasia de condução. Na medida em que Lichtheim, então, tomou em consideração as prováveis ligações dos centros de linguagem com o restante do córtex cerebral, ele aumentou o número das afasias de condução e procurou esclarecer uma grande variedade de formas de distúrbio de linguagem como sendo afasias subcorticais e transcorticais. Assim sendo, estava dada uma oposição entre afasias de centro e afasias de condução como chave para a compreensão dos distúrbios da linguagem. Por outro lado, na explicação das *amnésias*, Grashey abandonou o fundamento da explicação através da localização e, em uma análise perspicaz, fez remontar uma classe de distúrbios da linguagem à modificação de uma constante funcional no aparelho de linguagem. (146) Com isso, separaram-se os distúrbios de linguagem em duas classes, as afasias provocadas por lesão localizada e as amnésias, provocadas por modificação funcional não localizada.

{103}⁴⁸⁴ Partimos da intenção de investigar se a localização poderia realmente dar uma contribuição tão grande para o esclarecimento dos distúrbios de linguagem, intenção em que estava incluída a pergunta sobre haver justificativa para discernir centros de vias da linguagem, bem como os distúrbios de linguagem a eles correspondentes. Analisamos, primeiramente, a afasia de condução de Wernicke e encontramos que ela, segundo o próprio esquema de Wernicke, deveria ter outras características diferentes das que ele a atribui, características, pois, que, a propósito, provavelmente nunca se encontrarão concretizadas. Então, voltamos a uma afasia de condução de Lichtheim, a assim denominada afasia motora transcortical, e, embasados por vários resultados de autópsia, estabelecemos que esta está fundada em uma lesão dos próprios centros (motor ou sensorio) e não de uma via de condução, já que, de fato, a via por cuja lesão Lichtheim explica essa forma provavelmente nem sequer existe. No percurso do trabalho, então, investigamos ainda outras afasias sub- e transcorticais e encontramos sempre que se tratavam de lesões do próprio córtex. Somente à afasia sensoria transcortical, sob o nome de “assimbolia”, tivemos de conceder uma localização específica. Um caso de Heubner forneceu às nossas

⁴⁸⁴ Resumo.

reflexões um suporte insubstituível. Precisávamos, contudo, de uma explicação para o fato de que lesões no mesmo local (localizadas somente no próprio córtex cerebral) produzirem quadros clínicos tão diversos e buscamos a explicação na suposição de que os assim chamados centros de linguagem reagem a lesões parcialmente destrutivas como um todo com uma modificação funcional. Os modos dessa modificação funcional tomamos de empréstimo a Ch. Bastian, que reconhece três estados patológicos de um centro. 1. sua inexcitabilidade por estímulo voluntário com a preservação da excitabilidade pelo caminho associativo e por excitação sensível; 2. sua inexcitabilidade a não ser por excitação sensível; 3. sua completa inexcitabilidade.

{104}⁴⁸⁵ Assim sendo, enquanto lançávamos mão de aspectos funcionais para o esclarecimento das denominadas afasias de condução, tivemos de objetar ao fato de que (147) Grashey teria sido bem-sucedido em esclarecer um caso de amnésia somente pela modificação funcional. Comprovamos também, neste caso, a interveniência do aspecto tópico da lesão e esclarecemos o caso de Grashey com o auxílio de uma das modificações propostas por Bastian.

Com isso, rejeitáramos a diferenciação entre afasia de centro e afasia de condução, bem como a distinção entre afasias e amnésias. Restava-nos, pois, a tarefa de obter uma outra ideia para a estrutura do aparelho de linguagem e de determinar de que modo os aspectos tópicos e funcionais se tornam efetivos em casos de distúrbios deste aparelho.

Rejeitamos na sequência, após um desvio crítico pela doutrina de Meynert sobre a estrutura do cérebro e sobre a localização das representações no córtex, as suposições de que se esteja justificado em situar as imagens de lembrança com as quais a função da linguagem trabalha em outro lugar diferente do local do processo por meio do qual elas são associadas, de que a associação seja feita por feixes subcorticais de substância branca e de que os centros delimitados de linguagem sejam separados por um território sem função, que aguarda a ocupação por novas aquisições linguísticas. Contribuiu para nossa ideia sobre a estrutura do aparelho de linguagem a percepção de que os assim chamados centros de linguagem deparam-se, rumo ao exterior (em direção à periferia), com outros centros do córtex que são importantes para a função da linguagem, ao passo que eles, rumo ao interior (em direção ao centro), circunscrevem um território não coberto pela localização, que,

⁴⁸⁵ Resultados.

provavelmente, é também campo da linguagem. O aparelho de linguagem se nos descortina, pois, como um pedaço interligado de território do córtex no hemisfério esquerdo, entre as terminações corticais dos nervos acústico e óptico e entre as fibras motoras da fala e do braço. Os pedaços do campo de linguagem contíguos a esses campos do córtex adquirem – em fronteiras necessariamente indeterminadas – o significado de centros de linguagem no sentido da patologia anatômica, não no sentido da função, pois a lesão de um deles exclui um {105}⁴⁸⁶ dos elementos de associação da linguagem de sua conexão com ou outros, o que não mais sucede com uma lesão localizada centralmente no campo da linguagem. Acrescentamos a suposição de que esse campo de linguagem também se une por meio de fibras de substância branca, vindas da grande comissura cerebral, aos campos do córtex do hemisfério direito e que essas (148) ligações se propagam igualmente às partes periféricas do campo da linguagem (os centros de linguagem!). Dentro desse campo de linguagem, reconhecemos *somente afasias de condução* – afasias provocadas por interrupções de associação e não concedemos a lesão subcortical alguma a propriedade de causar afasia, posto que o campo da linguagem possui somente *uma* via própria rumo à periferia, ou seja, o feixe que passa pelo joelho da cápsula interna e cuja lesão se mostra como anartria.

Ao considerarmos o efeito de lesões sobre esse aparelho, vimos que as lesões podem provocar três tipos de afasia: 1. afasia verbal pura, 2. afasia assimbólica e 3. afasia agnóstica. A descoberta desse último foi uma exigência necessária de nossa teoria, segundo a qual a destruição simultânea dos campos corticais direito e esquerdo para um dos elementos envolvidos na associação da linguagem deveria necessariamente ter a mesma consequência que a destruição unilateral de um ponto nodal para esse elemento.

Do ponto de vista psicológico, reconhecemos a palavra como um complexo de representações que, em sua extremidade sensível, (a partir da imagem de som) liga-se ao complexo de representações de objeto. Descrevemos a afasia verbal como um distúrbio interior ao complexo da palavra, a afasia assimbólica como uma dissociação deste em relação às associações de objeto e a afasia agnóstica como um distúrbio puramente funcional do aparelho de linguagem.

⁴⁸⁶ Resultados.

Finalmente, o que resultou determinante para compreender o efeito de lesões sobre o aparelho de linguagem assim erigido foi o seguinte: trata-se de saber se a lesão é total ou parcialmente destrutiva e se {106}⁴⁸⁷ está situada no centro ou na periferia do campo de linguagem. Se ela estiver na periferia do campo de linguagem (ou seja, em um dos ditos centros da linguagem), ela age de forma tópica; de acordo com o grau de destruição que ela exerce, totalmente destrutiva ou somente parcialmente destrutiva, ela provoca somente uma falha de um dos elementos da associação da linguagem, ou, então, ela impele esse elemento a um outro estado funcional, como está descrito pelas modificações de Bastian. Se a lesão se situa em uma posição central no campo da linguagem, então a totalidade do aparelho de linguagem sofre distúrbios de função, que derivam de sua natureza de mecanismo de associação e cuja enumeração tentamos realizar.

Bem sei que as discussões precedentes não podem ter deixado uma impressão satisfatória no leitor. Tentei abalar uma teoria dos distúrbios de linguagem cômoda e atraente e, se tiver sido bem-sucedido, tentei poder trazer ao vazio deixado algo menos claro e menos completo. Espero apenas que a concepção que advoguei seja mais adequada às reais circunstâncias e que melhor clarifique as dificuldades existentes. A tais problemas claramente descritos liga-se, certamente, o esclarecimento posterior de um tema científico. Gostaria mais uma vez de expressar, em breves palavras, o cerne de meu pensamento: os autores que escreveram anteriormente sobre as afasias, que conheciam somente *uma* área no córtex cerebral especificamente relacionada ao distúrbio de linguagem, viram-se impelidos por essa incompletude de seu conhecimento a buscar a explicação para a multiplicidade de distúrbios de linguagem nas particularidades funcionais do aparelho de linguagem. Após Wernicke ter descoberto a relação entre a área que leva seu nome e a afasia sensória, surgiu como consequência necessária a esperança de compreender essa multiplicidade exclusivamente a partir das circunstâncias {107}⁴⁸⁸ da localização.⁴⁸⁹

⁴⁸⁷ Consideração final.

⁴⁸⁸ Consideração final.

⁴⁸⁹ Nota do Editor: [Vinte anos mais tarde Freud fez o seguinte julgamento em uma carta a Ludwig Binswanger de 10 de setembro de 1911: “Wernicke sempre me pareceu um interessante exemplo de mesquinhaz do pensamento científico. Ele era anatomista do cérebro e não pôde, então, abdicar de fracionar a alma em cortes seriados assim como o cérebro. Sua grande descoberta da afasia o compeliu a utilizar em todos os seus trabalhos o esquema de a-, hipo- e hiper- ou cortical, sub- e transcortical, que ele teve, então, de utilizar ao que era menos adequado. Mas na medida em que o julgo dessa forma, eu o tenho em alta conta; eu bem sei que em se tratando de outros, de cujos nomes o mundo está repleto, não se trata em nenhuma medida de pensamento científico. –“ (Carta 59F in Freud, 1992a, p. 86 e seg.)]

Parece-nos, pois, que até então a importância do aspecto da localização para a afasia tenha sido superestimada e que nos portaremos de forma correta ao nos preocuparmos novamente com as condições de funcionamento do aparelho de linguagem.

5. Capítulo III

5.1. Introdução:

Este capítulo da tese será dividido em cinco partes. Cada uma delas abordará um tema específico, a saber: A) A aquisição da linguagem; B) A tradução do inconsciente: memória e o conceito de *Besetzung* a partir do *Estudo*; C) O conceito de *Vorstellung*, seu surgimento e seus desdobramentos; D) Afasia e histeria – as origens da psicanálise e o estilo argumentativo de Freud e, finalmente, E) A escrita tradutória e a singularidade. Esses temas abrem espaço para a discussão de vários pontos de intersecção do *Estudo* com as cinco teses eleitas para sustentarem o argumento de sua importância e atualidade, e assim, servirão de eixos para ilustrarem a presença de “derivados” daquele nas mesmas.

Cada uma das teses, evidentemente, tem suas especificidades. O que as une é a preocupação mais ou menos direta com os elementos destacados do *Estudo* que se tornaram fundamentos da teoria freudiana. Não pretendo fazer um debate exaustivo sobre elas; simplesmente pretendo demonstrar, a partir da seleção de alguns de seus trechos, a afinidade que suas temáticas mostram partilhar com alguns dos “brotos” da psicanálise que já haviam sido inicialmente cultivados por Freud em 1891.

A) A Aquisição da linguagem

Para começarmos a discussão sobre a aquisição da linguagem, ancorados nas elaborações feitas por Freud em 1891, gostaria de expor o esquema psicológico da representação de palavra (*Psychologisches Schema der Wortvorstellung*) apresentado no *Estudo*, pois me parece ser o centro para o qual confluem vários dos debates nele travados, bem como me parece ser o núcleo do qual partem os desdobramentos teóricos que nos

permitirão abordar as questões pertinentes a esse tema articulando-as a temáticas desenvolvidas nas teses com as quais se pretende dialogar.

Fig. 8.

Psychologisches Schema der Wortvorstellung.¹

Die Wortvorstellung erscheint als ein abgeschlossener Vorstellungskomplex, die Objektvorstellung dagegen als ein offener. Die Wortvorstellung ist nicht von allen ihren Bestandteilen, sondern bloß vom Klangbild her mit der Objektvorstellung verknüpft. Unter den Objektassoziationen sind es die visuellen, welche das Objekt in ähnlicher Weise vertreten, wie das Klangbild das Wort vertritt. Die Verbindungen des Wortklangbildes mit anderen Objektassoziationen als den visuellen sind nicht eingezeichnet.

490

Esta talvez seja a elaboração mais conhecida de todo o *Estudo*. Este mesmo esquema aparece, com algumas pequenas alterações, também no artigo de léxico ‘Afasia’, escrito por Freud em 1893-4. Como todo esquema, este serve simplesmente para tentar ilustrar, da forma mais clara e sucinta possível, algo que é extremamente enigmático.

Se no esquema vemos de forma estática as associações entre as diversas imagens componentes do complexo de representação de palavra e do complexo de representação de objeto, na realidade elas não têm nada de estático. Além disto, as ligações das imagens

⁴⁹⁰ (Freud, 2001: 121). Este esquema aqui reproduzido é a oitava figura que aparece no *Estudo*, daí a indicação acima “Fig. 8”; ele foi extraído do texto alemão, por isso os termos e as legendas constam tais como no texto da edição consultada. Tradução do texto da legenda: *Esquema psicológico da representação de palavra*: A representação de palavra se apresenta como um complexo de representação fechado, a representação de objeto, ao contrário, se apresenta como um complexo de representação aberto. A representação de palavra não é conectada à representação de objeto por meio de todas as suas partes componentes, mas somente por meio da imagem de som. Dentre as associações de objeto são as visuais que representam o objeto de maneira semelhante àquela pela qual a imagem de som representa a palavra. As ligações da imagem de som da palavra com as outras associações de objeto além das visuais não foram indicadas.

componentes da representação de palavra entre si não estão reproduzidas de maneira exaustiva.

Vê-se, pois, no lado esquerdo da figura o complexo de representação de palavra. Cada um dos círculos ilustra uma das imagens (*Bilder*) componentes deste complexo. São elas, respectivamente: a imagem [motora] da escrita (*Schriftbild*), a imagem da leitura (*Lesebild*), a imagem do movimento [da fala] (*Bewegungsbild*) e, finalmente, a imagem do som (*Klangbild*), que tem o papel de elo de ligação com o complexo de representação de objeto.

A imagem da escrita diz respeito ao movimento articulatório, dos braços e das mãos, responsável pelo gesto de escrever, com uma pena intumescida de tinta, se considerarmos o cotidiano do século XIX, ou um lápis nos dias de hoje, por exemplo. É a imagem que, cronologicamente, perfaz a última aquisição da linguagem, ou consubstancia seu acabamento em circunstâncias habituais. Trata-se de uma das imagens motoras da linguagem, ou seja, está relacionada à sua produção.

A seguir temos a imagem da leitura (*Lesebild*), que diz respeito à percepção visual do traço, escrito ou impresso, que se lê sobre uma superfície ou mídia, como diríamos nos dias de hoje, algo que parece, a princípio, bastante simples. Todos aqueles que sabem ler poderiam conceber a marca da tinta ou da grafite sobre o papel, por exemplo, como coisa elementar. Tentarei expor as diversas camadas que recobrem esta que poderia parecer uma imagem simples. Para isto, farei uma pequena digressão.

No ano de 1891, Freud introduz o conceito de superassociação (*Superassoziation*)⁴⁹¹, que se estende por diversos contextos dentro do *Estudo*, justamente para dizer que no processo de aquisição da linguagem, um leitor aprende que podem ser intercambiáveis as imagens – semelhantes, porém rigorosamente diferentes – de letras escritas à mão e de letras impressas, ou ainda, que podemos aprender a equiparar a escrita estenográfica e a caligrafia, por exemplo, e, portanto, que essas equivalências construídas são fruto deste processo denominado por Freud de superassociação.

⁴⁹¹ Curiosamente, junto à tradução do texto “O Inconsciente” (*Das Unbewußte*), publicada pela editora Imago, este conceito aparece em sua forma verbal conjugada (*Überassoziiert*), com um “i” a menos, em nota de rodapé, n. 123 à página 74 do livro, em um apêndice que traz este trecho do *Estudo*, dando a entender que o conceito de Freud tivesse sido designado de *Überassoziation*. Este lapso talvez tenha ocorrido por condensação, a partir do exemplo de *Über-Ich*, traduzido por Luiz Hanns e sua equipe por “Supra-eu”, já que ele prefere, à escolha por superassociação, a tradução de *Superassoziation* por supra-associação.

Ora, no esquema exposto acima vemos apenas uma pequena circunferência ilustrando a imagem de leitura (*Lesebild*) componente da representação de palavra. Se tomássemos alguma representação de palavra qualquer e quiséssemos enxergar a gama de superassociações que estão envolvidas no processo de sua composição e assimilação, teríamos de assumir que se trata de um percurso bastante intrincado. Isto se deve ao estabelecimento de novas superassociações, que pode ocorrer indefinidamente. Basta que pensemos na particularidade das caligrafias, ou nos diversos tipos de letra fornecidos pelos programas de computador. Assim sendo, não se pode diminuir o valor deste detalhe, ou sutileza, acrescido à caracterização da representação de palavra por Freud, quando diz que, apesar do complexo de representação de palavra ser fechado, ele pode ser sempre ampliado. Vale lembrar, mesmo que pareça óbvio, que essa reflexão sobre as superassociações de imagens de leitura é igualmente válida para as imagens de escrita (*Schriftbilder*) e para as demais imagens das representações de palavra, que continuarei a apresentar na sequência, e até mesmo para representações de palavra como um todo. Neste último caso é este processo da superassociação que Freud aciona para entender a aquisição ou aprendizagem de sinônimos estabelecidos entre pares de línguas.

Continuando a explorar a figura acima, temos, então, no centro do conjunto, à esquerda, a indicação *Wort=* (palavra=) que é uma abreviatura para *Wortvorstellung* (representação de palavra), por se tratar da ilustração deste complexo nesta metade da figura. Abaixo desta indicação vemos a circunferência referente à imagem de movimento (*Bewegungsbild*), termo que, neste contexto, refere-se especificamente aos movimentos articulatórios produzidos pelo aparelho fonador durante a fala. A minha imaginação seria pouca para vislumbrar a quantidade de variações possíveis na produção de “uma mesma” palavra; aqui estou fazendo alusão às variações na prosódia, ao tom de voz, à intensidade do volume, à carga afetiva a ela vinculada etc., pois, como sabemos, os movimentos necessários para a produção destas diversas nuances são diferentes entre si, mesmo tratando-se de “uma mesma” representação de palavra.

Finalmente, à direita da imagem de movimento (*Bewegungsbild*) e mais ao centro da figura, vemos a imagem de som (*Klangbild*), que, de acordo com a construção do aparelho de linguagem por Freud, assume a tarefa de estabelecer uma conexão com a imagem visual (*visuelles Bild*) componente da representação de objeto, fazendo, desta

maneira, com que a palavra adquira um sentido (*Bedeutung*). A imagem de som da representação de palavra é uma das protagonistas no processo de aquisição da linguagem, como continuarei a tentar expor. Ela está diretamente envolvida nas atividades linguísticas mais primitivas, ou seja, a escuta e a fala, e está igualmente envolvida em todas as demais expressões da linguagem.

Mas quando será que a criança que está aprendendo a falar, ou que ainda não fala direito, o infante⁴⁹², pois, consegue distinguir cada um dos sons ainda indistintos, ou compartimentá-los de modo a perceber com clareza onde termina uma palavra e se inicia outra? Os adultos alfabetizados devem conseguir perceber essa ordenação (morfológica, sintática...), conquistando desta forma, *a posteriori*, uma certa familiaridade com a língua dos outros, mas aqueles que ainda não se apropriaram das regras gramaticais lidam com os sons de maneiras muito particulares, e isso é inevitável. Esta etapa inicial de construção e utilização de uma língua própria pelas crianças pertence ao complexo fenômeno de aquisição da linguagem, ou, em outros termos, da passagem da experiência com uma linguagem, intimamente familiar e singular, inconsciente para a entrada em um universo simbólico, estrangeiro, porém regido pelas leis do sistema consciente.

O mesmo fenômeno de estranhamento em relação às imagens de som das palavras (*Klangbilder*) é vivido nos primeiros contatos com novas aquisições linguísticas. É comum que pessoas adultas que nunca ouviram os sons da língua alemã, por exemplo, tenham esta mesma sensação de não saber aonde começam ou terminam as palavras que se encadeiam em frases. Parece-me que este seja um caminho possível para tentar aproximar as ideias de Salzano Moraes (1999), suas noções de língua materna e língua estrangeira, quando ela estende à língua dita materna a alteridade comumente atribuída de forma exclusiva às línguas estrangeiras, do tema da aquisição da linguagem conforme proposta no *Estudo*. Num trecho da tese de Salzano Moraes lemos as seguintes palavras:

Veremos que a alteridade comumente atribuída à Língua Estrangeira é uma alteridade radical, ou seja, está presente já na Língua Materna, o que nos permite supor que aquilo que pode apresentar a Língua Estrangeira como diferente ou semelhante não se esgota numa descrição, uma vez que inclui o sujeito que, a partir de sua posição na Língua Materna, fará a diferença entre as línguas. (p. 9)

⁴⁹² Incluo aqui a título de curiosidade, a origem etimológica deste termo retirada do dicionário Houaiss: lat. *infans, ántis* ‘que não fala, que tem pouca idade, novo, pequeno, criança’.

Não são simplesmente as diferenças formais, morfológicas, sintáticas etc., que permitem que nós falantes do português atribuamos à língua alemã, por exemplo, sua relativa alteridade. A alteridade está presente na língua “materna”, posto que esta língua é a princípio desconhecida pelo sujeito. As imagens de som (*Klangbilder*), mas não somente elas, tecem o sujeito, com a carga afetiva a que estão vinculadas, e permitem o descortinar de cenas imaginárias nas quais o sujeito vai aos poucos encontrando seu lugar, “sua posição na Língua Materna”, a partir da qual poderá fazer a diferença entre as línguas. Freud, por sua vez, diz no *Estudo* que a criança aprende a falar tentando imitar os sons da língua dos outros e é neste contexto que Freud inaugura o uso do que viria a ser um conceito central na psicanálise, ou seja, a sobredeterminação. A criança lida, como dito acima, com uma língua própria, que não coincide exatamente com a língua tomada como modelo. Nos termos de Freud:

Enquanto ainda não tivermos consolidado nossa linguagem, essa segunda imagem de som [proferida pelos infantes] não precisa ser igual à primeira [a que foi ouvida e que tentamos imitar], mas somente estar associada a ela.

Nesse nível (do desenvolvimento da linguagem infantil) servimo-nos de uma linguagem criada por nós mesmos, comportamo-nos, então, como pacientes com afasia motora, na medida em que associamos diversos sons de palavras estranhos, com um só som produzido por nós mesmos. / 2. Aprendemos a linguagem dos outros na medida em que nos esforçamos para tornar a imagem de som produzida por nós o mais semelhante possível ao que deu ensejo à inervação da linguagem [ouvida]. Aprendemos assim a “repetir”. Concatenamos, então, as palavras umas às outras no “falar coerente”, na medida em que esperamos, de posse da inervação da próxima palavra, até que a imagem de som ou a representação de movimento da fala (ou ambas) da palavra anterior tenha sucedido. A certeza de nosso falar parece então sobredeterminada e pode tolerar bem a falta de um ou outro fator determinante. Assim, algumas das particularidades da parafasia – fisiológica e patológica – explicam-se por essa ausência da correção feita pela segunda imagem de som e pela imagem de movimento da fala.⁴⁹³ (117-118)

⁴⁹³ Solange wir unsere Sprache nicht weiter ausgebildet haben, braucht dieses zweite Klangbild dem ersten nur assoziiert, nicht gleich zu sein. Auf dieser Stufe (der kindlichen Sprachentwicklung) bedienen wir uns einer selbst geschaffenen Sprache, wir verhalten uns dabei auch wie motorisch Aphasische, indem wir verschiedene fremde Wortklänge mit einem einzigen selbst produzierten assoziieren. / 2. Wir lernen die Sprache der anderen, indem wir uns bemühen, das von uns selbst produzierte Klangbild dem möglichst ähnlich zu machen, was den Anlaß zur Sprachinnervation gegeben hat. Wir erlernen so das »Nachsprechen«. Wir reihen beim »zusammenhängenden Sprechen« dann die Worte aneinander, indem wir mit der Innervation des nächsten Wortes warten, bis das Klangbild oder die Sprachbewegungsvorstellung (oder beide) des vorigen Wortes angelangt ist. Die Sicherheit unseres Sprechens erscheint so überbestimmt und kann den Ausfall des einen oder des anderen der bestimmenden Momente gut vertragen. Indes erklären sich aus diesem Wegfall der Korrektur durch das zweite Klangbild und durch das Sprachbewegungsbild manche Eigentümlichkeiten der – physiologischen und pathologischen - Paraphasie. (117-118) Os comentários explicativos entre colchetes são meus, bem como o destaque do conceito de sobredeterminação.

Vemos nestas passagens, de Salzano Moraes e do *Estudo*, como as temáticas abrangidas por ambos os trabalhos possuem uma afinidade inextricável. Se, contudo, deixa-se entrever que na segunda citação, de Freud, a elaboração permanece articulada ao terreno dos distúrbios de linguagem e ainda encontra-se em um estágio muito simples e rudimentar, tendo em vista que a elaboração do conceito de inconsciente (*das Unbewußte*), do qual dependem os desdobramentos encontrados na tese de Salzano Moraes, ainda estava por ser feita, não se pode, contudo, perder de vista seu caráter precursor. Além disto esta passagem é a testemunha do gérmen do conceito de “sobredeterminação” (*Überdeterminierung / Überbestimmung*) em sua forma adjetiva.

Retornando à figura, voltemos nossa atenção ao seu lado direito. Temos ilustrado o complexo da representação de objeto, denominado neste esquema de associações de objeto (*Object Associationen*⁴⁹⁴). É escusado dizer que, assim como para o complexo da representação de palavra, trata-se de um desenho que busca simplificar um processo associativo que se inicia e prossegue indefinidamente. Mais uma vez, temos circunferências que se referem às imagens sensórias advindas de várias fontes. Marcadas na figura encontram-se as imagens táteis (abreviadas na forma *tactil*), as acústicas (abreviadas por *acust*) e as visuais (abreviadas por *visuell*) que, segundo Freud, são as mais importantes por representarem todo o complexo de representação de objeto em uma conexão com uma representação de palavra. Poderiam ser acrescentadas à figura as imagens olfatórias e gustativas; neste ponto Freud não esclarece se as sensações internas, proprioceptivas, entrariam em jogo neste complexo. Porém creio ser justificável supor sua participação, tendo em vista que a divisão entre o “mundo interno” e o “mundo externo” só se constitui de modo nítido, com clareza e distinção, *a posteriori*, a partir da aquisição da linguagem verbal.

Podemos pensar que antes da aquisição da linguagem ter se desenvolvido suficientemente, não havia para a criança “representações de palavra” do modo com que *a posteriori* podemos conceber. O que havia eram imagens dispersas, algo como um fluxo imaginativo primitivo. Isso que Freud denominou de representação de objeto (*Objektvorstellung*) no *Estudo* seria, portanto, essa massa indistinta de imagens advindas

⁴⁹⁴ A ortografia desta expressão está de acordo com as regras do alemão válidas em 1891, que foram alteradas posteriormente. Conforme a grafia contemporânea ler-se-ia (*Objektassoziationen*). Na versão de 2001 foram feitas no corpo do texto alterações para adequar a ortografia às regras vigentes nos dias de hoje.

dos sentidos que se associavam à medida que eram percebidas, já que, como vimos, sensação e associação são dois nomes para o mesmo processo (Freud, 2001: 100). Essas imagens eram então, paulatinamente, convidadas à consciência, por assim dizer, pelas diversas situações criadas pelos contatos com os outros.

Para tentarmos enxergar de que maneira conseguimos aprender a falar com coerência e, assim, entendermos a maneira com que essas associações entre imagens inconscientes tramam um tecido, singular e carregado de afeto, que constitui os sujeitos e, assim, conseguem traduzir-se para a linguagem da consciência, parece apropriado retomar a problemática da concepção do mecanismo do recalque por Freud.

Anna Freud, em seu prefácio ao texto “O recalque” (*Die Verdrängung*), de 1915, incluído em uma reunião de textos de seu pai organizada por ela em conjunto com Ilse Grubrich-Simitis, faz a seguinte afirmação: “Que não possa haver recalques à época de total imaturidade, ou seja, antes da divisão do aparelho psíquico em inconsciente e consciente, Eu e Isso, é evidente”⁴⁹⁵. O “recalque” de que se trata nesta passagem é o recalque secundário, ou recalque propriamente dito. Para que ele ocorra é necessário ter havido um primeiro tempo deste processo, denominado de recalque primário (*Urverdrängung*). De acordo com Freud, não é só a rejeição de uma representação pela consciência que determina o recalque. O acesso de representações (de objeto, pois, nos termos do *Estudo*)⁴⁹⁶ à consciência é também condicionado pela atração exercida sobre algumas representações pelo conteúdo recalcado primariamente. Cito mais uma passagem deste texto metapsicológico, herdeiro em certa medida das elaborações do *Estudo*:

⁴⁹⁵ In: Freud, 1915 / 1978: 434. Daß es Verdrängungen zur Zeit der vollen Unreife, d. h. vor der Teilung des psychischen Apparats in Unbewußt und Bewußt, Es und Ich, nicht geben kann, ist offenkundig. Sabe-se que a divisão prevalente nas primeiras teorizações do aparelho psíquico por Freud entre inconsciente, pré-consciente e consciente não se superpõe inadvertidamente à divisão no modelo estrutural desenvolvida posteriormente entre Isso, Eu e Super-Eu, mas seria um desvio demasiado extenso explicar essa evolução no pensamento de Freud no espaço dessa tese.

⁴⁹⁶ Representações estas que atuam, concebidas na forma de imagens constitutivas de desejos e fantasias inconscientes, como representantes da pulsão; sei que utilizo neste momento noções extremamente complexas sem a devida elaboração. Parece-me inevitável deixar o aprofundamento da questão da pulsão (*Trieb*) de lado, já que isto desviaria nossa atenção do assunto perseguido aqui. Porém, ao mesmo tempo, parece-me bastante fértil aproximar as noções de representação de objeto e de palavra da problemática do recalque, pois isto permite que vejamos de que maneira estas noções nascidas no *Estudo* foram levadas em consideração no texto “O recalque” (*Die Verdrängung*) e servem de auxílio para entendermos o que Freud expôs neste texto metapsicológico.

Temos em mente agora também, que o recalque e o Inconsciente sejam em tão larga medida correlativos que devemos adiar o aprofundamento na essência do recalque até que tenhamos experimentado mais sobre a construção do traço psíquico das instâncias e da diferenciação entre Inconsciente e Consciente. (...) / Temos, pois, fundamento para supor a existência de um *recalque primário*, uma primeira fase do recalque que consiste na interdição da admissão no Consciente da (representação) psíquica representante da pulsão. Com este é dada uma *fixação*; o representante em pauta permanece a partir de então invariavelmente constituído e a pulsão permanece a ele atada. Isto acontece em consequência das características de processos inconscientes a serem debatidas posteriormente.⁴⁹⁷ (437)

Estamos diante de uma das passagens do texto “O recalque” (*Die Verdrängung*) em que Freud se aproxima do tema da fase constituinte do que ele denomina de sistema Inconsciente. Ela nos interessa na medida em que confirma nossa aposta do papel das elaborações feitas no *Estudo* de elucidar passagens centrais da teoria psicanalítica, bem como envolve questões pertinentes ao tema da aquisição da linguagem. Lemos neste trecho que à representação (*Vorstellung*) que representa a pulsão pode ser interditado o acesso à consciência. Esta representação recalçada é, assim, fixada e constitui um “núcleo” do sistema Inconsciente, que funcionará como força de atração para outras representações, estabelecerá vínculos associativos com diversas outras representações e, de certo modo, constituirá um movimento de forças, ou, em outros termos, um resto que resistirá para sempre à tradução em palavras. Estas representações recalçadas se associam nos moldes do que Freud designou processo primário. A aquisição da linguagem verbal articulada depende da entrada em jogo de um outro nível de funcionamento do psiquismo. Trata-se do início do funcionamento do processo secundário, que está diretamente ligado à entrada em cena dos sistemas pré-consciente e consciente.

Uma das formas, pois, de aproximação possível da problemática envolvida com o “antes” e o “depois” da aquisição da linguagem, segundo a perspectiva psicanalítica, é a partir das noções freudianas de processo primário e processo secundário. Estes seriam dois modos distintos do funcionamento de diferentes instâncias do aparelho psíquico. Segundo o processo primário o aparelho anímico estaria submetido exclusivamente ao que Freud

⁴⁹⁷ Freud, (1915 / 1978): Wir meinen jetzt auch, Verdrängung und Unbewußtes seien in so großem Ausmaße korrelativ, daß wir die Vertiefung in das Wesen der Verdrängung aufschieben müssen, bis wir mehr von dem Aufbau des psychischen Instanzenzuges und der Differenzierung von Unbewußt und Bewußt erfahren haben.⁴⁹⁷ (...) / Wir haben also Grund, eine *Urverdrängung* anzunehmen, eine erste Phase der Verdrängung, die darin besteht, daß der psychischen (Vorstellungs-) Repräsentanz des Triebes die Übernahme ins Bewußte versagt wird. Mit dieser ist eine *Fixierung* gegeben; die betreffende Repräsentanz bleibt von da an unveränderlich bestehen und der Trieb an sie gebunden. Dies geschieht infolge der später zu besprechenden Eigenschaften unbewußter Vorgänge.

denominou de princípio de prazer, ou seja, toda sua ação, dito de forma simplificada, visaria a evitar o desprazer e buscar o prazer, sem levar em consideração as exigências da realidade; o processo primário rege o funcionamento da instância inconsciente e faz com que nela as representações de objeto (ou representações de coisa, na nomenclatura reformulada em “O Inconsciente”⁴⁹⁸) sejam associadas conforme as regras da condensação e do deslocamento. Ou seja, a lógica que funciona para estas imagens inconscientes não coincide com aquela que funciona para o pensamento consciente, que se torna possível após o falante ter aprendido a organizar as imagens de forma coerente, pela conexão das representações de objeto com as representações de palavra, produzindo-se, assim, o sentido (*Bedeutung*).

Num segundo momento, uma outra parte do aparelho psíquico (os sistemas Pré-consciente e Consciente) se constitui e seu funcionamento é regido pelas leis do processo secundário. Assim, o sujeito aprenderia a adiar a satisfação de seus desejos, sexuais ou agressivos, perigosos para o próprio sujeito ou em desacordo com as leis da cultura, ou mesmo dissuadir-se deles curvando-se assim às exigências do princípio de realidade. Sabe-se que o sistema Inconsciente trabalha regido pelo processo primário, por exemplo, na formação do conteúdo latente dos sonhos, na formação de sintomas, na produção de parafasias e atos falhos. Por outro lado, o pensamento abstrato e complexo trabalha regido pelas leis do processo secundário. Podemos pensar o movimento rumo à aquisição da linguagem como refletindo essa assunção pelo sujeito das leis de funcionamento do processo secundário. Hanns e sua equipe, numa nota de rodapé à sua tradução de *Das Ich und das Es (O Eu e o Id)*, de 1923, no bojo da discussão do termo *Gedanke* (pensamento), apontam que:

Em *Duas Formulações sobre o Acontecer Psíquico*⁴⁹⁹ (1910), Freud indica que o pensamento abstrato e complexo inicia-se como “pensamento” primitivo imagético, algo típico do processo primário. Mais adiante, quando o processo do pensar é capaz de se remeter a relações entre imagens, ocorre uma complexificação, e finalmente, quando o pensar se serve de códigos em vez de imagens, este se torna abstrato e estará ligado ao processo secundário. (Freud 1923 / 2007: 77)

⁴⁹⁸ Ver trecho assinalado pela nota de rodapé **Erro! Indicador não definido.** da p. 3.

⁴⁹⁹ Ou como reza o título do texto constante do vol. 1 da própria coleção da Imago: *Formulações sobre os Dois Princípios do Acontecer Psíquico (Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens)*.

Vemos, então, que a aquisição da linguagem está diretamente relacionada à entrada em vigência do processo secundário. Esta, por sua vez, marca uma diferenciação funcional entre instâncias do psiquismo, um tipo de reordenação (*Umordnung*) do material psíquico semelhante à que Freud postulou na passagem dos estímulos nervosos da periferia ao centro do sistema nervoso (Freud, 2001: 95-96). Igualmente sabemos que esta complexificação paulatina do pensamento depende, para atingir seu ápice, de sua articulação com representações de palavras, ou seja, da construção de códigos linguísticos.

Parece que este seja um momento oportuno para retomarmos a diferenciação que Freud fez, no ano de 1915, na elaboração do texto “O Inconsciente” (*Das Unbewußte*), reformulando o uso do conceito representação de objeto (*Objektvorstellung*) inaugurado no *Estudo*. Em “O Inconsciente”, o que Freud havia denominado de representação de objeto (*Objektvorstellung*), em 1891 no *Estudo*, passa a ser designado de representação de coisa (*Sachvorstellung*) e, por sua vez, à ligação entre representação de coisa (*Sachvorstellung*) e representação de palavra (*Wortvorstellung*), já no registro da (pré)consciência, pois, é reservado o nome de representação de objeto (*Objektvorstellung*). Nos termos de Freud em “O inconsciente” (*Das Unbewußte*):

O que pudemos denominar de representação de objeto consciente divide-se a nós agora na *representação de palavra* e na *representação de coisa*, que consiste na carga energética, se não das imagens de lembrança diretas da coisa, então dos traços de lembrança mais afastados, delas derivados. Subitamente acreditamos agora saber em que se diferencia uma representação consciente de uma representação inconsciente. Ambas não são, como dissemos, inscrições distintas dos mesmos conteúdos em locais psíquicos distintos, nem tampouco estados funcionais de investimentos de carga distintos no mesmo local, mas sim ocorre que a representação consciente abrange a representação de coisa mais a representação de palavra concernente e a representação inconsciente é a representação de coisa sozinha. O sistema *Ics* contém as cargas energéticas concretas do objeto, as primeiras e verdadeiras cargas energéticas de objeto; o sistema *Pcs* surge, com a sobrecarga energética desta representação de coisa por sua conexão com as representações de palavra a ela correspondentes. Tais sobrecargas energéticas, podemos supor, são que conduzem a uma organização psíquica mais elevada e possibilitam a substituição do processo primário pelo processo secundário vigente no *Pcs*. Podemos também expressar agora com precisão o que o recalque nas neuroses de transferência recusa à representação rechaçada: a tradução em palavras, que devem se manter conectadas ao objeto. A representação não exprimida em palavras ou o ato psíquico não sobrecarregado de energia permanece, então, no *Ics* como recalcado.⁵⁰⁰ (153)

⁵⁰⁰ Freud (1915 / 1978): Was wir die bewußte Objektvorstellung heißen durften, zerlegt sich uns jetzt in die *Wortvorstellung* und in die *Sachvorstellung*, die in der Besetzung, wenn nicht der direkten Sacherinnerungsbilder, doch entfernterer und von ihnen abgeleiteter Erinnerungsspuren besteht. Mit einem

Vimos, então, como Freud concebe o surgimento de um nível mais elevado de organização do aparelho psíquico, ou seja, a origem dos sistemas pré-consciente e consciente. Percebemos como a perspectiva genética, pensando o desenvolvimento do aparelho psíquico partindo de um estado mais simples para um mais complexo, permanece válida na psicanálise desde o *Estudo*, onde estava ligada às teses de Hughlings Jackson. É nesses termos que me parece justo pensarmos a aquisição da linguagem em Freud, como um processo progressivo que envolve uma modificação funcional importante na dinâmica energética, no fluxo e nos aportes de energia entre as instâncias do aparelho. Vimos também na citação que as imagens de lembrança, ou os traços deixados por elas movimentam quantidades de energia psíquica. Essas noções econômicas apresentadas por Freud não faziam parte ainda das reflexões do *Estudo*, porém a parte que se refere às representações já estava formulada de forma bastante elaborada. Vamos, na sequência, tentar uma retomada de parte do que foi dito rumo a um fechamento deste subitem.

Vislumbramos o universo do infante rumo à aquisição da linguagem e identificamos a passagem em que ocorre pela primeira vez o que viria a se tornar o conceito de sobredeterminação. Sabe-se, a partir de Freud, que o complexo de representação de objeto (ou, posteriormente, representação de coisa) apresenta-se como um complexo aberto, dificilmente passível de fechamento. Dissemos também que são estas representações de objeto que constituem o universo de imagens que povoam o inconsciente, constituindo-se em desejos e fantasias. Para terem acesso à consciência elas necessitam ligar-se às representações de palavra; nesta ligação Freud percebe um processo que, em termos econômicos, ele chama de sobrecarga energética (*Überbesetzung*). Antes desta divisão entre inconsciente e consciente, portanto, pode-se vislumbrar somente uma profusão de

Male glauben wir nun zu wissen, wodurch sich eine bewußte Vorstellung von einer unbewußten unterscheidet. Die beiden sind nicht, wie wir gemeint haben, verschiedene Niederschriften desselben Inhaltes an verschiedenen psychischen Orten, auch nicht verschiedene funktionelle Besetzungszustände an demselben Orte, sondern die bewußte Vorstellung umfaßt die Sachvorstellung plus der zugehörigen Wortvorstellung, die unbewußte ist die Sachvorstellung allein. Das System *Ubw* enthält die Sachbesetzungen der Objekte, die ersten und eigentlichen Objektbesetzungen; das System *Vbw* entsteht, indem diese Sachvorstellung durch die Verknüpfung mit den ihr entsprechenden Wortvorstellungen überbesetzt wird. Solche Überbesetzungen, können wir vermuten, sind es, welche eine höhere psychische Organisation herbeiführen und die Ablösung des Primärvorganges durch den im *Vbw* herrschenden Sekundärvorgang ermöglichen. Wir können jetzt auch präzise ausdrücken, was die Verdrängung bei den Übertragungsneurosen der zurückgewiesenen Vorstellung verweigert: Die Übersetzung in Worte, welche mit dem Objekt verknüpft bleiben sollen. Die nicht in Worte gefaßte Vorstellung oder der nicht überbesetzte psychische Akt bleibt dann im *Ubw* als verdrängt zurück.

imagens, uma malha emaranhada de sensações, acompanhadas de prazer ou desprazer, que se associam singularmente conforme as leis de condensação e deslocamento.

Vê-se nesse momento “mítico” do desenvolvimento infantil, a ligação, ou, melhor dizendo, a associação indissolúvel entre essa confluência de imagens (*Bilder*) dos sentidos, as sensações (*Empfindungen*) delas advindas, que abrangem neste contexto o que concebemos rudimentarmente em termos de prazer e desprazer que paulatinamente vão se tornando mais nítidas e circunscritas, e a imaginação, tão característica da infância, que já supõe uma certa organização destes complexos e que é regida pelas leis do processo primário. Os órgãos dos sentidos são, assim, as fontes de toda a nossa construção, subjetiva ou singular, de conhecimento sobre o “mundo externo”. São as vivências e experiências sensíveis das crianças, portanto, que as permitem, a partir do exemplo dos outros, organizarem suas percepções de si mesmas e do mundo, colocando-as em palavras, ou seja, dando sentido às imagens.

Na próxima parte veremos como este esquema de aparelho de linguagem se desenvolveu dando origem às ideias que, passando pelo problema da memória, culminaram na primeira elaboração do aparelho psíquico em psicanálise.

B) A tradução do inconsciente: memória e o conceito de *Besetzung* a partir do *Estudo*

Se o alemão não se constitui numa língua de alcance proporcional àquele do saber psicanalítico, não é, portanto, surpreendente que seja a tradução o agente incumbido de preencher esse lapso, e promover a sobre-vida, em relação às diferentes comunidades linguísticas que acolheram a psicanálise. Diante dessa tarefa crucial exercida pela tradução no processo de transmissão e de construção de seus conhecimentos, é bastante compreensível que essa mereça tanta atenção daqueles que estudam a obra psicanalítica. O evento tradutório, sem dúvida, responde de forma particular a esse pedido do original – que promova-se sua sobre-vida.” (Beato, 2005: 12-13)

Zelina Beato, autora cuja tese nos oferecerá alguns subsídios para pensarmos os temas a serem debatidos neste momento, elege a interface entre tradução e psicanálise como seu eixo de investigação. Além disto, ela propõe em sua tese uma tradução para o

primeiro texto escrito pelo filósofo francês Jacques Derrida, sobre a psicanálise freudiana. Vejamos uma primeira passagem desta tese:

Considerando que a psicanálise tem toda a sua história marcada pela noção de tradução – para Ginette Michaud, “...é inegável que desde o começo da psicanálise, de fato, desde os primeiros textos de Freud, estabelece-se uma ‘relação íntima entre a tradução em si e o objetivo da psicanálise que é a tentativa de tradução do inconsciente’” (1999, p.17) – foi inevitável que minhas reflexões partissem justamente do questionamento específico dos problemas que estariam envolvidos na tradução dos textos de Freud, e daí, a decisão de estudar a partir de uma experiência de leitura e tradução, o primeiro texto derridiano sobre a psicanálise freudiana. (2005: 10)

Como dissemos, a tradução é um instrumento de fomento à sobre-vida dos textos. No que tange à psicanálise, é através da tradução que se desenvolveram estudos da obra de Freud em diversos países, inclusive no Brasil. Para pensarmos a tradução do inconsciente, como objetivo da psicanálise, são indispensáveis as noções de representação de objeto e representação de palavra, conforme estabelecidas no *Estudo*.

Supomos que a concepção de linguagem elaborada por Freud no *Estudo*, apresentada na parte anterior deste capítulo, o acompanhou por toda a sua vida teórica. Dentre os temas levantados pela tese de Beato, encontra-se o tema do arquivo, correlativo ao da memória e trabalhado igualmente por Derrida. Creio que também para podermos pensar a noção de arquivo em termos psicanalíticos, os elementos presentes no *Estudo* são de grande valia. Vejamos mais uma passagem de Beato sobre este assunto:

Em busca da resposta para uma pergunta específica: “por que Freud se transformou num dos maiores desafios à tradução contemporânea?”, encontrei outras implicações, outros questionamentos cujas respostas envolvem a forma particular de Freud relacionar-se com a língua e com sua própria escrita, mas, também, a possibilidade que ele abriu de pensar uma noção de arquivo que não se reduz à memória como reserva consciente, nem como rememoração. (11)

Das reflexões tecidas por Freud em torno de seu aparelho de linguagem, especificamente a partir de sua concepção das representações de objeto como um complexo aberto, envolvendo sempre novas possibilidades de associação de imagens as mais diversas, podemos conceber uma forma de explicar vários pontos suscitados na citação acima. “Pensar uma noção de arquivo que não se reduz à memória como reserva consciente”, juntamente com Freud, somente se torna possível pela assunção de representações de

objeto, inconscientes, que existem e se associam de acordo com leis próprias. A rememoração tida como um processo que recupera algo vivido exatamente como este teria acontecido torna-se algo questionável, exatamente pela abertura suposta por Freud para seu complexo de representação de objeto, que se constitui num fluxo ininterrupto de novas associações, articulando-se por esse viés à temática do conceito de *Besetzung*, que nos ocupará nessa parte da tese.

Vale lembrar uma das afirmações mais importantes do *Estudo*, de que percepção (ou sensação) e associação são dois nomes para um mesmo processo. Assim sendo, o complexo de representação de objeto, que está na base da noção de memória para Freud, por ser aberto, convida a uma noção de arquivo móvel, a ser descoberto, reescrito, como algo que se revela à revelia da consciência. Segundo Beato: “Não podemos nos esquecer que o desejo de arquivamento só é possível diante da possibilidade de esquecimento, de perda irreparável. O arquivo *tem lugar* no lugar da falta originária e estrutural da chamada memória viva (c.f. *Mal de arquivo*, p. 22).” (20) Essa perda irreparável também me remete às representações de objeto que foram sendo tecidas antes da chegada das representações de palavra. Para mim pode ser a isso que a falta originária e estrutural se refira. Pois, mesmo à sombra da consciência, a linguagem se estrutura por meio dessas associações entre representações, e é pela inseparabilidade entre sensação e associação e por ser incessante o seu fluxo, fluxo que pode ser lido em seu aspecto dinâmico como movimentos de cargas energéticas (*Besetzungen*), é que se diz que a memória é viva, ou seja, está em movimento.

Se a marca que define a fronteira entre consciente e inconsciente pode ser traçada através dos conceitos inaugurados por Freud no *Estudo*, então toda referência a esse limite tem de passar por ele. A transposição do limite rumo à consciência se dá, segundo Freud, por meio de uma *Überbesetzung*, como vimos na última citação do texto “O Inconsciente” na parte anterior (parte A). É sobre essa relação, por vezes conflituosa, que se debruça a psicanálise e sua noção de linguagem.

Para passarmos à análise das formulações da *carta 52* sobre o aparelho anímico freudiano em sua relação com a memória e o conceito de *Besetzung* e continuarmos o diálogo com a tese de Beato, nada mais justo que pensarmos as mudanças do uso do conceito de *Besetzung* na problemática relação entre o corpo e o psiquismo. Pelas articulações veiculadas no *Estudo* podemos perceber que não há necessidade de uma

concepção dualista de ser humano; o que Freud propõe é que se investigue os fenômenos pertinentes à cada uma dessas duas esferas, física e psíquica, estabelecendo métodos de investigação diversos. Não foi, pois, no âmbito da neuroanatomia que Freud chegou às respostas para as perguntas sobre os diversos tipos de afasias e nem, tampouco, sobre os distúrbios psíquicos.

Iniciando, pois, as reflexões sobre a relação existente entre o aparelho de linguagem apresentado no *Estudo* e as formulações freudianas dele derivadas, referentes à memória e ao aparelho psíquico, gostaria de retomar um ponto fundamental daquela elaboração. Refiro-me aqui ao fato de que no *Estudo*, para Freud chegar à construção do aparelho de linguagem, ele teve de partir dos distúrbios afásicos. Isto o permitiu vislumbrar as relações associativas que se estabelecem entre as diversas imagens dos sentidos que se organizariam em “centros” da linguagem, de acordo com a terminologia compartilhada pelos estudiosos da época.

Vimos inicialmente na primeira parte deste capítulo que a constituição da representação de palavra reúne várias imagens, sensórias e de movimento. Sabe-se que as aquisições linguísticas em nível consciente seguem uma sequência cronológica, de tal modo que podemos falar em termos de uma hierarquia temporal entre as diversas aquisições, a saber, a fala, que se aprende paralelamente à compreensão auditiva, a leitura, que se desenvolve posteriormente e, finalmente, a escrita.

Nesse mesmo tema devemos ressaltar os desenvolvimentos teóricos e clínicos de Charlton Bastian, que propôs três níveis funcionais de excitabilidade entre os ditos “centros” da linguagem. Se acima referimo-nos à hierarquia cronológica na aquisição das funções da linguagem, a cada etapa desse processo corresponderia, conforme a distinção hegemonicamente aceita àquela época, um “centro” de linguagem. Sabe-se que a produção da linguagem ocorre como um processo de associação entre esses “centros”, cuja concepção e aceitação maciça estava sendo criticada por Freud no *Estudo*.

O estudo dos distúrbios da linguagem revelou, então, a Freud que o aparelho de linguagem é, em outros termos, um aparelho de associação (*Assoziationsapparat*). Freud acompanhou a suposição de Charlton Bastian, de que o aparelho de linguagem, quando acometido por algum distúrbio parcialmente destrutivo do tecido nervoso, reagiria funcionalmente demonstrando estados de excitabilidade reduzida (*Zustände von*

verminderter Erregbarkeit). Segundo Bastian, o aparelho de linguagem funciona, na produção da linguagem voluntária, como um todo interligado e os supostos “centros” atuam por meios de suas ligações que permitem que um centro mande estímulos para os outros, despertando suas imagens. Em casos de distúrbio, então, teríamos, segundo Ch. Bastian, três estágios de excitabilidade reduzida dos centros. Senão vejamos:

A redução mais leve apresenta-se de tal maneira que o centro não reage mais a um estímulo “voluntário”⁵⁰¹, mas reage ainda ao estímulo provindo do caminho da associação com um outro centro e à excitação sensível direta. Por ocasião de um dano funcional mais grave, o centro reage somente à excitação sensível direta e, finalmente, no nível mais profundo, esta última reação também cessa.⁵⁰² (Freud, 2001: 68-69)

Este trecho aparece na discussão sobre a maior facilidade de perda da capacidade de fala espontânea em relação à capacidade de repetir algo ouvido, que, por sua vez, é perturbada mais dificilmente. Em condições normais, na produção “voluntária” (“*willkürliche*”) da fala, o aparelho de linguagem funciona a partir de suas associações internas. Ou seja, a imagem motora da fala (*Bewegungsbild*) seria acionada por estímulos associados à imagem de som da palavra (*Klangbild*). A memória necessária à produção da linguagem não é mais descrita em termos cumulativos, pela ocupação (*Besetzung*) das células por representações, mas sim em termos associativos, por meio de estímulos e movimentos energéticos inerentes ao aparelho de linguagem.

Nos termos de Freud, “no falar espontâneo, a fala acontece passando pelas imagens de som” (2001: 142). A produção “voluntária” da linguagem, num primeiro nível de perturbação, deixa de funcionar, mas cada complexo de imagens, ou cada “centro” que tiver seu funcionamento normal prejudicado ainda poderia reagir aos estímulos vindos de outras imagens ou de outros “centros” intactos, ou, ainda, poderia reagir “a um estímulo sensível direto”, como no caso da repetição, por exemplo. No último nível, o aparelho de linguagem não reage mais, nem aos estímulos sensíveis diretos.

⁵⁰¹ Nota do Editor Wolfgang Leuschner à versão de 2001: [Bastian (1887): “voluntarily” (p. 934, coluna direita) ou “volitional” (p. 935, coluna esquerda). – Ver a esse respeito pp. 128 e 135, abaixo.]

⁵⁰² Die leichteste Herabsetzung zeigt sich darin, daß dieses Zentrum nicht mehr auf “willkürliche” Anregung reagiert, wohl aber noch auf Anregung auf dem Wege der Assoziation von einem anderen Zentrum her und auf direkten sensibeln Reiz. Bei stärkerer funktioneller Schädigung ergibt es nur noch eine Reaktion auf direkten sensibeln Reiz, und endlich auf der tiefsten Stufe versagt auch dieser.

Essa tentativa de explicação do funcionamento da linguagem nos interessa nesse momento por nos permitir uma primeira aproximação do tratamento da memória nos termos do *Estudo*. Este tema, assim como vários outros presentes no *Estudo*, foi objeto de comentários na tese de Salzano Moraes. Senão vejamos:

Essa hierarquia de níveis, que a patologia revela, repete uma situação que se apresenta normalmente durante a aprendizagem das funções da linguagem. A única diferença, nos diz ele: “está no fato de no aprender estarmos ligados à hierarquia existente nos centros que iniciaram a sua função em tempos diversos (primeiro o sensorial-acústico, depois o motor, mais adiante o visual e, por fim, o gráfico), ao passo que nos casos patológicos é chamado em auxílio, em primeiro lugar, o centro que permaneceu mais eficiente” (Freud, 1891 / 1979: 54) (apud Salzano Moraes, 1999: 22-23)

Aqui a autora faz referência à filiação freudiana, no *Estudo*, à explicação genética de John Hughlings Jackson no que tange à reação de involução ou à regressão do aparelho de linguagem a um estágio anterior de desenvolvimento, diante de um distúrbio funcional. Além dessa hierarquia cronológica na aquisição das funções da linguagem (primeiro aprendemos a entender o que ouvimos e a repetir, aprendendo, assim, a falar, posteriormente aprendemos a ler e, por último, desenvolvemos a capacidade da escrita), haveria a tendência a um movimento inverso nos casos de adoecimento. Essa tendência à regressão funcional linear seria contradita em casos de, por exemplo, o elemento sensorio-acústico, primeiramente aprendido e, portanto, mais exercitado, ser o alvo principal do adoecimento, caso em que os outros centros, embora mais recentes, seriam chamados em socorro por terem se mantido mais eficientes.

Essa perspectiva hierárquica ou, nos termos de Jackson, genética, explica a menor resistência de determinadas capacidades linguísticas, como a aquisição de línguas estrangeiras, aos distúrbios. As aquisições mais recentes, ou posteriormente desenvolvidas, resistem com maior dificuldade aos distúrbios, ao passo que as mais antigas, mais cristalizadas, resistem com mais facilidade a eles. Esta característica do aparelho de linguagem relaciona-se intimamente ao papel da memória. Esta regra vale tanto para as aquisições de novas línguas como para novas associações dentro de uma mesma língua. Ou seja, se um falante que aprendeu primeiro o alemão e depois o hebraico for acometido por um distúrbio afásico, ele perderá primeiro o acesso à língua hebraica, ao passo que ainda conseguirá articular a língua alemã. Assim ocorre, também, por exemplo, para a aprendizagem de diferentes tipos de escrita, como a cursiva e a estenográfica, como vimos

na parte anterior. O caminho inverso ao da aquisição será seguido na perda provocada por distúrbio. A esse processo Freud denominou, na esteira de Jackson, involução ou regressão (*Rückbildung*) e esta mesma lógica acompanhará Freud na explicação dos distúrbios neuróticos.

Ao esquema elaborado no *Estudo* seguiram-se outros, que culminaram nas sucessivas elaborações do aparelho anímico (*seelischer Apparat*) ou aparelho psíquico (*psychischer Apparat*). Temos elaborações parciais desses modelos respectivamente no “Esboço de uma psicologia” (“*Entwurf einer Psychologie*”), de 1895, na carta, à qual serão feitas referências, enviada a Wilhelm Fließ em 6 de dezembro de 1896, a dita *carta 52*, e no sétimo capítulo de *A Interpretação dos sonhos* (*Die Traumdeutung*), de 1900. Também entram em questão essas elaborações em torno do aparelho psíquico, por exemplo, em “Além do princípio de prazer” (“*Jenseits des Lustprinzips*”), de 1920, e na “Nota sobre o bloco ‘mágico’” (“*Notiz über den ‘Wunderblock’*”), de 1925.

Iniciarei, então, a empreender o comentário de algumas das passagens da *carta 52*, partindo de suas ilustrações, para traçarmos uma linha de continuidade entre elas e o *Estudo*. Também é digno de nota que nesta carta aparece um dos raros momentos em que Freud relembra e se remete explicitamente a uma consideração feita no *Estudo*, para fazer um paralelo entre ambos, indicando a ascendência do *Estudo* em relação à teorização psicanalítica posterior. Senão, vejamos:

Você sabe que trabalho com a suposição de que nosso mecanismo psíquico tenha surgido como resultado de estratificação, experimentando o material disponível de traços de lembrança, de tempos em tempos, uma *reordenação*, de acordo com novas relações, uma *transcrição*⁵⁰³. O que é essencialmente novo em minha teoria é, então, a asseveração de que a memória não se faz presente de uma só vez, mas sim ao longo de diversas vezes, [e] que é registrada em diversos tipos de indicações. Postulei a existência de uma espécie semelhante de reordenação algum tempo atrás (Afasia), com respeito às vias que provêm da periferia [do corpo até o córtex]. Não sei quantos desses registros existem – pelo menos três, provavelmente mais.⁵⁰⁴

⁵⁰³ Salzano Moraes advoga a tradução de *Umschrift* por reescritura, para salientar o fato de não se tratar de uma mera cópia, mas sim de um processo da ordem de uma reescrita.

⁵⁰⁴ Du weißt, ich arbeite mit der Annahme, daß unser psychischer Mechanismus durch Aufeinandererschichtung entstanden ist, indem von Zeit zu Zeit das vorhandene Material von Erinnerungsspuren eine *Umordnung* nach neue Beziehungen, eine *Umschrift* erfährt. Das wesentlich Neue an meiner Theorie ist also die Behauptung, daß das Gedächtnis nicht einfach, sondern mehrfach vorhanden ist, in verschiedenen Arten von Zeichen niedergelegt. Eine ähnliche Umordnung habe ich seinerzeit (Aphasie) für die von Peripherie kommenden Bahnen behauptet. Wie viele solcher Niederschriften es gibt, weiß ich nicht. Mindestens drei, wahrscheinlich mehr. Consultei o texto alemão, Freud, S. *Aus den Anfängen der Psychoanalyse - 1887-1902 – Sigm. Freud Briefe an Wilhelm Fließ. Abhandlungen und Notizen aus den*

Depreendemos deste trecho que Freud trata o surgimento do aparelho psíquico como algo progressivo, em que fases de seu desenvolvimento se sucedem. Não se trata, entretanto, de uma perspectiva da memória como algo simplesmente cumulativo, como tivemos a oportunidade de comentar acima junto à segunda citação da tese de Beato (2005: 11). Ao invés disto, modos de ordenamento das imagens de lembrança mais simples são seguidos por novos modos mais complexos. Essa mudança se dá em função do estabelecimento de novas relações entre as imagens. Os novos tipos de ordenamento, então, correspondem, nos termos da carta, a novos registros destas imagens, que sofrem, pois, de tempos em tempos, uma transcrição ou reescritura. Pode-se estabelecer uma conexão direta entre os tipos de funcionamento desses diferentes registros, que atuam de acordo com leis próprias, com as elaborações dos processos primário e secundário, referidas acima (Parte A). Vejamos agora a figura⁵⁰⁵ que ilustra, na *carta 52*, estes diversos registros de traços de lembrança:

Nessa figura vemos indicados em primeiro lugar as percepções (*W*, abreviação de *Wahrnehmungen*), que “são os neurônios em que se originam as *percepções*, às quais a consciência se liga, mas que em si mesmas, não retêm nenhum traço do que aconteceu. E isso porque *a consciência e a memória são mutuamente excludentes*.”⁵⁰⁶ (Masson, 1986: 209) Essa extremidade do esquema não representa um dos três supostos registros, que compõem o miolo da figura, indicados acima com numerais romanos. Devemos interpretar

Jahren 1887-1902. S. Fischer Verlag. Copyright Imago 1962 e a tradução inglesa, bem como a tradução de Vera Ribeiro feita a partir desta última. Este trecho é uma tradução modificada a partir da versão de Vera Ribeiro, In: Mason (1986: 208).

⁵⁰⁵ Freud, 1962: 151.

⁵⁰⁶ Tradução levemente modificada da versão de Vera Ribeiro.

a figura como marcando a sequência, da esquerda para a direita, do percurso das sensações. Entretanto, devemos pensá-la como uma curva, pois a consciência (*Bew*, abreviação de *Bewußtsein*), na extremidade direita, liga-se à percepção; ambas não indicam, portanto, registros de traços de lembrança.

Apesar de haver, em ambos o *Estudo* e a *carta 52*, a consideração das percepções como fontes das imagens de lembrança (*Erinnerungsbilder*) ou traços de lembrança (*Erinnerungsspuren*) com os quais trabalham, respectivamente, o aparelho de linguagem (*Sprachapparat*) e, numa terminologia utilizada posteriormente ao *Estudo*, o mecanismo psíquico (*psychischer Mechanismus*), vemos que elas são tratadas na carta de modo geral, sem distinção dos órgãos dos sentidos dos quais cada uma delas provém, ao passo que no *Estudo* cada uma das imagens dos sentidos é considerada de forma específica.

No primeiro registro, em que se dá a primeira inscrição (*Niederschrift*), das indicações ou sinais (*Zeichen*) de percepção encontramos mais vestígios das elaborações do *Estudo*. Neste, é afirmado que sensação ou percepção (*Empfindung*) e associação (*Assoziation*) são dois nomes para dois aspectos de um processo indissolúvel (Freud, 2001: 100). Na carta, Freud diz que estas indicações ou sinais não são capazes, por si só, de se tornarem conscientes e que se associam entre si por simultaneidade. É clara a semelhança destes sinais de percepção (*Wahrnehmungszeichen*) com as representações de objeto ou de coisa (*Objektvorstellungen* ou *Sachvorstellungen*) conforme as nomenclaturas respectivamente presentes no *Estudo* e no texto “O Inconsciente” (“*Das Unbewußte*”), conforme visto anteriormente. Ambas não são capazes sozinhas de se tornarem conscientes, dependendo para tanto de mais uma camada de carga energética (*Besetzung*) advinda das representações de palavra (*Wortvorstellungen*), mas mesmo assim concorrem para a formação do substrato da memória, pois contém seu montante próprio de energia psíquica.

Seguindo ainda o esquema da *carta 52*, que apresenta uma primeira formulação do psiquismo, herdeiro do aparelho de linguagem, temos o que Freud denominou de segundo registro ou segunda inscrição que se ordena de acordo com relações “talvez causais” (*etwa Kausalbeziehungen*)⁵⁰⁷. Os traços do registro inconsciente “talvez correspondam a

⁵⁰⁷ Freud, 1962: 152.

lembranças conceituais” (*Ub Spuren würden etwa Begriffserinnerungen entsprechen...*); são “igualmente inacessíveis à consciência”. (Masson, 1986: 209)⁵⁰⁸

Finalmente, temos o terceiro registro, o da pré-consciência (*Vb*, abreviação de *Vorbewußtsein*). Aqui outra coincidência nítida com as elaborações iniciadas no *Estudo*, que nos abrem a possibilidade de retomar a metáfora dos “derivados” ou dos “retornos do recalcado”. A *carta 52* na descrição deste registro utiliza ao menos duas expressões presentes no *Estudo*, a saber, representação de palavra (*Wortvorstellung*) e catexia / carga energética / ocupação / investimento de carga (*Besetzung*), termo de tradução problemática como vemos⁵⁰⁹. Recapitulemos esta descrição:

Pcs (Pré-consciência) é a terceira transcrição (*Umschrift*)⁵¹⁰ ligada a representações de palavra, correspondente ao nosso Eu oficial. A partir desta pré-consciência as cargas energéticas se tornam conscientes, de acordo com certas regras, e além disto essa consciência reflexiva (*Denkbewußtsein*) secundária é algo que, cronologicamente, se dá *a posteriori*, provavelmente conectada à ativação alucinatória de representações de palavra, de tal modo que os neurônios da consciência seriam novamente neurônios da percepção e em si mesmos destituídos de memória.⁵¹¹ (Freud, 1962: 152)

Este trecho acima certamente condensa uma série de elementos fundamentais à nossa argumentação. Como anunciamos acima, duas expressões centrais, termos que nasceram no *Estudo* e assumiram papéis fundamentais na psicanálise com sentidos deslocados do solo da neurologia, chamam a nossa atenção, especialmente na discussão sobre a memória. No *Estudo*, a concepção de memória advogada por Theodor Meynert, e criticada por Freud, era a de que as células neuronais serviriam de locais de armazenamento

⁵⁰⁸ Tradução levemente modificada da versão de Vera Ribeiro.

⁵⁰⁹ Debates alentados sobre as possibilidades tradutórias existentes para o termo *Besetzung* encontram-se em ao menos três fontes por nós consultadas e citadas em algumas passagens. São elas: o *Vocabulário da Psicanálise*, de Laplanche e Pontalis; o *Dicionário comentado do alemão de Freud*, de Luiz Hanns e a tese de Paulo César de Souza, “As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões” com a qual dialogaremos mais detidamente na próxima seção desta capítulo (Parte C).

⁵¹⁰ Parece que Freud utiliza nesta passagem os termos inscrição (*Niederschrift*) e transcrição ou “reescritção” (*Umschrift*) de forma intercambiável. Rigorosamente, parece-me, este seria o terceiro registro ou a terceira inscrição, fruto da segunda transcrição. É comum que as pessoas que estudam a obra de Freud, principalmente aqueles que, como eu, se ocupam dos problemas tradutórios envolvidos neste estudo, “cobrem” dele uma precisão terminológica que parece não fazer parte de suas preocupações principais em vários pontos de sua produção teórica.

⁵¹¹ *Vb* (*Vorbewußtsein*) ist die dritte Umschrift, an Wortvorstellungen gebunden, unserem offiziellen Ich entsprechend. Aus diesem *Vb* werden die Besetzungen nach gewissen Regeln bewußt, und zwar ist dieses sekundäre *Denkbewußtsein* ein der Zeit nach nachträgliches, wahrscheinlich an die halluzinatorische Belegung von Wortvorstellungen geknüpft, so daß die Bewußtseinsneuronen wieder Wahrnehmungsneuronen und an sich ohne Gedächtnis wären. (itálicos no original).

em que as representações ficariam preservadas. Como vimos, o termo utilizado por Meynert para indicar a ocupação destas células por cada uma das representações é exatamente *Besetzung*. Vejamos uma passagem do *Estudo* em que Freud cita textualmente as palavras de Meynert e o uso que este faz do conceito de *Besetzung*:

“Ocorre aqui, naturalmente, que no curso fisiológico de ocupação do córtex por imagens de lembrança acontece uma crescente expansão da ocupação de células do córtex, na qual baseia-se o contínuo desenvolvimento da esfera de ideias infantis por meio da multiplicação de imagens da memória. É muito provável que seja também imposto pelas células do córtex à memória, como a base de todas as atividades intelectuais, um limite de armazenamento.”⁵¹² (2001: 102-103)

Esta visão elementarista da memória, denominada de perspectiva localizacionista do funcionamento do cérebro deu lugar no pensamento freudiano a outro tipo de concepção da linguagem, em que seu funcionamento não poderia mais ser explicado meramente por suas correlações em termos anatômicos. A partir do *Estudo* Freud pode elaborar sua concepção de linguagem que, na metapsicologia, por exemplo, exige considerações de três ordens diversas: tópica, dinâmica e econômica, como encontramos nos desdobramentos que deságuam nas formulações do aparelho psíquico. O termo *Besetzungen*⁵¹³, então, passou a ser utilizado, como vimos no trecho anterior retirado da *carta 52* em um sentido econômico, traduzido aqui por “cargas energéticas”, como quantidades de energia mobilizadas ou geradas por uma percepção ou representação e que entram em jogo, nas elaborações de Freud, como quantidades necessárias, por exemplo, ao acesso das imagens de lembrança à instância (pré-)consciente do psiquismo, caso em que Freud utiliza o termo *Überbesetzung* (traduzido por mim por “sobrecarga energética” por entender que o prefixo “über-”, neste caso, indica algo a mais, um excesso ou acréscimo).

Neste processo haveria um tipo de tradução psíquica, permitindo não somente o acesso de representações inconscientes à consciência, mas também o acesso a imagens de lembrança latentes que somente adquirem um sentido (*Bedeutung*), e também sua sobrevivência, através deste processo de incremento energético. Não se trata do deslocamento das

⁵¹² “Es folgt hieraus natürlich, dass im physiologischen Gange der Occupation der Hirnrinde durch Erinnerungsbilder eine wachsende Ausbreitung der Besetzung von Rindenzellen stattfindet, auf welcher die weitere Entwicklung des kindlichen Anschauungskreises durch Vermehrung von Gedächtnissbildern beruht. Es ist sehr wahrscheinlich, dass dem Gedächtniss als der Grundlage aller intellectuellen Leistungen auch eine Grenze der Aufnahme durch die Zellen der Rinde gesetzt ist.” In.: Meynert: *Psychiatrie*, 1884: 140.

⁵¹³ Forma plural de *Besetzung*.

“mesmas” representações de uma a outra instância, mas sim da origem do sentido para a consciência por intermédio da tradução. Nos termos de Beato:

O processo tradutório não se permite ser pensado como o deslocamento de sentidos entre as diferentes instâncias, o que garantiria a possibilidade de transpor um material previamente existente numa nova massa de sentidos correspondente. Freud apela, ao contrário, para uma “energética da tradução”. É o investimento que produz o sentido. O conteúdo psíquico não se desloca de uma instância a outra valendo-se da tradução, mas, antes, a “tradução” acontece quando esse conteúdo, pelo investimento energético nele aplicado, o faz cair sob a influência de uma determinada instância. É a substituição de uma metáfora tópica por uma metáfora dinâmica. É, afinal, a substituição de uma noção de tradução tópica por uma de tradução energética.” (166-167)

A questão da localização da memória se torna bem mais complexa e se desvincula dos problemas referentes ao tecido cerebral. Vale ressaltar que este percurso foi bastante longo, embora eu creia que o primeiro passo, ou seja, o texto do *Estudo*, apresenta um dos momentos mais lúcidos de Freud no que tange ao cuidado em separar ao máximo os debates anatômicos dos debates propriamente psicológicos ou psicanalíticos. Na *carta 52*, como vimos, entretanto, e ainda em vários outros textos posteriores, parece haver indícios da dificuldade de Freud em se desvencilhar de vez da consideração do papel dos neurônios criticada no *Estudo*.

C) O conceito de *Vorstellung*, seu surgimento e seus desdobramentos

Querer que os campos semânticos sejam iguais em línguas diferentes seria o mesmo que – para usar uma metáfora astronômica – desejar que duas galáxias sejam iguais, que os corpos que as compõem tenham as mesmas dimensões, exerçam entre si as mesmas atrações etc. A matéria de que são feitas pode ser a mesma, e eles podem obedecer às mesmas leis físicas, as que regem todo o universo, mas as galáxias que formam não se equivalem. Assim também, as línguas podem se formar a partir da mesma “matéria fônica”, e partilhar certas leis essenciais de morfologia, gramática etc., mas nunca se “equivalem”. (Souza, 1996: 158)

Para tratar do conceito de *Vorstellung*, a partir de suas origens no *Estudo* e de seus desdobramentos nas traduções da psicanálise, com especial ênfase aos problemas inerentes a suas traduções para o português, nesta parte da tese procederei ao comentário da seção a ele dedicada da tese intitulada “As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões”, defendida na Universidade de São Paulo, pelo tradutor Paulo César de Souza, atual responsável pela tradução de boa parte dos textos da psicanálise freudiana que está sendo publicada pela editora *Companhia das Letras*.

Em sua tese⁵¹⁴, Souza dedica-se fundamentalmente a comentar as diferenças entre os projetos tradutórios da obra de Freud para o inglês e o francês. O primeiro capítulo trata do estilo e terminologia de Freud. O segundo capítulo lança seu foco sobre a edição *Standard* inglesa, em contraste com a francesa, as *Oeuvres Complètes*, e é dividido em cinco blocos, orientados cada um deles à discussão de um conceito⁵¹⁵, dos quais o último se atém ao conceito de *Vorstellung*, cujas soluções privilegiadas são respectivamente *idea* em inglês e *représentation* em francês. Segue-se o terceiro capítulo, em que o foco se volta ao universo de recepção francês da obra freudiana, analogamente organizado, abrindo espaço privilegiado para o debate de novos conceitos.

No início do tópico sobre as alternativas tradutórias e os problemas suscitados pelo conceito freudiano *Vorstellung*, Souza circunscreve o panorama e os objetivos por ele traçados para esta parte:

A hesitação entre “ideia” ou “representação”, para verter *Vorstellung*, já aparecia nos primórdios da psicanálise, como atesta a resenha que o inglês Mitchell-Clarke fez dos *Estudos sobre a histeria*, em 1896. A questão é anterior mesmo à psicanálise, já que o termo se inscreve na tradição filosófica alemã. Assim, a primeira versão inglesa de *Die Welt als Wille und Vorstellung*, de Schopenhauer, chamava-se *The world as will and idea* (publicada em 1883); e a nova tradução veio a intitular-se *The world as will and representation* (de 1958). É o caso, então, de nos perguntarmos se esta nova palavra “representa” um progresso em relação à anterior, uma apreensão mais nítida do significado original, ou se ambas designam a mesma coisa ou aspectos diversos da mesma coisa. No vocabulário freudiano, a coisa se complica ainda pelo fato de o termo entrar na formação de outros, como *Zielvorstellung*, *Wortvorstellung*, *Sachvorstellung* e *Vorstellungsrepräsentanz*. Eles comparecem sobretudo nos chamados escritos “metapsicológicos”, ou seja, pertencem ao âmago da teoria psicanalítica. Disso, do seu caráter mais complicado e (enfatizemos as aspas) “nebuloso”, decorre que o tratamento que aqui receberão será talvez ainda mais provisório que o recebido por outros termos. (2010: 121-122)

⁵¹⁴ Defendida em 1996 e publicada em formato de livro pela *Companhia das Letras* em 1998 e 2010.

⁵¹⁵ Excetuando-se o primeiro bloco que contextualiza a tradição inglesa de traduções de Freud.

Muito embora Souza admita que o tratamento dado ao conceito *Vorstellung* e a seus derivados seja provisório, ao final de seus comentários ele, coerentemente com a argumentação tecida durante todo este subitem de sua tese, advoga soluções para os problemas tradutórios levantados. Tentaremos acompanhar os principais passos desta trajetória, sem desconhecer os momentos em que, como na epígrafe apresentada acima, Souza destaca, baseando-se amplamente nos argumentos do linguista Coseriu, a irredutibilidade de uma língua às outras, ou nos termos do linguista a “incomensurabilidade entre o conteúdo de duas línguas” (apud. Souza, 2010: 284), mas marcando os momentos em que Souza deixa a impressão de anuir em um grau bastante considerável à possibilidade de compreensão das línguas como estabelecendo entre si, no âmbito da tradução, uma relação tendendo à “biunivocidade”. Esta impressão provém, em larga medida, da dívida assumida por Souza ao concordar com os argumentos elencados pela psicanalista francesa Pollak-Cornillot que, em sua tese sobre Freud como tradutor, defende algumas soluções tradutórias para conceitos freudianos a serem vertidos ao francês, tendo como princípio as escolhas do tradutor Freud ao verter textos no sentido contrário, ou seja, do francês para o alemão.

O primeiro ponto a ser destacado no sentido de demonstrar o que subsidia a impressão de que haja a tomada de elementos de duas línguas como sendo, de modo imediato e incontroverso, equivalentes entre si, tendendo, pois, a colocá-los em uma relação de biunivocidade, encontra-se ilustrado logo no início do trecho citado acima. Vemos que, ao introduzir o debate sobre a mudança ocorrida no contexto inglês para a versão do termo *Vorstellung*, de *idea* para *representation*, no título da obra clássica de Schopenhauer, creio que Souza admite em silêncio como equivalentes dos termos ingleses os portugueses “ideia” e “representação”. Parece haver nessa postura, aparentemente amparada pela raiz etimológica comum dos termos em questão, a tomada das duas línguas como sendo uma única ou a existência de um “sentido original” que se queira alcançar e, assim sendo, como se fosse indiferente trazer as soluções em uma ou outra língua, ou seja, como se fossem, natural e imediatamente, equivalentes os termos português “representação” e o inglês “*representation*”, ou então como se o termo “ideia” estivesse sendo tratado como se fosse igual ao inglês “*idea*”.

Alguns parágrafos abaixo, Souza traz a argumentação contrária a opção adotada por Strachey para a versão de *Vorstellung*, no texto “O Inconsciente”, por *idea*. Esta argumentação encontra-se num artigo da psicanalista colombiana Inga Villarreal constante do livro *Translating Freud* organizado por Ornston.

Segundo esta autora, Strachey deixou de lado as características sensoriais de uma *Vorstellung*, “entre elas as importantes atividades visuais que são derivadas da percepção”. No vocabulário filosófico alemão, como ela mesma assinala, o termo designa o que uma pessoa representa para si, o que reproduz de uma percepção feita. Acompanhando pertinentemente Laplanche e Pontalis, Villarreal lembra que o uso freudiano da palavra tem sua originalidade, vindo a significar, mais que o “representar-se subjetivamente um objeto”, aquilo que do objeto chega a se inscrever na memória: nas palavras de Freud, “*Vorstellungen* são investimentos [*Besetzungen*] – de traços de memória, no fundo”; dificilmente existiria lembrança “pura”, despida de *Besetzung*. Logo, há uma contradição na censura feita a Strachey, pois o que ele teria menosprezado é justamente o que teria passado a segundo plano, no sentido privilegiado por Freud. (1996: 81-82)

De fato, como assinala Souza, não estamos diante de uma tarefa de fácil solução, nem tampouco podemos exigir que as diferentes leituras encontrem um meio termo conciliador do conflito que as anima. O que se poderia argumentar é que cada uma das escolhas dá o privilégio a um ou outro pólo tangenciado pelo termo alemão *Vorstellung*. Gostaria de chamar a atenção para a pluralidade de contextos em que nos deparamos com “o mesmo termo” *Vorstellung*, avançando a interpretação de que em alguns deles estaríamos diante do conceito inaugurado no *Estudo* que, conforme a leitura de Villarreal, parece privilegiar a íntima relação com pólo mais próximo ao universo sensorial, sendo que em outros contextos tratar-se-ia meramente do uso de um termo comum em língua alemã, sem vinculação necessária com as articulações metapsicológicas.

A questão que explica a discórdia entre os tradutores é que nos textos de Freud várias noções (*Vorstellungen*) são usadas de modo intercambiável e somente em poucos locais, como no *Estudo*, por exemplo, Freud procura restringir o uso de alguns conceitos, delimitando seu alcance. Mesmo considerando esse aspecto da construção teórica freudiana, poder-se-ia argumentar a proximidade que liga, no bojo da língua portuguesa, as alternativas que se nos apresentam. Tomando o exemplo do verbete “ideia”, no dicionário Caldas Aulete, lê-se, por exemplo, na primeira acepção: 1) Representação de algo pelo

pensamento⁵¹⁶. Inversamente, investigando o verbete “representação”, no mesmo dicionário, teríamos na quarta acepção o seguinte: 4) filosofia: Processo por meio do qual a mente presentifica a imagem, ideia ou conceito de um objeto apreendido pelos sentidos, imaginação, memória, ou concebido pelo pensamento.

Se acompanharmos esta última acepção mencionada e tratarmos o conceito *Vorstellung* como sendo preferencialmente traduzível por “representação”, seria interessante, para pensarmos junto com Freud em seu *Estudo*, acentuarmos a qualidade de “processo”. Como vimos na parte A deste capítulo, bem como em nossa proposta de tradução do *Estudo*, ambas as formas compostas de *Vorstellung* no *Estudo* dizem respeito não a entidades estáticas e imutáveis, mas a movimentos de imagens que, seguindo as articulações metapsicológicas posteriores ao *Estudo*, por serem carregadas afetivamente, se articulam de modo incessante e sobredeterminado.

Continuando na esteira de Souza, vejamos a argumentação tecida por Pollak-Cornillot, contrária a proposta de Villarreal, baseada em uma interpretação da atividade tradutória, ou dos pressupostos a ela subjacentes, realizada por Freud. A autora esquadrinhou as traduções que Freud fez de textos de autoria de Charcot e Bernheim, nos anos que se seguiram ao estágio que ele fez com Charcot em Paris. (Souza, 1996: 82) “Estudando as equivalências que o tradutor Freud estabelecia entre certas palavras das duas línguas, Pollak-Cornillot quis contribuir para a solução de dificuldades atualmente encontradas pelos que traduzem Freud.” (ibid.: 82)

Ora, parece-me que tratar as escolhas tradutórias de Freud em termos de estabelecimento de “equivalências” seria uma interpretação do gesto tradutório alheia àquela que os desenvolvimentos teóricos da psicanálise permitem. Segundo uma das acepções trazidas pelo dicionário Houaiss da língua portuguesa⁵¹⁷, “equivalência” significa uma “relação de igualdade lógica ou implicação mútua entre duas proposições, de tal forma que cada uma delas só é verdadeira se a outra também o for”, e é esse tipo de relação que configura a que estamos chamando de biunivocidade, no caso da tradução não entre proposições, mas entre dois termos.

⁵¹⁶ A versão consultada encontra-se online no sítio da Uol. wap.aulete.uol.br

⁵¹⁷ Utilizamos aqui a versão eletrônica do dicionário.

Souza (1996: 82-83) nos conta sobre os procedimentos realizados por Pollak-Cornillot em sua pesquisa para inferir tais relações de equivalência. Ela fez um inventário completo das escolhas propostas por Freud em que utiliza, para a tradução de diversos termos diferentes em francês, alguns termos centrais em sua teoria, como é o caso de *Vorstellung*. Após uma análise estatística, Pollak-Cornillot chega ao dado de que para a tradução do termo francês *idée*, em diversos contextos particulares nas obras de ambos, Charcot e Bernheim, Freud usa de forma predominante, com maior frequência do que outras alternativas, a solução *Vorstellung*. Conforme Souza: “Na estatística de Pollak-Cornillot⁵¹⁸, *idée* foi traduzida 65 vezes por *Vorstellung* e 26 vezes por *Idee*.” (ibid.: 83) Parece-me que a autora parte do pressuposto de que nos vários contextos diversos analisados a palavra francesa *idée* seja sempre “a mesma”, traduzida 91 vezes, portanto, perfazendo uma unidade cujo sentido lhe seria inerente.

No elenco das supostas equivalências estabelecidas por Freud e apontadas na tese de Souza, encontram-se várias expressões sem que seus contextos sejam apresentados. Elas recobrem, segundo o autor, várias das acepções trazidas por dicionários alemães para o verbete *Vorstellung*, tanto as que se aproximam do campo semântico no qual se insere o conceito psicanalítico tal qual inaugurado no *Estudo*, quanto aquelas que fazem parte do universo informal da língua alemã. Como exemplo das últimas mencionemos as equações estabelecidas por Pollak-Cornillot, derivadas de escolhas de Freud: *imaginer* = *sich vorstellen* e *présenter un malade* = *einen Kranken vorstellen*. Tratam-se de usos cotidianos do termo *Vorstellung*, em suas formas verbais que não coincidem com o uso “terminológico” do conceito. Como exemplo de uso mais próximo ao contexto teórico, mencionemos a “equivalência” *représentation mentale* = *Vorstellungsbild*.

Segundo argumenta Souza, na esteira de Pollak-Cornillot, em relação a este último exemplo trazido, “nele fica evidente a proximidade de *Vorstellung* e *mental*, [e neste caso estaríamos frente ao pólo diametralmente oposto ao pólo sensorial mencionado acima,] pois segundo a norma das composições de substantivos é *Bild* que corresponde a *représentation*; o substantivo que o antecede funciona como adjetivo” (ibid.: 84). Ora, quem levar em

⁵¹⁸ Gostaria de registrar meus agradecimentos ao Prof. Dr. André Medina Carone que também faz referências ao trabalho de Michèle Pollak-Cornillot e que me enviou pelo correio uma cópia impressa dos trechos de sua tese aos quais teve acesso, por intermédio do tradutor cuja tese nos ocupa neste momento, Paulo César de Souza.

consideração as formulações do *Estudo* não terá dificuldades em reconhecer a íntima relação entre *Bild* (imagem) e *Vorstellung* (representação), sendo as *Vorstellungen* (representações) compostas por *Bilder* (imagens)... Além disto, não vejo como seria possível no contexto do *Estudo* separar as percepções ou o pólo “sensível” ressaltado por Villarreal, através de sua crítica a Strachey, de suas relações com “o outro pólo” ou a esfera mental.

Para dirimirmos essa querela, bastaria supostamente assumirmos a existência de uma tal linha gradativa. Numa das pontas haveria um nível maior de abstração, ou um acréscimo de complexidade, ou ainda tomaríamos a “ideia”, através de um acordo intersubjetivo a ser “idealmente” estabelecido, como sendo mais próxima do pólo do pensamento. Neste caso, a “ideia” incluiria em si um encadeamento ordenado de representações. Estas representações, por sua vez, estariam mais próximas das imagens advindas dos cinco sentidos, ou seja, do pólo “sensível”. Mas, infelizmente, não é desta forma que Freud inequivocamente procede em seu esforço de teorização, não se preocupando muito com a polissemia do termo *Vorstellung*⁵¹⁹.

Para ilustrarmos a postura interpretativa de Pollak-Cornillot (1990) quanto à tradução e, conseqüentemente, aquela acompanhada por Souza, citemos um trecho de sua tese em que a autora adverte seu leitor quanto à noção de equivalência de que se trata em seu trabalho investigativo: “Devemos insistir sobre o ponto de que não se trata em caso algum de equivalências lexicais. *Eine Anschauung* não é *une idée*, mas em certos contextos a expressão *seiner Anschauung nach* pode traduzir à *son idée*, todo tradutor sabe disto e os dicionários bilíngues o atestam”⁵²⁰. (25) Algumas linhas abaixo, Pollak-Cornillot continua a revelar a fonte de onde retira seu conceito de equivalência. Senão vejamos:

As equivalências que estamos nos esforçando para por em relevo são aquelas que se está habituado a qualificar, na literatura sobre a tradução, de *dinâmicas* (E. Nida)... Lembremos a definição que E. Nida fornece da equivalência dinâmica: “Uma tradução por equivalência-dinâmica (ou E-D) pode ser descrita como aquela que se refira ao que uma pessoa bilíngue e bicultural possa justificadamente dizer, “Este é exatamente o jeito que nós diríamos isso”. É importante perceber, entretanto, que uma tradução E-D não é

⁵¹⁹ Souza cita uma passagem em que Pollak-Cornillot critica a rigidez que alguns tradutores franceses quiseram impor à terminologia freudiana dizendo que ele não se incomodava com a polissemia de *Vorstellung*: “Freud “*n’est pas gêné par la polysemie de Vorstellung*”.” (2010: 126)

⁵²⁰ Il nous faut insister sur ce point qu’il ne s’agit pas en aucun cas d’équivalences lexicales. *Eine Anschauung* n’est pas *une idée*, mais dans certains contextes, l’expression *seiner Anschauung nach* peut traduire à *son idée*, tout traducteur lè sait, les dictionnaires bilíngues l’attestent.

meramente outra mensagem mais ou menos similar à mensagem fonte. É uma tradução e como tal deve necessariamente refletir o significado e a intenção da fonte.”⁵²¹ (25)
(grifos da autora)

Poder-se-ia pensar, a partir desta citação, que a psicanalista, muito embora faça uma crítica pertinente à rigidez de alguns de seus colegas tradutores franceses, conceba o significado e a intenção da mensagem fonte como inerentes a ela. Além do mais, segundo se pode depreender desta citação, os tradutores teriam a missão de refletir as equivalências de modo “exato” em suas línguas, não podendo contentar-se com uma aproximação, como se só houvesse uma forma correta de traduzir ou um só jeito de dizer algo. Ademais o texto seria sempre uma mensagem com um propósito claro, com uma intenção imutável, independentemente de quem o lesse. Creio não ser este o caso e que esta leitura desconsidere o papel do sujeito tradutor em sua tarefa singular.⁵²²

Apresento um exemplo de ocorrência de *Vorstellung* no *Estudo*, e retomo minha proposta de tradução para ela, seguido de comentários. Segundo minha leitura, esta não corresponde ao conceito de *Vorstellung*, mas sim ao seu uso comum. Esse procedimento pretende ser ilustrativo da versatilidade das traduções, ou, dito de outra forma, da ausência da possibilidade de intercâmbio rígido e apriorístico entre as línguas, no caso a alemã e a portuguesa.

Wie es zugehen kann, daß der bloße Bestand dieser Bahn, auch wenn sie nicht mitinnerviert wird, diese mächtige Einwirkung auf den motorischen Vorgang beim Sprechen äußern kann oder wie, wenn sie eine kollaterale Innervation beim Sprechen empfängt, diese sich äußern kann, ob das Zentrum *b* erst dann den Artikulationsimpuls aussendet, wenn die Erregung vom Zentrum *a* her angekommen ist, ob es vielmehr früher zu sprechen beginnt, Fehler macht und diese vermittelt der Erregung vom Wortklangszentrum her korrigiert; über all dieses kann ich mir nach Wernickes Darstellung keine anschauliche und widerspruchsfreie **Vorstellung** machen. (2001: 54)

⁵²¹ Les équivalences que nous sommes efforcée de relever sont celles qu’il est habituel de qualifier, dans la littérature sur la traduction, de *dynamiques* (E. Nida)... Rappelons la définition que donne E. Nida de l’équivalence dynamique: “A dynamic-equivalence (or D-E) translation may be described as one concerning which a bilingual and bicultural person can justifiably say, “That is just the way we would say it.” It is important to realize, however, that a D-E translation is not merely another message which is more or less similar to that of the source. It is a translation and as such must clearly reflect the meaning and intent of the source.”

⁵²² Para uma crítica da concepção de linguagem concebida por Nida ver os trabalhos de Rosemary Arrojo, p. ex. (1993).

É de se indagar de que modo a mera existência desta via, mesmo quando ela não é co-inervada, pode exercer esse poderoso efeito sobre o processo motor durante a fala; de que modo este efeito pode se expressar, no caso de esta via receber uma inervação colateral durante a fala; se o centro *b* somente envia o impulso articulatorio depois que a excitação provinda do centro *a* chega até ele; se, ao contrário, começa-se antes a falar e cometem-se erros e esta via, então, por meio da excitação provinda do centro acústico da palavra os corrige; a descrição de Wernicke não me fornece qualquer **resposta** clara e inquestionável a nenhuma destas indagações.

Comentários:

O primeiro comentário que se faz necessário é no sentido de destacar o caráter provisório desta, como de qualquer outra, proposta de tradução apresentada. Esse trecho específico é um recorte retirado do segundo capítulo do livro de Freud, em meio à discussão sobre o distúrbio de linguagem provocado por lesão na área sensória, ou área de Wernicke, e a tentativa desse último para explicá-lo.

O motivo que me fez eleger esta passagem de ocorrência do termo alemão *Vorstellung* foi a solução tradutória proposta, de certo modo inusitada. Neste trecho a tradução foi feita, como de costume, levando em conta o sentido construído para o período como um todo, não retendo a importância sobre a escolha do termo em português que supostamente corresponderia ou equivaleria ao termo alemão, posto que a visão da correspondência biunívoca entre termos diversos de duas línguas escapa à minha concepção de tradução. Se essa fosse a tônica da escolha eu poderia rever a tradução do período vertendo *Vorstellung* por “ideia”, por exemplo, como desejam Souza e Pollak-Cornillot, o que estaria defendido pelas possibilidades de acepções dicionarizadas do termo.

Como se trata de um questionamento de Freud sobre a concepção de Wernicke e a indicação de que Wernicke não fornece nenhuma ideia clara para a solução da questão, ou seja, como Wernicke, de acordo com Freud, não fornece nenhuma resposta às suas indagações, fica por essa via defendida a escolha e ilustrada a maleabilidade da tradução, ou a pluralidade de possibilidades à disposição do tradutor na hora de reescrever um texto em outra língua.

Deste exemplo acredito poder construir uma ponte para pensarmos o papel da atenção dividida no resultado da tradução. Esse fenômeno é discutido por Freud em uma passagem do *Estudo* em que ele fala sobre as possíveis leituras de um texto. De acordo com

sua visada, seja a de correção ortográfica, seja a preocupação com a pronúncia em voz alta de um texto diante de um público espectador, o leitor orienta sua leitura. Nesse caso, então, a atenção do tradutor condiciona suas escolhas, especialmente no processo da revisão da tradução em que construções sintáticas podem ser alteradas ou escolhas terminológicas podem ser definidas a partir de diretrizes assumidas.

Acredito que um dos motivos para pensarmos o vocabulário freudiano e seus conceitos, portanto, é a padronização de seu uso pelos tradutores, para que os leitores saibam de que se trata de um conceito e, neste caso, de qual conceito se trata. Para tal empreitada nada fácil é necessário que se façam acordos intersubjetivos, ou convenções. Tenho acompanhado ao longo desta tese a convenção da tradução de *Vorstellung* por “representação” e, mesmo sabendo que de acordo com minha leitura da atividade tradutória esta escolha deva ser concebida como algo transitório e mutável, ou no mínimo sempre passível de ser revista, parece-me, contrariamente a Souza, que a tradução mais interessante seja esta.

Para tentar ilustrar e defender meu ponto de vista, recorrerei neste momento a uma outra passagem do *Estudo* em que se trata indubitavelmente daquilo que concebo como o conceito psicanalítico *Vorstellung*, tal qual inaugurado no *Estudo*. (2001: 99-100) Senão Vejamos:

Was ist nun das physiologische Korrelat der einfachen oder der für sie wiederkehrenden **Vorstellung**? Offenbar nichts Ruhendes, sondern etwas von der Natur eines Vorganges. Dieser Vorgang verträgt die Lokalisation, er geht von einer besonderen Stelle der Hirnrinde aus und verbreitet sich von ihr über die ganze Hirnrinde oder längs besonderer Wege. Ist dieser Vorgang abgelaufen, so hinterläßt er in der von ihm affizierten Hirnrinde eine Modifikation, die Möglichkeit der Erinnerung.

Qual é, então, o correlato fisiológico da **representação** simples ou da **representação** que a recapitula? Claramente nada estático, mas sim algo da natureza de um processo. Esse processo é passível de localização, ele parte de uma área específica do córtex cerebral e dali se espalha por todo o córtex cerebral ou ao longo de caminhos específicos. Após desenrolado esse processo, ele acarreta uma modificação no córtex cerebral por ele afetado: a possibilidade da lembrança.

Comentários:

Aqui Freud consoma sua crítica à delimitação de áreas no córtex referentes às funções respectivamente motora e sensória da linguagem, postulando a totalidade do córtex como área da linguagem, além de descartar a possibilidade da função da associação entre essas duas áreas ser desempenhada pelas fibras de substância branca, definindo, pois, o próprio córtex como o responsável fisiológico pela articulação das impressões dos sentidos.

O aspecto mais importante, talvez, de todo o livro, esteja ligado a sequência desta passagem e seja a definição formal da indissolubilidade entre sensação e associação, como reiteradas vezes mencionado. Se associação é um aspecto indissolúvel da representação e se esses processos nunca se encontram em repouso, vemos afirmada pela primeira vez a articulação teórica que sustenta a plasticidade da memória. Cabe, posteriormente, buscar o modo de funcionamento dessas associações que, como sabemos, será definido em termos de condensação e deslocamento, ou os dois mecanismos atuantes no dito processo primário do aparelho psíquico. Aqui nos estudos sobre as afasias essa articulação teórica ainda não aparece desenvolvida, mas suas bases já estão dispostas. Como o próprio Freud enfatiza, “uma lição importante”, que voltaremos a perseguir na parte E.

Para finalizarmos nossa defesa da tradução do conceito *Vorstellung*, inaugurado no *Estudo* e respeitando suas especificidades neste texto, por “representação”, podemos ressaltar sua versatilidade, em geral, em oposição ao menor espectro recoberto pela alternativa “ideia”. Souza comenta as escolhas alternadas feitas por Marilene Carone, em sua tradução do texto “A negação” (“*Die Verneinung*”), para a tradução do termo *Vorstellung*, por “representação” e “ideia”. Vejamos o exemplo que nos fornece: “todas as ideias provém de percepções, são repetições das mesmas” (“*daß alle Vorstellungen von Wahrnehmungen stammen, Wiederholungen derselben sind*”) (ibid.: 84). Nesta mesma tradução de Marilena Carone, a tradutora, ao comentar sua escolha para a tradução do composto *Zwangsvorstellung* por “ideia obsessiva”, pondera que seria mais rigoroso traduzi-lo por “representação obsessiva”, muito embora defenda sua escolha “menos rigorosa” por se tratar de um uso advindo do relato de um caso clínico e tendo o composto sido utilizado por um paciente de Freud.

No contexto da definição do conceito no *Estudo*, minha leitura me diz que “representação” é a escolha mais apropriada. Freud trata como intercambiáveis *Vorstellung*, *Empfindung* e *Wahrnehmung*. A escolha por “representação” nestes casos não apresenta

contradições e não vejo empecilhos a ela. Já a escolha por “ideia” construiria a contradição de tomarmos uma “ideia” por uma “percepção”, o que num universo filosófico platônico, por exemplo, constituiria uma *contradictio in adjecto*, ao supormos, como em nosso exemplo da *einfache Vorstellung* ou, em outros termos, *sinnliche Vorstellung*, a construção de “ideia sensória”. Com a alternativa “representação” não se passaria o mesmo problema.

D) Afasia e histeria – as origens da psicanálise e o estilo argumentativo de Freud

O trabalho de Freud sobre as afasias... é a condição *sine qua non* do nascimento da teoria psicanalítica... uma teoria sobre o poder das palavras na formação de sintomas (Forrester, 1980: 14, apud Rizzuto, 1989: 112)⁵²³

Em sua tese de doutoramento *A lucidez imperfeita: Ensaio sobre Freud como escritor*, o professor e tradutor de Freud, André Medina Carone, traça, num dos parágrafos mais abrangentes considerando o modo com o fundador da psicanálise construía seus raciocínios, uma síntese de seu estilo argumentativo em que o *Estudo* aparece como uma espécie de protótipo prenunciador de uma forma recorrente de exposição e organização de ideias. Vejamos a leitura de Carone (2008).

Não é raro que ele [Freud] comece um trabalho por uma exposição negativa, que sintetiza a visão oposta daquela que irá apresentar em seguida. Um conjunto de opositores, ou um único adversário, é eleito como uma espécie de modelo invertido. Em vez de enfileirar citações que não lhe interessam, ele dramatiza seu argumento a partir da opinião dos adversários, questiona-os a partir da perspectiva que deseja impor sobre eles, e seu texto desloca todos estes autores em conjunto, destacando ocasionalmente uma ou outra contribuição. A partir das contradições, lacunas ou omissões de oponentes com quem só raramente está em completo desacordo, ele inicia a construção de um impasse e articula uma nova teoria que lança luz sobre o assunto. Quando chega o momento de apresentar sua própria explicação, ele confronta os outros autores com um destino que suas teorias desconheciam, liberta-se inteiramente de suas concepções e as expõe como uma aparência enganosa. Com isso, ele encerra um movimento que era prenunciado pelo início de sua exposição. Este trabalho de desmontagem está presente no livro sobre os sonhos, em *Totem e tabu* e nas histórias clínicas, mas aparecia com mais nitidez no ensaio de juventude a respeito das afasias, onde a explicação dos distúrbios de linguagem a partir das localizações cerebrais ocupava o lugar do inimigo a ser vencido por uma explicação original. (18)

⁵²³ Freud's work on aphasia... is the *sine qua non* of the birth of psychoanalytic theory... a theory of the power of words in the formation of symptoms.

Muito embora o foco principal da tese de Carone incida sobre o livro que recolhe os primeiros desdobramentos teóricos de Freud sobre as histerias, o autor não subestima o valor do *Estudo* no percurso de construção da psicanálise e nem, tampouco, como um importante exemplo testemunho do estilo de escrita freudiana. Além de partir da exposição do que pretende questionar, Freud não deixa de levar consigo aquilo que considera material fértil para avanços teóricos. Destaquemos do excerto acima o fato de que Freud “raramente está em completo desacordo” com quem lhe serve de interlocutor. Por esse caminho podemos também entender a apropriação que Freud faz de termos de seus “opponentes”, ora mantendo seus sentidos autóctones, ora conferindo-lhes uma nova nuance interpretativa ou mesmo reinventando seus alcances. O que ocorre com a apropriação por Freud do termo “parafasia”, por exemplo, encaixa-se na segunda opção; Freud não modifica totalmente o uso do termo, mas sim atribui a este tipo de sintoma da linguagem uma nova forma de compreensão para sua ocorrência. Esta nova interpretação da “parafasia” parte de um modelo de linguagem que concilia a crítica às teorias antecedentes com as investigações sobre os fenômenos da histeria.

Gostaria de lançar luz a uma passagem em que Carone comenta o valor dos *Estudos sobre a histeria* (*Studien über Hysterie*) que também serviria para lermos a frutuosidade do *Estudo*. Nesta passagem percebemos o reconhecimento explícito de que as obras teóricas não nascem prontas, nem podem escapar a movimentos sucessivos em seus processos de formação. Daí a necessidade de olhares retrospectivos, tentativas de reconstruções dos percursos passados, para se tentar acompanhar os desdobramentos que ocorrem paulatinamente e nunca cessam.

... o passado atrai porque avança rumo ao presente, antecipa o caminho do conhecimento que se forma mais tarde. As antigas teorias se uniram às ideias do presente e formaram com ela um espaço contínuo; só será possível encontrar a imagem de um passado modificado pelo presente, e por isso não há como recriá-lo na forma original. O livro vale menos por suas realizações do que pelos desenvolvimentos que se seguiram a ele, e para descobrir como foi possível a psicanálise, ele diz, será preciso [retornar] ao trabalho sobre a histeria. Os equívocos não afastam o leitor deste conhecimento: pelo contrário, será necessário retornar a eles para entender como do erro se fez o acerto. As ideias, portanto, valem mais pelo percurso que descrevem do que pela adequação ou inadequação a conteúdos reais.⁵²⁴ (ibid.: 26)

⁵²⁴ Procurei adequar a ortografia das palavras contidas nas citações de acordo com as regras vigentes em língua portuguesa nos trechos em que, como neste, apareceram grafadas conforme as regras antigas.

Parece-me claro que, assim como pretendemos demonstrar ao longo desta parte da presente tese, tanto o *Estudo* como seu contemporâneo tratado em minúcias por Carone, revelam momentos cruciais para o pleno desenvolvimento do pensamento freudiano. Sobre a impossibilidade de recriação do passado no presente “na forma original”, diria tratar-se de uma constatação cujo alcance encontra eco não somente num olhar atento à história da construção da teoria psicanalítica, como é o caso específico em questão, mas também naquele olhar voltado à tradução de um modo geral. Essa confluência é indicativa dos espaços pelos quais transitam a tese de Carone. Quanto a Freud e seu percurso de construção teórica da psicanálise, pretende-se demonstrar que o impulso inicial representado pelo *Estudo* estava em íntima ligação com as reflexões que culminariam no livro sobre a histeria alguns anos mais tarde.

Não por acaso o *Estudo* foi “dedicado ao Sr. Dr. Josef Breuer em amigável honorificência”⁵²⁵. O intercâmbio profissional entre os dois médicos que se encontravam imbuídos de tratar pacientes sofrendo de histeria havia sido iniciado no começo da década de 1880, após Freud concluir seus estudos de medicina na Universidade de Viena. No ano de 1883, ano em que Freud entrou para trabalhar junto à clínica psiquiátrica de Theodor Meynert (Gay, 2012: 58), segundo a psicanalista Ana-Maria Rizzuto (1989), Breuer “contou a Freud sobre o tratamento inusual de Anna O.”⁵²⁶ (112), a famosa paciente histérica que cunhou o termo “*talking cure*” para designar o método terapêutico donde a psicanálise foi derivada.

Segundo o biógrafo Peter Gay (2012) foi em seus trabalhos no laboratório de fisiologia do professor Ernst Brücke, na Universidade de Viena, que Freud travou conhecimento com Josef Breuer

um amigo cuja participação na formação da psicanálise seria decisiva (...) [um] importante fisiologista e médico de sucesso, rico, extremamente culto, quinze anos mais

⁵²⁵ “Herrn Dr. Josef Breuer in freundschaftlicher Verehrung gewidmet” (2001: 38). Esta escolha tradutória por uma solução um tanto anacrônica visa a marcar para o leitor da tradução o tempo, que ultrapassa um século, que nos separa da primeira publicação do *Estudo*.

⁵²⁶ Reproduzo aqui o trecho completo de Rizzuto: “In the early 1880s Freud had become a friend of Josef Breuer who in 1883 told him about the unusual treatment of Anna O. Freud was much impressed and concluded that ‘it [the treatment] accomplished more towards an understanding of neurosis than any other observation’.

velho do que ele⁵²⁷. Os dois logo travaram as melhores relações; Freud adotou Breuer como uma de uma série de figuras paternas, e tornou-se frequentador assíduo da família Breuer, sob alguns aspectos tão amigo de Mathilde, a encantadora e maternal esposa, quanto do próprio Josef. (49-50)

Talvez essa relação tão estreita estabelecida entre Freud e Breuer, desde o início dos tempos de descoberta da psicanálise, tenha dado um peso determinante para o dissabor sentido pelo autor do *Estudo* frente à reação do amigo ao livro e à dedicatória recebida. Como vimos no trecho da carta, enviada por Freud à sua cunhada Minna Bernays em 13 de julho de 1891, mencionada no primeiro capítulo⁵²⁸: “A recepção de Breuer foi deveras estranha; ele quase não me agradeceu pela dedicatória... não conseguiu lembrar-se de nenhum de seus méritos e, no final, *tentou amenizar* dizendo que o livro tinha sido muito bem escrito.”⁵²⁹ Quatro anos após o surgimento do *Estudo* ambos autores viriam a publicar juntos os bem conhecidos *Estudos sobre a histeria* (*Studien über Hysterie*) e seis anos antes, em 1885, Freud daria notícias a Jean Martin Charcot, em sua viagem de estudos na França, sobre o método que começara a ser utilizado por Breuer para o tratamento da histeria. Vejamos a passagem do ensaio autobiográfico de Freud (“*Selbstdarstellung*”), de 1925, relativa a esse acontecimento:

Breuer forneceu-me relatos, antes mesmo que eu fosse a Paris, sobre um caso de histeria que ele manejou de um modo especial nos anos de 1880 até 1882, donde ele pôde conquistar uma profunda visão sobre a etiologia e o significado dos sintomas histéricos. Isto aconteceu em uma época em que os trabalhos de Janet ainda pertenciam ao futuro. Ele lia frequentemente trechos das histórias dos pacientes, dos quais eu obtive a impressão de que aqui fora feito mais pela compreensão das neuroses do que jamais dantes. Decidi com meus botões noticiar esses achados a Charcot, quando fosse a Paris, e assim o fiz. Entretanto o mestre não demonstrou interesse algum por minhas primeiras alusões, de tal modo que não voltei mais ao assunto e também o deixei de lado em minhas preocupações.⁵³⁰ (44)

⁵²⁷ Segundo o próprio Freud em seu estudo autobiográfico (“*Selbstdarstellung*”) a diferença de idade é de quatorze anos e não quinze. “... vierzehn Jahre älter als ich...” (Freud, 1925: 43). Josef Breuer nasceu no ano de 1842 e Freud em 1856.

⁵²⁸ No item 1.1.

⁵²⁹ Cf.: Rizzuto, A.-M. (1989: 112) *On Aphasia* was dedicated ‘To Dr. Josef Breuer with friendly admiration’. Breuer could not appreciate it. Freud wrote to Minna Bernays on 13 July 1891: ‘The “Aphasia” has already caused me deep disappointment. Breuer’s reception of it was such a strange one; he hardly thanked me for it... couldn’t recollect any of its good points, and in the end tried to *soften the blow* by saying that it was very well written.’ Destaques da autora.

⁵³⁰ Breuer hat mir, schon ehe ich nach Paris ging, Mitteilungen über einen Fall von Hysterie gemacht, den er in den Jahren 1880 bis 1882 auf eine besondere Art behandelt, wobei er tiefe Einblicke in die Verursachung und Bedeutung der hysterischen Symptome gewinnen konnte. Das war also zu einer Zeit geschehen, als die Arbeiten Janets noch der Zukunft angehörten. Er las mir wiederholt Stücke der Krankengeschichte vor, von denen ich den Eindruck empfang, hier sei mehr für das Verständnis der Neurose geleistet worden als je zuvor.

A concepção do tratamento da histeria iniciada por Breuer foi apropriada por Freud que, em seguida, teve de aprimorá-la e modificá-la. Essas modificações no método terapêutico foram exigidas pelo trabalho clínico de Freud, inicialmente durante o tratamento da Sra. Emmy Von N. O ponto de partida oferecido pelos relatos de Breuer era de que os sintomas histéricos cessavam de existir assim que a paciente expressasse espontaneamente em palavras o acontecimento traumático que levava a seu surgimento. Nos termos de Rizzuto (1989):

Havia algo espantoso em tudo aquilo. Sintomas histéricos, contraturas, dores, paralisias, horrores e até distúrbios de linguagem desaparecem pelo ato de falar. Breuer ficou ‘fortemente surpreso’ a primeira vez que aconteceu de uma “*verbalização espontânea*” (itálicos da autora) durante a hipnose da tarde banir um distúrbio persistente.⁵³¹ (114)

Percebemos por essa passagem que é a linguagem e sua expressão que estavam na mira dos dois investigadores do fenômeno histórico. Do mesmo modo, é a linguagem e seus distúrbios que ocupou Freud durante a escrita do *Estudo* e um sintoma em especial, o da parafasia, permitiu fundamentalmente a crítica freudiana às doutrinas localizacionistas das afasias. Pretende-se nesta parte deste capítulo demonstrar em que medida a interpretação da histeria e o desenvolvimento de métodos para seu tratamento por Freud, caminham paralelamente às preocupações do autor com a questão da parafasia (*‘Paraphasie’*), no contexto das investigações realizadas culminantes no modelo de concepção do funcionamento da linguagem desenvolvida no *Estudo*.

A crítica que Freud tece aos modelos de compreensão do funcionamento da linguagem de Wernicke e Lichtheim baseia-se amplamente no fato deles não darem conta da fala espontânea, tratando o processo de produção da linguagem como se este fosse análogo ao de um arco reflexo. Por esta maneira simplificada de compreender a linguagem, esta se resumiria à mera repetição de algo ouvido. Por estes modelos também não seria possível compreender de modo satisfatório o sintoma da parafasia. Assim sendo, em sua

Ich beschloß bei mir, Charcot von diesen Funden Kunde zu geben, wenn ich nach Paris käme, und tat dies dann auch. Aber der Meister zeigte für meine ersten Andeutungen kein Interesse, so daß ich nicht mehr auf die Sache zurückkam und sie auch bei mir fallen ließ. (44)

⁵³¹ There was something amazing in it all. Hysterical symptoms, contractures, pains, paralysis, horrors, even speech disturbances disappear by the act of talking. Breuer was ‘greatly surprised’ the first time it happened when ‘*spontaneous utterance*’ (my italics) during the evening hypnosis banished a long lasting disturbance.

tarefa de criticar o modelo dos centros isolados de linguagem no córtex, e na busca de uma explicação mais abrangente para a produção normal da linguagem e para os sintomas afásicos, Freud propõe o modelo do aparelho de linguagem, um aparelho de associações. Por este caminho ele pôde elucidar o fenômeno da fala espontânea e com isto desvendar o modo de adoecimento e de tratamento dos histéricos. Vejamos mais uma passagem de Rizzuto:

De onde vem a vontade de falar? A estimulação volitiva se origina na ‘associação de objeto, ou mais precisamente das atividades do restante do córtex’ (p. 92). Esta é uma asserção notável que Freud repete de várias maneiras ao longo do texto da monografia [sobre as afásias]. ‘Toda excitação “volitiva” dos centros de linguagem... envolve a região das representações auditivas e resulta em sua estimulação por associações de objeto’ (p. 85) ‘todos os estímulos para a linguagem espontânea provém das associações de objeto’ (p. 81)⁵³² (ibid: 116)

O aparelho de linguagem concebido por Freud no *Estudo* é um aparelho de associações. Todas as formas de distúrbios de linguagem são passíveis de serem entendidas como falhas em algum nível associativo. O que ocorre no fenômeno da parafasia é que em algum ponto ocorre um tipo de desvio de associação inusitado e não proposital gerando uma fala que não coincide com o almejado, uma mistura de letras, uma confusão de intenções de fala etc. Se assumirmos com Freud, como vemos nesta passagem acima, que todo estímulo para o falar espontâneo provém das representações de objeto, então devemos supor que quando acontece uma formação de parafasia, houve um problema associativo seja na ligação entre representação de objeto e representação de palavra, seja entre as articulações de imagens desta última.

Rizzuto, cuja argumentação seguimos neste momento, escreve seu artigo de 1989 para nos fornecer uma interpretação bastante pertinente dos motivos (velados) de Freud para escrever o *Estudo*. Como nos sugere a psicanalista, Freud escreveu a “monografia” com o intuito de compreender os incríveis padrões discursivos de três pacientes histéricas, a saber, Anna O, Emmy Von N e Caecilie. De acordo com a interpretação fornecida por Breuer a Freud, os sintomas de sua paciente Anna O desapareciam tão logo esta tivesse sido

⁵³² Where does the will to speak come from? The volitional stimulation originates in the ‘object association, or more exactly from the activities of the rest of the cortex’ (p. 92). This is a remarkable assertion which Freud repeats in many ways along the text of the monograph. ‘Every “volitional” excitation of the speech centres... involves the region of the auditory representations and results in its stimulation by object associations’ (p. 85) ‘all stimuli to spontaneous speech arise from object associations’ (p. 81)

induzida durante a hipnose a “por em palavras a fantasia afetiva que a estava dominando naquele momento”⁵³³ (112) e que, até então havia permanecido apartada de seu discurso consciente. Os distúrbios de linguagem presentes nestas pacientes eram abundantes.

A própria Anna O tivera uma gama notável de distúrbios da linguagem. Breuer (1895) os descreve: ‘havia uma profunda *desorganização funcional* (itálicos da autora) em sua linguagem... ela ficava perdida ao tentar encontrar palavras, e essa dificuldade cresceu gradualmente. Depois ela perdeu o domínio da gramática e da sintaxe; já não conjugava verbos e eventualmente usava apenas infinitivos, na maioria das vezes incorretamente formados de participípios passados de verbos regulares; e ela omitia ambos os artigos, definidos e indefinidos. Com o passar do tempo ela se tornou completamente desprovida de palavras. Ela as arranjava laboriosamente a partir de quatro ou cinco línguas e se tornou quase ininteligível. Além disto, ela tinha ‘uma série de alucinações atemorizantes e terríficas’ que passavam quando ela ‘tremendo de medo e horror, *reproduzia* (itálicos da autora) estas imagens atemorizantes e lhes fornecia expressão verbal.’⁵³⁴ (113-114)

Parece pertinente, portanto, supor que haja um certo parentesco entre o fenômeno da histeria e o fenômeno da parafasia, ambos distúrbios meramente funcionais. Em ambas as manifestações se encontram certos tipos de dissociações ou falhas associativas, sem necessidade de se assumir um dano orgânico correlativo para sua explicação. Além disto, o que parece ter sido fundamentalmente apontado por Breuer é o impressionante efeito da expressão verbal na suspensão dos sintomas. Assim, pois, que palavras eram encontradas para reproduzir as imagens “atemorizantes”, ou seja, tão logo a cadeia de associações fosse restabelecida, os sintomas arrefeciam.

Freud, por sua vez, foi levado a alterar seu método terapêutico, em relação à maneira de Breuer trabalhar, impelido por sua paciente Emmy Von N, de quem tratava na mesma época em que escreveu o *Estudo*. Segundo Rizzuto, “a cronologia dos eventos torna

⁵³³ Retomo a frase completa de Rizzuto: Breuer had found that ‘she could be relieved... if she was induced to *express in words* the affective phantasy by which she was at that moment dominated’. (itálicos da autora)

⁵³⁴ Anna O herself had had a remarkable array of disturbances of speech. Breuer (1895) describes them: ‘there appeared a deep-going *functional disorganization* (my italics) of her speech... she was at a loss to find words, and this difficulty gradually increased. Later she lost her command of grammar and syntax; she no longer conjugated verbs, and eventually she used only infinitives, for the most part incorrectly formed from weak past participles; and she omitted both the definite and indefinite article. In the process of time she became almost completely deprived of words. She put them together laboriously out of four or five languages and became almost unintelligible’. She also had a ‘string of frightful and terrifying hallucinations’ which came to pass when ‘shaking with fear and horror, she had *reproduced* (my italics) these frightful images and given verbal utterance to them’.

bastante possível que o *Estudo* fora escrito em sua casa ou imediatamente após a visita.”⁵³⁵ (113) No início do tratamento de Emmy Von N, Freud ainda utilizava o método hipnótico compartilhado não somente por Breuer, mas também utilizado, dentre outros, pelo mestre Charcot, na França. Entretanto, com o andamento do esforço terapêutico, Freud teve a oportunidade de rever o papel da hipnose. Ainda de acordo com Rizzuto, “Ela [Emmy Von N] causou não somente uma tremenda impressão sobre ele [Freud], mas também, com suas maneiras imperiosas, forçou-o a modificar sua técnica.”⁵³⁶ (113). Em resposta a uma carta da filha de sua paciente, curiosa sobre o tratamento de sua mãe, vários anos após o fim do tratamento, Freud admite: “Foi precisamente em conexão com este caso e seus resultados que reconheci que o tratamento com hipnose é um procedimento que não faz sentido e não vale a pena e recebi o incentivo para criar a terapia psicanalítica mais de acordo com a razão.”⁵³⁷ (113)

A exemplo da paciente de Breuer, Anna O, Emmy Von N também exigia ser ouvida por seu médico. Ao invés de tolerar passivamente as interrupções de Freud, ela o compeliu a ouvir suas histórias até os mínimos detalhes de forma “espontânea”. De fato, e não por acaso, a grande crítica de Freud em relação ao esquema de Wernicke para a explicação do funcionamento da linguagem, que revela o ponto em que as temáticas das afasias e das histerias encontram-se, era a impossibilidade de compreender a partir dele exatamente a produção espontânea da linguagem. Ainda na sequência do caso em questão, conforme as palavras de Rizzuto:

Freud não podia evitar sugerir suas conclusões e continuava despertando sua cólera até que finalmente ela disse ‘num tom definitivamente desgostoso que não era pra eu continuar a perguntar-lhe de onde veio isso ou aquilo, mas para eu deixar que ela me contasse *o que tinha de dizer*’. (itálicos da autora) / Assim, a Sra. Emmy von N ensinou a Freud que havia algo que *tinha de ser dito espontaneamente* por ela e não como resposta às suas questões. Seu trabalho era escutar porque *ela tinha de falar*.⁵³⁸ (113)

⁵³⁵ The cronology of events makes it quite possible that *On Aphasia* was written in her house or immediately after the visit.

⁵³⁶ She had made not only a tremendous impression on him but she had also, with her imperious manners, forced him to change his technique.

⁵³⁷ It was precisely in connection with this case and its outcome that I recognized that treatment with hypnosis is a meaningless and worthless procedure and received the incentive to create psychoanalytic therapy more in accordance with reason. (apud Andersson, 1979, pp. 14-15)

⁵³⁸ Freud could not contain himself from suggesting his conclusions and kept arousing her anger until she finally said ‘in a definitely grumbling tone that I was not to keep on asking her where this and that came from, but to let her tell me *what she had to say*’. (itálicos da autora) / Frau Emmy Von N had just taught Freud that

Para o alívio das histéricas, portanto, as representações que, apartadas temporariamente de sua consciência, provocavam os sintomas tinham de ser expressas espontaneamente. Correlativamente, Freud, ao propor seu novo modelo de compreensão do funcionamento da linguagem, nota que em processos de melhora em casos de afasias motoras ocorre uma transição da mera repetição de palavras rumo à fala espontânea. (Freud, 2001: 71-72).

Como vimos acima, de acordo com o *Estudo*, o estímulo para a fala espontânea vem das associações de objeto. Instaure-se um quadro de afasia assimbólica quando ocorre uma falha associativa entre as representações de objeto e as representações de palavra. Para Freud ambas as representações ou complexos associativos entre imagens não são entidades estáticas, mas sim revelam processos dinâmicos em constante atividade. De acordo com Carone (2008):

A mobilidade dos sintomas histéricos – “móveis a um tal ponto que refutam de antemão qualquer hipótese de uma lesão material”, desrespeitando as fronteiras demarcadas pela anatomia – se entrelaça com a mobilidade da palavra, capaz de devolver uma imagem inconstante, e por isso mesmo mais exata, do seu alvo. (34)

Essa maleabilidade dos sintomas histéricos coincide com o movimento incessante das associações entre as representações constituintes da linguagem. A ênfase no desconhecimento pela histeria das leis subjacentes ao substrato anatômico no qual ela produz distúrbios meramente funcionais revela que, assim como ocorre com as falhas associativas na parafasia, também na histeria trata-se de sintomas produzidos pela linguagem. Assim como na produção de sentidos pela fala, promovida pela ligação entre representação de objeto e representação de palavra, também o sentido dos sintomas histéricos só pode ser revelado pelas palavras que os formaram. A impossibilidade de expressar espontaneamente certos acontecimentos traumáticos em palavras é o que gera os sintomas histéricos. Vejamos as conclusões as quais chega Rizzuto (1989):

A conclusão [do artigo] realiza sua tarefa de explicar por que não falar as tornava doentes. Elas estavam sofrendo de uma afasia assimbólica funcional devida à separação

she had something that *had to be said spontaneously* and not as answer to his questions. His job was to listen because *she had to talk*.

transitória entre a representação de objeto com força afetiva impelente e as palavras para lhe descrever. Uma vez que elas eram religadas novamente, tal como o modelo previa, os sintomas desapareciam.⁵³⁹ (116)

A questão que ainda deve ser posta refere-se ao avanço teórico, demandado pelos esforços de desvendar os misteriosos fenômenos da histeria, em relação à fonte do modelo de concepção da linguagem que os permitiram. Assumindo que foi o modelo inaugurado no *Estudo* que estava na base da explicação do fenômeno histérico por Freud, é igualmente justo reconhecermos que naquele não houve sistematização alguma do problema do afeto.

Durante o desenvolvimento desta parte da tese falou-se em “acontecimento traumático”, em “fantasia afetiva”, em “imagens atemorizantes” e em representação de objeto “com força afetiva impelente”. Entretanto, no texto do *Estudo*, Freud não diz nada a respeito do significado afetivo das representações de objeto, nem tampouco do sentido afetivo do gesto de linguagem⁵⁴⁰, muito embora proponha um modelo que assevere que toda a fonte da linguagem espontânea, ou todos os estímulos para a fala espontânea provenham da região das associações de objeto.

Num dos trechos em que Freud traz uma descrição das circunstâncias em que pode ocorrer o sintoma da parafasia ainda no contexto da crítica ao modelo de Wernicke, ele nos diz que: “... a parafasia observada em pessoas enfermas em nada se diferencia daquela troca de palavras, nem da mutilação das mesmas, que a pessoa saudável pode observar em si mesma em função do cansaço, da atenção dividida ou por influência de afetos perturbadores...” (2001: 52). Vemos explicitamente neste trecho o reconhecimento por Freud do papel de “afetos perturbadores” como possível causa ou origem da parafasia. Portanto, mesmo que de forma incidental, Freud já demonstra preocupação com o tema do afeto já durante a escrita do *Estudo*, mesmo que nele não tenha havido uma investigação mais detida de sua importância e nem de seu alcance teórico.

Gostaria ainda de apontar para uma outra passagem de fundamental significado para toda a reflexão desenvolvida no *Estudo* que nos permite, mesmo que *a posteriori*, vislumbrar como, de forma velada, Freud tangencia a questão afetiva. O que nos abre a

⁵³⁹ The conclusion fulfills its task of explaining why not talking made them ill. They were suffering from a functional asymbolic aphasia due to transient separation between object-representation of a compelling affective force and the words to describe them. Once they were linked together again, as the model predicted, the symptoms disappeared.

⁵⁴⁰ Rizzuto, 1992: 170.

possibilidade de propor essa leitura nada mais é que uma questão tradutória. A seguinte passagem encontra-se imediatamente após o desfecho de um longo trecho incluso no texto metapsicológico “O Inconsciente” (“*Das Unbewußte*”), de 1915, por James Strachey, sob o título de “O paralelismo psicofísico”, anexo B. Nele Freud reúne os argumentos decisivos para desbancar a tese de Meynert, segundo a qual as representações ficariam armazenadas em células do córtex, uma por uma, e se manteriam conservadas de modo inalterável. É a partir das reflexões contidas nesse trecho que podemos entender a plasticidade da memória proposta por Freud nos termos do *Estudo*. Senão vejamos:

É possível distinguir no correlato fisiológico da sensação a parte correspondente à “sensação” da parte correspondente à “associação”? Certamente, não. “Sensação” e “associação” são dois nomes com os quais recobrimos diferentes aspectos do mesmo processo. Sabemos, contudo, que ambos os nomes são abstraídos de um processo único e indivisível. Não podemos ter sensação alguma sem associá-la imediatamente; se podemos ainda conceitualmente separá-las de forma tão afiada, na realidade elas se prendem a um único processo que, começando em uma área do córtex, difunde-se por sobre a sua totalidade. A localização do correlato fisiológico é, então, a mesma para representação e associação, e, já que a *localização de uma representação nada significa além da localização de seu correlato*, então devemos necessariamente recusar colocar a representação em um ponto do córtex cerebral e a associação em um outro. Ao contrário, ambas partem de um mesmo ponto e nunca se encontram em repouso em ponto algum.⁵⁴¹ (2001: 100-101)

O aspecto tradutório que pretendo destacar para advogar o interesse velado de Freud pelo tema do afeto já neste *Estudo* diz respeito às possibilidades abertas pela palavra *Empfindung*, traduzida por “sensação”. As duas palavras, tanto a alemã quanto a portuguesa, encontram-se em um espaço de mediação entre as percepções “externas” e “internas”. Podem articular-se tanto em relação às imagens produzidas pelos cinco órgãos dos sentidos, ou seja, visão, audição, tato, olfato e paladar, além de servirem para nos referirmos às percepções proprioceptivas, ou seja, que dizem respeito aos estímulos internos, provindos de músculos, tendões e outros tecidos, mas também revelam ligação

⁵⁴¹ Läßt sich nun am physiologischen Korrelat der Empfindung der Anteil der “Empfindung” von dem der “Assoziation” unterscheiden? Offenbar nicht. “Empfindung” und “Assoziation” sind zwei Namen, mit denen wir verschiedene Ansichten desselben Prozesses belegen. Wir wissen aber, daß beide Namen von einem einheitlichen und unteilbaren Prozeß abstrahiert sind. Wir können keine Empfindung haben, ohne sie sofort zu assoziieren; mögen wir die beiden begrifflich noch so scharf trennen, in Wirklichkeit hängen sie an einem einzigen Vorgang, der, von einer Rindenstelle beginnend, über die gesamte Rinde diffundiert. Die Lokalisation des physiologischen Korrelats ist also für Vorstellung und Assoziation dieselbe, und da *Lokalisation einer Vorstellung nichts anderes bedeutet als Lokalisation ihres Korrelates*, so müssen wir es ablehnen, die Vorstellung an den einen Punkt der Hirnrinde zu verlegen, die Assoziation an einen anderen. Beides geht vielmehr von einem Punkte aus und befindet sich an keinem Punkte ruhend.

íntima com o universo dos sentimentos e das emoções, ou seja, com o universo dos afetos. A terceira acepção do termo do *Dicionário Houaiss* reza: “vivência significativa que mobiliza afetos e emoções”; a primeira diz que “sensação” significa “um processo pelo qual um estímulo externo ou interno provoca uma reação específica, produzindo uma percepção”; a última diz: “conhecimento imediato ou intuitivo”.

Em relação ao termo alemão, que para a felicidade dos tradutores comporta a mesma dualidade exposta na discussão do termo correlativo em português, não se constituindo, portanto, nesse momento um problema para a tradução, mas, simplesmente, numa questão oferecida pelo trabalho de tradução à reflexão, lemos no dicionário *Duden - Deutsches Universalwörterbuch* as seguintes acepções:

Emp|fin|dung, die; -, -en:

a) <i>Wahrnehmung durch die Sinnesorgane, sinnliche Wahrnehmung; körperliches Gefühl</i> : die E. von Kälte; die E. in den Händen stellte sich wieder ein;	a) <i>percepção através dos órgãos dos sentidos; percepção sensória; sensação corporal</i> : a sensação de frio; a sensação nas mãos apareceu novamente.
b) <i>Gemütsbewegung, seelische Regung; Gefühl</i> : eine echte E.; sie erwiderte seine E. (geh.; <i>seine Liebe zu ihr</i>).	b) <i>Movimento do ânimo, moção da alma; sentimento</i> ⁵⁴² : uma sensação verdadeira; ela correspondeu a seu sentimento (frm.; <i>ao seu amor por ela</i>)

Assim sendo, poderíamos simplesmente tomar o termo *Empfindung* (“sensação”) como sinônimo de *Vorstellung* (“representação”), assim como pode se depreender da citação acima, entendendo este último como mero sinônimo de *Wahrnehmung* (“percepção”), assumindo-se ingenuamente a interpretação de que a percepção seria uma atividade objetiva, fria, despida de subjetividade, ou, por outro lado, poderíamos derivar desses breves apontamentos a situação um tanto mais complexa que se apresenta aos

⁵⁴² Sem a menor sombra de dúvidas a tradução do texto do verbete de dicionário se configura bem mais difícil e controversa do que a tradução do próprio verbete. Por exemplo, sobre o termo *Gefühl*, em seu *Abhandlung über den Ursprung der Sprache*, (*Ensaio sobre a origem da linguagem*), o filósofo Herder o utiliza em vários sentidos: para referir-se aos sentimentos (escolha que eu fiz neste contexto do verbete); para referir-se à sensação do tato e para referir-se a todos os cinco sentidos. Não é, contudo, meu propósito debater estas questões, senão insistir no ponto de que há uma ambiguidade produtiva, ou um duplo horizonte semântico, nos termos *Empfindung* e “sensação” que se coloca como questão epistemológica própria à psicanálise. Não é, tampouco, meu objetivo debater em pormenores essa problemática, mas somente apontá-la e esperar novas pesquisas que abranjam esse tema tão complexo.

leitores de Freud ao se depararem com estas elaborações, que não somente permitem que entrevejamos de onde vêm os primeiros contatos com o tema da idiossincrasia das percepções de cada um dos sujeitos ou da radicalidade da subjetividade, assim como propõem reflexões mais aprofundadas sobre a relação entre representações de objeto e afetos, pensados no contexto do recalque, por exemplo, ou na discussão sobre o tornar-se consciente das representações etc. Passaremos agora à última parte do capítulo três, (parte E), e continuaremos a discussão sobre as implicações para os Estudos da Tradução e para a psicanálise dessa indissolubilidade entre “sensação” e “associação”.

E) A escrita tradutória e a singularidade

A psicanálise, (...) (lembrando o confronto vivenciado por Freud em relação aos neurologistas), ao tomar a si o espaço da subjetividade, não simplesmente abraça algo desprezado pela ciência, mas articula um novo lugar teórico de onde enxerga, sem qualquer pretensão de neutralidade, leis às quais se submetem, eles também, os fenômenos psicológicos; estes, necessariamente, reconcebidos. (Frota, 52)

Na última parte deste capítulo lançaremos nosso foco sobre a tese de Maria Paula Frota, *A singularidade na escrita tradutora – linguagem e subjetividade nos estudos da tradução, na linguística e na psicanálise*, defendida em 1999 na Unicamp, para tentarmos perceber em que medida as noções relativas à linguagem inauguradas no *Estudo* contribuíram para sua confecção.

O conceito que nos acompanha privilegiadamente nesse diálogo é o de *Assoziation* (“associação”). Mais de uma vez foi dito que o aparelho de linguagem é um aparelho de associação. Como vimos, Freud delimita vários níveis de associação, seja entre as imagens advindas dos sentidos que compõem as representações de objeto, seja entre as representações de objeto e de palavra.

Parece que para nos aproximarmos do tema da singularidade seja interessante retomarmos a afirmação de que “percepção” ou “sensação” compõe com a associação aspectos de um só processo. Se fizermos alusão ao universo de associações que subjaz à aquisição da linguagem, como tivemos a oportunidade de ilustrar na primeira parte desse

capítulo, e tomarmos as imagens que se associam, inconscientemente, como sendo consubstanciadas por cargas afetivas, então teremos a chance de refletirmos sobre o modo singular com que essas mesmas associações entram em jogo na produção de sentido e ao mesmo tempo permitem que os sujeito tradutores sejam tecidos à medida que desempenham sua atividade.

O conceito de singularidade é descrito por Frota que utiliza para fazê-lo alguns exemplos derivados de traduções realizadas. Dentre estes exemplos, que gostaríamos de retomar para fomentar nosso argumento da importância e atualidade do *Estudo* para as reflexões que vêm sendo feitas pelos estudiosos da tradução em âmbito acadêmico no Brasil, encontra-se o de uma estudante de tradução do inglês para o português, que, ao propor uma tradução para a poesia “*Kindness*”, de Sylvia Plath, surpreende-se e ao professor que “corrigiu” sua tradução ao fazer uma associação singular.

O suposto erro que a estudante Maryluci teria cometido revela o modo como suas primeiras associações de imagens inconscientes repletas de afeto, que permanecem agindo à revelia de seu saber consciente sobre as línguas com as quais lida no trabalho tradutório, emergem no momento em que ela é “capturada” por elementos significativos encontrados no poema. Estes elementos se tornam importantes, significativos, justamente por que permitem que a tradutora se entrelace à estrutura da linguagem do poema e expresse na tradução algo de sua singularidade que, até aquele momento, não havia sido registrado por ela de forma deliberada e consciente.

De acordo com Freud no *Estudo*, “*Empfindung*” (sensação / sentimento) e “*Assoziation*” (associação) são dois nomes com os quais recobrimos um só processo. Este desdobramento do primeiro termo alemão em dois termos portugueses serve ao propósito de revelar a coloração afetiva que interfere nas interpretações de textos e igualmente na produção das traduções. Vejamos um trecho do poema de Sylvia Plath, acompanhado da tradução proposta, e recontemos com Frota (1999: 17) um pedaço da história de Maryluci:

(...)	(...)
What is so real as the cry of a <i>child</i> ?	O que é mais puro que o choro de <i>um filho</i> ?
A rabbit's cry may be wilder	O choro de um coelho pode ter mais ardor
But it has no soul.	Mas ele não tem alma.
<i>Sugar can cure every thing</i> , so Kindness says.	O <i>açúcar cura</i> tudo, diz a Bondade.
Sugar is a <i>necessary fluid</i> ,	Açúcar, <i>um fluido necessário</i> ,

Its <i>crystals</i> a little <i>poultice</i> .	Seus <i>cristais</i> , um pequeno <i>cataplasma</i> .
O kindness, kindness	Ó bondade, bondade
Sweetly <i>picking up</i> pieces!	<i>Colando</i> os cacos com doçura!
My Japanese silks, desperate butterflies,	Minhas sedas japonesas, desesperadas borboletas,
May be pinned any minute, anaesthetized.	Alfinetadas a qualquer minuto, anestesiadas.
(...)	(...)

O “erro” assumido pelo crítico de Maryluci foi em relação à tradução de *picking up* por “colando” ao invés das soluções esperadas “pegando” ou “catando”. A despeito da admoestação sofrida pela tradutora, esta, sem saber explicar o motivo, ficou zangada com seu professor, pois fazia questão da tradução que havia proposto defendendo que na leitura que havia feito do poema “aquele *picking up* era claramente ‘colando’” (16), mesmo sem saber o por que. Após ser convocada a refletir sobre sua escolha singular, a tradutora contou a seguinte história:

quando eu era criança, minha mãe, ao confeitar bolos [para vender], várias vezes me dizia que a cola do bolo era o glacê e, de fato, ela tinha razão. Havia ocasiões em que via aqueles bolos completamente espedaçados devido à fofura da massa. Mas, com um pouco de paciência e com a ajuda do glacê, a restauração do bolo era possível. O glacê, além de ser cola, era também o único remédio. (16)

Note-se que o acontecimento tradutório deu-se vários anos após a sensação marcante que Maryluci teve ao acompanhar sua mãe no trabalho de confeitar bolos, restaurando com glacê, sempre que necessário, os pedaços de bolo que se espedaçavam. Ou seja, a associação de imagens que ficou colada ao universo afetivo da tradutora, pôde ser restaurada no exercício de tradução, emergindo como algo singular. Outro tradutor qualquer não poderia propor esta solução para a tradução de *picking up* posto não ser engendrado pela malha de significantes que permitiram à Maryluci esta leitura singular do poema. Segundo a interpretação de Frota (1999):

Child-filho-Maryluci criança. *Sugar-crystals-açúcar-cristais*-o bolo de sua mãe, seu. *Cure-poultice-cura-cataplasma*-a restauração, o remédio, o glacê. *necessary fluid-fluido necessário* que refaz, cura, cola!

Com esse entrelaçamento de significantes que componho a partir da fala da tradutora (sem dele me eximir), procuro uma aproximação mais material do modo como a psicanálise aborda a relação do sujeito (do inconsciente) com a estrutura da linguagem.

Neste início do trabalho, proponho apenas que encaremos “colando” como um acontecimento singular, expressão de um momento em que tradutora e texto constituíram-se simultânea e mutuamente. Uma expressão singular porque efeito de um trânsito particular de *um certo sujeito*

entre os elementos estruturais da linguagem; efeito de uma certa vinculação subjetiva com esses elementos - um trânsito e uma vinculação que implicam uma diferença para além da polissemia já codificada de *picking up*. Uma diferença que não se constitui propriamente como um chiste ou um lapso, tal como a psicanálise já qualificou certas rupturas discursivas, mas que, como elas, pode ser pensada enquanto algo que escapa a uma cadeia interpretativa socialmente compartilhada. Algo que escapa, como parece ter sido o caso, à própria intérprete. Algo portanto inconsciente, desconhecido da tradutora, até o momento em que assinalado pelo crítico-professor. Até então invisível e inconscientemente engendrado, como, sem duvida, grande parte do que dizemos ou escrevemos. (17)

Após conhecermos brevemente a história desta singularidade tradutória e começarmos a entrelaçar sua interpretação às elaborações derivadas do *Estudo*, vejamos na sequência como Frota nos explica a distinção e as relações existentes entre o que a autora chama de singularidade e os lapsos de língua, tal qual concebidos por Freud, no âmbito da tradução.

Se as singularidades que ocorrem na tradução se constituem como expressões do inconsciente e, portanto, nesse sentido de sua “origem”, identificam-se com as clássicas formações do inconsciente – sonhos, sintomas, atos falhos, chistes e lapsos –, destas as singularidades divergem, no sentido de que, uma vez constituídas, *não encontram unanimidade em seu julgamento como formas corretas ou erradas*. (1999: 208)

Dentre os aludidos lapsos de língua, largamente explorados por Freud em seu livro sobre a psicopatologia da vida cotidiana, poderíamos encontrar alguns dos exemplos presentes no *Estudo* sob o nome de parafasias. Sua característica distintiva, portanto, em relação às singularidades é seu caráter de incorreção. Qualquer pessoa que cometer um lapso ao produzir uma tradução não terá dificuldades em admiti-lo, muito embora as várias determinações inconscientes ativas em seu acontecimento possam permanecer desconhecidas. Por sua vez no caso da singularidade, muito embora se trate de uma formação que se origina, assim como acontece com os lapsos, no inconsciente, a unanimidade em torno do caráter errôneo da construção é controverso, podendo ser admitido como solução tradutória possível, como no caso do exemplo mencionado acima. O que gostaríamos de enfatizar é que existem vias associativas construídas de modos singulares em causa, que podem ser estudadas e entendidas a partir das formulações freudianas do *Estudo*.

Para finalizarmos esse breve diálogo mencionemos uma passagem de Wolfgang Iser atinente ao tema das associações e de como ele entra em jogo, não somente na

reflexão sobre a atividade tradutória, e a construção de subjetividades singulares, mas também nos demais fenômenos psíquicos considerados pela psicanálise, asseverando a atualidade do *Estudo*, demonstrada em nosso trabalho investigativo:

Creio que não se podem entender de forma alguma as ideias posteriores de Freud sobre os processos associativos, se não se tem em conta que, por exemplo, a assim chamada associação livre (*freie Einfall*) feita a partir de um sonho ou de uma sensação corporal é em grande medida atada (*unfrei*). O conteúdo de uma representação substitutiva é compelido. Através de um caminho relativamente curto e de poucas representações intermediárias ele é como que soldado à representação recalcada e a uma figura substitutiva (por exemplo, a uma parte do sonho manifesto). Por esta área de ligação chega-se, então, diretamente ao conteúdo recalcado. Não-analistas podem realmente apreender essa suposição, que Freud posteriormente denomina de compulsão à associação, somente a partir do conhecimento de sua derivação dos estudos sobre a afasia.⁵⁴³ (2001: 28)

Se nos casos de lapsos de língua, nos sonhos, nos sintomas neuróticos e demais formações do inconsciente há a emergência de algo que restava recalcado, ou seja, fora do alcance da consciência, mas que encontra por essas vias uma forma de expressão, nos casos de produções de singularidades durante a atividade tradutória não deve ser diferente. Cabe aos tradutores perseguirem os fios destas cadeias associativas para encontrarem as motivações que os levaram a produzir tais frutos.

6. Considerações finais

Espero ter demonstrado de forma suficiente o argumento que motivou o início de minha pesquisa, segundo o qual o texto do *Estudo* merece um lugar de destaque dentre os trabalhos vigorosos de Sigmund Freud, pela abundância e qualidade dos temas por ele abertos à discussão, não somente dentro das fronteiras da psicanálise, mas também extrapolados aos Estudos da Tradução.

⁵⁴³ Ich glaube, man kann Freuds spätere Vorstellungen von den Assoziationsvorgängen überhaupt nicht verstehen, wenn man nicht beachtet, daß z. B. der sog. freie Einfall zu einem Traum oder einer Körperempfindung in höherem Grade unfrei ist. Der Inhalt einer Ersatzvorstellung wird erzwungen. Über relativ kurze Wege und wenige Zwischenvorstellungen ist er mit der verdrängten Vorstellung und einer Ersatzfigur (z. B. einem manifesten Traumteil) wie verlötet. Über diese Verbindungsstelle gelangt man dann direkt zum verdrängten Inhalt. Nichtanalytiker können diese Annahme, die Freud später als Assoziationszwang bezeichnete, erst in Kenntnis ihrer Ableitung in der Aphasie-Arbeit wirklich nachvollziehen.

Assim sendo, creio poder ter colaborado com a comunidade científica da qual faço parte, trazendo aos interessados pela obra de Freud minha proposta de tradução do primeiro de seus livros. Procurei tangenciar os aspectos que se mostraram à minha leitura como aqueles mais importantes e mais férteis para o estabelecimento de pontes entre os campos de estudos aqui visados.

Gostaria de lançar mão neste momento de fechamento do trabalho de uma breve, reflexão retirada de uma recente tradução de uma das últimas colaborações do filósofo francês Paul Ricoeur aos estudos sobre a tradução. Este trecho deve dar uma amostra dos problemas enfrentados por tradutores desta e de outras gerações passadas e preparar-nos para os desafios vindouros. A mim mesmo serve de alento pelo enfrentamento de questões insondáveis às quais o desdobrar de meus esforços de escrita e de tradução me conduziram.

A poesia oferecia efetivamente a dificuldade maior da união inseparável do sentido e da sonoridade, do significado e do significante. Mas a tradução de obras filosóficas, que nos concerne mais hoje em dia, revela dificuldades de uma outra ordem e, em certo sentido, também impossíveis de tratar, na medida em que ela surge no próprio plano do recorte dos campos semânticos que se mostram não exatamente superposáveis de uma língua a outra. E a dificuldade é elevada ao máximo com as palavras-chave, as *Grundwörter*, que o tradutor se impõe, por vezes de modo equivocado, de traduzir palavra por palavra, a mesma palavra recebendo um equivalente fixo na língua de chegada. Mas essa imposição tem seus limites, na medida em que essas famosas palavras-chave, *Vorstellung*, *Aufhebung*, *Dasein*, *Ereignis*, são elas mesmas condensações de textualidade longa, na qual contextos inteiros se refletem, para nada dizer dos fenômenos de intertextualidade dissimulados na própria grafia da palavra. Intertextualidade que significa, às vezes retomada, transformação, refutação de empregos anteriores por autores vindos da mesma tradição de pensamento ou de tradições adversas. (2011: 24-25)

Questões como estas levantadas pelo filósofo sobre o sentido e da sonoridade das poesias me despertaram a atenção para este trecho. Como vimos, segundo Freud, seu objeto de estudo no trabalho aqui traduzido não era outro senão este. Além disso, tracei como fios condutores de minha tese aqueles que antevi como palavras-chave da psicanálise, capazes de fomentarem o desejado diálogo com os Estudos da Tradução. Gostaria de poder continuar a compartilhar minhas ideias, mas creio que para isso seriam necessários outros momentos. Indiquei sempre que me pareceu oportuno as partes que não puderam ser contempladas por esta tese, para indicar os novos caminhos que podem ser percorridos por aqueles cuja curiosidade servir de impulso. É nesse espírito de reconhecimento de um limite para cada empreitada que vislumbro o cerrar das cortinas. Se com este trabalho tiver

possibilitado ao menos um olhar de relance sobre algo que antes se encontrava recôndito, terá sido justificado o empenho.

7. Referências Bibliográficas

- BEATO, Z. *Derrida e a cena da tradução na cena da escrita de Freud*. Campinas, 2005. Tese de doutorado, IEL / UNICAMP.
- BINSWANGER, L. “Freud et la constitution de la psychiatrie clinique”. In.: *Discours, parcours et Freud*. Paris: Gallimard, 1970, p. 173-200.
- BIRMAN, J. *Ensaio de Teoria Psicanalítica, 1. parte: metapsicologia, pulsão, linguagem, inconsciente e sexualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- BONATTI, N. A. *Entre o amor da língua e o desejo: a tarefa sem fim do tradutor*. Campinas, 1999. Tese de doutorado, IEL / UNICAMP.
- BREUER, J. & FREUD, S. *Studien über Hysterie*. (1895) Sechste, unveränderte Auflage: Februar 2007. Einleitung von Stavros Mentzos. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 2007.
- BROCA, P. P. *Perte de la Parole, Ramollissement Chronique et Destruction Partielle du Lobe Antérieur Gauche du Cerveau*. An internet resource developed by Christopher D. Green. York University, Toronto, Ontário. First published in Bulletin de la Société Anthropologique, 2, 235-238. In.: Domínio Público, sítio do Governo Federal. 1861.
- CARONE, A. M.. “A lição da tradutora”. In.: *Jornal de Psicanálise*. São Paulo, 37 (68): 75-83, dez. 2004.
- _____. *A lucidez imperfeita: ensaio sobre Freud como escritor*. São Carlos, 2008. Tese de doutorado, UFSCar.
- CARONE, M. “Freud em Português: Tradução e Tradição”. In.: *Jornal de Psicanálise*. São Paulo, 37 (68): 85-95, dez. 2004.
- _____. “‘A negação’: um claro enigma de Freud”. In: *Discurso*, revista do Departamento de Filosofia da USP, n. 15, 1983, pp. 125-132.
- DERRIDA, J. *De la grammatologie*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1967.
- _____. *Mal d’archive. Une Impression freudienne*. Paris: Galilée, 1995.
- _____. *L’écriture et la différence*. Paris: Éditions du Seuil, 1967.

- ESTEVES, L. M. R. *A (im)possível tradução de “Finnegans wake”: uma investigação psicanalítica*. Campinas, 1999. Tese de doutorado, IEL / UNICAMP.
- FÉLICIAN, J.. “L’Orient du traducteur”. In.: *L’Orient du Psychanalyste*. (pp. 77-100) Paris: ed. Harmattan, 1995.
- FORRESTER, J. *Language and the origins of Psychoanalysis*. New York : ed. Columbia University Press., 1980.
- _____ *Le langage aux origines de la psychanalyse*. Traduit de l’anglais par Michelle Tran van Khai. Préface de Pierre Fédida. Paris: Gallimard, 1984.
- _____ *A linguagem e as origens da Psicanálise*. Trad. de Ernani Pavaneli de Moura. Rio de Janeiro: ed. Imago, 1983.
- FREUD, S. *Zur Auffassung der Aphasien – Eine kritische Studie*. Leipzig und Wien: Franz Deuticke, 1891.
- _____ *Gesammelte Werke – Chronologisch geordnet*. 19 volumes. Londres: ed. Imago Publishing Co. 1946.
- _____ *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, ed. and trans. James Strachey, with Ana Freud, Alix Strachey, and Alan Tyson, 24 vols. London: Hogarth, 1955-1974.
- _____ *L’Interpretazione delle Afasie. Uno Studio Critico*. Trad. Lieselotte Longato. Milão: ed. SugarCo, 1980.
- _____ *L’Interpretazione delle Afasie. Uno Studio Critico*. Trad. Carmela Armentano e Francesco Napolitano. Macerata: Quodlibet, 2010.
- _____ (1893) „Aphasie“ In.: *Sigmund Freud Ausgewählte Texte*. Herausgeber: Ingrid Kästner und Christina Schröder. Wiener Studien zur Medizin, Geschichte und Philosophie 2. Berlin: ed. Ueberreuter Wissenschaft, 1990.
- _____ *Zur Auffassung der Aphasien – Eine kritische Studie*. Herausgegeben von Paul Vogel, bearbeitet von Ingeborg Meyer-Palmedo, Einleitung von Wolfgang Leuschner. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag (1992), zweite unveränderte Auflage, 2001.
- _____ *Contribution à la conception des aphasies. Une étude critique*. Préface de Roland Kuhn. Traduit par Claude van Reeth. Paris: PUF, 1^a ed, 1983, 2^a ed. 1987.
- _____ *On Aphasia*. London: ed. Imago Publishing Co. Ltd., 1953.

- _____ *Werk in zwei Bänden*. Herausgegeben und mit Kommentaren versehen von Anna Freud und Ilse Grubrich-Simits. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag GmbH ed., 1978.
- _____ *A Interpretação das Afasias*. Traduzido do italiano: L'Interpretazione delle Afasie. Uno Studio Critico. Marsilio Editori, 1977. Tradução parcial de António Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1979.
- _____ *Die Traumdeutung*. (1900) In.: Gesammelte Werke. Chronologisch geordnet. Band II und III. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 7e Auflage, 1987.
- _____ "Das Unbewußte". (1915) Zwölfte, unveränderte Auflage: Juli 2007. Einleitung von Alex Holder. pp. 117-154. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 2007.
- _____ "Die Verdrängung". (1915) In: *Werk in zwei Bänden*. Herausgegeben und mit Kommentaren versehen von Anna Freud und Ilse Grubrich-Simits. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag GmbH ed., 1978.
- _____ *Selbstdarstellung*. In.: Gesammelte Werke. Chronologisch geordnet. Band XIV. pp. 31-96. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1925d.
- _____ *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago ed., 2004.
- _____ *La afasia*. Traducción de Ramón Alcalde. Introducción de E. Stengel. 1ª ed., 3ª reimp., Buenos Aires: Nueva Visión, 2004.
- _____ *Zur Psychopathologie des Alltagslebens*. (1901) Vierte, unveränderte Auflage: Juli 2006. Einleitung von Riccardo Steiner. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 2006.
- _____ *O Futuro de uma Ilusão*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre : ed. L&PM, 2010.
- _____ *O Mal-Estar na Cultura*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre : ed. L&PM, 2010.
- FROTA, M. P. *A singularidade na escrita tradutora – linguagem e subjetividade nos estudos da tradução, na lingüística e na psicanálise*. Campinas, 1999. Tese de doutorado, IEL / UNICAMP.
- _____ *A singularidade na escrita tradutora – linguagem e subjetividade nos estudos da tradução, na lingüística e na psicanálise*. Campinas: Pontes, 2000.

- GABBI JR., O. “Sobre a concepção da afasia e da histeria: notas sobre a relação entre anatomia e linguagem nos primórdios da teoria freudiana”. In.: *Filosofia da Psicanálise*. Bento Prado Jr. (Org.). São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana v. 1. Sobre as afasias (1981); O projeto de 1985*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991. (6ª ed., 2004)
- GAY, P. *Freud: uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- GREENBERG, V. D. *Freud and his Aphasia Book – Language and the Sources of Psychoanalysis*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1997.
- GRUBRICH-SIMITIS, I. *Zurück zu Freuds Texten. Stumme Dokumente sprechen machen*. Frankfurt am Main: ed. S. Fischer, 1993
- HANNS, L. A. *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*. Rio de Janeiro: ed. Imago, 1996.
- JACKSON, J. H. “Evolução e dissolução do sistema nervoso”. In: *Rev. Latinoam. Psicop. Fund.* Ano VI, n. 1, 154-164, mar / 2003.
- JONES, E. “Glossary for the use of translators of psycho-analytical works”, suplemento n. 1 a *International Journal of Psycho-Analysis*, Londres: Baillière, Tindal & Cox, 1924.
- KRIS, E. *The origins of Psycho-analysis – Letters to Wilhelm Fliess, Drafts and Notes: 1887 – 1902*. London: Imago Publishing Co., 1954.
- LAPLANCHE, J. “Specificity of terminological problems in the translation of Freud”. In.: *Int. Rev. Psycho-Anal.* (1991) **18**, 401-406.
- LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. Trad. Pedro Tamen 3ª ed. Santos: Moraes Editores, 1970.
- LEUSCHNER, W. “Einleitung”. In: *Zur Auffassung der Aphasien – Eine kritische Studie*. Herausgegeben von Paul Vogel, bearbeitet von Ingeborg Meyer-Palmedo, Einleitung von Wolfgang Leuschner. Frankfurt am Main: ed. Fischer Taschenbuch Verlag (1992), zweite unveränderte Auflage, 2001.
- MASSON, J. M. *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*. Editado por Jeffrey Moussaieff Masson; Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: ed. Imago, 1986.

- MILL, J. S. (1843) *Système de Logique – Deductive et Inductive*. Sixième Édition (1865).
Traduit sur la sixième édition anglaise par Louis Peisse. Tome Premier. Paris: ed. Félix Alcan et Guillaumin Réunies, 1909.
- _____ *An Examination of Sir William Hamilton's Philosophy*. (1865) In: Collected works of John Stuart Mill, vol. IX. London: ed. Routledge, 1979.
- MILLER, L. "On Aphasia at 100: the neuropsychodynamic legacy of Sigmund Freud". In: *Psychoanalytic Review*; v.76 n.3 p.365-78. New York : ed. Guilford Press, 1991.
- MORAES, M. R. Salzano. *Materna/estrangeira: o que Freud fez da língua*. Campinas, 1999. Tese de doutorado, IEL / UNICAMP.
- NASSIF, J. *FREUD L'Inconscient. Sur les commencements de la psychoanalyse*. Paris: ed. Flammarion, 1992.
- OLIVEIRA, J. F. *Freud & As Teorias Pré-Psicanalíticas Do Aparelho Psíquico*. Belo Horizonte: ed. Editoração e Impressão Document Xerox, 1999.
- RICOEUR, P. *De l'Interpretation. Essai sur Freud*. Paris: Éditions du Seuil, 1965.
- _____ *Sobre a tradução*. Trad. Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2011.
- RIZZUTO, A.-M. "A hypothesis about Freud's motive for writing the monograph 'On phasia'. In.: *Int. J. Psycho-Anal.* (1989) **16**, 111- 117.
- _____ "The origins of Freud's concept of object representation 'Objektvostellung') in his monograph 'On Aphasia': It's theoretical and technical importance". In.: *Int. J. Psycho-Anal.* (1990) **71**, 241-248.
- _____ "A Proto-dictionary of psycho-analysis". In.: *Int. J. Psycho-Anal.* (1990) **71**, 261-270.
- _____ "Freud's speech apparatus and spontaneous speech". In.: *Int. J. Psycho Anal.* (1993), **74**, 113-127.
- _____ "Freud's theoretical and technical models in Studies on Hysteria". In.: *International Review of Psychoanalysis*; v.19 n.2 p.169-77. London : The Institute of Psycho-Analysis, 1992.
- SALIBA, A. M. P. M. *O vidro da palavra [manuscrito]: o estranho como objeto limite entre literatura e psicanálise*. Belo Horizonte, 2003. Tese de doutorado, FALE / UFMG.

- SNELL-HORNBY, M. *The Turns of Translation Studies: New paradigms or shifting viewpoints?*. Amsterdam / Philadelphia, John Benjamins Publishing Company 2006.
- SOLMS, M. “Une introduction aux travaux neuroscientifiques de Sigmund Freud”. In.: *Journal de la Psychanalyse de l'Enfant*; v.31 p.23. Paris: Bayard, 2002.
- SOLMS, M. and SALING, M. “On Psychoanalysis and Neuroscience: Freud’s attitude to the Localizationist Tradition”. In. *Int. J. Psycho-Anal.* (1986) **67**, 397-416.
- SOUZA, P. C. *As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo, 1996. Tese de doutorado, FFLCH / USP.
- _____. *As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- STEINER, Riccardo. Riccardo Steiner. Einleitung. In. Freud, Sigmund. *Zur Psychopathologie des Alltagslebens*. (1901) Vierte, unveränderte Auflage: Juli 2006. Einleitung von Riccardo Steiner. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 2006, pp. 7-60.
- STENGEL, E. “Introduction”. In: *On Aphasia*. London: Imago Publishing Co., 1953.
- _____. “A re-evaluation of Freud’s book “On Aphasia””. It’s significance for Psychoanalysis. In: *International Journal of Psycho-analysis*, 35:85-89, 1954.
- TAVARES, P. H. M. B. *Versões de Freud: breve panorama crítico das traduções de sua obra*. Rio de Janeiro: ed. 7 Letras, 2011.
- ULNES, W. *Entre músicos e tradutores. A figura do intérprete*. Coleção Quíron. Goiânia: ed. UFG, 1998.
- VERAS, V. *Lingüística: um chiste*. Campinas, 1999. Tese de doutorado, IEL / UNICAMP.

Outras obras de referência consultadas:

Dicionário online Caldas Aulete Endereço eletrônico: aulete.uol.com.br

DEUTSCHES WÖRTERBUCH VON JACOB UND WILHELM GRIMM

Endereço eletrônico:

<http://germazope.uni-trier.de/PROJECTS/WBB/woerterbuecher/dwb/wbgui?lemid=GA00001>

DUDEN - *Deutsches Universalwörterbuch*, 6. Aufl., Mannheim: Duden 2006 [versão eletrônica].

[HOUAISS] *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro: Objetiva 2002.

LANGENSCHIEDTS *Taschenwörterbuch Portugiesisch*, Berlin & München: Langenscheidt 2001.

[PORTO] *Dicionário de alemão - português*, Porto: Porto Editora 1986.